



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PRISCILA DIEGUEZ ALVES BATISTA

LUGAR DE MULHER É NA SALA DE AULA OU NA COZINHA?
A INSERÇÃO FEMININA NO ENSINO SUPERIOR DURANTE OS ANOS DOURADOS:
UM OLHAR ATRAVÉS DO JORNAL DAS MOÇAS

Rio de Janeiro – RJ
Agosto – 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LUGAR DE MULHER É NA SALA DE AULA OU NA COZINHA?
A INSERÇÃO FEMININA NO ENSINO SUPERIOR DURANTE OS ANOS DOURADOS:
UM OLHAR ATRAVÉS DO JORNAL DAS MOÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nailda Marinho da Costa

Rio de Janeiro – RJ
Agosto – 2019

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

D559 Dieguez, Priscila
Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha?
A inserção feminina no ensino superior durante os
Anos Dourados: um olhar através do Jornal das Moças
/ Priscila Dieguez. -- Rio de Janeiro, 2019.
236 f.

Orientadora: Nailda Marinho da Costa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Educação, 2019.

1. Mulheres. 2. Ensino Superior. 3. Anos
Dourados. 4. Jornal das Moças. I. Marinho da Costa,
Nailda, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Programa de Pós-Graduação em Educação

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Priscila Dieguez Alves Batista

“Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através da revista *Jornal das Moças*”

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 12 / 08 / 2019

Prof^a. Dr^a. Naida Marinho da Costa
(orientadora)

Prof^a. Dr^a. Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho
(avaliadora interna)

Prof^a Dr^a Márcia Cabral da Silva
(avaliadora externa)

Dedico este trabalho a todas as mulheres de ensino superior, que, durante os Anos Dourados, se fizeram presentes nas salas de aula dos centros universitários brasileiros, e lá encontraram seu lugar, ousando assim ir além do ideário que ditava e atrelava a felicidade feminina ao casamento, à maternidade e às tarefas domésticas, posto que, sem as barreiras por elas rompidas, ao ingressar nesse espaço de ensino, dificilmente estaria eu aqui hoje escrevendo estas linhas.

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a espiritualidade por terem auxiliado até então, me fazendo acreditar que tudo tem um propósito.

À Regina, por ser uma mãe incansável, presente, participativa, e que mesmo frente às adversidades, permanece firme, sendo meu único alicerce. Palavras não conseguiriam descrever o apoio e incentivo dado ao longo desses trinta e seis anos de convivência.

À Milda, minha avó materna, e à Margarida, minha tia avó materna, e eterno amor, que não se encontram mais nesse plano, mas certamente estão sempre ao meu lado, por toda ajuda e incentivo, constituindo-se enquanto modelos e exemplos de mulheres fortes e determinadas.

À tia Myriam, pelos ensinamentos a respeito do valor de uma amizade sincera, dados nos pequenos detalhes de suas atitudes, durante toda uma vida de convivência, mostrando que amigo é aquele que inspira o outro a crescer, sem jamais desmerecer, permanecendo o laço fraterno enquanto existir a lembrança.

À tia Maria Inês, por ter me contado suas memórias, em especial as do curso Pedagogia, que foram de grande valia.

Aos meus amigos, por entenderem os momentos em que estive ausente e pelo incentivo a continuar.

Aos meus afilhados, Sarah e Matheus, por me arrancarem sorrisos inesperados em meio a escrita deste trabalho, demonstrando a leveza de que é ser madrinha.

À minha orientadora, professora Dr^a Nailda Marinho da Costa, por ter acreditado no potencial deste projeto, aceitando orientá-lo, tendo dedicado seu tempo a incentivar, explicar, ouvir, amparar, e até repreender, quando se fez necessário, sempre com cuidado e carinho, para que atingisse o objetivo proposto.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (NEPHEB) da UNIRIO, por ter se constituído enquanto espaço de troca e de construção de conhecimentos durante suas reuniões, destacando-se a participação da sua coordenadora Dr^a Nailda Marinho

da Costa, e do professor Dr. José Damiro de Moraes, que exerceu a função de coordenador temporariamente, auxiliando os novos membros em seus primeiros passos, e garantindo a manutenção da coesão do grupo.

À professora Dr^a Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho da UNIRIO, e à professora Dr^a Márcia Cabral da Silva da UERJ, por terem aceitado o convite de compor a banca examinadora dessa dissertação, sendo de grande importância as contribuições registradas na ocasião do exame de qualificação.

Aos meus alunos, por serem minha inspiração diária, me fazendo acreditar na possibilidade de melhorar a cada dia, a fim de construir um mundo melhor através do conhecimento compartilhado junto com eles.

Ao Dr. Antonio Macedo D'Acri, pelo apoio e incentivo para iniciar e concluir este curso de pós-graduação.

Nenhuma mulher deve prevalecer-se
de sua condição de sexo para fazer-se
expressar mais do que o necessário.

Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXVII, n.º. 1887. Exemplar *Jornal das Moças* n.º.
2180, de 28 de março de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

RESUMO

DIEGUEZ, Priscila. **Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do *Jornal das Moças***. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.

O presente trabalho dissertativo tem como objetivo perceber a representação do feminino de ensino superior, compreendida no periódico *Jornal das Moças*, entre os anos de 1956 e 1961. Este período se faz significativo, pois o Brasil dos Anos Dourados passava por um momento de euforia em termos políticos, econômicos e sociais, destacando-se o crescimento da indústria automobilística. Virando-se as páginas da revista, em busca de informações a respeito das mulheres de ensino superior, a pesquisa consistiu na análise de seus os exemplares, dentro de uma perspectiva relacional de gênero, englobando também os homens, percebendo como uns e outros eram retratados. Como resultado, foram encontradas imagens do feminino e do masculino, na condição de estudantes e de formados atuando profissionalmente, em reportagens, matérias e contos. Nessas publicações foi possível perceber as representações de mulheres e homens de ensino superior, fazendo referência a países estrangeiros nos contos e no suplemento do periódico, bem como mencionando a educação superior brasileira em várias partes da revista, ficando nítida a presença feminina nesta modalidade de ensino, indicando que elas estavam conquistando seu lugar, apesar de se tratar de um espaço predominantemente masculino.

Palavras-chave: mulheres, ensino superior, Anos Dourados e *Jornal das Moças*.

ABSTRACT

DIEGUEZ, Priscila. Is woman's place at the classroom or at the kitchen? The feminine insertion in the higher education during the Golden Years: a sight throughout Jornal das Moças. Masters Dissertation. Faculty of Education, Graduate Program in Education, Federal University of the State of Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.

The present dissertation work has as objective notice the female representation of higher education inside the magazine Jornal das Moças, between the years of 1956 and 1961. This period is significant, because the Golden Years in Brazil was a remarkable time, when people were very excited with politics, economy and social life, highlighting the automobile industry growth. Turning the pages of the magazine, searching for information about women at higher education, the research consisted in analyze its copies, inside a relational perspective of gender, which includes also men, realizing like one and another are being represented. As a result, images of feminine and masculine were found, in the condition of students and graduates working professionally, in reportages, articles and short stories. In these publications, it was possible to notice the women and men representation of higher education, referring to foreigner countries in short stories and in the magazine supplement, mentioning Brazilian higher education as well in several parts of the paper, making clear the female presence in this level of education, pointing that they were conquering their place, despite it was a predominant male space.

Keywords: women, higher education, Golden Years, Jornal das Moças.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Anúncio de um número especial da revista sobre o Dia das Mães. Exemplar nº. 2235, de 17 de abril de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p. 43.

Imagem 2 – Capa do exemplar nº. 2154, de 28 de setembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Fonte: <http://betobertagna.com/2010/04/30/jornal-das-mocas-e-os-ensinamentos-do-passado/>, p.46.

Imagem 3 – Capa da revista *Jornal das Moças*. Exemplar nº 2309, de 17 de setembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.48.

Imagem 4 – Anúncio em formato de reportagem do lançamento do livro *O que as mulheres devem saber*, de autoria de Edgar de Carvalho. Exemplar nº. 2170, de 17 de janeiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.49.

Imagem 5 – Primeiro expediente do *Jornal das Moças*. Exemplar nº. 1, de 21 de maio de 1914. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.51.

Imagem 6 – Expediente que marca a publicação semanal do *Jornal das Moças*. Exemplar nº. 50, de primeiro de junho de 1916. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. p.51.

Imagem 7 – Primeiro expediente de 1956. Exemplar nº. 2016, de 05 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.52.

Imagem 8 – Primeira evidência da família Menezes na direção da revista. Exemplar nº. 291, de 13 de janeiro de 1921. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.53.

Imagem 9 – Primeiro expediente assinado por Agostinho Menezes. Exemplar nº. 436, de 25 de outubro de 1923. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.53.

Imagem 10 – Marco inicial da Editora *Jornal das Moças Ltda*. Exemplar nº. 1961, de 15 de janeiro de 1953. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.54.

Imagem 11 – Fragmento do último expediente do *Jornal das Moças*. Exemplar nº. 2422, de 16 de dezembro de 1961. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.54.

Imagem 12 – Nota *As 10 Revistas Mais Lidas no Brasil*. Exemplar nº. 2152, de 13 de setembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.55.

Imagem 13 – Fragmento de um anúncio. Exemplar nº. 2235, de 17 de abril de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.56.

Imagem 14 – Fragmento de um expediente. Exemplar nº. 1595, de 10 de janeiro de 1946. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.57.

Imagem 15 – Coluna *Galeria dos Artistas da Tela*. Exemplar nº. 2217, de 12 de dezembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.60.

Imagem 16 – Matéria *O decálogo da mulher Ideal*. Exemplar nº. 2299, de 9 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.61.

Imagem 17 – Coluna *Tia Carlota in...forma*. Exemplar nº. 2163, de 29 de novembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.63.

Imagem 18 – Coluna *Galeria dos Artistas do Rádio*. Exemplar nº. 2219, de 26 de dezembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.64.

Imagem 19 – Modelo de roupa do Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1515. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2305, de 20 de agosto de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.68.

Imagem 20 – Desenhos de modelos de roupa a mão livre do Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXVI, nº. 1843. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2134, de 10 de maio de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.69.

Imagem 21 – Moldes de roupa do Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXVII, nº. 1915. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2208, de 10 de outubro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.70.

Imagem 22 – Cabeçalho do texto *Jornal das Moças*. Exemplar nº. 2198, de 01 de agosto de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.71.

Imagem 23 – Fragmento do texto *Jornal das Moças*. Exemplar nº. 2198, de 01 de agosto de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.71.

Imagem 24 – Fragmento do texto *Jornal das Moças e Jornal da Mulher*. Exemplar nº. 2251, de 07 de agosto de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.72.

Imagem 25 – Fragmento do texto *Jornal das Moças e Jornal da Mulher*. Exemplar nº. 2251, de 07 de agosto de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.72.

Imagem 26 – Coluna *As mães populares do Rádio e Televisão*. Número Especial do *Dia das Mães*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.74.

Imagem 27 – Anúncio do Número Especial de Noivas. Exemplar nº. 2258, de 25 de setembro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.76.

Imagem 28 – Título da matéria *Para ser uma esposa cem por cento*, publicada na coluna *Lembrete às Noivas*. Número Especial de Noivas. Exemplar nº. 2259, de 27 de setembro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.77.

Imagem 29 – Fragmento da matéria *Para ser uma esposa cem por cento*, publicada na coluna *Lembrete às Noivas*. Número Especial de Noivas. Exemplar nº. 2259, de 27 de setembro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.78.

Imagem 30 – Anúncio do creme *Antisardina*. Exemplar nº. 2017, de 12 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.81.

Imagem 31 – Anúncio do *Leite de Colônia*. Exemplar nº. 2125, de 08 de março de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.82.

Imagem 32 – Reportagem *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!*. Número Especial de *Dia das Mães*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.89.

Imagem 33 – Subtítulo da reportagem *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!*. Número Especial de *Dia das Mães*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.90.

Imagem 34 – Foto da matéria *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!*. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.93.

Imagem 35 – Foto da matéria *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!*. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.94.

Imagem 36 – Trecho final da matéria *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!*. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.97.

Imagem 37 – Trecho da reportagem *A participação da mulher na vida ativa da Suíça*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXVIII, nº. 1950. Exemplar nº. 2243 do *Jornal das Moças*, de 12 de junho de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.100.

Imagem 38 – Nota *As crianças ficam no jardim de infância enquanto os pais vão a ... escola*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1512. Exemplar nº. 2302, do *Jornal das Moças*, de 30 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.102.

Imagem 39 – Nota *Elas querem o diploma mas também um marido*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXX, nº 1556. Exemplar nº. 2346 do *Jornal das Moças*, de 02 de junho de 1960. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.103.

Imagem 40 – Nota *Já publicou mais de 50 volumes sobre botânica*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº.1481. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2272, de primeiro de janeiro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.103.

Imagem 41 – Trecho da nota *As noivas insistem em pagar metade do custo do casamento*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1527. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2317, de 12 de novembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.104.

Imagem 42 – Reportagem *Elas estudam*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.105.

Imagem 43 – Fragmento da reportagem *Elas estudam*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.106.

Imagem 44 – Fragmento da reportagem *Elas estudam*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.108.

Imagem 45 – Fragmento da reportagem *Elas estudam*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.108.

Imagem 46 – Fragmento da reportagem *Elas estudam*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.109.

Imagem 47 – Fragmento da reportagem *Elas estudam*, publicada no Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.110.

Imagem 48 – Anúncio da publicação da coluna *O conto da semana*. Exemplar nº. 1871, de 26 de abril de 1951. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.112.

Imagem 49 – Trecho do conto *A realidade de um sonho*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.115.

Imagem 50 – Trechos do conto *A realidade de um sonho*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.115.

Imagem 51 – Trecho do conto *O amor tormentoso*. Exemplar nº. 2182, de 11 de abril de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.118.

Imagem 52 – Trecho do conto *O amor tormentoso*. Exemplar nº. 2182, de 11 de abril de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.118.

Imagem 53 – Trecho do conto *A presença do amor*. Exemplar nº. 2194, de 04 de julho de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.119.

Imagem 54 – Trecho do conto *A presença do amor*. Exemplar nº. 2194, de 04 de julho de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.120.

Imagem 55 – Trecho do conto *A força do destino*, de Jack Adler, publicado na coluna *O conto da semana*. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.120.

Imagem 56 – Trecho do conto *A força do destino*, de Jack Adler, publicado na coluna *O conto da semana*. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.121.

Imagem 57 – Fragmento do conto *Renúncia*. Exemplar nº. 2308, de 10 de setembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.121.

Imagem 58 – Trecho do conto *A perfeita secretária*. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.122.

Imagem 59 – Trecho do conto *A perfeita secretária*. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.123.

Imagem 60 – Trecho do conto *A grande ilusão*. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.124.

Imagem 61 – Matéria *O segredo da harmonia das cores*. Exemplar nº. 2108, de 10 de novembro de 1955. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.126.

Imagem 62 – Trecho do conto *A grande ilusão*. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.126.

Imagem 63 – Trecho do conto *Mulher no tribunal*. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.127.

Imagem 64 – Trecho do conto *Mulher no tribunal*. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.128.

Imagem 65 – Trecho do conto *Mulher no tribunal*. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.128.

Imagem 66 – Trecho do conto *Mulher no tribunal*. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.128.

Imagem 67 – Trecho do conto *Telefonema da meia noite*. Exemplar nº. 2205, de 19 de setembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.129.

Imagem 68 – Trecho do conto *Frio na alma*. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.131.

Imagem 69 – Trecho do conto *Frio na alma*. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.131.

Imagem 70 – Trecho do conto *Frio na alma*. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.132.

Imagem 71 – Trecho do conto *Frio na alma*. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.132.

Imagem 72 – Trecho do conto *A mulher perigosa*. Exemplar nº. 2180, de 28 de março de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.133.

Imagem 73 – Trecho do conto *Dois casais felizes*. Exemplar nº. 2148, de 16 de agosto de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.134.

Imagem 74 – Trecho do conto *Dois casais felizes*. Exemplar nº. 2148, de 16 de agosto de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.135.

Imagem 75 – Trecho do conto *Seguirás teu marido* de Leon Troy. Exemplar nº. 2227, de 20 de fevereiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.136.

Imagem 76 – Trecho do conto *Seguirás teu marido* de Leon Troy. Exemplar nº. 2227, de 20 de fevereiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.137.

Imagem 77 – Trecho do conto *Como um raio*. Exemplar nº. 2208, de 10 de outubro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.138.

Imagem 78 – Trecho do conto *Sonho de Amor*. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.139.

Imagem 79 – Trecho do conto *Sonho de Amor*. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.141.

Imagem 80 – Trecho do conto *Sonho de Amor*. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.141.

Imagem 81 – Foto do debate com Carlos Lacerda - da esquerda para direita: Augusto do Amaral Peixoto, Tarcílio Vieira de Melo, Carlos Lacerda e Tenório Cavalcanti. Exemplar nº. 2067, de 27 de janeiro de 1955. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.148.

Imagem 82 – Propaganda da cerveja Malzbier da Brahma. Exemplar nº. 2244, de 19 de junho de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.154.

Imagem 83 – Matéria *Qual será a PRIMEIRA DAMA do País?*. Exemplar nº. 2103, de 06 de outubro de 1955. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.157.

Imagem 84 – Homenagem do *Jornal das Moças* a primeira dama da nação brasileira D. Sarah Kubitschek. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2239, de 15 de maio de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.159.

Imagem 85 – Trecho do conto *Entre dois corações*. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.165.

Imagem 86 – Trecho do conto *Entre dois corações*. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.166.

Imagem 87 – Trecho do conto *Entre dois corações*. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.166.

Imagem 88 – Trecho do conto *Entre dois corações*. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.167.

Imagem 89 – Trecho do conto *Entre dois corações*. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.168.

Imagem 90 – Trecho do conto *Entre dois corações*. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.169.

Imagem 91 – Trecho do Conto *Cruz de uma vida*. Exemplar nº. 2186, de 09 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.170.

Imagem 92 – Trecho do conto *Cruz de uma vida*, Exemplar nº. 2186, de 09 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.171.

Imagem 93 – Trecho do conto *Cruz de uma vida*. Exemplar nº. 2186, de 09 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.171.

Imagem 94 – Trecho do conto *Como um problema de filosofia se transformou num problema sentimental ...*. Exemplar nº. 2296, de 18 de junho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.171.

Imagem 95 – Página de agradecimento ao Dr. Campos de Rezende. Exemplar nº. 2164, de 04 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.174.

Imagem 96 – Anúncio da prática médica de Mrs. Francisca Reis. Exemplar nº. 16, de primeiro de janeiro de 1915. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.176.

Imagem 97 – Reportagem *A criança e a cárie dentária*. Exemplar nº. 2189, de 30 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.180.

Imagem 98 – Destaque do título da reportagem *Primeiros socorros e prevenção de acidentes*. Exemplar nº. 2289, de 30 de abril de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.181.

Imagem 99 – Fragmento da matéria *Personalidade Feminina*. Exemplar nº. 2260, de 09 de outubro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.186.

Imagem 100 – Fragmento da matéria *Personalidade Feminina*. Exemplar nº. 2260, de 09 de outubro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.186.

- Imagem 101** – Fragmento da matéria *Personalidade Feminina*. Exemplar nº. 2260, de 09 de outubro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.188.
- Imagem 102** – Matéria *A Respeito da U. U. F.*. Exemplar nº. 2364, de 06 de outubro de 1960. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.189.
- Imagem 103** – Reportagem *Acusada de ministrar vidro moído ao marido foi absolvida por unanimidade* publicada no *Jornal Correio da Manhã*. Exemplar nº. 17.704, de 02 de dezembro de 1950. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.192.
- Imagem 104** – Reportagem *Uma homenagem aos novos advogados*. Exemplar nº. 2019, de 26 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.197.
- Imagem 105** – Legenda da foto: “O belo sexo foi bem representado nessa turma de juristas”. Matéria *Mais uma vitória conquistada pelos que estudam*. Exemplar nº 2170, de 17 de janeiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.199.
- Imagem 106** – Trecho da nota *Ex- Municipal Recebeu Novos Arquitetos*. Exemplar nº. 2380, de 26 de janeiro de 1961. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.202.
- Imagem 107** – Capa e saudação do convite de formatura da Turma de 1960 da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Fonte: Arquivo Pessoal de Myriam Marques de Oliveira, p.203.
- Imagem 108** – As doze formandas da Turma de 1960 da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Da esquerda para direita: Myriam Marques de Oliveira está atrás da terceira moça. Fonte: Arquivo Pessoal Myriam Marques de Oliveira, p.204.
- Imagem 109** – Trecho da nota *Ex- Municipal Recebeu Novos Arquitetos*. Exemplar nº. 2380, de 26 de janeiro de 1961. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.205.
- Imagem 110** – Diploma de Arquiteto conferido a Myriam Marques de Oliveira, em 11 de fevereiro de 1961, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Fonte: Arquivo Pessoal Myriam Marques de Oliveira, p.206.
- Imagem 111** – Reportagem *148 Anos de Tradições*. Exemplar nº. 2138, de 7 de junho de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.209.
- Imagem 112** – Reportagem *Os novos Guardas-marinha*. Exemplar nº. 2173, de 07 de fevereiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.210.
- Imagem 113** – Reportagem *Na Marinha*. Exemplar nº. 2223, de 23 de janeiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.212.
- Imagem 114** – Matéria *Os bons pratos atraem bons maridos*. Número Especial de Noivas. Exemplar nº. 2015, de 07 de outubro de 1954. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, p.215.

LISTA DE QUADROS

Quando I – Eixo Gênero nos Anais do CBHE, p.29.

Quadro II – Exemplares do *Jornal das Moças* disponíveis para consulta na Hemeroteca da Biblioteca Nacional no período dos *Anos Dourados*, p.40.

Quadro III – Exemplares do *Jornal das Moças* consultados entre 1956 – 1961, p.42.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

Art. - Artigo

BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

BUSM - The Boston University School of Medicine

EHECO - Encontro de História da Educação do Centro-Oeste

EN – Escola Naval

ENNHE - Encontro Norte e Nordeste de História da Educação

EUA – Estados Unidos da América

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação

CEDERJ - Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

CIHELA - Congresso Iberoamericano de História de La Educación Latinoamericana
Seminários Nacionais

CPDOC – Centro de pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

D. – Dona

Dra. - Doutora

Dr. – Doutor

EHECO - Encontro de História da Educação do Centro- Oeste

ENNHE - Encontro Norte e Nordeste de História da Educação

EUA – Estados Unidos da América

Excia. – Excelência

GT - Grupo de Trabalho

HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”

ISCHE - International Standing Conference for the History of Education

ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros

JK – Juscelino Kubitschek

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Ltda – Limitada

MEC - Ministério da Educação e Cultura

Mme. – Madame

Mrs. – Senhora, em inglês

NEPHEB – Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira

Nº. - Número

Pe. - Padre

PEF – Professor de Ensino Fundamental

PEI – Professor de Educação Infantil

PII – Professor Regente de Educação Infantil e do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental

PSD - Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

Sra. - Senhora

Sr. – Senhor

Srta. - Senhorita

SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação

UB – Universidade do Brasil

UDF – Universidade do Distrito Federal

UDN – União Democrática Nacional

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

UUF - União Universitária Feminina

TV - Televisão

3-D – Três dimensões

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
1. Iniciando a problemática do estudo.....	23
2. Justificativa e relevância.....	28
3. Pressupostos teórico-metodológicos.....	33
4. Organização dos capítulos.....	37
CAPÍTULO I VIRANDO AS PÁGINAS: AS LINHAS E ENTRELINHAS DA REVISTA <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>.....	40
1.1 A garota da capa: a primeira impressão é a que fica!.....	46
1.2 Voltando às origens: a fundação e a consolidação da linha editorial do <i>Jornal das Moças</i>	51
1.3 Tudo aquilo que um “broto” precisa saber: conhecendo as linhas da revista e aquilo que interessava às moças.....	59
1.4 O suplemento <i>Jornal da Mulher</i> e o lugar (im)provável do feminino de ensino superior.....	68
1.5 “Extra, extra!” – o papel dos números especiais para a construção da “moça para casar”.....	74
1.6 Uma “beleza” de propaganda: os anúncios e a “alma” do periódico.....	80
CAPÍTULO II UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO DE ENSINO SUPERIOR: O LUGAR DA PRESENÇA ESTRANGEIRA NO <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>.....	87
2.1 Os contornos dos <i>Anos Dourados</i>	88
2.2 O lugar da mulher de ensino superior no suplemento <i>Jornal da Mulher</i>	100
2.3 “Quem conta um conto...” – as narrativas ilustradas e sua atuação no cenário das representações.....	113
2.3.1 “É grave, Doutor?” – as narrativas sobre médicos e médicas.....	118
2.3.2 “Silêncio no tribunal!” – a justiça sendo feita nos contos do <i>Jornal Das Moças</i>	125
2.3.3 Aquilo que é escrito sobre os engenheiros.....	134
2.3.4 “... aumenta um ponto” – o que ainda resta a ser contado.....	137

CAPÍTULO III O LUGAR DO “BROTO” DOS ANOS DOURADOS EM REVISTA: IMPRESSÕES SOBRE O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO.....	145
3.1 Os <i>Anos Dourados</i> em revista: 50 anos em 5	146
3.1.1 O consumo e propaganda no Brasil dos <i>Anos Dourados</i> na revista <i>Jornal das Moças</i>	154
3.1.2 Sarah Kubitschek - Na Sociedade, uma Dama. No Brasil, a Primeira: a imagem da Primeira Dama nas páginas do <i>Jornal das moças</i>	157
3.2 Impressões sobre ensino superior brasileiro: entre o debate teórico e as publicações da revista.....	162
3.2.1 O lugar do “broto” de ensino superior nos contos brasileiros dos <i>Anos Dourados</i>	166
3.2.2 “Obrigada, Doutor!” – o Médico nas linhas do <i>Jornal das Moças</i>	174
3.2.3 A saúde da família em primeiro lugar: com a palavra, as profissionais mulheres.....	179
3.3 A União Universitária Feminina e a militância feminista em revista: nas linhas de Flora Ferraz Veloso.....	184
3.4 “Quando uma imagem vale mais do que mil palavras: os registros das formaturas no <i>Jornal das Moças</i>	194
3.4.1 O “belo sexo” perante o júri: imagens de formaturas do curso de Direito.....	195
3.4.2 O feminino de ensino superior na Universidade do Brasil: imagens de uma formatura do curso de Arquitetura.....	202
3.4.3 Homens a bordo/mulheres no cais: imagens de formaturas na Escola Naval.....	209
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 218
 REFERÊNCIAS.....	 224
 ANEXOS.....	 232
Anexo I.....	233
Anexo II.....	234
Anexo III.....	235
Anexo IV.....	236

INTRODUÇÃO

1. Iniciando a problemática de estudo

A discussão proposta nesta dissertação tem como ponto de partida a questão: lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? Provocante e inquietante como uma pergunta deve ser, esta não poderia ser diferente, resultando no título deste trabalho não por acaso; outrossim, por nela encontrar-se o significado dessa pesquisa.

Como toda interrogação, ela incita olhares e interpretações, e por isso definiremos sua intencionalidade, buscando apresentar o objeto em estudo partindo do título. A pergunta traz o significado da pesquisa ao fazer o leitor refletir, a partir de uma frase aparentemente corriqueira, onde a mulher poderia se enquadrar na sociedade dos *Anos Dourados* - estudando e se capacitando para ser uma profissional ou cumprindo seu papel no lar e na família perante a sociedade?

Nessa reflexão, que tem como sujeito a mulher, ao compreender a sala de aula como o espaço físico onde ocorre a construção de conhecimento, percebemos que todas as modalidades de ensino dela se utilizam, e em sendo a educação superior uma dessas modalidades, também se utiliza desse espaço para a formação acadêmica, direcionando, assim, o olhar para nosso foco de pesquisa – o feminino de ensino superior.

A palavra “cozinha” tem como intenção fazer referência ao papel da mulher enquanto dona-de-casa e centro do núcleo familiar, demarcando sua área de atuação no espaço doméstico.

Da aparente dicotomia estabelecida pela pergunta, ao contrapor “sala de aula” a “cozinha”, como possíveis áreas de atuação feminina, nasce a questão que norteia o presente trabalho, não por seu caráter dual, e sim pela análise acerca desses dois caminhos propostos para a mulher, e do quanto isso pode limitá-la, vislumbrando, também, outras possibilidades para ela.

Desta forma, a pergunta que intitula este trabalho carrega em si seu objeto de estudo, na medida em que problematiza o espaço/lugar do feminino do ensino superior na sociedade brasileira dos *Anos Dourados*, através da forma como a mulher é retratada na fonte primária analisada, a revista *Jornal das Moças*.

Como forma de introdução à problemática a ser desenvolvida, mostramos como se deu o encontro com o tema em relação a trajetória acadêmica que vem sendo delineada, construindo assim os contornos desta pesquisa por meio da delimitação de seu foco, marco temporal e objetivos.

A palavra que mais define os estudos realizados para elaboração da presente dissertação é *encontrar-se*, tendo em vista que em vários momentos, durante este processo, me encontrei dentro do texto de muitas maneiras. *Encontrar-se*, neste caso particular, é se sentir representado, percebendo a sua essência e como foi forjado, descobrindo mais sobre si mesmo, aquilo que jamais imaginou, mas que intrinsecamente fazia muita falta – e foi isso que considero ter acontecido em meio a pesquisa dissertativa: me encontrei ao mesmo tempo em que encontrei tantas outras coisas.

A pesquisa de mestrado tem como proposta de estudo a presença de mulheres formadas ou estudantes de ensino superior no período dos *Anos Dourados*. Para isso, tem como foco de análise as representações sobre elas, contidas no periódico *Jornal das Moças* - uma revista destinada ao público feminino que esteve em circulação na primeira metade do século XX. Essas representações, balizadas no conceito de representação sistematizado por Roger Chartier, apresentaram um “lugar” para as mulheres nas publicações do impresso. O lugar dessas mulheres é aqui caracterizado, de forma literal, como o espaço ocupado por elas na revista, onde era possível observar a construção de seus papéis e a divulgação de notícias a seu respeito.

Esse trabalho promoveu, a cada página virada, o encontro com imagens de mulheres de ensino superior, ainda em formação, concluintes ou atuando profissionalmente, nos fazendo ver as aspirações pessoais e profissionais por elas almejadas, ou a elas sugeridas, conforme retratadas nas páginas da revista.

O encontro com o tema mulheres nos *Anos Dourados* começou, contudo, bem antes desta pesquisa de mestrado. Como conclusão do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) elaborei o trabalho monográfico intitulado *Vivendo como um broto dos anos dourados: uma análise das representações da vida feminina nos anos 50*¹. Para isso, foi realizada uma pesquisa no periódico *Jornal das Moças*, o qual se encontrava disponível para consulta ao público através de microfiches² dentro do acervo³ da Biblioteca Nacional.

O foco do trabalho, naquela ocasião, era pesquisar sobre a educação transmitida às mulheres através das páginas da revista e como esta pretendia modelar hábitos,

¹ Este trabalho foi orientado pela Profª Dr. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e o curso fora concluído no primeiro semestre de 2006.

² Microfilme é o “resultante do processo de reprodução de documentos, dados e imagens por meios fotográficos ou eletrônicos, em diferentes graus de redução, cuja leitura só é possível por meio de leitor de microformas” (Dicionário brasileiro de terminologia arquivística, 2005, p. 121).

³ O termo acervo é aqui utilizado no sentido de “documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora” (Dicionário brasileiro de terminologia arquivística, 2005, p. 19). Seguindo a diretriz do próprio site da Biblioteca Nacional, Hemeroteca, o *Jornal das Moças* se encontra no acervo digital.

comportamentos e atitudes femininas, tendo como recorte histórico o período de governo do presidente Juscelino Kubitschek, entre os anos de 1956 e 1960, que trazia como plataforma política o *slogan* “50 anos em 5”.

A justificativa do foco da pesquisa monográfica tinha como aporte o desejo de pesquisar mulheres, devido ao fato de minha educação ter se dado no seio da família de minha mãe, um grupo matriarcal, composto em sua maioria por mulheres.

A pesquisa realizada constituía-se, portanto, numa forma de unir presente e passado, num encontro, na medida em que pesquisava o tempo presente da minha avó; nascida em 1922, recém casada com meu avô, constituindo a família, nascendo dessa união minha mãe, em 1957.

No desenrolar desta pesquisa, emergiram frases guardadas na memória que eram utilizadas cotidianamente por minha avó materna durante minha infância, como por exemplo: “Você é uma moça, e por isso deve se comportar como tal”, “Moça sempre senta de pernas fechadas”, “Você deve se arrumar até para ir a padaria” e “Preciso acabar o jantar antes do seu avô chegar”. Os moldes de roupa e as peças em crochê – em especial um sapato feito à mão, encontrados na revista, também remeteram à minha avó, considerando que ela fora costureira diplomada e exercera o ofício como forma de ajudar no sustento da casa.

Na época da pesquisa monográfica, apesar do impresso estar disponível ao público através de microfimes, não foi este o meio de consulta utilizado. A consulta aos exemplares da revista ocorreu direto, no arquivo pelo acesso físico da Biblioteca Nacional, dada a mediação realizada entre a UERJ e a Biblioteca Nacional através de uma declaração.

Após autorização, durante três meses e meio, a Biblioteca Nacional tornou-se uma segunda casa. Folheando a revista e virando suas páginas, entre os anos de 1956 e 1960, emergiu um mundo repleto de imagens do feminino que, em minha memória, remetiam ao meu grupo familiar; apresentando a leitora do século XXI aos “brotos dos anos dourados”.

Como resultado da monografia, as representações que foram encontradas na revista diziam respeito à forma como as mulheres deveriam agir dentro do seio familiar e no convívio social. O material de pesquisa coletado não fora totalmente utilizado. Muitas coisas pesquisadas ficaram guardadas, à espera de uma ocasião oportuna de serem utilizadas, talvez, como fonte de novo trabalho.

Sem abandonar o interesse em continuar pesquisando no campo de História da Educação, em 2008, a especialização *latu sensu* no campo de dificuldade de aprendizagem se

tornou necessária, devido a estar atuando no primeiro segmento do Ensino Fundamental⁴ na Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro como professora regente e, posteriormente, como Professora de Educação Infantil⁵.

Em 2011, ingressei no curso de licenciatura em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO⁶. Como monografia de conclusão de curso, no trabalho intitulado *Tirando o véu sobre os brotos dos anos dourados*⁷, prossegui analisando o *Jornal das Moças* como fonte privilegiada, tendo em vista a sobra de material da pesquisa anterior. O periódico encontrava-se digitalizado e disponível para consulta online, ganhando a fase de coleta um contorno diferente do momento anterior.

O curso *strictu sensu* em nível de Mestrado, enquanto parte do processo de formação acadêmica em construção, se situa como uma oportunidade de aprofundar esses estudos, articulados às pesquisas de minha orientadora sobre ensino superior e educação feminina e, mais especificamente, sobre a presença feminina nesse nível de ensino⁸.

No Brasil, somente a partir do final do século XIX, em termos legais, é garantido o acesso das mulheres aos cursos superiores.

⁴ No ano de 2008 havia grande defasagem da Rede Municipal no tocante a faixa etária dos alunos e o processo de alfabetização. O número de crianças estudantes não alfabetizadas no terceiro ano do Ensino Fundamental era muito alarmante, me fazendo buscar meios para melhorar a prática do cotidiano escolar, tentando reverter e quiçá prever tal situação. Surge então, como possibilidade para alterar esse cenário, o curso: “Dificuldade de Aprendizagem: prevenção e reeducação”. Por conta disso, no ano seguinte ao meu ingresso no mesmo, fui designada para reger uma turma de pré-adolescentes apresentando problemas na aprendizagem, estando, portanto, não alfabetizados. Inserida em um projeto para correção dessa defasagem, esta turma contava com método de alfabetização e material próprios, formação específica para o seu professor, e supervisão feita em parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e o Instituto Airton Senna – que era o órgão responsável pelo seu financiamento. Baseado neste grupo, o trabalho de conclusão de curso da especialização teve como foco suas formas peculiares de organização do planejamento.

⁵ O cargo de Professor Regente possuía duas divisões, e uma delas englobava a Pré-escola e Primeiro Segmento do Ensino Fundamental, sendo designado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro como PII; nele tomei posse em julho de 2007. Este cargo comportava uma carga horária semanal de trabalho docente de vinte e duas horas e meia e foi substituído pelo cargo de Professor de Ensino Fundamental (PEF) com carga horária de quarenta horas semanais. Já o cargo de Professor de Educação Infantil (PEI) foi criado pelo prefeito Eduardo Paes em 2010, tendo seu primeiro concurso sido realizado em janeiro de 2011; nele fui aprovada e classificada em julho do mesmo ano. Devido a sua carga horária de vinte e duas horas e meia foi possível acumular esta matrícula com a outra já existente. Entretanto, após dois concursos, os seguintes passaram a ter carga horária semanal de quarenta horas. Portanto, atuo como professora no primeiro segmento do Ensino Fundamental e na Educação Infantil em cargos extintos, com nove horas de trabalho por dia e uma hora de interstício entre as duas matrículas. Foi possível conciliar as atividades laborativas com a formação *strictu sensu* faltando ao trabalho sem abono e pegando licenças para realização de avaliações.

⁶ O segundo curso de graduação foi realizado na modalidade a distância em convênio com o consórcio CEDERJ - Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, que tem como objetivo levar educação superior e pública para todo o Estado do Rio de Janeiro. Esse consórcio integra sete instituições CEFET, UENF, UERJ, UFF, UFRJ, UFRRJ e UNIRIO, e conta com cursos na modalidade a distância. Fonte: <http://cederj.edu.br/cederj/>. Acesso em 04.04.2018.

⁷ Este trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Gabriel da Silva Vidal Cid e o curso fora concluído no segundo semestre de 2014.

⁸ Desenvolvido no âmbito do NEPHEB – Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira/ UNIRIO.

Em terras brasileiras o direito de as mulheres estudarem em instituições de ensino superior só é garantido em 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho, que regulamentou a instrução primária e secundária na capital do Império e o ensino superior no país. Dessa forma, em 1887, Rita Lobato Velho Lopes (1867 – 1954) torna-se a primeira mulher a se graduar no país na Faculdade de Medicina da Bahia (MARINHO, 2016, p. 219).

Acreditando que este nível de ensino para as mulheres mereça mais pesquisa no campo da História da Educação, tendo em vista a exígua quantidade de trabalhos sobre o tema e com o intuito de atender a esta demanda de estudo, a pesquisa de mestrado tem como proposta, portanto, investigar, nas páginas da revista *Jornal das Moças*, a presença de mulheres estudantes ou formadas em ensino superior e as representações sobre elas nos *Anos Dourados*.

Recortamos do espaço temporal dos *Anos Dourados (1945- 1964)* os anos de 1956 até 1961 para desenvolver esta análise, por ser significativo seu estudo ao abranger um período no qual a sociedade estava vivendo um momento de euforia econômica, política e social, influenciando, também, o debate pela elaboração de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ousando-se afirmar que este teria sido o “auge” dos *Anos Dourados no Brasil*, apoiando-se nos estudos organizados por Angela de Castro Gomes no livro *O Brasil de JK*.

Com o início a partir da posse do presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, o recorte temporal corresponde ainda aos seis anos finais da revista disponíveis para consulta no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Quando findo o debate educacional em 1961, há a instituição da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61, tendo-se um marco para a educação brasileira, pois esta legislação pioneira, entre outras coisas, também definiu parâmetros referentes ao ensino superior.

Assim sendo, a problemática em estudo nasce da entrada recente das mulheres no ensino superior brasileiro, com base nas pesquisas de Marinho (2016), e da necessidade do incremento de pesquisas envolvendo a temática mulheres no ensino superior, no campo de História da Educação.

Os objetivos do trabalho são fruto dessa problemática a ser desenvolvida nos capítulos. A problematização sobre o lugar /espaço do feminino de ensino superior na sociedade brasileira entre os anos de 1956 e 1961, conforme retratado pela revista, proposta e estruturada na dissertação, partiu das seguintes questões: Qual a estrutura da revista *Jornal das Moças*?, Em quais seções da revista podemos encontrar alusões às mulheres universitárias ou formadas?, Como eram representadas as mulheres do ensino superior pela linha editorial da revista?

Considerando essas questões, temos por objetivos:

- Apresentar o periódico, percebendo sua linha editorial e sua relação com o seu público alvo.
- Destacar as seções onde o ensino superior era mencionado e seus sujeitos, com ênfase na figura feminina de ensino superior em relação à figura masculina de ensino superior.
- Analisar e contextualizar a educação superior, trazendo as representações de mulheres e de homens dessa modalidade de ensino apresentadas na revista.

Os objetivos propostos deram origem aos três capítulos que compõem o trabalho, partindo da discussão de traços do universo feminino, os quais implicam também no masculino, o modo como estes se inter-relacionavam, se envolviam e se influenciam na revista em relação a sujeitos com ensino superior.

Falamos de um momento em que o cenário no qual os contornos do ensino superior brasileiro se delineavam ainda eram masculinos, majoritariamente, conforme nos mostram os estudos de Marinho (2016), contidos no Relatório de Pesquisa intitulado: *Mulheres no ensino superior: trajetória de lutas e conquistas*, fruto de um projeto que influenciou e embasou a criação desta dissertação.

Para a elaboração do presente trabalho foi percorrido um caminho investigativo que compreendeu um olhar sobre o público alvo da revista, para então percebermos quem era o seu possível leitor, ou leitora, e qual a imagem dessa mulher passada a ele(a) através da proposta da linha editorial do periódico.

Desta forma, observando ao longo desse caminho as páginas da revista, buscamos perceber as representações sobre homens e mulheres formados ou graduandos, em que seções elas tomavam contorno e em quais cursos esses sujeitos estavam inseridos.

Estando os argumentos de pesquisa delineados, é fato que não foram esgotados os aportes que definiram os encontros propostos por este estudo, cabendo justificar as escolhas que levaram a definir o tema de pesquisa.

2. Justificativa e relevância

Se a palavra que define a dissertação é *encontrar-se*, num primeiro momento, a que define sua justificativa é *familiaridade*. Familiaridade, neste caso, assume um duplo sentido, ao definir relações com coisas conhecidas e relações de família enquanto indivíduos que se influenciam.

Ao definir a relação estabelecida durante a pesquisa no *Jornal das Moças*, explica-se o quanto o fato de ter sido utilizada como fonte de análise para pesquisa monográfica me aproximou dela, tornando-a, desta forma, familiar no sentido de ser conhecida.

A familiaridade com a fonte *Jornal das Moças* é consequência dos trabalhos de pesquisa anteriores, na medida em que não foram esgotadas todas as possibilidades de análise de seus conteúdos. Sendo os trabalhos monográficos anteriores voltados para caracterização do feminino na revista *Jornal das Moças*, nesse momento o enfoque está mais delimitado, direcionado para as mulheres no ensino superior.

O outro sentido da palavra *familiaridade* refere-se ao foco do trabalho dissertativo, que assim como o trabalho monográfico anterior, contou com outro fator, neste caso agora mais pessoal, mais subjetivo, norteando o caminho percorrido para delinear os meandros investigados. Pertencço a uma família formada majoritariamente por mulheres, cuja característica marcante é o valor dado ao estudo, tendo como o exemplo as Tias Myriam Marques de Oliveira e Maria Ignez Marques de Oliveira⁹, que ingressaram e concluíram o ensino superior durante os *Anos Dourados*. Tia Myriam se formou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil em 1960, e Tia Maria Ignez em Pedagogia¹⁰ pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 1958.

Ao longo da pesquisa no *Jornal das Moças*, impulsionadas pelo interesse em pesquisar a representação de mulheres de ensino superior, achamos uma nota sobre a formatura de Tia Myriam no curso de Arquitetura.

Embora importante essa identidade familiar, para além dela está a justificativa em estudar mulheres de ensino superior nos *Anos Dourados*, tendo como argumento a fundamentação acadêmica que dá suporte a esta pesquisa.

Pesquisas têm início com hipóteses de estudo que levam o pesquisador em busca de indícios que as comprovem ou não. Neste caso, tínhamos como hipótese o fato de existirem poucos estudos e trabalhos tendo como foco mulheres no ensino superior nos *Anos Dourados*.

Buscando fundamentação acadêmica que pudesse confirmar a hipótese levantada, ou até refutá-la, foi feito um levantamento bibliográfico em anais de congresso, no campo de

⁹ Minha família residiu no bairro da Tijuca por mais de meio século, e é dos anos 1940 que remonta o laço de amizade estabelecido, ainda na infância, entre minha tia-avó materna, Margarida, e tia Myriam. Este laço de amizade existe até os dias de hoje e dele resultou uma grande estima entre nossas famílias, chegando ao ponto de considerar tia Myriam e sua irmã Maria Ignez como minhas tias-avós do coração. Ambas convivem comigo desde o meu nascimento, sendo que tia Myriam foi me visitar na maternidade.

¹⁰ Concomitante a esse curso, foi normalista do Instituto de Educação, visando se inserir mais rápido no mercado de trabalho, e assim que findou o Curso Normal tornou-se professora no Distrito Federal. Realizou ainda graduação em Matemática na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na década de 1970, completando em 2018 sessenta anos de formada como Pedagoga e quarenta anos como Matemática.

História da Educação, e em site ligado ao meio acadêmico, a fim de percebermos a quantidade de trabalhos sobre mulheres no ensino superior no período de estudo.

Na impossibilidade de analisar todos os eventos dentro desse campo de estudos¹¹, devido à quantidade de trabalhos neles publicados, focamos no Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE¹², analisando seus anais desde 2000, ano do primeiro encontro, até 2017, ano do último encontro.

A análise desse material teve como metodologia a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave procurando por referências a “mulheres de ensino superior” e “*Anos Dourados*”. O acesso a esses documentos foi possível através da página da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)¹³, fazendo-se o levantamento de trabalhos nos eixos envolvendo a temática de gênero.

A existência de eixos temáticos voltados especificamente para o estudo das relações de gênero parece demonstrar a conquista de um espaço de pesquisa envolvendo o tema mulheres.

Refazendo a trajetória do CBHE através da análise de seus anais, fez-se importante destacar os nomes que o eixo envolvendo gênero ganhou, ao longo das nove edições do congresso, para percebermos a inserção da temática mulheres neste espaço de discussão.

QUADRO I

Eixo Gênero nos Anais do CBHE

Ano	Edição	Eixo Temático
2000	I	Gênero e Etnia
2002	II	Relações de Gênero e Educação Brasileira
2004	III	Gênero, Etnia e Educação Escolar
2006	IV	Gênero e Etnia na História da Educação Brasileira

¹¹ Podemos citar como encontros em História da Educação: Congresso Iberoamericano de História de La Educación Latinoamericana (CIHELA), Seminários Nacionais do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”- HISTEDBR, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) – possui um Grupo de Trabalho (GT) de História da Educação, International Standing Conference for the History of Education (ISCHE), Encontro de História da Educação do Centro- Oeste (EHECO), Encontro Norte e Nordeste de História da Educação (ENNHE), etc.

¹² O Congresso se realiza desde 2000 a cada dois anos, tendo como objetivo principal reunir produções sobre variadas temáticas dentro do campo de pesquisa em História da Educação. Ele faz parte de um esforço da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), criada em 1999, de unir pesquisadores, professores e estudantes, dentro e fora do nosso país, que desejem compartilhar idéias e pesquisas em História da Educação e áreas afins. Fonte: <http://www.ixcbhe.com/anais.php>. Acesso em: 11.04.2018.

¹³ A respeito do acesso aos anais dos CBHEs destaco como entrave a organização dos trabalhos em suas quatro primeiras edições. Não havia um cronograma explicitando os títulos dos trabalhos apresentados. Os trabalhos estavam organizados em arquivos incluídos nos eixos temáticos. Sua identificação era, em grande parte, por número e em alguns casos pelo nome do autor ou até com palavras-chave. Desta forma, foi necessário abrir arquivo por arquivo dentro das pastas, para que fosse possível saber o tema da pesquisa.

2008	V	Movimentos sociais, geração, gênero e etnia na História da Educação
2011	VI	-
2013	VII	-
2015	VIII	-
2017	IX	Movimentos sociais, etnia e gênero

Quadro elaborado pela autora

Analisando o quadro, é possível ver que gênero deu nome a eixos temáticos durante cinco edições do CBHE, articulando-se com frequência à temática etnia.

O eixo temático intitulado *Gênero e etnia* no I CBHE contava com dezesseis trabalhos, dos quais destacamos *A educação na construção de gênero*, de Tania Elisa Morales Garcia, por analisar “(...) alguns dados sobre o Curso Superior de Ciências Domésticas, criado na década de 1960, na Universidade Rural do Sul – hoje Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul” (GARCIA, 2000, p. 9), por abordar a questão das mulheres no ensino superior com recorte nos anos dourados.

A partir do VI CBHE ocorrido em 2011, a temática “mulheres” passou a ser abordada dentro de outros eixos. Gênero não dava mais nome a nenhum dos eixos temáticos. Iran Maria de Leitão Nunes apresentou essa lacuna para a temática “mulheres” no congresso subsequente a essa exclusão, realizado no ano de 2013. No eixo *História das Instituições e Práticas Educativas*, Nunes apresentou o trabalho *Gênero e mulher nos congressos brasileiros de história da educação*.

Em sua análise, o autor esmiúça a quantidade de trabalhos envolvendo essa categoria, concluindo que “os trabalhos sobre gênero corresponderam a 75,5% do total de trabalhos dos eixos no qual estiveram incluídos” (NUNES, 2013, p.6). Entretanto, isso não foi o suficiente para justificar a manutenção do eixo temático reforçando, segundo o autor, a exclusão que as mulheres são vítimas. Para ele, “a presença da mulher parece que ainda vem sendo minimizada e/ou articulada a outras questões (...)” (NUNES, 2013, p.8). Desta forma, a argumentação de Nunes foi construída para destacar a importância do eixo e assim justificar sua presença na estrutura do CBHE. O eixo temático Gênero, contudo, só retornou à pauta no IX CBHE em 2017, duas edições após a publicação desse artigo.

Nesse movimento de análise dos anais, foi possível observar que trabalhos com impressos ganharam destaque, dando nome a eixos temáticos a partir da edição VI CBHE, realizada em 2011, coincidentemente o ano da supressão do eixo gênero. Em sendo nossa fonte primária de análise o periódico *Jornal das Moças*, destacamos o fato da palavra

Impresso dar nome a um eixo temático, como um passo importante na trajetória desse Congresso, na medida em que demonstra sua relevância para a pesquisa, dentro do campo de História da Educação.

Somado a isso, nota-se também que, neste mesmo congresso, o tema mulheres no ensino superior contou com a apresentação do trabalho *Memórias escolares do público feminino do curso de licenciatura em informática do instituto de federal do Espírito Santo – pólo São Mateus*, por Edna Graça.

No VIII CBHE, por meio do minicurso *Duas pesquisas em História da Educação: questões, fontes e métodos*, ministrado por Libania Xavier, entre outros temas, são apresentados os resultados da pesquisa *Mulheres no Ensino Superior: trajetórias de lutas e conquistas*.

Ainda falando desse congresso, realizado em 2015, destacamos os trabalhos *Os normalistas chegam à universidade: os impactos das reformas educacionais nos anos 1920 e 1930 no acesso aos cursos superiores*, de Patrícia Gurgel e Sônia Maria de Castro M. Lopes; *A representação feminina na trajetória intelectual da professora Maria Ligia Madureira Pina*¹⁴, de José Genivaldo Martires, e *Médicas pioneiras: a atuação na “Proteção e assistência às mães e à infância” (1922 – 1931)*, de Nailda Marinho, que, mesmo fora do recorte dos *Anos Dourados*, demarcam o interesse pelos estudos sobre mulheres no ensino superior no início do século XX, período este em que a educação superior ainda era “dominada” por homens.

Em sua edição de 2017, no IX CBHE¹⁵, foram apresentados onze trabalhos sobre ensino superior, dirimidos entre os dez eixos temáticos, assim agrupados:

- Um sobre a criação deste nível de ensino
- Cinco sobre o currículo do curso de Pedagogia
- Um estudo de caso sobre o ensino superior na Região Nordeste
- Um sobre a história da disciplina Didática, cuja fonte era periódico universitário
- Dois sobre a formação docente em nível superior em seus respectivos contextos
- Um referente a trajetória do ensino de Odontologia na América do século XIX.

Nenhum desses trabalhos fez uma alusão específica a inserção feminina no ensino superior com recorte nos *Anos Dourados*.

Ao final da análise dos trabalhos que compõem os anais desse congresso, percebemos que os estudos sobre ensino superior em sua trajetória têm como característica abordar

¹⁴ Maria Lígia Madureira Pina formou-se em História e Geografia entre os anos de 1955 e 1958.

¹⁵ Participei como ouvinte do IX CBHE, que aconteceu entre os dias 15 e 18 de agosto de 2017, na Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa.

temáticas ligadas à formação nas faculdades, a análise de disciplinas, os usos de livros e a reconstrução de trajetórias de sujeitos que frequentaram cursos superiores.

O foco direcionado para as mulheres de ensino superior é algo mais pontual, sendo mais frequente encontrar a presença feminina dentro da formação de professores ou em temáticas ligadas à feminização do magistério. Mais raro ainda é encontrar, dentro do tema mulheres de ensino superior, o recorte temporal nos *Anos Dourados*. Em se tratando do periódico *Jornal das Moças*, poucos também são os trabalhos utilizando essa fonte. Essa análise preliminar indica, portanto, um caminho para a apresentação de mais estudos sobre a presença feminina nesse nível de ensino, dentro do espaço de discussão do CBHE e em outros eventos.

Em pesquisa realizada no site da Capes, não foi encontrado nenhum trabalho que abordasse o tema mulheres no ensino superior durante os *Anos Dourados*. Utilizando-se somente a palavra-chave *Anos Dourados* foram encontrados 82 trabalhos. Desses trabalhos, três utilizam o periódico *O Cruzeiro* como fonte primária para o desenvolvimento da análise de representações do feminino. Utilizando a palavra-chave *Jornal das Moças* vinte e um trabalhos sobre o periódico foram encontrados, e em nenhum deles o ensino superior foi objeto de estudo.

Considerando a revisão de literatura, destacamos ser relevante pesquisar sobre a presença feminina no ensino superior, não mais como uma hipótese, e sim um argumento, por ser ainda uma temática pouco explorada no campo de História da Educação, conforme proposto por essa pesquisa.

3. Pressupostos teórico-metodológicos

Os pressupostos teórico-metodológicos deste trabalho referem-se à metodologia empregada na pesquisa dissertativa, sob a luz de um referencial teórico que serviu como suporte à hipótese levantada a partir dos dados coletados.

A metodologia seguida nesta pesquisa consistiu em observar na fonte primária, a revista *Jornal das Moças*, as fotos, as entrevistas, as matérias e os artigos que envolviam o universo universitário, com foco nas mulheres de ensino superior. Ao realizarmos esse movimento de observação, precisamos utilizar duas fontes secundárias: o jornal *Correio da Manhã*, e o Arquivo Privado Pessoal¹⁶ Myriam Marques de Oliveira, a fim de coletarmos documentos que dessem conta de complementar o objetivo deste estudo.

¹⁶ Para melhor entendermos o que significa Arquivo Privado Pessoal, buscamos sua definição na legislação que dispõe a respeito sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. Segundo a Lei nº. 8159/91, no capítulo I, das Disposições Gerais, artigo 2º, Arquivo é definido como: “os conjuntos de documentos produzidos

A investigação no *Jornal das Moças* e no *Correio da Manhã* foi realizada através do site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, local onde estes se encontram disponíveis para consulta; do jornal *Correio da Manhã*, retiramos apenas uma notícia que confirmara a formação e atuação de uma das colaboradoras do *Jornal das Moças*.

Além das fontes já mencionadas, Myriam Marques de Oliveira, cuja formatura no curso de Arquitetura na Universidade do Brasil aparece noticiada na revista, disponibilizou fotos suas, seus diplomas e o convite de sua formatura para consulta, constituindo-se no Arquivo Pessoal que leva seu nome.

Também se constituíram como espaço de consulta, o acervo pessoal da pesquisadora, que conta com anotações antigas, reminiscências de pesquisa anterior, e exemplares da revista, fruto de sebos online e físicos. Os sebos constituíram-se em instrumentos de levantamento de dados importantes, tendo em vista que nesses locais adquirimos exemplares originais da revista. Na cidade de Curitiba, destaca-se um, visitado *in locu*, onde foram adquiridos cinco exemplares necessários à análise desenvolvida, como, por exemplo, o de número 2123 que não consta no acervo da Hemeroteca.

A pesquisa em fontes documentais não requer, pura e simplesmente, uma descrição dos dados baseada em suposições, mas sim autoria com suporte em teorias compreendidas, dentro de uma perspectiva histórica.

Nesse caso, a proposta teórico-metodológica da pesquisa está compreendida no âmbito de uma perspectiva histórico documental, e baseada na tendência interpretativa da História Cultural, de Roger Chartier ao aproximar seus estudos sobre a história cultural do social, sobre a história e outras ciências sociais pretende não anular nenhuma delas. A respeito desses estudos, podemos “(...) dizer que se pretende reinventar a história social, atendendo sobretudo a um conjunto de práticas e de objetos culturais” (CHARTIER, 2002, p.9).

Os escritos do autor contribuem para esta pesquisa, na medida em que temos como proposta perceber as representações das mulheres de nível superior que o periódico comporta. Chartier (2002) caracteriza as representações como a tradução do mundo social, na medida em que descreve a sociedade bem como as posições e interesses dos atores sociais, sem seu consentimento, tal como eles imaginam que ela seja ou como desejariam que ela se

e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos”. No capítulo III, dos Arquivos Privados, artigo 11º, encontramos a definição de Arquivo Privado como “conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades”, e no artigo 14º, dispõem a lei que o acesso “poderá ser franqueado mediante autorização de seu proprietário ou possuidor”. Fonte: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8159-8-janeiro-1991-322180-normaatuizada-pl.pdf>. Acesso em: 25.11.2018. Considerando essa definição, no corpo do texto da dissertação, ao tratar do Arquivo de Myriam Marques de Oliveira, utilizaremos a expressão “Arquivo Pessoal”.

apresentasse. Neste sentido, “a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 2002, p. 20).

O conceito de representação nesta pesquisa será utilizado como uma ferramenta chave de análise, norteando-a para percebermos traços que caracterizavam e compunham as mulheres de ensino superior retratadas pela revista. O foco, desta perspectiva de análise, passa a ser o que há por trás daquilo que o impresso diz ao leitor, ou seja, aquilo que o leitor pode construir a partir da intencionalidade da mensagem que está sendo passada através do impresso para atingi-lo. Desta forma, ao buscar indícios claros sobre a presença feminina no ensino superior pelo olhar dos colaboradores e editores da revista, tenta-se perceber qual imagem pode ter sido apropriada pelo(a) leitor(a), que será apresentado(a) ao longo do texto.

O conceito de apropriação será central para a pesquisa proposta, na medida em que “no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como esses afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo” (CHARTIER, 2002, p. 24).

Trazendo este conceito para a pesquisa, ao investigar no *Jornal das Moças* as imagens das mulheres no ensino superior, percebemos sua abordagem a respeito delas, notando a construção da mensagem transmitida ao leitor através do discurso veiculado pela revista, ou seja, como se estabelece sua apropriação.

Na perspectiva de análise da sociedade da época dos *Anos Dourados*, Eric Hobsbawm contribui para se pensar sobre os contornos e as características gerais do período, delineando-o ao trazer também o debate para as transformações nas sociedades. Sua análise contribui para pensarmos o quanto essas transformações influenciaram o ensino superior.

Salienta Hobsbawm (1995) que, na fase extraordinária pela qual o capitalismo passava a partir dos anos 1950, “o dourado fulgiu com mais brilho contra o pano de fundo baço e escuro das posteriores Décadas de Crise” (HOBSBAWM, 1995, p.253), afirmando que o “brilho” dos *Anos Dourados* ficou ainda mais evidente se comparado com a crise enfrentada posteriormente a esse período. O autor afirma ainda que “(...) a Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos” (p.255).

No período dos *Anos Dourados*, o Brasil era um país subdesenvolvido, mas querendo sair dessa condição, considerando especialmente o recorte temporal desta pesquisa – 1956-1961, compreendendo o governo Juscelino Kubitschek, e toda a “euforia” sentida pela

sociedade e caracterizada por Angela de Castro Gomes (2002) e Edgard Luiz de Barros (1994).

Definindo os fatores que determinaram esse clima de prosperidade, Maria Victória Benevides (2002) delinea os marcos políticos e econômicos do período – *Juscelinismo* e Plano de Metas. Já Clovis de Faro e Salomão L. Quadros da Silva (2002) estudaram de forma mais profunda esse plano econômico, analisando seus antecedentes e suas consequências, servindo seus estudos para embasar o crescimento alcançado pelo país no início da década de 1960.

O debate educacional do período foi discutido com base nos estudos de Dermeval Saviani (2007) e Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier (1990), utilizando-se os Decretos- lei em vigor enquanto aparato legal, sendo desenvolvido mais amiúde com base na análise de Ana Waleska Pollo Campos de Mendonça (2000) sobre o ensino superior nos anos 1950.

Nesse período, a leitura de revistas dedicadas ao público feminino passa a ter papel de destaque, e no caso do Brasil, a revista *Jornal das Moças* era uma delas, segundo nos mostram os estudos de Dulcília Schroeder Buitoni (2009), em sua extensa pesquisa sobre imagens femininas na imprensa brasileira no século XX. Falando especificamente do *Jornal das Moças*, Carla Bassanezzi Pinsky (1996) nos ajuda a desvendar o universo dos “brotos” da década de 1950 presente nesse periódico em específico.

Embasando a presença do feminino em revista, Tania Regina de Luca aponta como as revistas direcionavam a abordagem voltada para este público em específico, destacando também outras características peculiares à imprensa feminina, contando ainda com as contribuições de Ana Luiza Martins acerca desse tema.

Em se tratando de uma pesquisa com foco nas mulheres, as relações de gênero ganham contorno conforme a presença feminina aparece na revista, desenvolvendo a discussão sobre a construção do papel dessas mulheres, necessitando do suporte teórico de Joan Scott (1995), para definição do conceito de gênero enquanto categoria de análise.

Os sujeitos da pesquisa são as mulheres de ensino superior, sendo os homens consequência desse processo de pesquisa, na medida em que a presença feminina aparece, necessariamente, ao lado da masculina, conforme a abordagem de Andrea Lisly Gonçalves (2006) e de Suely Gomes da Costa (2003), ressaltando a natureza relacional da construção social das definições de feminino e masculino.

Pensando-se sobre as relações estabelecidas entre esses sujeitos, Pierre Bourdieu (2002), a partir de suas contribuições teóricas sobre a dominação masculina, nos apontará os

traços sociais que legitimam e reforçam determinados valores impostos às mulheres de ensino superior.

Quanto a inserção do feminino no ensino superior, vimos seus marcos iniciais em países estrangeiros apontados nos estudos de Michelle Perrot (2017), enquanto Fúlvia Rosemberg (2013) direcionava o olhar para o acesso das brasileiras a essa etapa de ensino, assim como Nailda Marinho (2016), que envolvendo o pioneirismo feminino em suas pesquisas, ainda abordava o papel da União Universitária Feminina na militância feminista.

Em face do exposto acima, a dissertação está organizada sob a forma de capítulos, os quais retratam a questão que dá título e orienta esta pesquisa, contemplando os objetivos propostos na problemática, com base no referencial teórico eleito para análise, compilados após virarmos as páginas do *Jornal das Moças*.

4. Organização dos capítulos

Virar as páginas do *Jornal das Moças*, de acordo com a proposta da pesquisa, significa procurar, na fonte, as representações sobre as mulheres formadas ou estudantes do ensino superior. Como proposta, o texto dissertativo está disposto em três capítulos, além desta introdução, mais as considerações finais.

No primeiro capítulo, intitulado *Virando as páginas: as linhas e entrelinhas da revista Jornal das Moças*, caracterizamos o periódico, tendo como ponto de partida a análise da proposta das capas, por serem a primeira impressão passada ao leitor. Definindo a sua proposta editorial através da reconstrução dos marcos que a compõem, entendemos a dinâmica e estruturação externa e interna da revista e os seus contornos quanto ao perfil de leitora, ou seja, a quem ela se destinava. Identificando o foco da linha editorial elencando as seções, suplemento e edições especiais, foi possível observar e examinar as imagens do feminino e do masculino de ensino superior. Para arrematar, fechamos a análise com o consumo incentivado por meio das propagandas, enquanto suporte financeiro e ideológico da revista.

No segundo capítulo, *Um olhar sobre as representações do feminino de ensino superior: o lugar da presença estrangeira no Jornal das Moças*, apresentamos algumas imagens do feminino e do masculino no ensino superior, as quais tinham como referência países estrangeiros, utilizando o conceito de representação enquanto ferramenta de análise, com base nos estudos de Roger Chartier (2002). Definida a parte teórica, caracterizamos os contornos dos *Anos Dourados*, tendo como fio condutor uma reportagem publicada na revista, partindo assim da influência do modelo norte-americano, enquanto traço marcante da sua

linha editorial. Em sendo um fato que muitas de suas matérias faziam alusão aos Estados Unidos, as referências norte-americanas não eram, contudo, hegemônicas, e por isso mostramos o ensino superior sendo retratado em outros países.

Essas imagens do feminino e do masculino contidas na revista estavam presentes em determinados “lugares” dentro do *Jornal das Moças*. Identificando os espaços da revista destinados ao ensino superior, ou seja, as seções e os tipos de publicações que citavam essa modalidade de ensino, dividimos o capítulo agrupando estas imagens de acordo com o tipo de publicação – reportagens, notas do suplemento *Jornal da Mulher* e contos. Os contos, devido a quantidade separada para estudo, foram subdivididos de acordo com a presença ou a ausência dos cursos neles mencionados.

O terceiro capítulo *O lugar do broto dos Anos Dourados em revista: impressões sobre o ensino superior no Brasil* traz em seu título uma brincadeira semântica através da expressão “em revista” e “impressões” com os termos utilizados na indústria tipográfica. Neste capítulo, focando o debate no Brasil, local onde a revista era publicada e editada, caracterizamos os marcos que compõem o período do governo Juscelino Kubitschek, sua representação na e para a revista; o papel das propagandas na sociedade dos *Anos Dourados*, e nas imagens construídas a partir delas na revista, com destaque para figura pública da Primeira Dama – D. Sarak Kubitschek; os contornos do sistema educacional brasileiro, no que diz respeito a organização do ensino superior e aos debates que envolveram a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61; o cenário educacional com base nos aportes legais que lhe davam suporte durante o período em estudo; a presença do feminino e do masculino de ensino superior em contos, em notas de agradecimento, e anúncios de consultas médicas; as séries de reportagens assinadas por profissionais oriundos deste nível de ensino; e as matérias envolvendo a União Universitária Feminina - uma associação de moças universitárias, nas imagens e as notícias de formaturas. Notando a existência de referências ao ensino superior brasileiro nas mais variadas publicações do *Jornal das Moças*, mostramos como ele era retratado pela revista, destacando-se cursos, instituições e sua forma de apresentação.

Nas considerações finais, a partir dos argumentos que justificaram esta pesquisa, problematizamos a pergunta título do trabalho, quando esta faz alusão ao lugar da mulher, discutimos questões sobre o ideário reforçado pelo *Jornal das Moças*, refletindo sobre o papel da mulher no lar, na família e na sociedade. Essas discussões, indo além do senso comum, ao mostrarem que o olhar sobre a mulher de ensino superior nos *Anos Dourados* pode ser

ampliado, pretenderam demonstrar que há um “lugar”, no sentido de espaço, para a mulher nas salas de aula do ensino superior, seja como alunas ou professoras.

Desta forma, problematizando e ponderando a pergunta título do trabalho, as considerações finais apontam, alinhavando as análises feitas ao longo desse estudo, como a revista representava as mulheres e os homens dessa modalidade de ensino, por meio de suas publicações, buscando demonstrar o “lugar” delas na educação superior, conforme apresentado pela revista no contexto social analisado.

CAPÍTULO I

VIRANDO AS PÁGINAS: AS LINHAS E ENTRELINHAS DA REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS*

O *Jornal das Moças* foi, inicialmente, uma revista quinzenal de grande circulação durante a primeira metade do século XX. Sua primeira edição foi em 21 de maio de 1914, sendo que a data de seu último exemplar publicado ainda não foi confirmada. Na enciclopédia online *Wikipedia* se encontra o ano de 1965 como data final para essa publicação, entretanto Diego dos Santos Soares e Ursula Rosa da Silva (2013), e Dálete Albuquerque (2014) apontam dezembro de 1968. Esta última autora, no artigo *O discurso estabelecido na revista Jornal das Moças*, indica inicialmente o ano de 1968, demarcando o final da publicação da revista, e ao longo do texto afirma que “*Jornal das Moças* foi uma revista carioca que entrou em circulação no ano de 1914 e circulou até o ano de 1965, sempre às quintas-feiras, nas capitais e em algumas cidades do interior do Brasil” (ALBUQUERQUE, 2014, p.2), apresentando ao leitor dois anos distintos para o final da publicação da revista. Liana Pereira Borba dos Santos (2011) delimita o fim da publicação em dezembro de 1961, enquanto Silvia Sasaki (2011) afirma que encontrou exemplares na Biblioteca Pública Estadual de Florianópolis para consulta até 1968.

Podemos afirmar até o momento que o último exemplar disponível para consulta online na base dados da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional ¹⁷é datado de 15 de dezembro 1961; na base de dados física da Biblioteca, ou seja, na parte de microfimes, não é mais possível realizar pesquisas, uma vez que todos os exemplares de seu acervo encontram-se, agora, digitalizados.

O periódico *Jornal das Moças* não foi o único impresso a circular no Brasil com este nome. Manoel Pereira da Rocha Neto e Maria Arisnete Câmara de Moraes localizaram um jornal homônimo publicado entre 1926 e 1932, na cidade de Caiacó, no Rio Grande do Norte. Era um jornal “do tipo tablóide, com 28 cm de largura por 38 cm de altura e com cerca de três colunas em cada página, era impresso em papel jornal com folhas soltas dobradas em forma de caderno” (ROCHA NETO; MORAIS, 2002, p.2). Fora fundado e editado por mulheres, sendo suas colaboradoras moças da referida cidade. Nas páginas desse jornal “eram publicados artigos, curiosidades, poesias, literatura, pensamentos, colunas sociais, acontecimentos da sociedade, amenidades, notas diversas, anúncios e questionamentos sobre a condição da mulher naquela sociedade” (ROCHA NETO, MORAIS, 2002, p.1).

¹⁷Base de dados utilizada para consulta da pesquisa.

Os autores destacam ainda que a ousadia era marca registrada do jornal, bem como o questionamento das regras impostas pelas instituições de ensino da cidade, principalmente por parte de sua fundadora, que era professora diplomada pela Escola Normal da Paraíba. A respeito de sua circulação, sabemos que teve duração de seis anos. Apoiando-se na fala de Pe. EymardL'EraistreMonteiro¹⁸, quando este faz afirmações sobre o balanço do caixa do jornal, seu saldo e distribuição devido ao término da edição, Rocha Neto(2008) aponta o ano de 1932 como o final da publicação.

A revista *Jornal das Moças*, fonte primária desta pesquisa, editada e publicada no antigo Distrito Federal conta hoje com dois mil quatrocentos e vinte e dois exemplares disponíveis para consulta online, os quais englobam um espaço temporal de 47 anos ininterruptos de publicação. O quantitativo de exemplares disponíveis para consulta no acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional impressiona.

Em relação ao número de impressos editados, no que concerne ao período dos *Anos Dourados*, compreendido como a “época que se estende de 1945 a 1964” (PINSKY, 2014, p.9), sabemos que o periódico encontra-se digitalizado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional até o ano de 1961, conforme quadro apresentado abaixo.

QUADRO II

Exemplares do *Jornal das Moças* disponíveis para consulta na Hemeroteca da Biblioteca Nacional no período dos *Anos Dourados*

Ano de Publicação	Quantidade
1945	51
1946	52
1947	52
1948	53
1949	49
1950	32
1951	51
1952	52

¹⁸EymardL'Eraistre Monteiro nasceu em 6 de fevereiro de 1917, em Natal-RN. Foi ordenado sacerdote em 1941, tornou-se capitão-capelão do Exército e posteriormente, diretor do Ginásio São Luís, em Natal. Regeu a Matriz de Nossa Senhora Santana, do Caicó, no período de 1943 a 1944, em substituição ao padre Walfredo Dantas Gurgel. Dedicado à literatura, pertenceu à extinta Academia Potiguar de Letras. Sua bibliografia é extensa e valiosa. Em 1945, no Recife, publicou seu livro *Caicó: Subsídios para a história completa do município, resgatando um pouco da história da capital do Seridó*. Fonte: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC00000000111568.PDF Acesso em: 03.08.2018.

1953	53
1954	52
1955	52
1956	53
1957	52
1958	60
1959	53
1960	52
1961	46
Total	855

Quadro elaborado pela autora

Observando a quantidade de exemplares anuais descrita no quadro, percebemos que a revista, no período destacado, era publicada semanalmente, chamando a atenção o número de periódicos digitalizados - em um período de dezessete anos, temos 855 exemplares acessíveis online.

Na dissertação *Tessituras sociais: alinhavos entre costumes e modelos vigentes através do Jornal das Moças (1948 – 1968)*, Sasaki (2011) analisou 449 edições, sendo que destas, 53 foram adquiridas em sebos e o restante, 347 exemplares, faziam parte do acervo da Biblioteca Pública Estadual de Florianópolis. Essa quantidade foi considerada, pela autora, satisfatória, tendo em vista os resultados alcançados em sua pesquisa.

Inicialmente, a nossa proposta de pesquisa englobaria a análise de todos os exemplares da revista disponíveis do período dos *Anos Dourados*, ou seja, entre os anos de 1945 e 1961. Entretanto, a quantidade de exemplares compreendida neste intervalo tornou a pesquisa inviável, devido, principalmente, ao tempo. Sendo assim, o recorte temporal da dissertação foi definido entre os anos de 1956 a 1961 por se tratarem, os anos de 1956 a 1960 dos “bons tempos”, conforme desenvolveu Angela de Castro Gomes em *O Brasil de JK*; e o ano de 1961 por marcar o final do número de exemplares da revista digitalizados no acervo da Hemeroteca, bem como a Educação Brasileira com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

Problematizando a questão do mito dos “bons tempos”, que mistura “sonho” com “realidade”, a autora citada faz uma reflexão acerca da idealização do período dos *Anos Dourados*, afirmando que “nesses anos dourados há sem dúvida uma grande figura: o presidente Juscelino Kubitschek. Os anos dourados são, portanto, basicamente os anos do

governo JK” (GOMES, 1991, p.11), caminhando o recorte pelo governo de Juscelino Kubitschek, o qual ficou associado com a imagem dos *Anos Dourados* no Brasil.

Dessa forma, considerando o recorte temporal desta dissertação, consultamos e analisamos 316 exemplares no acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, assim distribuídos:

QUADRO III

Exemplares do *Jornal das Moças* consultados entre 1956 – 1961

Ano de Publicação	Quantidade no acervo digital da Biblioteca Nacional
1956	53
1957	52
1958	60
1959	53
1960	52
1961	46
Total	316

Quadro elaborado pela autora

Ao privilegiarmos a revista *Jornal das Moças* como fonte, a pensamos como documento/monumento, na perspectiva dos estudos realizados por Jacques Le Goff (2003). Para esse autor:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória colectiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento da causa (LE GOFF, 2003, p.535 e 536).

Le Goff (2003) entende que os documentos são fruto da memória coletiva, os quais não são escolhidos ao acaso ou de forma imparcial. Eles se inserem enquanto materiais do passado escolhidos pelo historiador para se apresentar como “prova histórica”. Nesta perspectiva, “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 2003, p.538).

No caso do *Jornal das Moças*, o anúncio de um número especial da revista sobre o Dia das Mães é significativo.

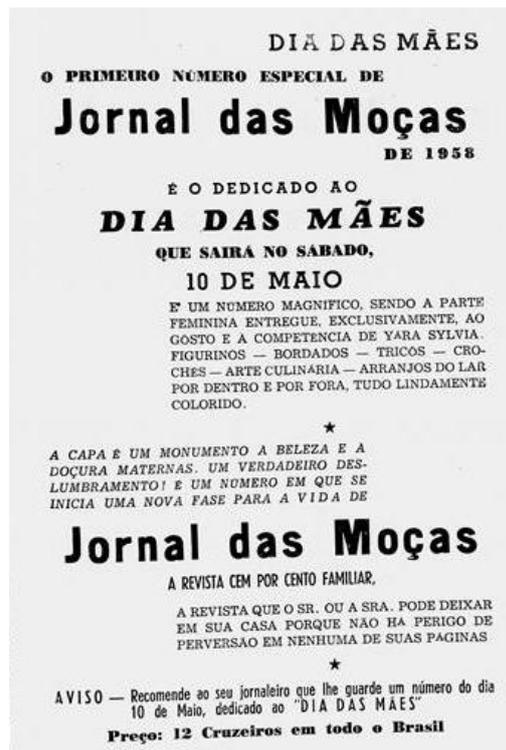


IMAGEM 1. Exemplar nº. 2235, de 17 de abril de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional¹⁹.

Alardeando “o primeiro número especial do Jornal das Moças de 1958”, dedicado ao “Dia das Mães”, o anúncio destacava a importância da maternidade, enfatizando ser “a capa um monumento a beleza e a doçura maternas”. O uso da palavra “monumento” seguida de adjetivos como beleza e doçura pertinentes à condição feminina, indica, ao nosso olhar, a importância da capa para a linha editorial. Como primeiro elemento atrativo ao seu público leitor, essa revista de variedades, ao estampar na capa essas representações à época do *ser* feminino e, portanto, próprias das mulheres, colaborava como veículo de divulgação para a consolidação social dessas representações.

A linha editorial dessa edição em específico, no que se refere aos assuntos ligados à temática feminina, ficava a cargo de Yara Sylvia, com a pretensão de passar ao leitor que uma mulher entende outra mulher.

No artigo *Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre teoria e prática*, Patrícia Paixão, apoiando-se nas palavras de José Marques de Melo, define linha editorial como “a aplicação, na prática, da seleção que os veículos fazem do que

¹⁹ Na IMAGEM 1 notamos na reprodução a falta de nitidez e enquadramento, provenientes do processo de digitalização, podendo isso estar aliado ou não as condições de apresentação da fonte no seu formato original. Entretanto, esta não é uma característica peculiar deste fragmento, sendo possível verificar cortes na reprodução de várias imagens, bem como a supressão das cores das capas, visto que todas eram coloridas. Devido a essas falhas e aos entraves decorrentes do processo de digitalização, limitadores da exposição na íntegra de partes da revista, optamos, em alguns momentos, pela transcrição de suas publicações, acreditando ser essa a melhor forma de reprodução do seu conteúdo, intentando que as informações analisadas não fossem perdidas.

será divulgado” (PAIXÃO, 2018, p. 93)²⁰. Com base nessa definição, acreditamos que ao publicar “figurinos”, “bordados”, “tricôs”, “crochês”, “arte culinária” e “arranjos do lar”, a linha editorial do Número Especial do Dia das Mães tinha como foco trazer conteúdos “relevantes” ao público feminino leitor.

Por se intitular como “a revista cem por cento familiar”, cujo manuseio não possuía restrições, percebemos no texto deste anúncio o traço familiar do periódico caracterizando sua linha editorial.

Situada na parte inferior da página, nos chama a atenção outra informação, mostrando dados referentes à circulação da revista. Ao custo de “12 cruzeiros” avisava aos leitores de “todo o Brasil” que recomendasse “ao seu jornaleiro que lhe guarde um número do dia 10 de Maio de 1958, dedicado ao ‘DIA DAS MAES’”.

A revista *Jornal das Moças* assume assim, o valor de documento/monumento, na perspectiva dos estudos de Le Goff (2003), carregando em suas páginas elementos que ao serem analisados, trazem representações de si mesma e a respeito do seu contexto de produção e circulação.

Ao falarmos sobre representações nesse periódico— o *Jornal das Moças*, sua produção e circulação, indagamos a fonte sobre o que ela tem a nos dizer a respeito das mulheres estudantes ou formadas no ensino superior.

Roger Chartier afirma que “(...) nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o seu leitor” (CHARTIER, 1992, p.220). No caso do *Jornal das Moças*, trata-se de uma revista impressa de circulação nacional. Logo, a construção dessa escrita passa inicialmente pelo processo de analisar a forma como se estrutura e se compõe o impresso. Ao longo de 1956 a 1961 aconteceram mudanças no periódico, mas grande parte de seu formato manteve-se inalterado.

Na análise empreendida, é necessário perceber que “procurar os contornos da imagem da mulher na imprensa feminina brasileira é, antes de mais nada, uma leitura pessoal de uma série de elementos encadeados” (BUITONI, 2009, p.11), e em nosso caso, buscamos esses elementos interligados no que se refere ao universo feminino universitário, o qual necessariamente se relaciona com o masculino, tentando fazer ver o quanto as imagens trazidas por meio das reportagens, contos, anúncios, fotografias publicados durante seis anos no *Jornal das Moças* construíam representações acerca desses sujeitos atuando, ou não, nesse espaço de educação.

²⁰ Fonte: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137224/137486>. Acesso em: 03.12.2018.

Apoiando-nos nas palavras da Buitoni (2009), constatamos que cada leitor constrói conceitos subjetivos a respeito daquilo que lê, sendo influenciado pela forma como os elementos que compõem o impresso se articulam para a construção de suas imagens pessoais.

Ana Luiza Martins, em *Da fantasia à História: folheando páginas revisteira*, ao caracterizar revista como “conjunto lúdico que numa só publicação reúne texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos” (MARTINS, 2003, p. 60), elenca os elementos que compõem o impresso, atentando, também, para o fato de que eles:

Evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. E criam, igualmente, o risco de leitura amena e ligeira, decorrente do mero folhear dessas publicações de época que acabam por envolver o leitor/historiador no tempo pretérito que busca reconstruir. O processo de aliciante sedução é passível de levá-lo a registros precipitados e equivocados decorrentes, sobretudo, das mensagens edulcoradas da publicidade, ou por vezes enviesadas da propaganda. Razão pela qual a fonte requer cuidados, em face dos apelos que transportam e induzem o pesquisador a configurações quase pictóricas do passado (MARTINS, 2003, p.60).

Refletindo a respeito das palavras de Martins (2003), sobre a forma como o pesquisador deve tratar a fonte documental, em especial as revistas repletas de material publicitário, percorremos um caminho para encontrarmos as imagens do feminino, e assim percebermos suas representações, nas linhas e entrelinhas das páginas do *Jornal das Moças*, literalmente, lendo a revista. O ponto de partida foram as capas, pois elas são a primeira parte avistada pelo leitor; buscamos a trajetória de sua existência, desde a fundação, para entendermos a dinâmica e estruturação externa e interna da revista tal como ela se apresentava ao leitor, conhecendo seu público alvo, e assim delineando os contornos que definem sua linha editorial. Nesses contornos identificamos as colunas fixas, os suplementos, as edições especiais, e as propagandas que tinham público e objetivo específicos.

1.1 A garota da capa: a primeira impressão é a que fica!

Para atrair as leitoras e demonstrar o quão bom era o produto que estava sendo vendido, as capas foram, e até os dias atuais o são, a forma mais eficaz de chamar a atenção. Nesse sentido, tendo em vista que são a “primeira impressão” que o leitor tem em relação ao impresso/revista. Usamos a expressão “primeira impressão” entre aspas em duplo sentido, pois nos remete ser a capa a primeira parte impressa da revista, ao mesmo tempo em que é aquilo que traz a primeira mensagem do exemplar que é suporte.

Iniciamos a análise da representação do feminino através das capas do *Jornal das Moças*, mostrando seu papel, com base em sua materialidade.

Para Chartier, dois são os processos que constituem a materialidade de um impresso: as “estratégias da escrita e das intenções do ‘autor’” e a “manufatura do livro ou da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, dirigidos aos leitores ou a leitoras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor” (CHARTIER, 1992, p.220).

A partir desse processo que constitui a materialidade do impresso, conforme estudado por Chartier (1992), vemos que as capas da revista são frutos das escolhas da linha editorial, na medida em que expressam a representação da mulher a quem a revista queria atingir, e ao descrevermos sua diagramação, observamos como esta poderia se articular ao processo de estratégia editorial para atingir o leitor provável.

A capa colorida impressa em papel que realçava o brilho de suas cores se apresentava como chamariz, um convite à leitora, sendo sedutora, conforme podemos observar no exemplar n°. 2154, de 28 de setembro de 1956.

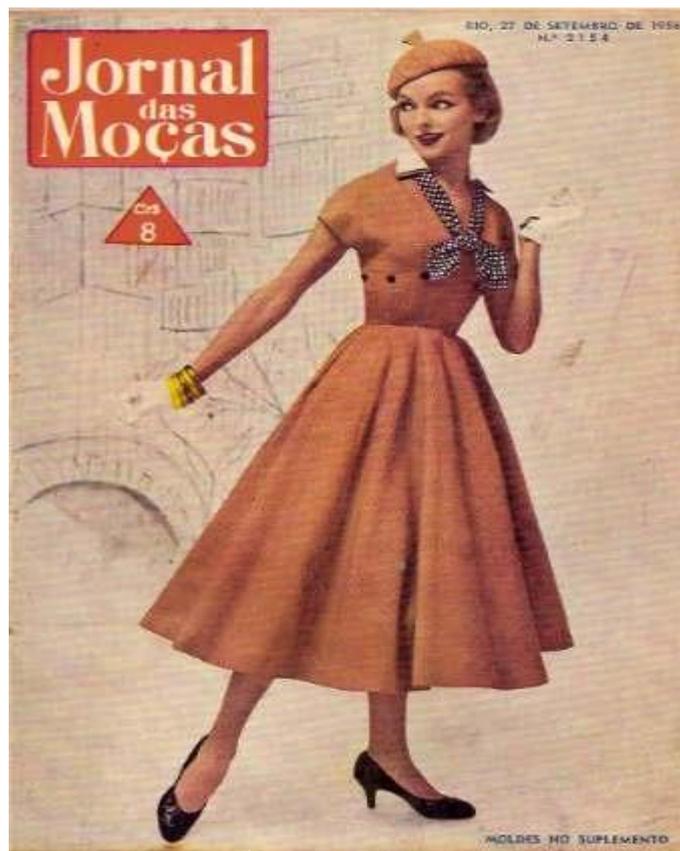


IMAGEM 2. Exemplar n°. 2154, de 28 de setembro de 1956. Fonte: <http://betobertagna.com/2010/04/30/jornal-das-mocas-e-os-ensinamentos-do-passado/>.

A “primeira impressão” do *Jornal das Moças*, ou seja, a capa era protagonizada majoritariamente por uma mulher, que não olhava diretamente para o fotógrafo, e sim mirando outra direção, como o chão, ou para o lado. Estando o nome da revista na parte

superior seguido de seu preço, ao rodapé da capa era possível notar a informação – “Moldes no suplemento”, indicando que o molde da roupa vestida pela modelo estava no suplemento.

Durante o final da década de 1950, observamos que as capas eram compostas por fotos de modelos em trajes elegantes. Os modelos de roupas exibidos contavam com a descrição detalhada dos mesmos dentro da revista, todos com referência a estilistas estrangeiros, majoritariamente americanos.

Neste tipo de capa notamos uma tendência da revista, demonstrando que “imprensa feminina e moda sempre se alinhavam mutuamente. Desde o século XIX, as publicações femininas brasileiras traziam elementos da moda, auxiliando no processo de democratização do gosto” (BUITONI, 2009, p.12) feminino. Esse alinhamento entre moda e imprensa, sugerido pela autora, indica que as mulheres passaram a adquirir modelos de roupas, seguindo tendências de moda, publicados pelas revistas voltadas para esse público.

Se moda e imprensa andavam lado a lado, é interessante destacar que a capa era a porta de entrada dessas tendências, como, por exemplo, a mulher fumar. A mulher adquirir o hábito de fumar se torna sinônimo de elegância nos anos 1950, e no final desta década a revista *Jornal das Moças*, em sua edição de 17 de setembro de 1959, inova ao apresentar a seguinte capa:



IMAGEM 3. Capa da revista *Jornal da Moças*. Exemplar nº 2309, de 17 de setembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na capa é possível ver uma mulher loira elegante fumando, apontando o hábito de fumar como sinônimo de requinte e feminilidade, por mostrar uma figura feminina que levava o cigarro à boca com luvas claras.

Se na capa de 1959 esse hábito parecia ser um indicativo da elegância feminina, no livro *O que as mulheres devem saber*, de autoria de Edgar de Carvalho, anunciado pela revista em 17 de janeiro de 1957²¹, ao fazer um estudo sobre as mulheres, Carvalho promete ser um auxiliar na educação feminina, citando as mulheres tabagistas.

Intitulado *O que as mulheres devem saber*, o anúncio em formato de reportagem traz informações acerca do livro homônimo ao seu título, tais como: os dados a respeito de seu autor, seus objetivos, sua diagramação, e um breve resumo do seu conteúdo. Afirmando que “se encontra em todas as livrarias, fazendo grande sucesso”, uma tiragem de “5.000 exemplares foram vendidos em apenas quinze dias”, conforme se lê abaixo:

²¹Adquirindo um exemplar original de sua primeira tiragem, em um sebo virtual, dele extraímos informações a respeito do tabagismo feminino.

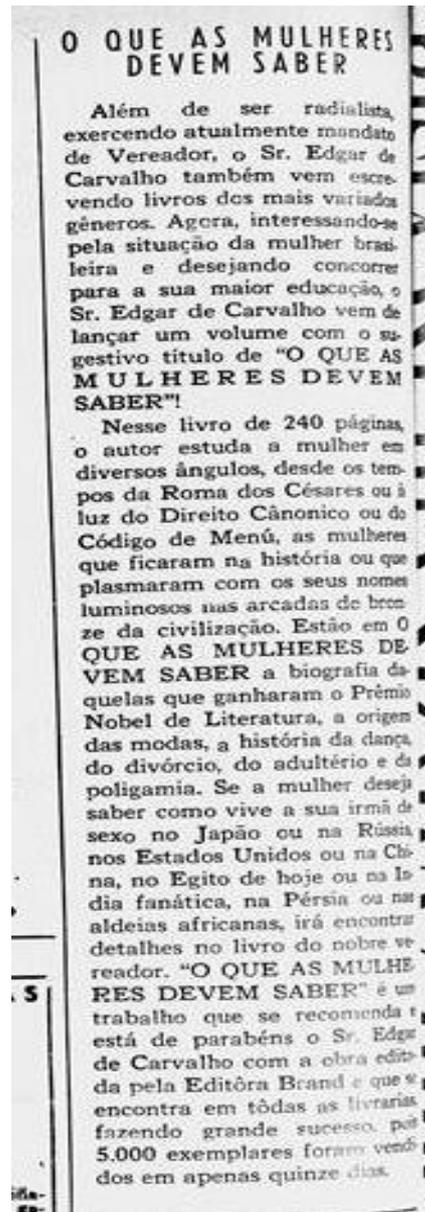


IMAGEM 4. Exemplar nº. 2170, de 17 de janeiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Falando-se a respeito dos assuntos abordados nessa obra, no capítulo XI, *A mulher – o físico, a cultura e o fumo*, o autor afirma que fumar é prejudicial e vicia. Por meio de uma pequena retrospectiva histórica sobre o hábito de fumar, critica esse tipo de prática feminina.

Na bolsa feminina, ao lado do baton e do rouge, a mulher conduz agora a carteira dos cigarros caros e o isqueiro bonito. Muitas mulheres fumam não porque gostem (chegam até mesmo a repudiar), mas simplesmente para se tornarem mais elegantes, mais distintas. Começam somente para acompanhar o ritmo da moda, mas terminam amesquinhas e algemadas às correntes do vício que nunca mais as libertará (CARVALHO, 1956, p.100).

Edgard de Carvalho segue suas reflexões considerando que se outrora as mulheres fumavam escondidas ao fundo de suas casas, hoje elas o fazem sem nenhuma cerimônia, se referindo às mulheres dos anos de 1950. Para ele, se antes os homens evitavam fumar em

ambientes fechados em respeito às mulheres, hoje são elas que o fazem sem o menor pudor, despejando baforadas sobre suas cabeças grisalhas. O autor termina afirmando que mesmo achando elegante a mulher que fuma, os homens preferem não beijar lábios com gosto de nicotina; nas “‘enquetes’ procedidas sobre o assunto, sempre venceu, por destacada maioria, a conclusão de que os homens não apreciam as mulheres que fumam” (CARVALHO, 1956, p.101).

A mudança de hábitos entre mulheres e homens, no que concerne ao tabagismo, retratada no livro em 1956, refletiu-se na capa da revista em 1959. Pensando a respeito dessa mudança de hábitos, em sendo a capa a “primeira impressão que fica”, resultado das escolhas dos editores do impresso, partimos em busca das origens do *Jornal das Moças*, acreditando na:

Importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos (...) que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores (LUCA, 2008, p. 140).

Assim, nos apoiando nas palavras de Luca, consideramos necessário voltarmos ao marco inicial da revista para compreender, dentre outros elementos, as escolhas de determinadas publicações por parte da equipe editorial do periódico, em detrimento de outras, e como isso interferia, ou não, nas representações de feminino do ensino superior nas publicações da revista no período em estudo.

1.2 Voltando às origens: a fundação e a consolidação da linha editorial do *Jornal das Moças*

A linha editorial do periódico *Jornal das Moças* pode ser entendida, em linhas gerais, como o conjunto de valores elaborados pela equipe de diretores, identificados através dos elementos que a compõem. Para entendermos a estruturação dessa linha editorial, recuamos até a sua fundação, para perceber como ela foi organizada em seu marco inicial e de que forma se apresentava no período em estudo.

Em 21 de maio de 1914, fora publicado o primeiro exemplar da revista *Jornal das Moças*, com 30 páginas, trazendo na capa a primeira das muitas fotos de mulheres publicadas no seu interior. Neste primeiro exemplar não se encontrou nenhuma referência ao seu fundador, mas é possível indicar outros dados tipográficos.

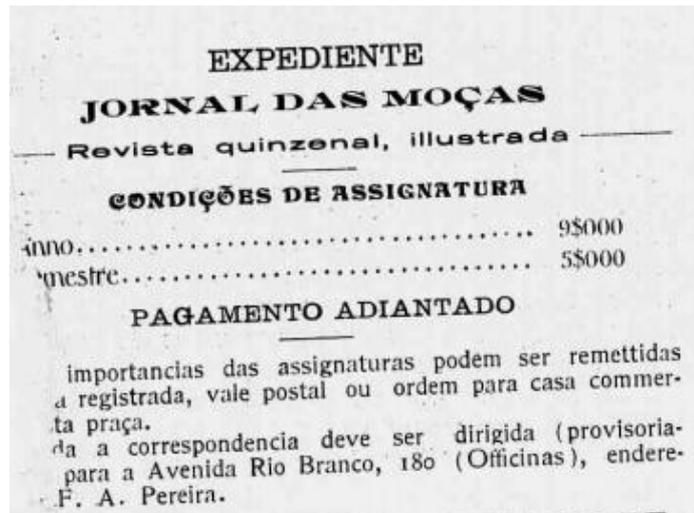


IMAGEM 5. Exemplar nº. 1, de 21 de maio de 1914. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na página 5 desse exemplar encontramos seu “Expediente”, onde é possível ler que se trata de uma “Revista quinzenal illustrada”, bem como o que acreditamos ser o endereço das oficinas de impressão, por indicar que a correspondência deveria ser enviada para a Avenida Rio Branco, 180, Centro do Distrito Federal, e endereçada a F. A. Pereira. Lemos também as condições de assinatura de revistas, podendo ser anual, ao custo de 9\$000, ou semestral ao custo de 5\$000.

Apesar de ter sido definida no seu marco inicial como uma revista quinzenal, é fato que ela não manteve essa periodicidade de publicação, considerando o QUADRO II, onde podemos ver a quantidade de exemplares disponíveis para consulta no acervo da Hemeroteca Nacional. Em seu quinquagésimo exemplar, de 1º de junho de 1916, o *Jornal das Moças* passa a ser publicado semanalmente, situação esta que se manteve até o último exemplar disponível para consulta em 1961, na base de dados pesquisada.



IMAGEM 6. Exemplar nº. 50, de primeiro de junho de 1916. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Neste número de 1916, vemos como fundador da revista o Comandante F. A. Pereira, nome este não mencionado em nenhum dos Expedientes contidos nos exemplares consultados no período em estudo, conforme podemos observar na IMAGEM 7, referente ao primeiro expediente de 1956.

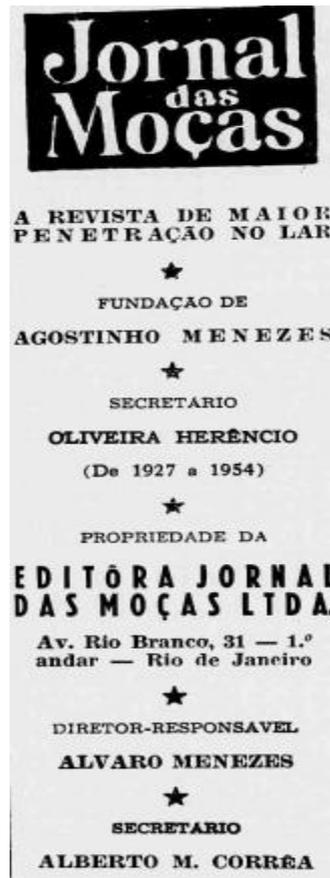


IMAGEM 7. Exemplar nº. 2016, de 05 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No expediente do exemplar nº 2016, de 05 de janeiro de 1956, aparece Agostinho Menezes como fundador do periódico. Tendo como Diretor Responsável Alvaro Menezes e secretários Oliveira Herêncio, *in memorium*, e Alberto M. Corrêa como efetivo ocupante do cargo, o *Jornal das Moças* se identifica nesse primeiro exemplar de 1956 como “a revista de maior penetração no lar”. Estando à frente de sua produção somente homens, se apresenta como sendo propriedade da Editora Jornal das Moças Ltda. situada na Av. Rio Branco, 31, no Rio de Janeiro.

Quanto ao seu fundador, viramos e reviramos as páginas da revista, na intenção de elucidar essa questão da entrada de Agostinho Menezes e Alvaro Menezes na linha editorial da revista. As primeiras informações que chamaram a atenção foram sobre atrasos nos pagamentos dos agentes, ao longo do ano de 1920 e a mudança da sede da empresa. A organização das matérias e a forma com que a revista fazia sua própria propaganda também apareciam diferentes. O expediente da revista neste ano não trazia informações sobre periodicidade na sua publicação. Contudo, no exemplar de 13 de janeiro de 1921, aparecerá a primeira evidência da família Menezes na direção da revista.

As importancias devem vir em vale postal ou carta registrada com valor declarado, dirigidas a: Alvaro Menezes, gerente do «Jornal das Moças», rua do Senado, 28 sobrado, e com todas as indicações do lugar, Cidade, Villa, Estado e as linhas do Correio por que é servido, para não haver extravio das revistas.

IMAGEM 8. Exemplar nº. 291, de 13 de janeiro de 1921. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Alvaro Menezes aparece como “gerente do *Jornal das Moças*” e responsável por receber as correspondências das leitoras para a revista. Dois anos depois, no exemplar de 25 de outubro de 1923, a equipe editorial será formada por Agostinho Menezes, como diretor, Alvaro Menezes, como diretor-gerente, e como secretário J. Sylva Castro.



IMAGEM 9. Exemplar nº. 436, de 25 de outubro de 1923. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Fica evidente que a partir da década de 1920, a revista *Jornal das Moças* passa para a administração dos Menezes, não sendo explicado, contudo, o fato deles aparecerem na década de 1950 como fundadores da revista. A explicação parece estar mencionada nos Expedientes do periódico que trazem a presença de uma editora familiar, a Editora *Jornal das Moças Ltda.*, como proprietária da revista *Jornal das Moças*.

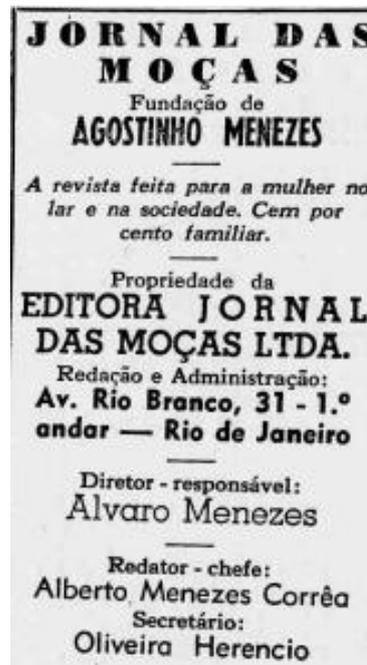


IMAGEM 10. Exemplar no. 1961, de 15 de janeiro de 1953. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Do exemplar de 15 de janeiro de 1953 em diante, a Editora Jornal das Moças Ltda. passou a aparecer no expediente da revista como observamos na IMAGEM 10. A linha editorial é caracterizada como uma revista “cem por cento familiar”, destacando-se seu público alvo ao afirmar que é uma “revista feita para a mulher no lar e na sociedade”. O público alvo estabelecido era, neste caso, a mulher que possuía uma família, ou seja, um lar, e estava inserida na sociedade.

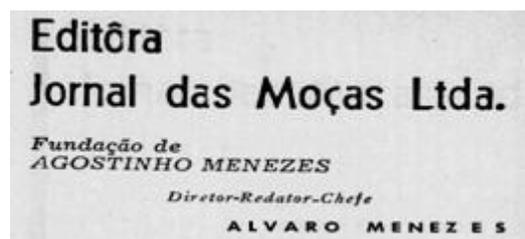


IMAGEM 11. Exemplar nº. 2422, de 16 de dezembro de 1961. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Continuando a ser mencionada até o exemplar nº. 2422, de 16 de dezembro de 1961, Editora Jornal das Moças Ltda. traduz o crescimento da marca *Jornal das Moças*, iniciando como uma revista e transformando-se numa editora que passou a conter aquilo que lhe deu origem.

A respeito da fundação da revista, a partir do exposto, é possível inferir que os Menezes assumiram-na em situação financeira complicada, mudando sua linha editorial, fundando uma editora com nome homônimo, anos depois de estarem à frente de sua direção.

Desta forma, ao fundar a Editora Jornal das Moças, Agostinho Menezes é colocado como fundador da revista.

Assim sendo, podemos constatar o fato de que os Menezes vieram para ficar na revista, mudando alguns aspectos referentes ao conteúdo e à forma da escrita, transformando-a em uma das dez revistas mais lidas no Brasil, conforme eles mesmos faziam questão de alardear.

A nota sobre *As 10 Revistas Mais Lidas no Brasil*, situada na página 15 do exemplar nº. 2152, de 13 de setembro de 1956, nos dá algumas noções sobre as revistas em circulação na sociedade daquele período. Citando uma pesquisa sobre revistas brasileiras, a nota afirma a posição de destaque do *Jornal das Moças* frente ao mercado editorial, realizada por uma agência de publicidade estrangeira a *Mc CannErickson*²².



IMAGEM 12. Exemplar nº. 2152, de 13 de setembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Enaltecendo o papel do *Jornal das Moças* nesse “ranking” e a qualidade das demais revistas, a publicação sugere um incentivo à leitura da mesma, devido a sua posição nessa

²²A agência Mc CannErickson existe até os dias de hoje com o nome de Mc Cann World Group. Ela é uma agência americana especializada em publicidade, que se autodenomina como a mais criativa e efetiva nessa área de atuação, cujo objetivo é auxiliar marcas a se tornarem significativas na vida das pessoas. Possuindo escritórios em mais de 100 países ao redor do mundo, inclui em sua rede de trabalho oito ramos de atuação, sendo que um deles, o de propaganda, leva o nome de Mc Cann. Tradução livre a partir do site: <https://www.mccannworldgroup.com/about>. Acesso em: 11.05.2019.

lista de excelência, atestando que seu conteúdo merecia ser apreciado, ao apontar uma empresa norte-americana para estabelecer “o valor dos periódicos ilustrados publicados no Brasil”.

No período da década de 1950, conforme nos mostra Dulcília Buitoni (2009), uma série de revistas circulavam pelo país, tais como: *Capricho*, *Manchete*, *O Cruzeiro*, *Grande Hotel*, formando-se um mercado editorial feminino. De acordo com Pinsky (2014), esse incremento da imprensa periódica se justifica, pois foi a partir da segunda metade da década de 1950 que os “gostos” e “opiniões” dos jovens começaram a ganhar mais espaço nos meios de comunicação em nosso país (PINSKY, 2014). De acordo com essa autora, a leitura das revistas dedicadas ao público feminino passa a ter papel de destaque nos *Anos Dourados*. Era por meio delas que o consumo era incentivado, bem como hábitos e atitudes normatizadores. Produtos de beleza para uso pessoal, até eletrodomésticos eram incentivados, utilizando-se várias estratégias para cativar o público feminino: ilustrações, matérias voltadas para o cotidiano, propagandas, seção de fotos, entre outras inovações. Nesses periódicos, as matérias eram voltadas para temas diversos, relativos à vida da mulher e, em especial, para a harmonização das relações estabelecidas com os homens.

No caso da revista *Jornal das Moças*, o cenário não seria diferente. Entre 1959 e 1960, uma coluna chamada *Um broto por semana* foi publicada, buscando traçar o perfil das entrevistadas. Contando com fotos e perguntas misturando a vida pessoal com a opinião, um “broto” a cada semana desfilava nas páginas da revista. O “broto” entrevistado era uma moça solteira, com idade variando entre 15 e 20 anos, frequentadora de um clube e participante dos concursos de beleza nele promovidos, que podia estar estudando ou trabalhando. Essa moça caracterizada pelas perguntas parecia ser integrante do público alvo da revista, constituindo-se como o seu possível leitor.

No exemplar nº. 2313, de 15 de outubro de 1959, a entrevistada caracteriza a revista como uma: “(...) revista sadia e seleta que tem milhares de leitores de nossa alta sociedade”. A “revista sadia e seleta” contou com uma média de oitenta páginas entre os anos de 1956 e 1961, variando esse quantitativo em ordem decrescente - entre 90 e 60 páginas. Chamava a atenção de seus leitores pela sua capa colorida e em papel mais brilhoso, estabelecendo um contraste visual com suas páginas em preto e branco.



IMAGEM 13. Exemplar nº. 2235, de 17 de abril de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Além de ser sadia e seleta, o *Jornal das Moças* reafirmava mais uma vez fora de seu Expediente, o caráter de ser uma “revista cem por cento familiar” conforme a sua linha editorial, assegurando aos seus leitores que “o Sr. ou a Sra. pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão em nenhuma de suas páginas”; portanto, toda a família poderia manuseá-la sem medo ou perigo, pois seu conteúdo não continha nada de inadequado.

Em sua análise especificamente sobre esta revista, Pinsky caracteriza suas leitoras com “faixas etárias, graus de escolaridade e poder aquisitivo variados. Porém, a revista passa pelas mãos de toda família; homens e crianças também a lêem” (PINSKY, 2014, p.24). Se era permitida a toda família ler a revista, devido ao seu caráter “cem por cento familiar”, reforçado constantemente, conforme afirmavam seus redatores, não só as famílias do então Distrito Federal tinham acesso a esse periódico, de acordo como expediente de 10 de janeiro de 1946.

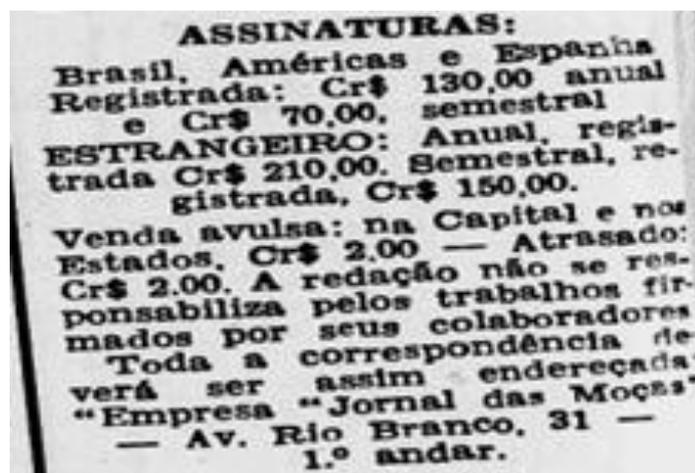


IMAGEM 14. Exemplar nº. 1595, de 10 de janeiro de 1946. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Neste exemplar, há informações acerca da assinatura da revista nos permitindo perceber que sua circulação não era restrita apenas ao nosso país, expandindo a sua área de abrangência pelas Américas e chegando até à Espanha, na Europa.

Os dados referentes à assinatura entre os anos de 1956 e 1961 não fazem menção a esse tipo de circulação para fora do país, limitando-se a mencionar os valores e os períodos referentes à sua duração. Desta forma, não podemos afirmar que, nesse período, a revista circulou fora do país.

Voltando às primeiras edições do *Jornal das Moças*, foi possível perceber que a família Menezes compunha a equipe diretora, praticamente, desde sua fundação, parecendo esta estrutura da equipe dirigente reforçar seu caráter familiar na linha editorial. Esse caráter

era constantemente retomado de forma ostensiva no Expediente, bem como o fato de ser dedicada a mulher no lar, na família e na sociedade.

Virando as páginas da revista, visamos perceber como ela dialogava com seus leitores, no período de 1956 a 1961, nas reportagens e matérias direcionadas as mulheres, mostrando como o periódico era estruturado internamente.

1.3 Tudo aquilo que um “broto” precisa saber: conhecendo as linhas da revista e aquilo que interessava às moças

Tecendo reflexões sobre *Mulheres em Revista*, Tânia Regina de Luca destaca em sua análise, como prática comum às revistas femininas, o fato delas organizarem os assuntos “a partir da perspectiva, opinião e gosto masculinos, uma vez que é esse o personagem que comanda todo o enredo” (LUCA, 2013, p. 459), estabelecendo a relação de que o homem tinha as rédeas a respeito do que, como e quando seria publicado sobre, de e para as mulheres, ao girar “em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento” (LUCA, 2013, p. 448). Em seu fio condutor analítico, a autora apresenta outros aspectos importantes, em relação à forma como esses impressos se apresentavam a público, ressaltando suas características peculiares.

Atraentes e diversificadas, as revistas são procuradas e apreciadas por propiciarem momentos de entretenimento e prazer, bem conhecidos por quem folheia a publicação colorida, com imagens bem cuidadas e que abordam questões do cotidiano, de maneira leve e interessante. Dentre as marcas distintivas desse gênero de impresso está a linguagem que se particulariza por um tom coloquial, de alguém próximo e que aconselha, ampara, aplaca angústias, resolve dúvidas, sugere, fazendo as vezes de uma amiga e companheira à qual sempre se pode recorrer (LUCA, 2013, p. 448).

No caso do *Jornal das Moças*, um periódico publicado semanalmente, podemos notar a presença de alguns traços indicados por Tania de Luca em seu conteúdo, como, por exemplo, a presença masculina em sua linha editorial, composta predominantemente por homens. Os Menezes e seus colaboradores pensaram e estruturaram uma revista familiar, destacando o papel da mulher no lar, na família e na sociedade, direcionado especialmente às moças.

Este periódico, para se configurar enquanto produto a ser comercializado, estruturou seu conteúdo de forma que fosse atraente aos leitores, conforme aponta Luca, propiciando

momentos de entretenimento ou prazer, e assim se constituiu em algo necessário e até imprescindível, ou seja, em tudo aquilo que um “broto”²³ precisava saber.

Ao utilizar a palavra “broto”, notamos que a revista referia-se a um tipo específico de leitor: a jovem moça. Direcionando algumas reportagens a este grupo, o *Jornal das Moças*, ao empregar esse “vernáculo”, ao mesmo tempo em que situava o destinatário de determinadas matérias, caracterizava um de seus públicos alvo; como exemplo, vimos a série de entrevistas com suas leitoras intitulada *Um broto por semana*, publicada entre os anos de 1959 e 1961, onde mulheres entre 15 e 20 anos respondiam perguntas que incluíam desde dados pessoais até questões mais profundas a respeito de projetos futuros.

Para alcançar seu objetivo e conquistar o “broto”, que era seu público alvo principal, o apelo visual proposto pela diagramação da revista contava com muitas propagandas e imagens, tentando assim abranger, majoritariamente, os mais variados âmbitos da vida das mulheres. Seu interior era repleto de ilustrações, com foco na figura feminina, ainda que pensado e estruturado por homens.

Se o apelo visual pretendia ser atraente, seus conteúdos deveriam ser pertinentes e apropriados ao “universo” feminino, abordando assuntos ligados às mulheres no lar, na família e na sociedade, estruturada com algumas colunas fixas, e outras colunas eventuais, objetivava trazer a maior quantidade de informações úteis possíveis ao leitor, em linguagem acessível, de forma que qualquer um dos membros da família pudesse folhear a revista, nos remetendo, mais uma vez, ao que diz Luca (2013) a respeito das características da imprensa feminina. Matérias que misturavam interesse geral e notícias de artistas recheavam as páginas da revista, que chegou a contar com 90 páginas, em 1956.

Nas colunas fixas, as matérias giravam em torno, basicamente, de três temáticas: cinema, rádio e moda, e de seus respectivos “mundos”. Utilizamos a expressão “mundo” para definir os personagens, o espaço de atuação e a indumentária que compõem um tema. Dialogando entre si, esses três temas iam criando representações através de imagens, relacionadas com o papel da mulher definido pela linha editorial da revista.

Das colunas fixas de maior destaque temos *Galeria dos Artistas da Tela*, exibida em preto e branco na pós-capa, enaltecendo a beleza física de atrizes e atores e informando sobre os últimos filmes protagonizados por eles. Uma das estrelas do cinema americano destacada nesta coluna foi Audrey Hepburn pela atuação em filmes, como também por sua beleza singular de mulher esguia e olhar expressivo, conforme vemos no exemplar nº. 2217, de 12 de dezembro de 1957.

²³ Lembramos que “broto” era uma gíria utilizada, estando presente em muitos “hits” musicais de sucesso da época.

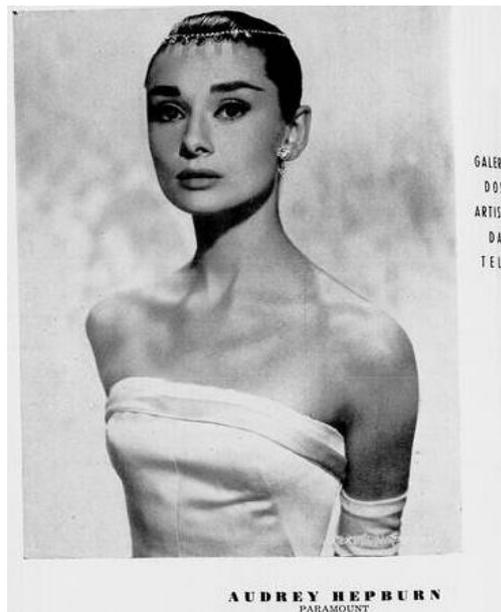


IMAGEM 15. Exemplar nº. 2217, de 12 de dezembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

As atrizes de cinema não só desfilavam nas páginas da revista nessa coluna, apareciam como modelos de roupas, dando título a matérias de beleza ou dicas de relacionamentos.

A intenção de aproximar as leitoras com as estrelas de Hollywood²⁴ era nítida. Buscando aproximar “o mundo do cinema” da vida das leitoras, e tentando demonstrar que as atrizes eram mulheres “comuns”, as matérias envolvendo seus relacionamentos pessoais se destacavam. Em uma dessas matérias, Elizabeth Taylor, atriz do cinema americano, tem seu nome destacado em *O decálogo da mulher Ideal* publicado no exemplar nº. 2299, em 9 de julho de 1959. Dedicado à mulher, o decálogo dava dicas de como ela deveria se portar no lar, na família e na sociedade de uma forma geral.

²⁴O termo Hollywood é compreendido, nos limites desse trabalho dissertativo, conforme definido por Pedro Butcher, em seu artigo *A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle*, como um “conceito flutuante (...) ele ora designa um estilo cinematográfico e marca genérica; ora qualquer obra de ficção produzida nos Estados Unidos; ora todo o complexo de produção e distribuição de filmes e programas de TV americanos, ou ainda o conjunto de companhias produtoras e distribuidoras de filmes” (BUTCHER, 2004, p. 16). Fonte: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23154>. Acesso em: 07.12.2018.

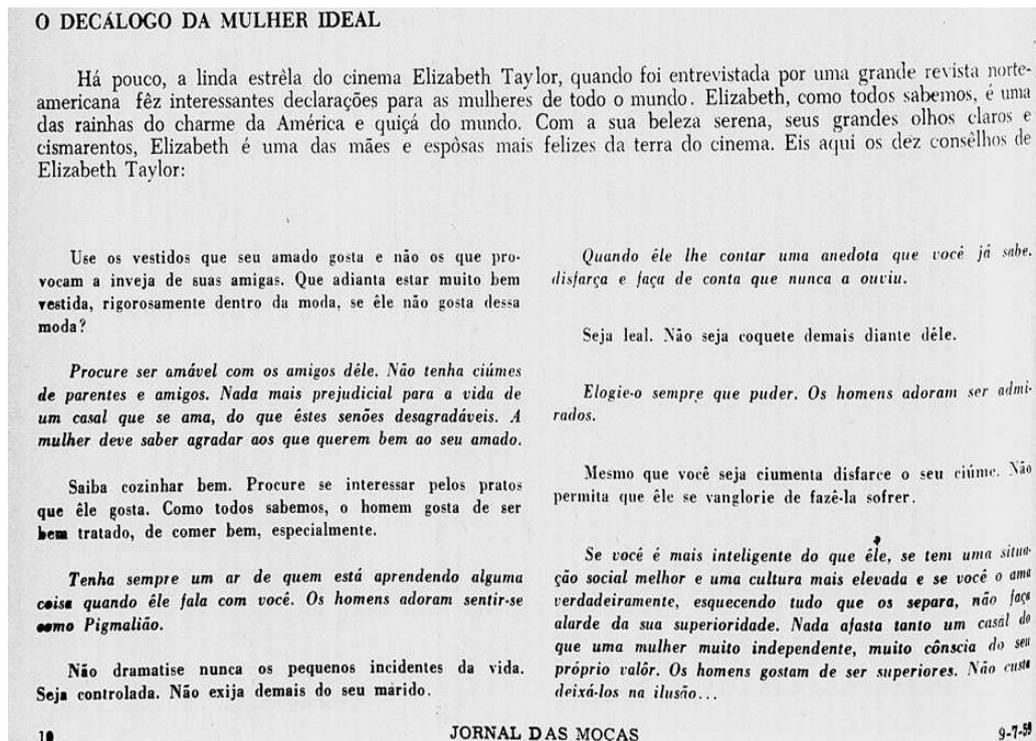


IMAGEM 16. Exemplar n°. 2299, de 9 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em tendo sido entrevistada “por uma grande revista norte americana”, a atriz de “beleza serena” traz a público “interessantes declarações para as mulheres de todo o mundo”. Os “dez conselhos de Elizabeth Taylor” são centrados nas formas das mulheres agradarem aos homens, vestindo-se, cozinhando, sendo gentis, amigáveis, amáveis e demonstrando segurança frente aos sentimentos, a fim de não aborrecerem seu parceiro e assim manterem o relacionamento.

No conjunto que compõe esses conselhos, destacamos do último a parte que diz respeito a “não fazer alarde da sua superioridade”. Caso a mulher estivesse em condição de superioridade em relação ao homem, seja intelectual, econômica ou culturalmente, ela não deveria demonstrar isso, pois “nada afasta tanto um casal do que uma mulher independente, muito cônica do seu próprio valor. Os homens gostam de ser superiores. Não custa deixá-los na ilusão”.

Refletindo sobre o foco desta pesquisa, pensamos como as mulheres estudantes ou formadas no ensino superior “liam/entendiam” essa “dica” em relação aos homens, deixando em aberto a reflexão: elas eram leitoras da revista?

Na estrutura da revista, colunas fixas e matérias sobre cinema buscavam aproximar as leitoras, em vários aspectos, dos artistas. *Cine em Revista* foi uma dessas colunas, ocupando um terço da página em forma horizontal, trazendo as últimas notícias referentes à filmagem e a reprodução de filmes pelas salas de cinema.

Na tentativa de tirar as pessoas de casa e levá-las ao cinema, a propaganda do “mundo do cinema” feita na revista se mostra como um meio eficaz, na medida em que vendia às leitoras uma imagem de beleza e glamour. Por meio da revista, o cinema passou a fazer parte do cotidiano das leitoras não só pela pós-capa, mas também pelas entrevistas e matérias que envolviam os artistas.

A presença do cinema no *Jornal das Moças*, nesse final da década de 1950, sugere uma relação com o fato de que “Hollywood estava no meio de um pânico em toda indústria diante da ameaça da televisão, e tentava todos os truques possíveis (CinemaScope, 3-D, AromaRama) para arrancar as pessoas do conforto de suas casas” (WASSON, 2011, p.115).

Analisando a fala de Wasson, a televisão se mostrava como uma “ameaça” à indústria cinematográfica na medida em que faria com que as pessoas ficassem em casa, ao invés de irem ao cinema assistir aos filmes que custavam bastante aos grandes estúdios, devido ao seu alto custo na filmagem, produção e pagamento de artistas.

Pedro Butcher, em seu artigo *A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle*, ao “analisar como Hollywood se estabeleceu como potência geradora de imagens e se modificou, ao longo dos anos, para manter sua hegemonia” (BUTCHER, 2004, p. 14), descreve as mudanças ocorridas na indústria cinematográfica, afirmando que “o cinema mundial e o hollywoodiano em particular entram em crise com a chegada da televisão” (BUTCHER, 2004, p. 19). Para esse autor, a televisão se constituía, a partir da década de 1950, como “lazer doméstico e barato”, desestabilizando, por exemplo, o cinema:

Na medida em que se afirma como um novo padrão audiovisual [onde] a informação e o texto ganham predominância sobre a imagem – e sob esse aspecto, ela estaria mais ligada ao rádio do que ao cinema (BUTCHER, 2004, p.20).

O interesse pela informação e pelo texto escrito, deixando o cinema de lado, indicando uma ligação entre televisão e rádio, sugerida pelo autor, podia ser sentida, também, no *Jornal das Moças*, tendo em vista que não só o alinhamento com o mundo do cinema Hollywoodiano era perceptível nas páginas da revista. Se o cinema representado no periódico era o norte-americano, o rádio era o produto nacional por excelência.

Foco importante de colunas e matérias, o rádio brasileiro norteava entrevistas e criando seções específicas, tornando-se a parte genuinamente brasileira do *Jornal das Moças* ao criar seu próprio elenco de estrelas.

Das colunas fixas, destacamos *Radioatividades*, onde era possível saber sobre as últimas notícias envolvendo trabalhos musicais dos artistas do rádio, *Tia Carlota in...forma*,

coluna com pequenas notas sobre a vida desses artistas, e *Galeria dos Artistas de Radio* no verso da revista aparecendo em cores.

A coluna *Radioatividades* trazia a programação das rádios, fotos, fatos, boatos e notícias sobre quais artistas estavam em estúdio produzindo, ou seja, as atividades nas rádios.

Pequenas notas em “tom ácido e sarcástico” sobre as estrelas do rádio eram possíveis de serem achadas na coluna *Tia Carlota in...forma*. A imagem de duas mulheres conversando na janela, ilustrando a coluna Tia Carlota, sugere que as notícias presentes em tópicos eram fofocas, comparado ao mexerico feito entre as duas vizinhas que olhavam e comentavam a vida alheia.

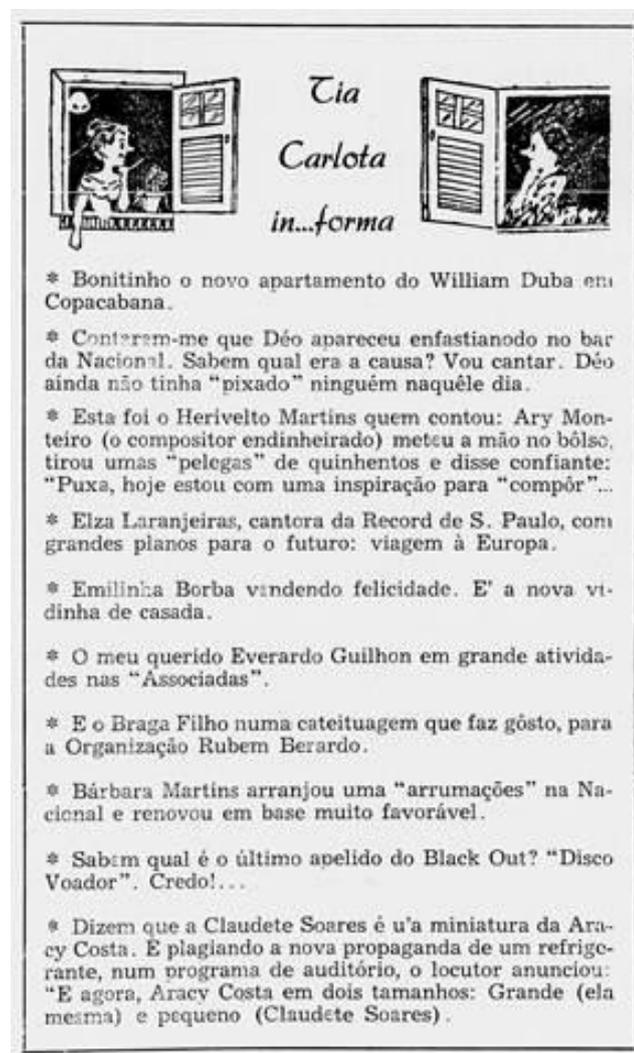


IMAGEM 17. Exemplar nº. 2163, de 29 de novembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Verificamos esse tom “ácido e sarcástico” pelas pequenas falas de “Tia Carlota”, como no exemplar de no. 2163 de 29 de novembro de 1959, por exemplo, ao se referir a cantora - “Emilinha Borba vivendo felicidade. É a nova vidinha de casada”. Afirmando que

Emilinha está vivendo feliz, atribui isso ao seu novo estado civil, utilizando a expressão no diminutivo “vidinha de casada”.

Rádio e cinema eram temáticas tão presentes na revista que até na parte de piadas, intitulada *Traços e troças*, eles faziam parte do enredo de anedotas. Essa parte da revista era ilustrada e continha piadas envolvendo, em grande parte, o mundo feminino.

Fechando a revista, era possível observar no seu verso colorido a coluna *Galeria dos Artistas do Rádio*. Seguindo a mesma proposta da matéria de pós-capa, uma grande foto ilustrava uma descrição dos últimos feitos da pessoa retratada, dando os créditos a quem havia cedido a foto.



IMAGEM 18. Exemplar nº. 2219, de 26 de dezembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na IMAGEM 18, o destaque é de novo para a cantora de rádio Emilinha Borba, conhecida como a “Favorita da Marinha”²⁵, aparecendo ao lado do seu filho Artur, escrevendo uma carta para Papai Noel. Emilinha, segundo a coluna, não era só a estrela do rádio, cinema e televisão, ela era uma artista que, além de acumular títulos e faixas, ainda tinha tempo de se

²⁵O título de “Favorita da Marinha” atribuído a Emilinha Borba fora citado pelo *Jornal das Moças* no exemplar nº. 2140, de 21 de junho de 1956, na coluna *Radioatividades*. Relembrando a nota *Recordar é viver...*, o dia em que a cantora Marlene foi agraciada com título de “Favorita da Aeronáutica”, mencionava que ela “empatava” com Emilinha, já reconhecida como a “Favorita da Marinha”, indicando em seu texto uma possível competição entre as duas cantoras, o que justificaria o fato de cada uma ter a sua própria titulação. Durante o período em estudo, a revista dava a entender em publicações nesta mesma coluna e em *Tia Carlota in ... forma*, que havia rusgas entre as homenageadas pelas Forças Armadas.

dedicar ao lar e aos cuidados com o filho. Ao colocar uma cantora ao lado do filho, a revista reforçava o papel da mulher como mãe, esposa e dona de casa, para além do lado profissional.

O amor e a abnegação das mães eram pontos enaltecidos em reportagens e nas colunas, criando um possível ideal de conduta a ser seguido, ou seja, um “modelo de mãe”. A mãe amorosa e abnegada deveria, portanto, pensar em todos os aspectos que envolviam a família.

Para auxiliar a mulher na tarefa de cuidar melhor da saúde do seu núcleo familiar, a revista publicava colunas, trabalhando temáticas diferentes a cada semana, a fim de orientar as mulheres nesse aspecto, como as colunas *Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes e Falando às Mães*.

A coluna *Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes* fora publicada a partir de 1954, variando sua diagramação na revista. Em 1956, sob o formato de série, ocupava metade de duas páginas, mencionando na parte superior da primeira página seu título, e na parte superior da segunda página os nomes de Irene de Miranda Cotegipe Milanez e Aracy D. Ferreira, sem nenhuma referência explícita a elas. Mudanças ocorridas na sua diagramação em 1959, fizeram com que a coluna passasse a aparecer em uma única página. Irene de Miranda Cotegipe Milanez e Aracy D. Ferreira passaram a ser citadas como colaboradoras da coluna e identificadas como enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha.

Para tratar especificamente do cuidado com os filhos, a coluna *Falando às Mães* trazia orientações pediátricas dadas pelo Dr. Werther Leite Ribeiro, um dos colaboradores do *Jornal das Moças*. Sua publicação começou em 1951 e estendeu-se até 1954, retornando com publicações pontuais nos anos de 1958 e 1959. Em *Falando às Mães*, escrita em linguagem clara e simples, o médico trazia noções sobre como proceder no dia-a-dia a fim de propiciar um crescimento “normal” de seus filhos, inclusive em situações em que estes se encontrassem debilitados; orientando sobre cuidados referentes à parte física da criança.

A coluna *Evangelho das Mães* tinha como “missão” orientar as mães sobre a parte moral da educação das crianças; reforçava, por meio de seu estilo de escrita em forma de pregação, o papel crucial da mulher frente à maternidade.

Os cuidados relacionados à família não ficavam, contudo, restritos à criação dos filhos e à prevenção de doenças no lar. A mulher deveria preparar a casa para que ela se transformasse num espaço de convivência harmônica entre os familiares. Na revista, se encontravam conselhos e dicas que ajudavam as esposas a organizar a casa, como na coluna *Vamos preparar quitutes*, onde as mulheres podiam aprender receitas novas a cada edição.

Sugestões de decoração e anúncios dos mais variados produtos faziam parte também do conjunto de orientações.

Conforme observamos pela diagramação e pelo conteúdo das colunas, o amor e a abnegação da mãe e da esposa eram representados na revista como papéis sociais esperados da mulher. Seguindo a sua linha editorial, o *Jornal das Moças* atribuía também um papel para essa mulher na sociedade em publicações fixas, como nos contos e nas duas publicações finais do periódico - a fotonovela e a história em quadrinhos de Mark Taylor, constituindo-se como espaços de representações do feminino.

Para podermos entender o papel do conto no periódico e analisar as representações nele contidas, compreendendo sua abordagem na revista, nos apoiamos nos estudos de Nadia Battella Gotlib, que em *Teoria do Conto*, traz a definição de conto e sua caracterização enquanto narrativa. Segundo esta autora, as definições da palavra conto, “apresentam um ponto em comum: são modos de se *contar* alguma coisa e, enquanto tal, são todas *narrativas*” (GOTLIB, 2003, p.11). Desta forma, “o conto seria um modo moderno de narrar, caracterizado por seu teor fragmentário, de ruptura com o princípio da continuidade lógica, tentando consagrar este instante temporário” (GOTLIB, 2003, p. 55).

A definição de conto de Gotlib apresenta-o como uma pequena narrativa coerente e concisa ao contar algo “que tem unidade de tempo, de lugar e de ação [contemplando] personagem, acontecimento, emoção e situação” (GOTLIB, 2003, p.59). Fechando a definição, a autora afirma que “a base diferencial do conto é, pois, a *contração*: o contista condensa a matéria para apresentar seus melhores momentos” (p. 64). Sendo os contos “assim construídos, tendem a causar uma *unidade de efeito*, a flagrar *momentos especiais* da vida, favorecendo a *simetria* no uso do repertório dos seus materiais de composição”, conclui Gotlib (p. 82).

Nos contos presentes no *Jornal das Moças*, desenrolavam-se enredos envolvendo o enlace amoroso entre homens e mulheres, atribuindo papéis e funções sociais aos personagens, sendo alguns de seus protagonistas e coadjuvantes estudantes ou formados no ensino superior. Nessas narrativas, destacava-se a forma como o casal protagonista se relacionava, de acordo com a profissão exercida, constituindo-se o conto, portanto, como um espaço para análise das representações acerca do feminino e do masculino de ensino superior, questão esta a ser aprofundada nos capítulos a seguir.

A fotonovela e os quadrinhos de Mark Taylor possuíam estrutura de capítulos, sendo publicadas continuações nas edições subsequentes, funcionando como uma estratégia editorial

para que a leitora, ávida por saber a continuação da fotonovela ou desfecho da história em quadrinhos, adquirisse o número seguinte da revista.

A temática moda, que junto com cinema e rádio, era mais acentuada pela revista, contava com um espaço exclusivo para a abordagem de seus assuntos, um suplemento chamado *Jornal da Mulher*.

1.4 O suplemento *Jornal da Mulher* e o lugar (im)provável do feminino de ensino superior

Exatamente no meio da revista estava localizado o suplemento em anexo ao *Jornal das Moças*, como “o lugar” destinado a falar de moda. Caracterizado como uma revista quinzenal de figurinos e bordados, o suplemento *Jornal da Mulher* vinha na parte central da revista trazendo modelos e moldes. Sua publicação teve início em 31 de julho de 1930, no exemplar nº 790 da revista, cabendo a “Mme. Yara Sylvia” a direção. Inicialmente publicava, também, uma coluna denominada *Evangelho das Mães*, a qual passou posteriormente ao corpo da revista.

O *Jornal da Mulher* era impresso em papel diferenciado – o papel couché, um tipo de papel brilhante de origem francesa e utilizado para impressão de fotos, demonstrando uma forma de chamar atenção para aquele suplemento. Em grande parte de seus exemplares, os modelos e moldes de bordados limitavam-se a trazer idéias para decorar panos de prato e toalhas de mesa. A inspiração para essa decoração variava de acordo com a temática a ser trabalhada pela editora do suplemento, e sua duração era relativa. Como exemplo, temos a temática DIAS DA SEMANA – a cada semana um modelo diferente de bordado para pano de prato fora publicado, totalizando sete edições para esgotar esse tema, sendo que sua repetição se dava de tempos em tempos.

A parte de figurino compreendia modelos e moldes de roupa. Os modelos de roupas eram apresentados ou por meio de fotos com mulheres trajando roupas assinadas por estilistas estrangeiros, ou com figuras femininas desenhadas a mão livre. As fotos traziam mulheres vestidas em modelos de roupas elegantes, fazendo poses típicas de manequins, e sua referência era majoritariamente aos estilistas norte-americanos mais prestigiados, seguido dos franceses, sendo acompanhados de uma descrição do tecido e, em alguns casos, da indicação de onde poderiam ser usados; destacamos uma destas fotos para demonstrar como eram apresentados os modelos de roupa dentro do suplemento.



IMAGEM 19. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº 1515. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2305, de 20 de agosto de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na IMAGEM 19, do exemplar nº. 1515, referente ao ano XXIX do *Jornal da Mulher*, publicado no exemplar nº. 2305 de 1959, a modelo aparece ao leitor vestindo “duas peças”, ou seja, vestido e casaco, ambos “na cor da moda: cenoura”, usando luvas faz pose ao segurar o cigarro. Essa foto além de exemplificar apresentação da parte de moda do *Jornal da Mulher*, mostra sua pretensão em ditar tendências através da cor do modelo de roupa e da postura da modelo. O hábito de fumar aparece aqui representado como sinônimo de requinte.

Ilustrando semanalmente o Suplemento, os modelos de roupas desenhados a mão livre eram representados por imagens de mulheres vestindo peças abaixo dos joelhos, com seios arredondados, cintura fina e marcada, acentuando o quadril com medida proporcional aos ombros.



IMAGEM 20. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXVI, nº 1843. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2134, de 10 de maio de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Os desenhos de modelos de roupa a mão livre destacavam-se pelos detalhes das roupas e dos acessórios. As poses das modelos desenhadas denotam que a elegância feminina era fruto de sua atitude ao usar a roupa.

O suplemento continha também dois moldes - o figurino usado na capa em tamanho real, e a miniatura de uma roupa completa. Esse molde em miniatura vinha com a foto do modelo da roupa, seguido de uma descrição do mesmo, para que os interessados pudessem reproduzi-lo. As moças que os trajavam variavam entre modelos profissionais e artistas do cinema.

No molde do exemplar de número 2208, de 10 de outubro de 1957, a “graciosa artista da Metro” Audrey Hepburn trajava “um conjunto esportivo muito gracioso”, demonstrando que atrizes poderiam usar os modelos de roupas comuns e menos glamorosos, tornando-as mais próximas e acessíveis às leitoras da revista.

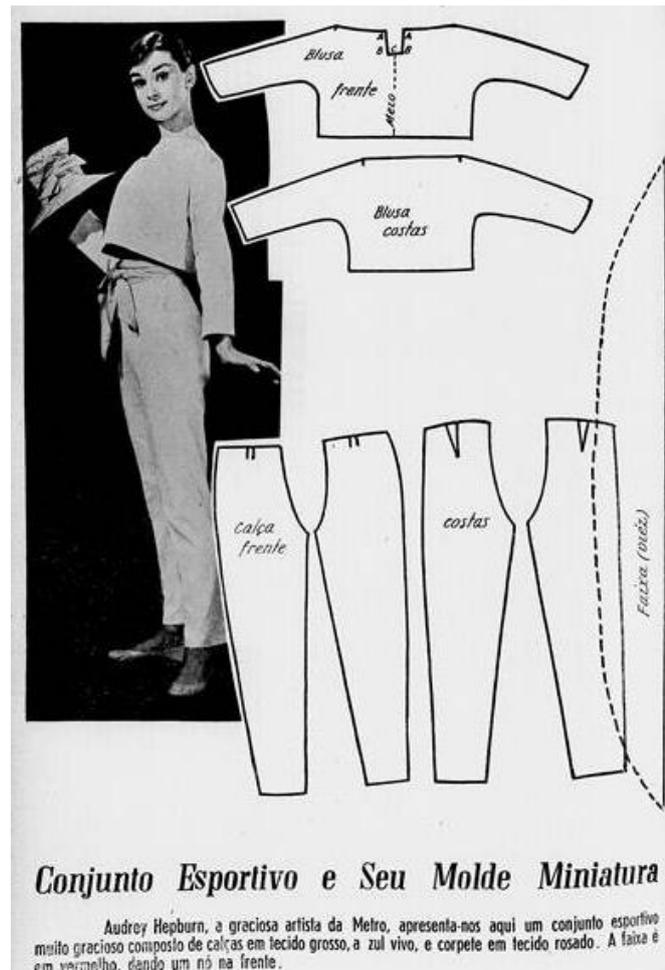


IMAGEM 21. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXXVII, nº 1915. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2208, de 10 de outubro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Essa apresentação dos moldes no *Jornal da Mulher*, aproximando “o mundo do cinema” do cotidiano, nos faz pensar que “moda e cinema – cada vez mais influentes – construíram as figuras da mulher nos anos 1940 e 1950. Filmes propagavam novos hábitos de consumo, reforçados pela imprensa” (BUITONI, 2009, p.12), influenciando as representações do que é *ser* feminino não somente por meio dos filmes, mas também estimulando a aquisição de novos costumes como, por exemplo, vestir os mesmos modelos de roupas das atrizes.

Ao longo do tempo, nota-se que, além de bordados e figurinos, o Suplemento passou a contar com pequenas colunas fixas e pontuais, e também artigos. Dentre as colunas fixas do suplemento *Feminismo a Varejo*, surgida no final da década de 1950, se destacava ao trazer notícias internacionais, bem como os feitos da mulher pelo mundo.

Essa coluna é digna de nota, pois mesmo ficando entre as fotos das modelos de roupa, configurou-se como uma fonte de notícias sobre a mulher e seu papel nas universidades ao redor do mundo, sendo significativo o fato deste espaço ser dirigido por uma mulher, questão essa que será aprofundada no Capítulo II.

Diretora chefe do *Jornal da Mulher* por quase trinta anos, Yara Sylvia fora também articulista da revista e escreveu alguns artigos e colunas ao longo do período em que permaneceu na linha editorial. De sua participação enquanto articulista da revista, é significativo o texto de sua autoria *Jornal das Moças*, cujo título se apresentava ao leitor tal como o nome da revista se fazia impresso na capa, publicado na coluna “Crônica”²⁶, no “Número Especial de Aniversário” do periódico, o exemplar nº. 2198, de 01 de agosto de 1957.

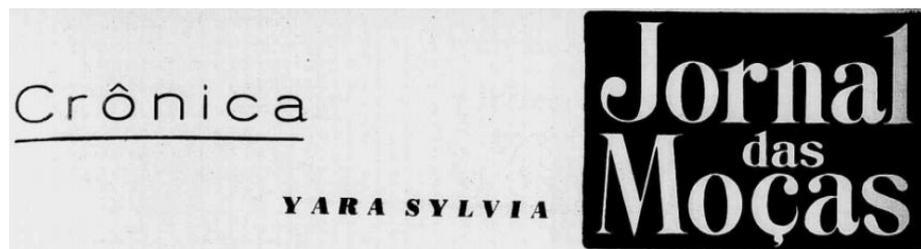


IMAGEM 22. Exemplar nº. 2198, de 01 de agosto de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

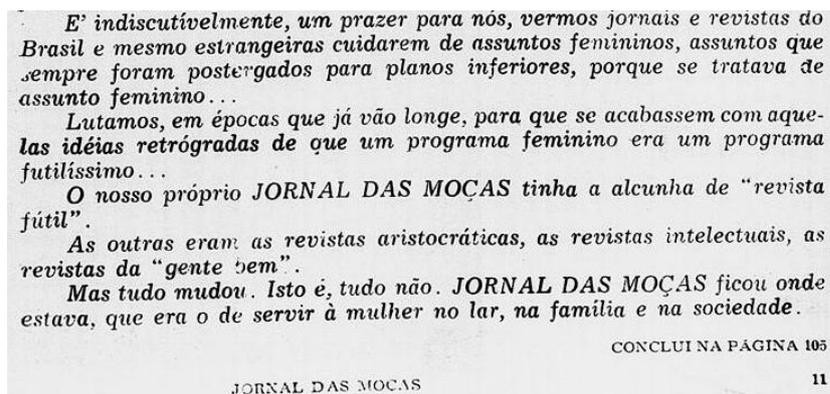


IMAGEM 23. Exemplar nº. 2198, de 01 de agosto de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Pela fala de Yara Sylvia, a revista *Jornal das Moças* era considerada como fútil por tratar de assuntos femininos, o que era por ela contestado, conforme podemos ver através de seu posicionamento, demonstrando sua “felicidade” em relação a essa mudança de concepção. Entretanto, é ainda com “felicidade” que afirma que nem tudo havia mudado, considerando que o *Jornal das Moças* mantinha-se inalterado frente ao seu dever “de servir a mulher no lar, na família e na sociedade”.

Na edição nº 2251, de 07 de agosto de 1958, escrevia um texto intitulado *Jornal das Moças e Jornal da Mulher*. Desse, destacamos dois trechos por estabelecerem a relação entre a revista e seu suplemento.

²⁶No período em estudo, esta foi a primeira e única vez que a referida coluna fez parte do conteúdo da revista.

E JORNAL DAS MOÇAS digno pela sua tradição de bem servir os seus leitores, lá para as bandas de 1930, lançava como o seu anexo, o JORNAL DA MULHER, periódico que não foi desanexado por pedido de todos os que acompanham a trajetória do primeiro desses dois magazines femininos.

IMAGEM 24. Exemplar nº. 2251, de 07 de agosto de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Reforçando o papel da revista “de bem servir aos seus leitores”, justifica a articulista a criação do “seu anexo, O JORNAL DA MULHER”. Pensado para ser um suplemento, aquilo que veio somar, sua fala indica que o anexo adquiriu caráter próprio e por isso fora sugerido que fosse desanexado. Entretanto, “não foi desanexado” por pedido de seus leitores.

Sem um pingão de malícia é JORNAL DAS MOÇAS a revista, por excelência, da família, do lar puro, do lar cem por cento, onde, ainda, se ouve, com frequência, e grande alegria, expressões como estas:

“Não temos receio de JORNAL DAS MOÇAS em nossa casa”.

Severa vigilância foi sempre exercida, em todos os setores a fim de evitar que, por um lapso, saísse qualquer coisa de sentido dúbio, pois além dos lares puros onde a nossa revista penetra, ela chega, também, aos colégios sacros e profanos, onde a juventude precisa de sábios conselhos e instruções, permanentes para a própria subsistência.

IMAGEM 25. Exemplar nº. 2251, de 07 de agosto de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Yara Sylvia afirmava que “severa vigilância foi sempre exercida” na escrita da revista “a fim de evitar que, por um lapso, saísse qualquer coisa de sentido dúbio”. A escrita e a forma com que esse conteúdo era apresentado aos leitores expressavam uma grande preocupação e um cuidado para que eles não dessem margem a ambiguidades, o que poderia comprometer o caráter familiar da revista. A expressão “severa vigilância” indica ao leitor que havia um filtro, a fim de não deixar passar uma mensagem que pudesse dar margem para transcender o papel de “servir à mulher no lar, na família e na sociedade”.

A articulista, ciente do seu papel, sabia que a juventude “precisa de sábios conselhos e instruções, permanentes para própria subsistência”. Se seus conselhos seguiam a diretriz dos editores, dentro de espaço privativo do suplemento *Jornal da Mulher*, Yara Sylvia permitia mostrar às mulheres um mundo de possibilidades, indicando, inclusive a presença feminina nas Universidades, como veremos a partir do Capítulo II.

Em 16 de junho de 1960, a direção desse suplemento foi alterada, saindo das mãos de Yara Sylvia e passando para “Hermínia Menezes”. O sobrenome Menezes nos remete à equipe editorial da revista. Na revista número 1991, de 13 de agosto de 1953, foi publicada a cobertura de fotos do casamento da filha do Sr. Alvaro Menezes, diretor e redator da revista, onde é mencionado o nome de Hermínia Menezes como esposa do diretor. Logo, a partir da década de 1960, a direção da revista e de seu suplemento ficaram a cargo da família Menezes.

Assim sendo, o *Jornal da Mulher* se constituiu como espaço privilegiado das mulheres na revista, na medida em que era dirigido por uma, dedicado exclusivamente a esse grupo, trazendo figurinos e bordados, ao mesmo tempo em que apresentava notícias sobre o feminino ao redor do mundo, destacando-se a presença no ensino superior em outros países, como nos Estados Unidos e países da Europa.

Em sendo um suplemento ao *Jornal das Moças*, sua publicação se dava também nos números e edições especiais da revista.

1.5 “Extra, extra!” – o papel dos números especiais para a construção da “moça para casar”

Apoiando-se no slogan de revista “sadia” para “mulher no lar, na família e na sociedade”, o *Jornal das Moças* publicava edições e números especiais, como o Especial de Dia das Mães e das Noivas. Essas edições eram bastante semelhantes aos seus números ordinários, sendo incrementadas com reportagens, textos e fotos referentes ao tema específico de cada edição. A quantidade de páginas a mais e de colunas extras funcionavam, em grande medida, como uma estratégia para um aumentar de preço da revista e tentar incrementar suas vendas, já que o custo para sua produção era maior. Os anúncios dessas edições ocupavam as páginas da revista nas semanas anteriores ao seu lançamento, de forma a criar uma expectativa nas leitoras.

O *Especial de Dia das Mães* era publicado sempre próximo ao segundo domingo de maio, ou seja, próximo ao Dia das Mães. Suas matérias construía uma imagem da mulher como boa mãe e excelente dona de casa, trazendo exemplos reais como os de atrizes ou cantoras bem sucedidas. As colunas de cuidados com a saúde dos filhos contavam com espaço maior, enfatizando a importância da mãe para manutenção de um lar saudável.

Cabe destacar que a origem da celebração do Dia das Mães remonta ao rol de conquistas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), associação feminista fundada em 1922, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal²⁷. De acordo com Susan K. Besse, em 1932 a FBPF “obteve duas vitórias políticas: o sufrágio político e a instituição do Dia das Mães” (BESSE, 1999, p.184), indicando a referência a essa data comemorativa, como tendo início em maio do mesmo ano.

Ao retomarmos a análise das publicações extraordinárias da revista, destacamos da edição especial do *Dia das Mães* publicada em 16 de maio de 1957, a reportagem *As mães*

²⁷ Apontam os estudos de Nailda Marinho Costa Bonato, que a FBPF tinha como propósito discutir “entre outros assuntos, a educação e a instrução para mulheres como meio destas conquistarem maiores garantias e direitos sociais e políticos, entre os quais o próprio direito à educação e à instrução” (BONATO, 2005, p. 135).

A primeira edição do *Especial de Noivas* foi publicada outubro de 1947, sendo que em 1950 não foi possível saber se houve sua publicação, devido aos poucos exemplares disponíveis para consulta neste ano, tendo sua publicação fixada neste mesmo mês.

Em 1954, foram publicados cinco edições especiais de noivas e em 1955, quatro edições, ou seja, durante todo o mês de outubro, por dois anos consecutivos, a revista só falou sobre casamento. Entre os anos de 1956 e 1958, foi publicado um Número Especial de Noivas a cada ano. A partir de 1959, a edição foi ficando menor, em 1960, não foi publicada.

Por ser uma edição extraordinária da revista, justificava o valor mais elevado do que o de costume, por contar com um número maior de páginas, uma média de 100 páginas, trazendo modelos de vestidos de noiva de estilistas famosos e dicas de toda ordem em matéria de casamento, as quais não mudavam de um ano para outro.

Sabemos, conforme comentado anteriormente, que era uma prática da revista fazer propagandas das edições especiais nas semanas que antecediam a sua publicação. O exemplar nº. 2258, de 25 de setembro de 1958, publicava o anúncio a respeito do “maravilhoso número especial dedicado às noivas”.

**SENHORAS
E
SENHORITAS:**

E' na próxima semana que sairá
O MARAVILHOSO NÚMERO
ESPECIAL dedicado

A's Noivas

SOBERBO, MAGNIFICO É O SEU TEXTO, COM DEZENAS DE VESTIDOS DE NOIVAS; ARRANJOS PARA CASA; CONSELHOS PARA A FESTA NUPCIAL. É UM NÚMERO QUASE TODO LINDAMENTE COLORIDO E EM ÓTIMO PAPEL **COUCHE** E ACETINADO.

É UM NÚMERO QUE SUPERA OS SEUS NÚMEROS ANTERIORES DE NOIVAS.

COMUNIQUE AS SUAS AMIGAS, DA SAÍDA DE **JORNAL DAS MOÇAS NO DIA**

27 DE SETEMBRO

Preço do exemplar, em todo o Brasil

CR\$ 15,00

NAO SE ESQUEÇAM DE QUE ELE VALE PARA O ANO INTEIRO, PODENDO SER CONSULTADO INUMERAS VEZES, COMO UM AUTENTICO REPOSITÓRIO DE COISAS UTILISSIMAS, NAO SO PARA AS NOIVAS, COMO PARA OS PAIS, OS AMIGOS E CONHECIDOS QUE COMPARECEM AO CASAMENTO.

JORNAL DAS MOÇAS

IMAGEM 27. Exemplar nº. 2258, de 25 de setembro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Destinado às “senhoras e senhoritas”, esse periódico especial se destacava por ser “soberbo e magnífico”. Seu conteúdo continha “dezenas de vestidos de noiva; arranjos para casa; conselhos para festa nupcial”. Impresso “colorido e em ótimo papel couché e acetinado”, trazia em si a promessa/ a expectativa de “supera(r) os seus números anteriores de noivas”.

Induzindo ao uso “não só para as noivas, como para os pais, os amigos e conhecidos que comparecem ao casamento”, tinha como função ser “um autêntico repositório de coisas utilíssimas” em matéria de matrimônio, sem validade ou duração “podendo ser consultado inúmeras vezes”. Ao explicitar seu preço em negrito com caixa alta, sugere que o valor desta edição especial não era o mesmo de um número ordinário.

O casamento se delineava, desta forma, nas linhas do *Jornal das Moças* como um momento muito importante da vida de uma moça, exepressando-se como o seu objetivo maior, praticamente “um sonho” a ser materializado. Se casar era o “sonho” de toda moça, qual seria o perfil de moça “para casar”, definido pela revista? Nos estudos de Pinsky sobre as mulheres dos *Anos Dourados*, feito a partir das matérias publicadas neste impresso, vemos que para construir a definição de moça “para casar”, a autora iguala o ato de aprender a ser mulher ao seu direcionamento rumo ao casamento. Desta forma, a fim de entendermos quem seria a moça “para casar” caracterizada pelo periódico, a autora assim explica:

As jovens solteiras são divididas entre “moças de família” e “garotas de programa” (não necessariamente prostitutas). As do primeiro tipo devem conter sua sexualidade em limites bem estreitos e serão respeitadas pelos rapazes principalmente se souberem “fazer-se respeitar”, não permitindo maiores intimidades e não dando motivos a fofocas, críticas ou más interpretações. Só assim poderão ser consideradas candidatas adequadas ao papel de esposa. As “moças de família”, portanto, não podem ser confundidas com as “levianas” (com quem os rapazes namoram, mas não se casam), nem em termos de reputação e menos ainda em termos de atitudes (PINSKY, 2014, p. 56).

Ao primeiro grupo de garotas destacado por Pinsky – “as moças de família”, o *Jornal das Moças* assumia o papel de ser a sua revista por excelência, constituindo-se essas moças no tipo “ideal” de mulher para casar, por “se darem ao respeito”. Nesse discurso que construía a representação da “moça de família” era nítido perceber o quanto “(...) as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos, não só como sexo genital, mas igualmente moldando-os e sujeitando-os às práticas normativas que hoje se encontram disseminadas no Ocidente” (SWAIN, 2001, p.68).

O tipo ideal de mulher para casar era construído no *Jornal das Moças* a partir de regras que regiam a conduta das mulheres. A identidade feminina era “moldada” através de um padrão de aptidões e comportamentos que todas as mulheres “para casar” deveriam ter.

No *Especial de Noivas* do exemplar nº. 2259, de 27 de setembro de 1958, encontramos na matéria *Para ser uma esposa cem por cento*, publicada na coluna *Lembrete às Noivas*, um exemplo desse padrão de aptidões.

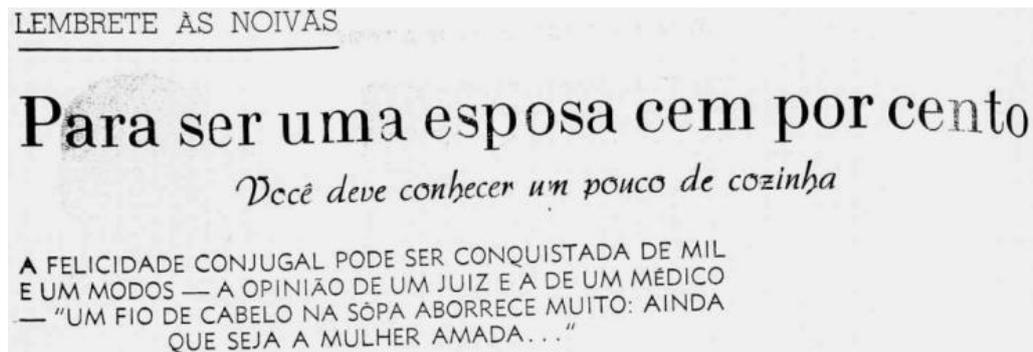


IMAGEM 28. Exemplar nº. 2259, de 27 de setembro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Um “lembrete às noivas” era dado nesta matéria, associando “uma esposa cem por cento” aos dotes culinários, avisando a elas que era preciso “conhecer um pouco de cozinha”. Respalhando a argumentação estabelecida pela coluna, no que diz respeito a questão da felicidade conjugal, estava “a opinião de um juiz e a de um médico”.

mulher ou a questões femininas. Uma dessas opiniões era atribuída à conhecido juiz que durante longos anos exerceu importante cargo na Vara da Família, na Justiça norte-americana. Especialista que era em questões de divórcio, o magistrado em apreço falou com autoridade, quando disse que “a felicidade conjugal está nas mãos tanto da mulher como do marido...” A outra opinião era atribuída a um médico francês de não menor reputação: “A felicidade conjugal — frizou êle — tem por base as habilidades da esposa na cozinha...” Se nos fôsse imposto optar por uma destas duas opiniões, escolheríamos a segunda, partindo do princípio que a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago...

IMAGEM 29. Exemplar nº. 2259, de 27 de setembro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Afirmando a coluna que “a felicidade conjugal pode ser conquistada de mil e um modos”, o “conhecido juiz que durante longos anos exerceu importante cargo na Vara da

Família na Justiça norte-americana” e “especialista na questão de divórcio”, atribuía a felicidade do casamento ao homem e à mulher em igual medida. Já “um médico francês de não menor reputação” tinha outra opinião condicionando a felicidade conjugal à capacidade da mulher cozinhar. A revista, achando-se no direito de também opinar sobre a questão “partindo do princípio que a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago ...”.

A construção dessa representação de esposa passa pela visão de dois profissionais estrangeiros, formados em cursos de nível superior: um advogado, que atribui a felicidade conjugal ao casal, e um médico, que atribui essa felicidade a habilidade da esposa em cozinhar. Por fim, “batendo o martelo” sobre o assunto, o *Jornal das Moças* se posiciona a favor do médico francês, colocando a responsabilidade da felicidade do casamento na mulher.

O advogado, especialista em divórcios e atuante na Vara de Família, indicava em sua resposta seu traquejo profissional, na medida em que, apresentando uma fala conciliatória e equilibrada, atribuía às duas partes envolvidas a responsabilidade em termos de vida a dois. O médico, em contrapartida, respondia segundo sua visão clínica do assunto, vendo a parte orgânica do indivíduo que precisa de alimento para sobreviver, atribuindo a felicidade matrimonial ao bom funcionamento do organismo, opinião esta também compartilhada pela revista.

O “lembrete” dado às futuras noivas nessa reportagem, na medida em que condiciona a felicidade conjugal aos dotes culinários femininos, acaba nos remetendo à pergunta título do trabalho – Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? Esse condicionamento, indica que, para o periódico, o lugar de mulher é na cozinha - será?

A linha editorial da revista do *Jornal das Moças* pretendia assim criar a imagem da “moça para casar” como aquela preparada para cuidar do lar e da família. Entretanto, apesar de incentivar a moça a se casar, não tocava, na questão da sexualidade. Nada era dito sobre a noite de núpcias. Era como se a vida da moça parasse no final de um conto de fadas infantil dizendo: “E foram felizes para sempre”, deixando-a num vácuo entre o final da festa de casamento e o início da vida a dois. A lua mel não era assunto a ser tratado pelo periódico, nem mesmo no *Especial de Noivas*.

A concepção da sexualidade dessa mulher é, contudo, algo bastante complexo, na medida em que requer a junção de normas, regras, padrões e paradigmas morais, sendo que “(...) a sexualidade torna-se o eixo principal da identidade e do ser no mundo, fundamentando-se em valores institucionais tais como procriação, casamento, família” (SWAIN, 2001, p.70). Logo, se para Swain (2001) a sexualidade constrói a identidade

feminina e a masculina, para o *Jornal das Moças* não fazia parte de sua pauta orientar as moças nesse sentido.

Na imprensa feminina da década de 1950, “buscar o ‘amor verdadeiro’ é o objetivo máximo, a única finalidade apontada como válida para mulher. (...). Nota-se que o ‘amor verdadeiro’ ainda é encarado, aqui, como realizável apenas por meio do casamento” (BUITONI, 2009, p.102), indicando assim que o matrimônio era o caminho para construção das identidades de mulheres e homens.

Entretanto, o direcionamento para o casamento “perfeito”, nas páginas da revista, estava ligado à conduta feminina e em como ela deveria agir para que tudo corresse bem, sendo a mulher o centro desse processo, que visava, primordialmente, agradar o homem.

As duas edições especiais da revista, a de noivas e de dia das mães, estavam interligadas uma a outra, na medida em que o casamento levava à maternidade. Seus exemplares contavam, dada as devidas proporções de cada um, com as mesmas colunas dos exemplares ordinários da revista, variando, somente, o foco das colunas e reportagens, pois em se tratando de números especiais voltados a um tema específico era de se esperar que seu conteúdo girasse em torno desse tema. As propagandas, que eram marcas registradas do periódico, também acompanhavam o foco destas edições, caracterizando-se como estratégias para ajudar na construção da imagem da “moça para casar”.

1.6 Uma “beleza” de propaganda: os anúncios e a “alma” do periódico

Em sua pesquisa sobre a imprensa no século XX, Buitoni (2009) destaca que na década de 1950 a imprensa brasileira estava se industrializando, refletindo diretamente na imprensa periódica. Isso intensificava a ligação entre imprensa feminina e o consumo, passível de ser visto nas páginas da revista, principalmente nos itens ligados aos produtos específicos para o público feminino.

Ao analisar a imprensa na cidade, no período entre os anos de 1946 e 1964, Martins e Luca destacam que “as verbas injetadas pela propaganda e pela publicidade” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 86) é que garantiam a sobrevivência da imprensa, na medida em que “os anunciantes patrocinadores preferiam se colocar nos jornais e revistas, considerados mais seguros de retorno” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 87).

Luca (2013), ao trazer informações mais específicas a respeito das revistas dedicadas ao público feminino, afirma que “a revista, ou melhor, a mercadoria revista, deve apresentar-se como capaz de interessar e satisfazer necessidades de possíveis consumidores” (LUCA, 2013, p. 457). Continuando com suas reflexões, a autora entende que para satisfazer essas

necessidades, nada mais eficaz do que as propagandas “que deverão se valer das suas páginas para atingir consumidores preestabelecidos” (p. 458). Dessa maneira, “o consumo ocupa lugar estratégico na imprensa feminina como um todo” (p.464).

O periódico *Jornal das Moças*, dependendo do financiamento dos seus patrocinadores e anunciantes para se manter “entre as 10 revistas mais lidas no Brasil”, seguia esse ritmo e fazia propaganda dos mais variados serviços e produtos: suas edições especiais, produtos de beleza, cerveja, programas de rádio e televisão, entre outros. Podemos então afirmar que a propaganda era a “alma” do periódico.

Conforme proposto por Chartier (1992) em seus estudos sobre a materialidade do texto, podemos perceber que as propagandas se inserem nas estratégias editoriais para motivar os leitores, direta e indiretamente, a comprarem produtos e ideias “vendidas” na revista. Este autor caracterizou a materialidade do texto, a partir das estratégias editoriais, indicando que elas são fruto das coações que o texto impõe ao leitor; afirmando que essas estratégias se fazem visíveis através de dois processos: quer por parte das estratégias usadas na escrita, quer pela forma como o *layout* da revista conduz a determinado pensamento ou postura. Os dois processos que constituem a materialidade são perceptíveis através da linha editorial que produz a diagramação da revista, e das propagandas que o impresso divulga.

Nesse sentido, o uso de letras maiores para destacar o que é mais relevante, as informações mais importantes ficarem na parte superior, o uso de linguagem mais acessível e jargões são exemplos de como a diagramação de uma página influencia o olhar do leitor sobre o anúncio.

Observando os produtos anunciados pela revista, percebemos que os produtos de beleza *Antisardina* e *Leite de Colônia* se fazem significativos, dado o número expressivo de propagandas. *Antisardina* era um creme específico para cuidados da pele do rosto com variadas indicações de uso. Sua popularidade é comprovada ao contarmos 145 ocorrências entre os anos de 1956 e 1961.

Afirma a propaganda do creme *Antisardina* ser esse produto “o único creme científico de ação eficaz e duradoura na extinção de sardas, manchas e espinhas”, com a promessa deixar a mulher “sempre bela”. Para cumprir essa promessa, a fórmula do creme “proporciona uma *cútis* linda sem imperfeições”. Uma pele bonita era sinônimo de “confiança na beleza natural”, associado à garantia do prolongamento de “sua juventude”.

Lê-se o texto do anúncio na íntegra:

Antisardina
o único creme científico de ação eficaz e duradouro na extinção de sardas, manchas e espinhas, proporciona à mulher uma cutis linda sem imperfeições, devolvendo-lhe a tão desejada coarctação da beleza natural do seu rosto e prolongando a sua juventude.

Antisardina
o único creme científico de ação eficaz e duradouro na extinção de sardas, manchas e espinhas, proporciona à mulher uma cutis linda sem imperfeições, devolvendo-lhe a tão desejada coarctação da beleza natural do seu rosto e prolongando a sua juventude.

CONFIE EM
Antisardina
E SORRIA FELIZ...

use
Antisardina
e seja sempre bela.

IMAGEM 30. Exemplar n°. 2017, de 12 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O anúncio publicado no exemplar n°. 2017, de 12 de janeiro de 1956, conforme nos mostra a IMAGEM 30, destaca a base científica e seu caráter ímpar, os quais deveriam proporcionar ao usuário segurança em relação ao produto, gerando o slogan “confie em *Antisardina* e sorria feliz”. A confiança pregada pela propaganda, como bom informe publicitário, indicava um duplo sentido na medida em que a mulher estava confiando o seu cartão de visitas, a pele do rosto, a “cutis”, ao creme, ao mesmo tempo em que acreditava na eficácia dele.

O segundo produto de beleza mais anunciado na revista foi o *Leite de Colônia*, com 78 ocorrências no período. Vendido desde 1948 até os dias de hoje “é uma tradicional marca de produtos para o cuidado facial desenvolvidos especialmente para auxiliar na limpeza profunda da pele e mantê-la protegida contra as agressões externas.”²⁸

²⁸Informações disponíveis no site da marca Leite de Colônia: <http://leitedecolonia.com.br/>. Acesso em: 11.06.2018.

Não permita que poros dilatados destruam sua beleza!

Para manter o frescor de sua pele é indispensável uma limpeza profunda e tonificante com a reativante ação medicinal do

Leite de Colonia

Durante horas a fio, seu rosto suporta uma camada de maquiagem, que pode obstruir seus poros e dilatá-los para sempre! Assim, defenda sua beleza, fazendo uma limpeza profunda e vitalizante de sua pele. Sejam quais forem os preparados que você use em sua maquiagem, sua pele precisa do Leite de Colonia... para limpá-la efetivamente. E com sua comprovada ação medicinal, Leite de Colonia elimina também manchas, sardas, espinhas e outras imperfeições. Você ficará maravilhada com os resultados que só Leite de Colonia pode oferecer!

É o mais simples cuidado de beleza!

Embeba algodão em Leite de Colonia e azeite, em sucessivas fricções, sobre seu rosto bem molhado de água. Assim, toda pele aceita bem Leite de Colonia.

Insista com Leite de Colonia

- preparado pelo médico Dr. A. Studart



IMAGEM 31. Exemplar nº. 2125, de 08 de março de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Com a proposta de limpar e tonificar a pele “para manter o frescor”, o *Leite de Colônia* incentivava a leitora a defender “sua beleza, fazendo uma limpeza profunda e vitalizante”, prometendo ser a “arma” da mulher para manter a beleza do rosto, na medida em que retiraria a maquiagem sem danificá-la. Seu cunho “medicinal” prometia, também, remover manchas e sardas, ao mesmo tempo em que retiraria outras imperfeições. O modo de utilização do produto indicado na parte inferior esquerda da propaganda afirmava ser “o mais simples cuidado de beleza”.

Como podemos perceber pela análise dos anúncios dos produtos destacados, o motivo deles terem contado com tamanho espaço na revista por tão longo tempo residia no lucro obtido pela venda do produto, que permitia o pagamento pelo anúncio na revista. Baseando esse anúncio nas promessas da manutenção de uma pele jovem e bonita, estabelecia “um ideal de beleza” proposto à leitora do *Jornal das Moças*. Mas o que seria então, para a revista, uma pele jovem e bonita?

Em sua análise de revistas femininas ao longo do século XX, Buitoni destaca que há “(...) um estereótipo, proposto como se fosse o natural das mulheres: a beleza” (BUITONI, 2009, p.100), apontando que às mulheres mais novas é imposto o culto a juventude, o eterno *Shangrila*²⁹; já às mulheres maduras torna-se essencial ser encantadora. Para essa autora, nas revistas a beleza se configurava como atributo necessário à condição feminina, independentemente de sua idade. O ideal de beleza defendido pelas propagandas da revista pretendia construir um “modelo” de mulher único, ou seja, um padrão de beleza único. A mulher, conforme essa visão, deveria se esforçar e adquirir produtos para poder se encaixar nessa construção realizada e idealizada. Na direção de uma padronização sobre o “ser mulher”, Swain assim se expressa:

As composições de gênero determinam os valores e modelos desse corpo sexuado, suas aptidões e possibilidades, e criam paradigmas físicos, morais, mentais, cujas associações tendem a homogeneizar o "ser mulher", desenhando em múltiplos registros o perfil da "verdadeira mulher" (SWAIN, 2001, p.67).

A autora afirma que ao definir papéis, as mulheres acabam sendo submetidas a algumas condutas, prescritas, do que deve ou não fazer, do que se espera que faça, criando assim paradigmas e “perfis”. Nesta lógica, há uma regulamentação e uma normatização com relação ao corpo, à sexualidade e a sua vida de um modo geral. Essa normatização é rígida, culminando com a criação de modelos estratificados do que é “ser mulher”, bem como da “verdadeira mulher”.

Desta forma, ao procurar construir uma representação de “ser mulher” através do ideal de beleza, a propaganda seria a principal estratégia da revista para que a leitora comprasse a imagem do feminino relacionada a esse ideal.

Na reportagem *A vida moderna*, publicada na edição de número 2144, de 19 de julho de 1956, observamos a importância da aparência física no universo feminino. Esbarrando em limitações, como a ausência de indicação de autoria, e outras decorrentes do processo de digitalização, optamos pela transcrição de um fragmento que se fez relevante.

²⁹Tomamos a liberdade em usar esse termo no sentido de ser algo inalcançável, um paraíso terrestre perdido, assim como uma das definições do termo o sugere. Ao perseguir uma beleza jovial, a mulher fica absorta na missão de se manter bonita assim como muitos procuraram o Shangri-la, sem obter sucesso. Shangri-la é descrito no romance *Horizonte Perdido* como um lugar paradisíaco nas montanhas do Tibete, escondido do mundo exterior, adquirindo o status de lenda ao caracterizar esse lugar fictício, como envolto em um ambiente de felicidade, onde o tempo parece não passar para as pessoas que lá habitam. Fonte: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/o-que-e-e-o-que-significa-shangri-la/>. Acesso em: 16.05.2019.

A vida moderna exige da mulher múltiplos predicados. Além de trabalhar, a mulher não pode se descuidar de sua aparência, pois esse descuido pode lhe custar inúmeros dissabores. Se é casada, o marido passa a admirar as que dispensam mais tempo com seus predicados físicos; se é solteira poderá ficar sentada em um salão de baile a noite inteira “fazendo crochet”; se é empregada, poderá ser preterida em uma promoção e se é o comércio a sua profissão, poderá ser demitida do seu emprego. Que diremos nós, então, das mulheres que vivem se não exclusivamente, pelo menos em grande parte, dos seus dotes físicos, como as artistas de teatro e cinema?

Transcrição da reportagem *A vida moderna*. Exemplar nº. 2144, de 19 de julho de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O cuidado com a aparência física parecia ser fundamental, visto que “a vida moderna exige da mulher múltiplos predicados”. Apesar dessas exigências, sendo o trabalho uma delas, o descuido com a beleza poderia ser fatal, “lhe custando inúmeros dissabores” tanto na esfera doméstica quanto na profissional. Para aquelas que viviam “em grande parte dos seus dotes físicos, como as artistas de teatro e cinema”, as consequências poderiam ser mais desastrosas. Condicionando o desleixo com a aparência a determinadas consequências desastrosas, como “ser preterida em uma promoção” ou a demissão, dava indícios de que a beleza fazia parte da essência feminina; ser bonita era, portanto, sinônimo de “ser mulher”.

Refletindo sobre as propagandas no *Jornal das Moças*, percebemos que o consumo era incentivado através de propagandas de produtos de beleza por se tratar de uma revista destinada ao público feminino, dirigida e escrita em sua maioria por homens, apesar da presença feminina em sua linha editorial.

O foco da revista, direcionando a mulher para cumprir seu papel no lar, na família e na sociedade, casando e cuidando da aparência física a fim de manter sua pele jovem, bonita e saudável, à custa de produtos de beleza, devendo ser, também, educada e demonstrar inteligência, sem, contudo, fazer alarde de sua condição, principalmente se ela fosse superior a do homem, trazia e construía imagens do feminino. Em meio a essas imagens do feminino dos *Anos Dourados*, vimos mulheres, e também homens, cursando ou formados em alguns cursos de ensino superior retratados na revista, e é sobre isso que iremos tratar nos capítulos que se seguem.

Nesse processo de busca por referências ao ensino superior, encontramos uma quantidade significativa de menções a essa modalidade de ensino em notícias, notas, fotos e contos, no contexto da Europa, dos Estados Unidos da América e do Brasil. As publicações encontradas foram então agrupadas em dois capítulos, de acordo com a sua procedência: as que abordavam o cenário da educação superior estrangeira no Capítulo II, e as que abordavam o cenário da educação superior brasileira no Capítulo III.

Desta forma, no Capítulo II, analisaremos como a revista trazia aos seus leitores imagens e representações sociais de mulheres e homens de formação universitária em países Europeus e nos Estados Unidos da América, buscando destacar o como, a forma e o lugar que essa temática ocupava nas páginas do periódico *Jornal das Moças*.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO DE ENSINO SUPERIOR: O LUGAR DA PRESENÇA ESTRANGEIRA NO *JORNAL DAS MOÇAS*

Viradas as páginas do *Jornal das Moças*, procuramos notícias, notas relacionadas ou a respeito das mulheres estudantes universitárias, ou formadas no ensino superior, comportando representações sobre elas, considerando-se a linha editorial da revista voltada para o papel do feminino no lar, na família e na sociedade. Logo, neste segundo capítulo, como dito no final do capítulo anterior, apresentaremos as menções que faziam referência a países estrangeiros, destacando o lugar em que elas apareciam reproduzidas na revista, utilizando o conceito de representação à luz do pensamento de Roger Chartier. Para este autor, as representações do mundo social são aquilo que, independentemente da vontade dos sujeitos, exprimem suas posições e interesse, ao mesmo tempo em que retratam a sociedade como eles imaginam que ela seja, ou ainda como eles desejariam que ela realmente fosse, sendo caracterizadas como:

Instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstruir em memória e de o figurar como ele o é. Algumas dessas imagens são bem materiais e semelhantes (...) como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado (CHARTIER, 2002, p. 20).

Enquanto instrumento de um conhecimento, as representações se constituem por meio de imagens produzidas, através de sua substituição, fazendo ver o que elas simbolizam e o que as constituem, comportando duas dimensões: aquilo que significam e o significado construído a partir delas.

Para Chartier, as representações do mundo social, enquanto em construção, muito “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17), logo, por mais que tentem ser próximas daquilo que simbolizam, carregam em si traços do grupo que as produziu, e assim perdem a neutralidade.

Apoiando-nos nesse conceito de representações, e refletindo sobre o modo de construção da escrita de impressos, percebemos que as representações produzidas pelos impressos são imagens daquilo que acontecia na sociedade, fruto das decisões de uma linha editorial que escolhia aquilo que seria (ou não) perpetuado através de suas páginas, na medida em que “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos” (CHARTIER, 2002, p. 61 e 62).

Em se tratando de impressos como revistas dedicadas ao público feminino, Nukácia Araújo nos mostra que “a leitura, como uma forma de consumo cultural, permite a (re)apropriação de práticas sociais” (ARAÚJO, 2010, p.115). As práticas sociais as quais a autora se refere são os “lugares permitidos/assumidos/aprendidos por mulheres. No caso de leitoras que se distanciam temporalmente do século XXI, essas práticas podem ser reconstruídas a partir dos escritos destinados à mulher” (ARAÚJO, 2010, p.115).

A leitura do periódico *Jornal das Moças* passa irremediavelmente pela época em que ele se situava e pelo contexto de sua produção, sabendo-se que o seu formato induzia a uma prática de leitura que englobava a capa, a diagramação das matérias, as colunas, as fotos, os suplementos, enfim, todas as estratégias editoriais a fim de construir determinadas representações para seu público alvo. Nessa rede de influências contida na materialidade do periódico, um lugar permitido à mulher parecia ser delineado, indicando que ser mãe, bela esposa e boa dona-de-casa era o “destino” feminino; entretanto nem todas as mulheres ocupavam esse lugar efetivamente, e a revista também mostra isso, mesmo que de forma menos incisiva.

Sua linha editorial era marcadamente influenciada por países estrangeiros, destacando-se em especial os Estados Unidos da América. Essa presença de outros países compondo matérias e colunas nos fez sair em busca dos contornos dos *Anos Dourados*, mostrando as características principais desse período, em especial, entre os anos de 1956 e 1961, envolvendo mulheres estudantes universitárias ou formadas no ensino superior.

2.1 Os contornos dos *Anos Dourados*

No palco da construção das representações do feminino, é fato que o *Jornal das Moças*, “uma das dez revistas mais lidas pela sociedade carioca”, marcava o papel das mulheres no lar, na família e na sociedade também sob influência estrangeira através de publicações que enalteciam e faziam propaganda de um determinado estilo de vida no período em estudo.

Carla Bassanezi em seu estudo *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem – mulher*, entre os anos de 1945 e 1964, aponta que “os Estados Unidos – nesta época, nosso principal ponto de referência – vivem uma situação de prosperidade material que possibilita a afirmação e a difusão do *american way of life* que (...) amplia a área de influencia cultural norte-americana” (BASSANEZI, 1996, p. 174).

Importado dos Estados Unidos da América, o *american way of life*³⁰ tornou-se o estilo de vida predominante apresentado nas páginas do *Jornal das Moças*. Estabelecido num ideal de vida de prosperidade e praticidade nas ações cotidianas, o cinema, as roupas, os contos e os eletrodomésticos foram, ao mesmo tempo, a forma de penetração, e de assimilação como parte dessa nova forma de vida em sociedade, funcionando como sua propaganda.

Apresentando contornos a respeito dos *Anos Dourados*, o autor britânico Erik Hobsbawm caracteriza e denomina o período compreendido entre os anos de 1945 e 1964 de “Era de Ouro”, a época em que o capitalismo fora a forma predominante de organização econômica de um grande número de países, mostrando ser uma saída eficaz para seu reerguimento da Segunda Grande Guerra Mundial³¹. Afirmando que “A Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos” (HOBSBAWM, 1995, p.255), o autor destacava o fato de a supremacia americana ser uma realidade nesse período.

A influência americana era percebida por meio de reportagens veiculadas nas páginas da revista *Jornal das Moças*, e em especial na coluna *O conto da semana*, cujos direitos de publicação adquiridos nos Estados Unidos, traziam para sociedade brasileira representações da sociedade americana.

Em uma matéria publicada em 16 de maio de 1957, no Número Especial do Dia das Mães, encontramos informações a respeito da inserção feminina no mercado de trabalho norte-americano, mencionando dados referentes à formação universitária nesse país.

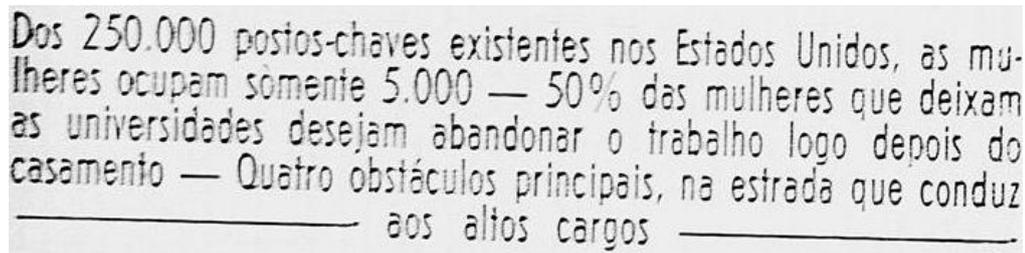
³⁰Segundo Paulo Cunha em sua tese de Doutorado, o *american way of live* era um estilo de vida construído a partir das imagens veiculadas pelo cinema norte-americano, que na década de 1950 criavam representações de um modo de viver em sociedade, funcionando como um padrão de referência para os EUA e para os outros países. Esse modo de viver típico expressava um ideal de felicidade, calcado numa família que convivia harmonicamente em uma casa espaçosa, utilizando eletrodomésticos para facilitar o dia-a-dia. Destacou também o autor que o “*modo americano de viver* (...) disponibilizava para a sociedade cerca de duas mil instituições de Ensino Superior” (CUNHA, 2017, p.16).

³¹Hobsbawm (1995) reconhece a existência histórica de duas guerras mundiais, contudo, afirma que de fato houve “uma guerra mundial de 31 anos”, ou em outras palavras “uma guerra total”. A guerra total começou em 1914, tendo um intervalo entre os anos de 1919 e 1938 para que os países pudessem se reorganizar internamente, realizando alianças e assim continuar guerreando.

ligado a uma quantidade específica de ouro, (...), (HOBSBAWM, 1995, p. 270)

A segurança passada pelos EUA na estabilidade alicerçada em sua moeda, o dólar, foi fundamental para que a dominação econômica americana fosse exercendo seu poder através do livre comércio e dos movimentos de capitais sem tantos impositivos. O livre comércio estimulou a expansão do consumo. “A gama de bens e serviços oferecidos pelo sistema produtivo, e alcance deles, tornava antigos luxos itens de consumo diário. E isso aumentava a cada ano” (HOBSBAWM, 1995, p.263). Esses artigos compreendiam itens de consumo diário, como sabonetes, perfumes, até gêneros alimentícios, como cerveja, passando por produtos de beleza e até roupas. Para o autor “a economia mundial, portanto, crescia a uma taxa explosiva. Na década de 1960, era claro que jamais houvera algo assim. A produção mundial de manufaturas quadruplicou (...)” (HOBSBAWM, 1995, p.257).

No caso do mercado de trabalho nesse país, a reportagem publicada no *Jornal das Moças*, no Número Especial de Dia das Mães de 16 de maio de 1957, traz no subtítulo dados a respeito da participação feminina, destacando-se as formadas no ensino superior.



Dos 250.000 postos-chaves existentes nos Estados Unidos, as mulheres ocupam somente 5.000 — 50% das mulheres que deixam as universidades desejam abandonar o trabalho logo depois do casamento — Quatro obstáculos principais, na estrada que conduz aos altos cargos

IMAGEM 33. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Conforme nos indica este subtítulo, um quinto “dos 250.000 postos-chaves nos Estados Unidos” são ocupados por mulheres, sendo que metade daquelas que acabam o curso universitário demonstram desejo de largar o emprego após o casamento, indicando ainda a presença de “quatro obstáculos principais” aos altos cargos dentro de uma empresa.

Analisando-se o teor da reportagem, percebemos que, em linhas gerais, ela busca responder a três questões: quem ocupa os postos-chaves nas empresas norte-americanas? Qual o lugar da mulher no mercado de trabalho nesse país? Quais são os quatro obstáculos para uma mulher ocupar altos cargos?

Mulheres possuem capacidades iguais às dos homens no domínio da direção comercial, administrativa e industrial. Não pensam assim, os representantes de certos setores industriais, como o do aço, por exemplo. Todos sabem que neste ramo da indústria, bem como na indústria do petróleo, não é lugar onde a mulher possa obter uma boa colocação e prestar um trabalho eficiente, mesmo em cargos mais ou menos elevados, dentro dos escritórios.

Transcrição do trecho da matéria *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!*. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A construção da escrita vai delineando a questão de quem ocupa os postos-chaves, alinhando-a com aquela que envolve o lugar da mulher na indústria em crescimento. Defendendo que “mulheres possuem capacidades iguais a dos homens no domínio da direção comercial, administrativa e industrial”, a reportagem da revista afirmava que nem todos compartilhavam desta opinião, visto que “não pensam assim os representantes de certos setores industriais, como o aço, por exemplo. Partindo da premissa que “todos sabem que neste ramo da indústria, bem como na indústria do petróleo, não é lugar onde a mulher possa obter uma boa colocação e prestar um trabalho eficiente, mesmo em cargos mais ou menos elevados, dentro do escritório”, à mulher parecia ser vetada a direção da fábrica, assim como qualquer outro cargo administrativo, mesmo que de menor importância. Logo, os cargos de chefia eram ocupados por homens, delimitando o lugar da mulher fora da esfera administrativa das grandes indústrias.

As empresas gigantescas, tais como a General Motors, a StandarOil e a United States Steel não recebem com entusiasmo a colaboração das mulheres, nos seus postos de direção, que continuam fechados às representantes do sexo frágil. Para muitos diretores industriais, a ascensão da mulher dentro das empresas não é bem acolhida, e muitos não sabem dar explicação pela sua atitude. Julga que grande parte da sua opinião é o resultado do tradicionalismo anti-feminino reinante na indústria, respeitante aos postos diretivos. As mulheres – pensam eles – não desejam mesmo galgar as altas funções administrativas, onde a responsabilidade é muito grande e delicada contextura física e psicológica.

Transcrição de texto do Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Abordando a questão do lugar da mulher, qualificando-as como “sexo frágil”, aponta a matéria que sua ascensão “não é bem acolhida” no ramo industrial, criando a expressão “tradicionalismo anti-feminino”, que dá o título a coluna. Indicando que os postos de comando ainda se encontravam fechados ao público feminino, o texto usa para justificar esse tradicionalismo, o fato de que “as mulheres – pensam eles – não desejam mesmo galgar as altas funções administrativas, onde a responsabilidade é muito grande”.

Indicando os aspectos que mais chamam a atenção na “Era de Ouro”, Hobsbawm faz algumas considerações a respeito do contingente de mão-de-obra disponível para o mercado de trabalho, incluindo as mulheres:

Em todos os países avançados, com exceção dos EUA, os reservatórios de mão-de-obra preenchidos durante a depressão pré-guerra e a desmobilização do pós-guerra se esvaziaram, novos contingentes de mão-de-obra foram atraídos da zona rural e da imigração estrangeira, mulheres casadas, até então mantidas fora do mercado de trabalho, entraram nele em número crescente (HOBSBAWM, 1995, p.262).

Conforme o pensamento do autor britânico, o movimento das mulheres em direção ao trabalho no pós Segunda Guerra Mundial se torna uma realidade, devido a uma necessidade da expansão de mão-de-obra em diversos países avançados, pois faltavam braços para trabalhar e os postos de trabalho não paravam de crescer, sendo que esses braços eram oriundos da “zona rural e da imigração estrangeira”, bem como das mulheres casadas, até então mantidas fora do mercado de trabalho. Entretanto, no geral, “as mulheres ainda eram dificilmente aceitas no primeiro escalão da vida pública” (HOBSBAWM, 1995, p.266), compreendendo o “primeiro escalão da vida pública” como os cargos importantes de decisão/influência na economia mundial.

Chama atenção a exceção dos Estados Unidos desse processo, justificada pelo autor em outra parte do texto, como consequência do crescimento dos outros “países avançados”, o que gerou uma sensação de estagnação na economia americana, se comparado com os avanços outrora alcançados, afirmando que “para os EUA essa foi, econômica e tecnologicamente, uma época mais de retardo do que de avanço” (HOBSBAWM, 1995, p. 254).

A respeito das palavras deste autor, percebemos o quanto o acesso feminino a funções de prestígio e ao mercado de trabalho em si ainda era restrito. Logo, se o “primeiro escalão da vida pública” não pertencia às mulheres de todos os países avançados, segundo Hobsbawm, os cargos de chefia também não eram pertinentes às norte-americanas, conforme aponta o título da reportagem *As mulheres norte-americanas não nasceram para ... mandar!* Pensando-se sobre a publicação do exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957, na medida em que ela aponta o movimento feminino em direção ao trabalho, longe, contudo, dos cargos de chefia, vemos que ela sinalizava áreas de atuação profissional feminina na sociedade estadunidense nas imagens que a ilustravam.

Ao utilizar a palavra “lugar” para designar os postos de trabalho das mulheres na sociedade norte-americana, as legendas das fotos contidas na matéria nos remetem ao título

deste trabalho dissertativo. Problematicando essa questão do “lugar da mulher”, percebemos a sua inserção no mercado de trabalho americano nas profissões de secretária ou de modelo, conforme anunciado pela revista.



IMAGEM 34. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A profissão de secretária, conforme nos mostra a IMAGEM 34, seria “quase sempre” o posto máximo de uma mulher dentro de uma empresa, indicando que este era seu “lugar”, diferentemente da chefia. O uso da palavra “lugar” indica que havia um espaço delimitado para atuação feminina “nos escritórios e grandes companhias dos Estados Unidos”; entretanto, ao mencionar que esse era “quase sempre” seu lugar indicava haver uma possibilidade de inserção em outras atividades profissionais.

Falando sobre o trabalho das mulheres no contexto europeu, Michelle Perrot, em *Minha história das mulheres*, nos traz informações a respeito da profissão de secretária, ao afirmar que “as empregadas de escritório são mais recentes. No século XIX, são os homens que exercem as funções de copistas, contadores, secretários, ciosos de sua instrução, de suas prerrogativas” (PERROT, 2017, p.124). Para a autora, a conquista do posto de secretária aconteceu devido à introdução do maquinário nas funções burocráticas, que ao necessitar de mão-de-obra para o operá-lo, foi incorporando-as, levando Perrot a crer que a mecanização e a feminização caminhavam lado a lado, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, visto que a pequena e média burguesias empobrecidas buscavam empregos convenientes e limpos para suas filhas, ocorrendo com isso a entrada paulatina das mulheres nessa área de atuação.

Ainda a respeito desta área de atuação profissional, Andrea Lisly Gonçalves atribui a associação da profissão de secretária às mulheres como fruto de um movimento, ainda no século XIX, onde elas eram as responsáveis por informar aos parentes, por meio de cartas, as notícias a respeito de seu núcleo familiar. Desta forma, “surge, assim, certa especialização feminina na tarefa de secretariar mantendo os laços da vida em família. O que talvez ajude a explicar o porquê de até recentemente, mesmo em se tratando de empresas maiores, o papel de secretária ser sempre dito no feminino” (GONÇALVES, 2006, p.102), parecendo colocar a mulher com a função de estabelecer e fazer a manutenção dos elos de parentesco, como a secretária o faz nos escritórios, assistindo ao chefe e auxiliando-o na gerência.

Já a outra profissão destacada, a de modelo – colocada entre aspas na legenda da IMAGEM 35, era apontada como algo “comum”, na sociedade americana da época, dando a entender ao leitor que era corriqueira. Contudo, essa “popularidade” não parecia ser sinônimo da moça possuir uma formação mais especializada, como nos informa essa legenda, ao destacar que as “modelos” não eram “as melhores alunas dos cursos universitários”, sugerindo que para trabalhar nesta profissão era dispensável a elas esse tipo de ensino e formação.



IMAGEM 35. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Refletindo a respeito da associação da profissão de modelo com seu baixo rendimento em um curso universitário, pesquisamos a estrutura que definia a educação superior estadunidense nos *Anos Dourados*, a fim de entendermos como a estrutura de ensino poderia, ou não, gerar essa associação.

Reginaldo C. Moraes, em sua análise sobre a educação superior nos EUA, define o período entre os anos de 1945 a 1970 como “gloriosos 25 anos”, para ele época da massificação do ensino superior naquele país, com o crescimento de universidades federais e estaduais, fazendo surgir cursos de menor duração, o que permitiu a entrada de um novo público nessa modalidade de ensino.

As transformações nessa etapa de ensino foram por ele apontadas como consequência do processo de reestruturação da sociedade americana após a Segunda Guerra Mundial. Em sua análise, o autor aponta que no final da década de 1950 “as instituições públicas cresceram mais em número de matrículas, sendo responsáveis pela massificação e, também, pela capilarização do sistema, isto é, pela sua cobertura e acessibilidade” (MORAES, 2015, p.53). Esse crescimento do sistema ocasionou as transformações que deram origem a uma divisão no ensino superior.

Exacerba-se a definição de um ensino superior dividido em três ramos (os *three tiers*) do sistema: (a) um rol seletivo de universidades de pesquisa; (b) grandes sistemas universitários estaduais com ensino massivo e avançado; (c) uma rede cada vez mais capilarizada de *community colleges*. Reduz-se o fosso gritante entre concluintes de *high school* e matrículas de ensino superior (MORAES, 2015, p.52).

A divisão do ensino destinada a três públicos distintos gerou os ramos que cada instituição superior abrangeria. O público interessado em permanecer estudando e desenvolvendo pesquisas procurava por um grupo restrito de universidades com esse tipo de incentivo. Aqueles que buscavam uma metodologia de ensino moderna, atendendo as demandas do mundo contemporâneo, partiam para os grandes sistemas estaduais. O terceiro e último público intencionando terminar rápido essa etapa de ensino, a fim de se inserir no mercado de trabalho como mão-de-obra especializada e qualificada como “superior”, achava nos *community colleges*, ou *colleges*, a formação mais adequada às suas aspirações.

De acordo com Moraes (2015), esse sistema de ensino conseguiu solucionar um problema antigo, no que dizia respeito ao fim do ensino secundário, chamado nos Estados Unidos de *high school*. Ao término dessa etapa, poucos estudantes chegavam ao ensino superior, pautado nas grandes universidades. Essa nova forma de organização do sistema “democratizou” o acesso, permitindo ao estudante escolher para qual tipo de instituição ele iria, de acordo com o ramo em que pretendia atuar na sociedade.

Conforme nos mostra o autor, o número de instituições que ofereciam formação de curta duração, os *colleges*, cresceu bastante nesse período, expandindo-se por praticamente todos os estados desse país. O autor aponta ainda que o governo atuou como agente

financiador desse processo por meio de políticas, bolsas e créditos incentivando a expansão da rede de ensino, a permanência e o acesso dos estudantes.

Essa expansão era reflexo de “um novo público [que] demandava ensino superior e acreditava nessa possibilidade e nesse direito. Ir ao *college* tornava-se uma aspiração popular disseminada e legitimada” (MORAES, 2015, p. 116). Apoiando-se num modelo de graduação em que o estudante não precisava dormir dentro do campus universitário, o *college* possibilitava seu acesso a várias camadas da população, visto que o estudante poderia regressar a casa diariamente após a aula, como nos mostrou Moraes:

Era cada vez mais visível a presença de estratos inferiores de renda e das minorias, atraídos pelas anuidades mais baixas, pela proximidade da escola e, portanto, pela possibilidade de frequentá-la sem precisar pagar por nova residência (MORAES, 2015, p. 117).

Desta forma, podemos entender que os “incentivos financeiros” aliados a possibilidade de ir e voltar no mesmo dia ao meio universitário constituíram-se como fatores decisivos para que as mulheres começassem a ganhar espaço nos bancos escolares desse território de ensino superior, tendo em vista que não era conveniente a uma moça dormir em um alojamento universitário longe de casa.

Retomando a reportagem quando se refere à profissão de modelo e indicando que “não são as melhores alunas dos cursos universitários”, com base nos contornos da educação superior nos EUA apontados por Moraes, entendemos que não há um argumento plausível que justifique a associação entre esta profissional e seu rendimento acadêmico. Contudo, a relevância das informações trazidas, através da investigação desse autor, está no fato de que a mudança no sistema de ensino superior apontada, ao democratizá-lo, expandi-lo e popularizá-lo, permitiu a acessibilidade de um público diversificado, beneficiando diretamente as mulheres, inclusive as modelos.

Fechando a matéria, encontramos na parte final da revista seu último eixo de análise, alinhavando o título “As mulheres norte americanas não nasceram para ... mandar” aos seus quatro obstáculos para ocupar altos cargos dentro de uma empresa.

A possível causa da rejeição do público feminino na direção das fábricas, segundo a reportagem, estaria, portanto, “na natureza feminina, com desejo de formar um lar, e dedicar à vida na formação da prole”. A natureza, ou seja, a essência feminina era a culpada de existir o movimento de “tradicionalismo anti-feminino”.

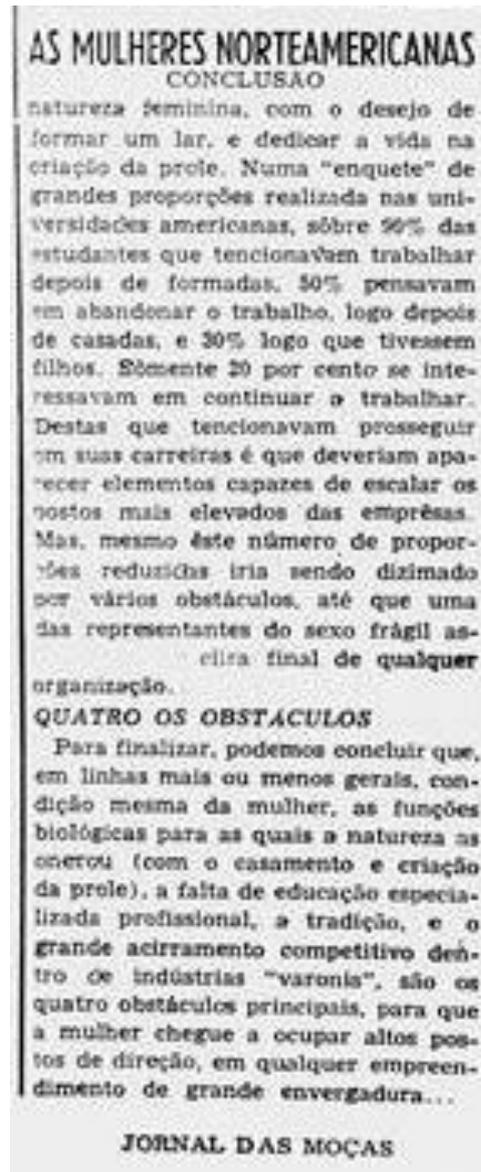


IMAGEM 36. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Da IMAGEM 36, destacamos a “enquete” feita em universidades norte-americanas, com o objetivo de demonstrar quantitativamente que poucas estudantes se interessavam em continuar a trabalhar após o casamento e o nascimento dos filhos, afirmando ainda que “mesmo este número de proporções reduzidas iria sendo dizimado por vários obstáculos”. Esses obstáculos “até que as representantes do sexo frágil assumissem a dianteira final de qualquer organização” eram: os fatores biológicos (entende-se sua “vocação para maternidade”), “falta de educação especializada profissional, tradição” e o mercado masculino competitivo dentro das indústrias.

Na sociedade americana daquele momento, no que diz respeito à inserção da mulher no mercado de trabalho, conforme retrata esta matéria, havia espaço para sua incorporação, contanto que ocupasse uma posição que não invadisse o espaço considerado como masculino.

Havia o “lugar de secretária” e era “comum” ser “modelo”; contudo conceder cargos de chefia a elas não era habitual. A justificativa para que elas “não mandassem”, ou seja, não assumissem a liderança das grandes empresas, estava no fato delas mesmas preferirem o casamento e os filhos, apontados como obstáculos; mesmo que transpusessem esses dois obstáculos, o tradicionalismo “varonil” nesses espaços as impedia, junto com o argumento da sua falta de especialização, alçar o comando de uma empresa. Desta forma, vemos retratado um cenário no qual as mulheres tinham um “lugar” específico para atuar dentro do espaço ainda comando por homens.

O “lugar da mulher” conquistado no mercado de trabalho norte-americano era, portanto, um fato, não sendo demais afirmar que essa conquista era fruto das mudanças sociais em curso, as quais, de certa forma, impulsionaram a entrada do público feminino no ensino superior.

Sem olvidar os aspectos sociais que englobam o período por ele denominado “Era de Ouro”, Eric Hobsbawm (1995) caracterizou as transformações ocorridas na sociedade, como *Revolução Social (1945 – 90)* e *Revolução Cultural*. Na visão desse autor, a “Revolução Social” que invadiu o mundo como uma “avalanche” no pós-guerra tirou o mundo das “trevas” da Idade Média, em meados da década de 1950, sendo a palavra de ordem para definir o período *transformação*, pois “quase tão dramático quanto o declínio e queda do campesinato, e muito mais universal, foi o crescimento de ocupações que exigiam educação secundária e superior” (HOBSBAWM, 1995, p. 289). Dentro desse contexto de transformação, o crescimento pela demanda do ensino superior tinha como proposta gerar nos diplomados:

Uma renda maior do que a dos não diplomados, e, em países de pequena educação, onde o diploma garantia um lugar na máquina do Estado, e portanto poder, influência e extorsão financeira, podia ser chave para uma verdadeira riqueza. A maior parte dos estudantes, claro, vinha de famílias em melhores condições que a maioria – de que outro modo teriam podido pagar alguns anos de estudo de jovens em adultos em idade de trabalho? – mas não necessariamente ricas (HOBSBAWM, 1995, 291).

A possibilidade de acesso a um nível de educação, que propiciaria uma vida mais cômoda, parece ter sido incentivada a muitos jovens, levando suas famílias a investirem na educação superior, e “à medida em que rapazes e moças recebiam educação superior, os governos (...) multiplicavam o número de novos estabelecimentos para recebê-los” (HOBSBAWM, 1995, p. 292), caracterizando a ampliação do acesso e da rede de ensino, para quem podia, englobando, também, a inserção feminina neste espaço de educação.

O autor britânico destaca ainda que a maior “revolução social” foi no papel da mulher, ao passar a ter a possibilidade de fazer coisas que, até então, eram a elas vetadas ou extremamente restritas, conquistadas através de luta árdua e incessante, alicerçadas na militância feminista, transformando-se em “revolução cultural” na medida em que havia a tentativa de entrada de novos valores e papéis sociais. “As mulheres foram cruciais nessa revolução cultural, que girou em torno das mudanças na família tradicional e nas atividades domésticas – e nelas encontraram expressão – de que as mulheres sempre tinham sido o elemento central” (HOBSBAWM, 1995, p. 313).

A “Revolução Cultural” analisada pelo autor mostrou às mulheres, acostumadas a serem o pilar de sustentação da família tradicional, por lhes serem atribuídas as atividades domésticas, ser possível ir além, alçar vôos, conquistar novos postos, atribuindo a elas novos papeis, mantendo, contudo, sua característica de elemento central no núcleo familiar.

A inserção das mulheres no ensino superior se enquadra dentro desse movimento que estava sendo orquestrado, caminhando a passos tímidos, e que, em dado momento, atingiu seu auge na década de 1950, conforme nos mostram os estudos de Michelle Perrot (2017) sobre o acesso ao saber e as transformações contemporâneas, a partir do século XIX na Europa, que atingirá o seu auge naquela década, com o ingresso das mulheres nos espaços universitários, iniciado entre as duas guerras mundiais.

As coisas mudaram em toda a Europa quase ao mesmo tempo. A escolarização das meninas no primário operou-se nos anos 1880; no secundário, em torno de 1900; o ingresso das jovens nas universidades aconteceu entre as duas guerras, e maciçamente a partir de 1950 (PERROT, 2017, p.94).

Essas transformações ocorridas na década de 1950 no continente europeu, no que diz respeito ao acesso feminino ao ensino superior, contavam com espaço no *Jornal das Moças* em uma parte específica, sendo possível afirmar, portanto, que havia, dentro do periódico, um lugar onde notícias sobre as mulheres “ao redor do mundo” eram publicadas, incluindo notas a respeito da inserção do feminino de ensino superior.

2.2 O lugar da mulher de ensino superior no suplemento *Jornal da Mulher*

A revista *Jornal das Moças*, seguindo sua linha editorial, enfatizava o papel da mulher “no lar, na família e na sociedade”. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que reforçava sua função de mãe e dona de casa zelosa, reconhecia sua inserção no mercado de trabalho, participando as suas leitoras os avanços e atualidades do universo feminino no suplemento *Jornal da Mulher*.

Conforme vimos no Capítulo I, o *Jornal da Mulher* fora um suplemento que, inicialmente, publicava figurinos e bordados, sendo comandado durante mais de trinta anos por duas mulheres, Yara Sylvia e Hermínia Menezes. No período analisado, percebemos que além dos figurinos e bordados, havia colunas que traziam notícias sobre a participação da mulher na sociedade em vários países. Algumas colunas se repetiam, como *Feminismo a Varejo* e *Mulher no Mundo*, e outras eram transitórias.

Dentro do espaço temporal recortado para pesquisa, a primeira referência à mulher de ensino superior nesse suplemento foi na coluna transitória *Vida em sociedade*, publicada em 12 de junho de 1958, mostrando à leitora o número de mulheres com ensino superior ocupando postos de destaque na Suíça.

E' surpreendente, a participação da mulher no campo científico, intelectual e industrial, na Suíça. Podemos, por exemplo, citar o fato de que o professorado conta com a participação de 1.300 mulheres professoras, das quais a maioria é diplomada em literatura, filosofia e ciências sociais.

No ensino superior, trabalham 50 professoras nas diversas universidades e escolas técnicas, além de 124 assistentes.

Na indústria, trabalham como engenheiras nos mais diversos campos, 320 mulheres. Entre as farmacêuticas, encontram-se 350 mulheres. No campo da química, desenvolvem atividade científica 80 suíças e, no campo eletrônico, já trabalham 10 mulheres.

IMAGEM 37. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXVIII, nº. 1950. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2243, de 12 de junho de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

O trecho da reportagem *A participação da mulher na vida ativa da Suíça* destacado na IMAGEM 37 afirma ser “surpreendente a participação da mulher no campo científico, intelectual e industrial na Suíça”, dado seus números, como por exemplo na classe docente “com a participação de 1.300 mulheres professoras, das quais a maioria é diplomada em literatura, filosofia e ciências sociais”. No ensino superior, os números de mulheres atuantes é de “50 professoras nas diversas universidades e escolas técnicas, além de 124 assistentes”. Enfatizando que o mercado de trabalho também era delas, a reportagem aponta que “na indústria trabalham como engenheiras nos mais diversos campos, 320 mulheres”, na área de

saúde como “farmacêuticas, encontravam-se 350 mulheres”, e no campo de desenvolvimento tecnológico “já trabalham 10 mulheres”.

O incremento das matrículas de mulheres nos cursos universitários demonstrado acima, pode ser entendido como consequência de um processo. Segundo Hobsbawm (1995), em seus estudos a respeito das mudanças sociais após 1945, “o extraordinário crescimento da educação superior, no início da década de 1950 produziu pelo menos sete países com mais de 100 mil professores no nível universitário” (HOBSBAWM, 1995, p. 291), destacando o autor que:

Na verdade, as famílias corriam a pôr os filhos na educação superior sempre que tinham a opção e a oportunidade, porque esta era de longe a melhor chance de conquistar para eles uma renda melhor e, acima de tudo, um status superior (HOBSBAWM, 1995, p. 291).

No período do pós Segunda Guerra Mundial, na medida em que a juventude invadia o ensino superior, “as mulheres também entraram, e em número impressionantemente crescente, na educação superior, que era agora a mais óbvia porta de acesso às profissões liberais” (HOBSBAWM, 1995, p. 305).

Desta forma, por meio dos dados apresentados na matéria, percebemos que elas estavam ganhando espaço no mercado de trabalho, refletindo-se na sua entrada no ensino superior na Suíça.

Outro país europeu, a Suécia, foi tema de duas notas publicadas na coluna fixa *Feminismo a Varejo*. Essa coluna destacou-se dentre as colunas que desfilaram nas páginas do *Jornal da Mulher*, trazendo um número considerável de publicações e citando a presença de mulheres no ensino superior.

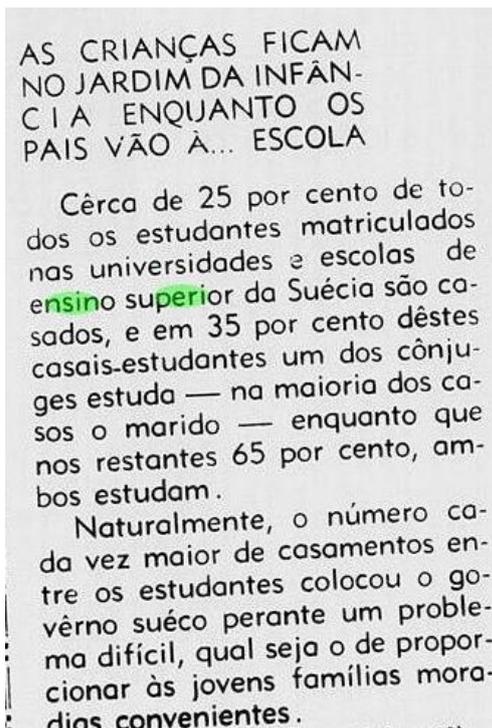


IMAGEM 38. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1512. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2302, de 30 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Apesar do título – “As crianças ficam no jardim de infância enquanto os pais vão a... escola”, as informações a respeito do número de estudantes casados são o destaque da nota sueca. Afirmando que “cerca de 25 por cento de todos os estudantes matriculados nas universidades e escolas de ensino superior” são casados, esse grupo se divide em “35 por cento” com apenas um cônjuge estudando – “na maioria dos casos o marido” e os “restantes 65 por cento” compostos por ambos os cônjuges estudantes. Logo, o número expressivo de casais que estudam fez surgir a preocupação em relação à moradia dos jovens casais universitários³².

A relação entre casamento e ensino superior na Suécia parecia ser um assunto recorrente. Um ano depois da nota acima, encontramos outra nota publicada falando sobre esta mesma temática nesse país.

³²O desfecho da nota foi publicado na revista fora dos limites do *Jornal da Mulher* e, infelizmente, sua digitalização não se encontra legível, nos deixando com uma lacuna em relação aos jardins de infância e sua articulação com o ensino superior na Suécia, conforme nos adiantava o título.

**ELAS QUEREM O DIPLOMA
MAS TAMBÉM UM MARIDO!**

Um estudo realizado pelo professor Lennart Woddberg, da Universidade de Lun, na Suécia, sobre a situação dos estudantes com relação ao casamento, revelou que, no ensino superior, os estudantes demonstram cada vez mais, tendência para o matrimônio.

IMAGEM 39. Suplemento *Jornal da Mulher* ano XXX, nº. 1556. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2346, de 02 de junho de 1960. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A nota sueca de 1960 - *Elas querem o diploma mas também um marido*, aponta em um estudo realizado neste país com universitários, que há “cada vez mais uma tendência para o matrimônio”. Seu objetivo, ao que indicava o título, era trazer à baila a questão da mulher querer casar, porém a forma como a escrita fora organizada deixava margem para incluir os homens nessa questão.

Se na Suécia o ensino superior compreendia questões ligadas à moradia, casamento e filhos, nos Estados Unidos os tempos eram outros. Em 1959, duas universidades norte-americanas viram notícia, por conta da presença feminina.

**JÁ PUBLICOU MAIS DE 50
VOLUMES SÔBRE BOTÂNICA .**

A sra. Agnes Chase, de Washington, de 89 anos de idade, foi agraciada com o diploma de “doutor honoris causa”, pela Universidade de Illionis, graças aos seus trabalhos no campo da ciência e pesquisas no domínio da botânica. Aliás, a sra. Chase é conhecida no mundo inteiro como uma das maiores especialistas no domínio das mais diversas ervas.

IMAGEM 40. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1481. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2272, de primeiro de janeiro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na pequena matéria publicada em primeiro de janeiro de 1959, na coluna *Feminismo a Varejo*, vemos que a Universidade de Illionis concedeu a Sra. Agnes Chase o diploma de “doutor honoris causa” devido “aos seus trabalhos no campo da ciência e pesquisas no domínio da botânica”. Aos 89 anos, Chase contava com um currículo invejável, tendo exercido cargos no Ministério da Agricultura, viajando ao redor do mundo em atividades de pesquisa, falando outros idiomas, incluindo o português nessa lista, destacando-se seu vasto conhecimento de ervas.

Em novembro deste mesmo ano, outra instituição de ensino superior norte-americana ganha destaque, ao ser noticiado o ingresso de mulheres como estudantes em seus cursos.

Por sua vez, a Universidade de Yale, fundada em 1701, abriu, recentemente, pela primeira vez, suas portas a mulheres, que agora podem sem nenhuma restrição — matricular-se em seus cursos.

Em verdade, as mulheres norte-americanas insistem em ser cada vez mais independentes dos homens e em cada oportunidade não deixam de acentuar êsse propósito.

IMAGEM 41. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1527. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2317, de 12 de novembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em 12 de novembro de 1959, o *Jornal das Moças* traz a informação, em uma tímida nota em seu suplemento, que Yale, universidade “fundada em 1701”, abriu as portas para mulheres poderem se matricular como alunas “sem nenhuma restrição”. Para entendermos a importância dessa instituição, nos apoiamos nos estudos feitos por Maria das Graças Ribeiro. Em seu artigo *A educação superior norte-americana: gênese de um modelo*, a autora refaz a trajetória da educação superior dos Estados Unidos da América, sendo que de sua análise podemos obter informações sobre as origens da Universidade de Yale.

O terceiro *college* teve a sua história ligada à criação da colônia de New Haven, ao Sul de Massachussets, e incorporada à colônia de Connecticut, cuja Assembléia autorizou, em 1701, a criação de um *collegiate school*, em Saybrook, sob o controle dos puritanos. Em 1716 a instituição foi transferida para New Haven, tornando-se o New Haven College, o qual, em seguida, teria o seu nome mudado para Yale College (RIBEIRO, 2016, p. 78).

Conforme nos mostrou Ribeiro (2016), a Universidade de Yale foi inicialmente chamada de Yale College, por ter uma estrutura de formação mais rápida e sem a permanência de estudantes morando no campus. Definida pela autora como a terceira instituição de ensino superior dos Estados Unidos da América, sua origem remonta aos britânicos protestantes que lá se estabeleceram. Essa origem que mistura fé e os ideais de prosperidade foi o alicerce de uma instituição que, segundo a nota no *Jornal das Moças*, somente em 1959 abriu espaço para as mulheres frequentarem seus bancos sem restrição.

Conforme podemos observar na página da própria universidade, as mulheres participavam das atividades acadêmicas enquanto estudantes, graduando-se, seguindo regras e normas de acesso. A inovação era que a partir de então mulheres possuíam os mesmos

direitos de acesso e permanência dos estudantes homens. O ano de 1959 marca a criação de um prédio residencial para essas meninas, que assim passaram a poder dormir no campus e gozar de todas as facilidades do mesmo³³.

Falando em números, percebemos que 259 anos depois da criação desta instituição de ensino superior é que fora possível à mulher ter um lugar dentro da Universidade de Yale.

A nota, contudo, não acaba com esta informação. Afirmando que as mulheres insistiam “em ser cada vez mais independentes dos homens”, as norte-americanas “em cada oportunidade não deixam de acentuar esse propósito”, destacando o quanto são arrojadadas e destemidas.

Ainda no ano de 1959 a coluna *A mulher no mundo*, publicada neste mesmo suplemento, trouxe uma reportagem em 09 de julho, contando com o espaço de meia página, abordando a conquista das mulheres no ensino superior, destacando-se o número de matrículas na faculdade e o número de mulheres doutoras.

A mulher

ELAS ESTUDAM

Aumentou, consideravelmente, nos últimos anos, na Rússia Soviética, a participação das mulheres em profissões acadêmicas, incluindo a ciência técnica da engenharia.

Atualmente, as mulheres russas representam um terço do total das pessoas que exercem atividade nas mais variadas profissões.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao interesse das mulheres pelos estudos, colocam-se os Estados Unidos. Recentemente, nas escolas superiores norte-americanas, estavam registrados 195.462 estudantes do sexo masculino e 84.693 mulheres. As mulheres apresentam, assim, exatamente 30 por cento do total dos estudantes matriculados.

Nos últimos oito anos, doutoraram-se 1.510 mulheres, em diversas escolas, na carreira do magistério; 467, em psicologia; 404, em língua inglesa e literatura; 335, em química, e 10, em engenharia mecânica. Outras 20.000 mulheres limitaram-se ao diploma, e m doutoraram-se em qualquer profissão.

Idêntico desenvolvimento pode ser observado na Europa: na Bélgica, por exemplo, o número de mulheres diplomadas no ensino superior, aumentou três vezes nos últimos dez anos. Entre as que se diplomaram, 45 por cento dedicaram-se à educação e 30 por cento à medicina.

COSTUME ORIGINALÍSSIMO COM O CASACO MUITO CURTO, PELE NA GOLA E A SAIA MUITO JUSTA E CURTA. É UM MODELO TIRADO DA COLEÇÃO DE PAUL FARNES.

JORNAL DA MULHER (Suplemento do "Jornal das Moças")

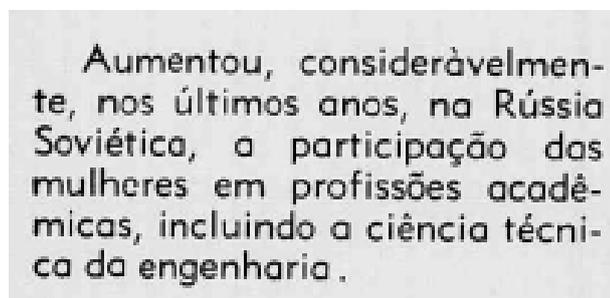
IMAGEM 42. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

³³ O texto que se segue é uma tradução livre feita pela autora da dissertação. No intento de verificar as informações contidas na nota do Suplemento a revista *Jornal das Moças*, foi realizada pesquisa em sites de busca, obtendo como resultado o sítio eletrônico: <https://visitorcenter.yale.edu/book/helen-hadley-hall>, acessado em 22.01.2019, fonte das informações traduzidas do inglês contidas neste parágrafo.

A reportagem intitulada *Elas estudam* contava com cinco parágrafos falando sobre mulheres no ensino superior. Inicialmente, o destaque é para Rússia. A respeito das conquistas femininas no ensino superior nesse país, Gonçalves (2006) aponta que:

Muitas jovens se beneficiaram da abertura das universidades às mulheres, promovida pelos czares, muito antes que tal se efetivasse nos países da Europa central. Isso explica por que as primeiras enfermeiras especializadas na França fossem russas (GONÇALVES, 2006, p. 23).

Logo, não era de se estranhar que esta reportagem falasse sobre o aumento da presença feminina no meio acadêmico russo, visto que seu pioneirismo no ensino superior não era novidade.



Aumentou, consideravelmente, nos últimos anos, na Rússia Soviética, a participação das mulheres em profissões acadêmicas, incluindo a ciência técnica da engenharia.

IMAGEM 43. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O destaque na IMAGEM 43 vai para referência a “Rússia soviética”, e para entendermos o que essa expressão significa, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre a organização política desse país, bem como do contexto mundial em que ela se inseria, no final da década de 1950, para em seguida analisarmos o trecho. Hobsbawm utiliza o termo “Rússia soviética”, definindo-a como:

Algo mais que apenas outra grande potência. A emancipação universal, a construção de uma alternativa melhor para a sociedade capitalista eram, afinal, sua razão fundamental de existir (HOBSBAWM, 1995, p.78).

A Rússia soviética, segundo os estudos desse autor, era um caminho de organização econômica e política adverso ao capitalismo, promovendo a independência em relação a esse sistema, organizada nestas bases após a Revolução Russa³⁴.

³⁴ A Revolução Russa de outubro de 1917 criou a União Soviética, ou seja, uma união entre as repúblicas socialistas soviéticas, a URSS. Iniciada na Rússia, através de uma luta de forças, acarretou no desmonte da ordem imperial, culminando na alteração total da estrutura social, política, econômica e territorial vigente não só nessa localidade, mas também em outras no seu entorno. Após a onda de protestos e manifestações que assolaram estes novos países, recém declarados independentes em termos políticos, os revolucionários que encabeçaram esse processo, cansados de guerrilhas, desejosos estavam por instaurar a paz. Em cessando os embates, transformaram-se em repúblicas unidas por meio de um único partido, o Comunista, passando para

Dito isso, é preciso saber que “a Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar” (HOBSBAWM, 1995, p. 224). Essa nova conjuntura foi definida pelo autor como “o constante confronto das duas super potências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada Guerra Fria” (HOBSBAWMN, 1995, p. 223). As duas superpotências citadas eram os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), destacando-se que a “Rússia Soviética” fazia parte da URSS.

A respeito da “Terceira Guerra Mundial”, Hobsbawm (1995) afirma que “muito mais óbvias foram as consequências políticas da Guerra Fria. Quase de imediato, ela polarizou o mundo controlado pelas superpotências em dois ‘campos’ marcadamente divididos” (HOBSBAWM, 1995, p. 235). Esses dois campos caracterizados pelo autor dividiram o mundo em duas zonas de influências, cada qual controlada por uma das superpotências, que ao tentar trazer países para o seu grupo, os ajudava de acordo com as suas particularidades e demandas locais. Assim, os países se alinhavam com uma ou outra superpotência, estabelecendo relações comerciais, de acordo com a sua forma de encaminhar a economia.

Retomando a nota, “a participação das mulheres em profissões acadêmicas, incluindo ciência técnica da engenharia” foi incrementada na “Rússia soviética”, o que significa dizer que, no contexto definido por Hobsbawm (1995) onde o mundo era dividido entre duas superpotências, uma delas, no texto representada pela Rússia, tomava a dianteira, assim como na época dos czares, conforme apontou Gonçalves (2006), no que diz respeito a presença feminina na carreira acadêmica, em especial na área de Engenharia.

Assim como a Rússia czarista de outrora permitiu o acesso feminino ao ensino superior antes do restante do continente, pensando-se dentro do contexto de Guerra Fria, e no seu encaminhamento para expansão e manutenção de zonas de influência, é possível notar que esse processo não estancou, continuando acelerado. A Rússia, mesmo sob outra forma administrativa, ainda se destacava quanto à presença feminina nesta modalidade de ensino³⁵.

égide do regime socialista. Assim reunida, a URSS pode por em prática as mudanças almeçadas, tornando-se uma superpotência mundial (HOBSBAWM, 1995), até sua dissolução.

³⁵ Elena Sahnó (2017), em sua dissertação de mestrado, aponta que em 1919 os departamentos da Educação Escolar e da Implantação da Alfabetização Total eram dirigidos, cada um, por uma mulher. No tocante ao Ensino Superior na URSS, a autora destaca a criação da faculdade do trabalhador e o decreto de agosto de 1918, que permitia o acesso de todos os indivíduos, independentemente do gênero, ao ensino superior. Em 1920, indica ainda que o acesso as faculdades de trabalhadores foi ampliado, permitindo a partir de então, o livre acesso feminino a todos os níveis de ensino, incluindo os cursos de pós-graduação no Instituto de Professores Vermelhos. Incentivadas por meio de maciça propaganda, as mulheres eram constantemente incitadas a se capacitar cada vez mais para os seus postos de trabalho. Tais medidas, salienta Sahnó, eram resultado de uma mentalidade que via a mulher como sujeito oprimido e privado de oportunidades, que necessitava, portanto, de estímulos e incentivos ostensivos para se tornar tão capaz e hábil quanto seus pares do sexo masculino.

Dentro da construção de ideal de sociedade da “Rússia soviética”, que misturava política e economia, fazia sentido as mulheres continuarem a serem inseridas no meio acadêmico, tornando-se mais um indivíduo agindo e atuando em prol da prosperidade do país, e conseqüentemente da zona na qual esse país fazia parte. Não fazer distinção entre sexos, neste contexto de disputa de zonas de influências a nível mundial, era, portanto, crucial e essencial, aliando-se ao fato que este país vivia um regime diferenciado dos EUA, sob os aspectos políticos e econômicos, estando inserida em um destes dois campos que dividiam o mundo durante a Guerra Fria, de forma destacada frente às demais repúblicas que compunham o seu grupo.

O texto afirma ainda que as mulheres russas “exercem atividade nas mais variadas profissões”, indicando que “representam um terço de total de pessoas” ativas no mercado.

Atualmente, as mulheres russas representam um terço do total das pessoas que exercem atividade nas mais variadas profissões.

IMAGEM 44. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Destacando a presença feminina exercendo atividades profissionais, percebemos que a sociedade Russa não só investia na sua formação, como, também, parecia incentivar sua atuação na sociedade, produzindo força de trabalho nas mais variadas áreas.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao interesse das mulheres pelos estudos, colocam-se os Estados Unidos. Recentemente, nas escolas superiores norte-americanas, estavam registrados 195.462 estudantes do sexo masculino e 84.693 mulheres. As mulheres apresentam, assim, exatamente 30 por cento do total dos estudantes matriculados.

IMAGEM 45. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Desta forma, se na Rússia a procura pelo ensino superior era a maior do mundo, os Estados Unidos ficavam logo atrás “em segundo lugar, no que diz respeito ao interesse das mulheres pelos estudos”, parecendo seguir o clima de disputa entre o bloco socialista e o

bloco capitalista observado na sociedade do pós-guerra, conforme apontam as análises de Hobsbawm (1995).

Os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (HOBSBAWM, 1995, p. 224)

Durante o período de Guerra Fria, a bipolaridade aparentava ser a forma de distribuição de forças apontada pelo autor britânico como um acordo entre “cavalheiros”, feito veladamente, e aquiescido em silêncio por ambas as partes, sem que nenhum dos dois lados envolvidos na negociação tentasse ampliar suas zonas de influência utilizando os confrontos armados, ou seja, a declaração oficial e formal de guerra, na tentativa de dominar e conquistar novos mercados consumidores, chamando a atenção para uma nova estratégia de expansão entre essas duas superpotências.

O alinhamento político e econômico com cada um dos dois campos era o que parecia delinear essa expansão das zonas de influência, acontecendo conforme os países iam se juntando a um ou outro lado, por meio de relações comerciais, realizando trocas e acordos, misturando política e economia.

Trazendo o debate para os EUA, a notícia afirmava que o número de matrículas de mulheres ocupava “30 por cento do total dos estudantes matriculados”. Ainda no contexto da educação superior norte-americana, a reportagem segue indicando o número de doutoras e graduandas em diversas áreas.

Nos últimos oito anos, doutoraram-se 1.510 mulheres, em diversas escolas, na carreira do magistério; 467, em psicologia; 404, em língua inglesa e literatura; 335, em química; e 10, em engenharia mecânica. Outras 20.000 mulheres limitaram-se ao diploma, sem doutorar-se em qualquer profissão.

IMAGEM 46. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A expansão do ensino superior aqui apontada no número de estudantes graduadas e de títulos de doutor faz parte do contexto de transformações na sociedade americana estudada e denominada por Moraes (2015) como “os gloriosos 25 anos”, época em que houve o *boom* desta modalidade de ensino.

Ao finalizar a análise do feminino no ensino superior, a reportagem traz o debate para a Europa, indicando sua expansão por lá.

Idêntico desenvolvimento pode ser observado na Europa: na Bélgica, por exemplo, o número de mulheres diplomadas no ensino superior, aumentou três vezes nos últimos dez anos. Entre as que se diplomaram, 45 por cento dedicaram-se à educação e 30 por cento à medicina.

IMAGEM 47. Suplemento *Jornal da Mulher*, ano XXIX, nº. 1509. Exemplar do *Jornal das Moças* nº. 2299, de 09 de julho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Utilizando a Bélgica como exemplo, a matéria enfatiza o aumento em “três vezes nos últimos dez anos” no “número de mulheres diplomadas no ensino superior”, sendo desse grupo “45 por cento dedicaram-se a educação e 30 por cento a medicina”.

Desta forma, por meio da leitura e análise da reportagem, percebemos que as mulheres estavam conquistando espaço no ensino superior em várias partes do mundo. A quantidade de escritos publicados no *Jornal da Mulher* neste sentido impressiona. A principal característica desse conjunto de publicações residia na sua forma textual, contando com notas pequenas e concisas, cujos títulos chamavam mais atenção do que o conteúdo em si.

Esse tipo de escrita, enquanto estratégia da linha editorial, para chamar a atenção do leitor para o título, muitas vezes sem se preocupar em fundamentar as bases do que publica, e/ou fazer referência a fonte consultada, apresenta o perigo de estabelecer argumentação rasa/inconsistente com conclusões rápidas, acabando por nos remeter às palavras de Chartier sobre coações impostas através de um texto.

Há coações, que vêm, por sua vez, das intenções do texto, que vêm das possibilidades abertas ou fechadas pela forma de escrita de um texto, um manuscrito, um livro impresso, a tela de um computador. E há coações que vêm para cada leitor através do seu pertencimento a uma comunidade sócio-cultural. Isto quer dizer que esse tipo de história deve reconhecer, em primeiro lugar, uma série de determinações, de coações, que se ligam ao

texto, ao objeto e ao sujeito que se apodera do texto de forma particular. Ao mesmo tempo, sabemos que todos os leitores, inclusive os que pertencem a uma mesma comunidade de leitura, de interpretação, à mesma comunidade sócio-cultural, à mesma classe social, não leem da mesma maneira ou não produzem o mesmo sentido frente a uma mesma obra lida no mesmo suporte (CHARTIER, 2012, p.101).

Chartier (2012) fala sobre dois tipos de coações. A primeira delas, oriunda da intencionalidade do escrito, abrindo e fechando possibilidades de interpretação, dependendo da forma como a escrita se estrutura no corpo do texto. O texto escrito traz uma marca, ou seja, um modelo de algo; o modelo é constituído pela forma de elaborar o texto, a qual tenta levar o leitor a pensar naquilo que o autor desejou. O segundo tipo de coação mencionado é mais complexo, por ter origem dentro do grupo social onde é produzido o escrito, constituindo-se através de estruturas ligadas a mensagem e a receptividade recebidas pelo grupo. O texto, neste caso, toma forma a partir da maneira como é passado para o leitor. Logo, nenhum texto é neutro, nem tão pouco sua apropriação por parte do leitor o é.

Apoiando-se nessa discussão de Chartier, percebemos que as notas contidas do *Jornal da Mulher* enquadram-se nos dois tipos de coações apontados pelo autor. A redação concisa e de fácil leitura sugere uma estratégia de escrita que pretende induzir as leitoras da revista a ler a informação sem que haja margem no texto para reflexão a respeito do que está sendo lido. O fato de pertencer ao grupo sócio-cultural brasileiro pode levar a leitora, ao se apropriar dessas notas, a visualizar as conquistas das mulheres no ensino superior em outros países, como algo distante de sua realidade, dada a ausência de notas mencionando seu país.

Entretanto, informando ao sujeito a respeito do que está escrito, fazendo com que ele tome conhecimento de algo, esse escrito torna-se sua propriedade, a partir de uma leitura particular, ou seja, só sua. Por mais que o texto tente coagir o leitor a pensar de determinada forma, o uso e a assimilação do conteúdo são subjetivos.

Segundo os estudos do autor francês, envolvendo a relação entre o ato de ler e o texto em si, “os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que os suportam como receptáculos e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (CHARTIER, 2012, p. 25). Os textos são uma construção de sentido, uma leitura, capaz de produzir uma interpretação a seu respeito, ou seja, um “cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados por sua prática de **ler**, e, por outro lado textos cujos significados se encontram sempre dependentes dos dispositivos discursivos e formais” (CHARTIER, 2012. p.25 e 26). Isso é o que Chartier chama de conceito de apropriação, ou seja, da prática de apropriação do texto por parte dos leitores. A prática de apropriação do texto por parte dos leitores é:

A produção de sentido, a ‘aplicação’ do texto ao leitor como uma relação móvel, diferenciada, dependente das variações, simultâneas ou separadas, do próprio texto, da passagem à impressão que o dá ao ler e da mobilidade da sua leitura (CHARTIER, 2012, p. 26).

Refletindo acerca dessa teoria que envolve a apropriação do texto pelo leitor, no caso das notas contidas no Suplemento da revista, entendemos que, em não sendo o leitor um mero receptáculo de informações, mesmo que estruturadas através de coações impostas pela escrita, a prática de apropriação desses textos fica a critério de quem as lê.

Assim sendo, o suplemento *Jornal da Mulher*, por meio das notas publicadas em suas colunas a respeito do feminino na educação superior, apresentou-se como o lugar da mulher estrangeira “na sala de aula” do ensino superior, dentro do *Jornal das Moças*. Havia, também, outro lugar para essa mulher nessa revista, onde imagens do feminino e do masculino de ensino superior podiam ser “vistas”. Retratando algumas tramas amorosas protagonizadas por estudantes e/ou profissionais das áreas de medicina, direito e engenharia, os contos comportavam representações do ensino superior em outros países.

2.3 “Quem conta um conto ...” – as narrativas ilustradas e sua atuação no cenário das representações

Muitas narrativas desfilavam nas páginas do *Jornal das Moças*, cada qual carregando seu traço de peculiaridade. Em meio a essas narrativas, os contos publicados se fizeram significativos. Verificamos que a periodicidade de publicação dos contos na revista compreendia dois tipos distintos de contos por exemplar, sendo um de autoria norte-americana, *O conto da semana*, e outro de autoria variável, predominando a autoria estrangeira.

O conto da semana era uma narrativa de autoria estadunidense, publicado em apenas uma página, sem ilustrações, com enredos centrados no mundo masculino, dividindo o espaço desta página com a descrição de roupa referente ao modelo de capa.

Apresentado sob a forma de uma coluna fixa do *Jornal das Moças*, a fim de incrementar o seu conteúdo, sua veiculação data no início da década de 1950, conforme alardeava o anúncio a uma das edições especiais da revista.

Além disso tudo, dessa infinidade de coisas úteis, são vistos ainda:
O CONTO DA SEMANA, uma inovação de JORNAL DAS MOÇAS. Conto interessantíssimo, cheio de vibrações, para ser lido em 3 minutos. Direitos adquiridos nos Estados Unidos.

IMAGEM 48. Exemplar nº. 1871, de 26 de abril de 1951. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No fragmento retirado do exemplar nº. 1871, de 26 de abril de 1951, podemos observar o anúncio de “uma inovação de *Jornal das Moças*”, o início da publicação da coluna *O conto da semana*. Caracterizado como “conto interessantíssimo, cheio de vibrações, para ser lido em 3 minutos”, ou seja, uma leitura rápida e dinâmica a ser realizada em qualquer espaço, esse conto tinha “direitos adquiridos nos Estados Unidos”, chamando a atenção por ser uma produção americana.

Gotlib (2003), em seus estudos sobre a teoria do conto, aponta que “é nos Estados Unidos que o termo *short story* se afirma e, desde 1880, designa não somente uma *estória curta*, mas um gênero independente, com características próprias (...) de forma mais realista” (GOTLIB, 2003, p.16). Apoiando-nos nas palavras da autora, vemos que a estrutura da história curta do *Jornal das Moças*, passível de ser lida em 3 minutos, se encaixa no modelo de conto “short story”. Sua configuração textual e abordagem da temática definem os contornos de *O conto da semana*, como um texto que passa uma mensagem direta ao leitor, compreendendo homens como protagonistas em grande parte das vezes.

O outro tipo de conto encontrado na revista faz parte de sua essência e suas publicações remontam desde a década de 1920, época em que a família Menezes assumiu a linha editorial da revista; entretanto, ao longo do tempo, sofreu alterações em relação à forma e ao conteúdo. Não se constitui como uma coluna fixa em seu formato e sim como um tipo de comunicação recorrente do *Jornal das Moças*.

No período em que foram analisados, esses contos tinham características peculiares que incluíam a autoria e os nomes dos personagens predominantemente com referência a língua inglesa. Raro era o encontrar assinado por escritoras mulheres. Os desenhos que os ilustravam, geralmente, traziam traços retos e cenas que deixavam na expectativa um possível enlace amoroso entre os personagens, os quais geralmente correspondiam ao casal protagonista da história; ocasionalmente, poderia ilustrar o conto uma cena de filme.

Sua publicação contava com duas páginas inteiras, eventualmente numeradas, e seu desfecho apresentava-se diagramado sob a forma de coluna, contida em uma das páginas finais da revista. Esse conteúdo escrito fragmentado ao longo da revista sugere uma divisão proposital, pois o conto vinha com a indicação da página na qual seria encontrado o final da narrativa, contudo nem sempre esse dado coincidia com a realidade da publicação.

O leitor, ávido pelo final da trama, deveria folhear todo o periódico em busca do desfecho prometido, o qual aparecia, geralmente, em uma tímida coluna, espremida entre o expediente da revista, e as palavras cruzadas.

A temática que envolvia esses contos era majoritariamente a mesma: um casal que se conhecia, construindo um envolvimento amoroso, e enfrentava algum percalço até, finalmente, ficar unido pelo matrimônio no melhor estilo: *felizes para sempre*.

De uma forma geral, podemos perceber que as referências ao ensino superior nestes dois tipos de contos reproduzidos pela revista retratavam personagens femininos e masculinos, em sua maioria, formados, ou em vias de, nos cursos superiores de Medicina, Engenharia e Direito.

O conto *A realidade de um sonho*, de Charles Condoy, é um exemplo dessas narrativas de duas páginas e meia publicadas na revista. Nele, vemos o personagem principal Paulo como narrador da história envolvendo ele, sua amiga Fanny e sua antiga professora Elvira, e os meandros de sua trajetória acadêmica desde a juventude, até a idade adulta, passando por três cursos universitários.

Ocupávamos a mesma carteira na escola rural. Ela, Fanny, tinha doze anos. Era suave de maneiras gentis e sorriso agradável. Eu tinha quatorze anos. Seus olhos eram muito verdes e expressivos. Injustamente diziam que eu era o pior aluno da classe. Ignoro se o era. A professora era muito bondosa e perdoava minhas gazetas. Mas como se pode compreender então, que Fanny, minha colega de classe protestasse?

Transcrição de trecho do conto *A realidade de um sonho*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Começando o conto ainda no início da adolescência, o narrador e sua amiga Fanny dividem “a mesma carteira na escola rural”. Paulo queixava-se porque “injustamente diziam que [ele] era o pior aluno da classe”, e ainda com escárnio afirmava “ignoro se o era”. As lembranças daquele tempo mostram que “a professora era muito bondosa e perdoava [suas] gazetas”, contudo Fanny, a menina de olhos “muito verdes expressivos” e “maneiras gentis”, protestava em relação aos seus atos.

Duas são as representações de feminino apresentadas nesse trecho: Fanny, a menina de “maneiras gentis”, que protestava frente às atitudes erradas do amigo, e a da professora condescendente com o menino, por achar, provavelmente, que eram peraltices pertinentes a idade e próprias do sexo masculino. Essas representações reforçam as imagens atribuídas a um e outro sexo, caracterizando as mulheres como portadoras de cordialidade, responsabilidade e beleza, ao passo que a figura masculina, ainda em criança, mostrava-se ativo, inquieto e pouco afeito aos estudos.

Nisso a professora vendo que eu estava desatento falou:
 — Paulo, venha para junto de mim!
 E eu tive que ficar ali, perto dela até o final da aula. Depois, quando a formosa professora terminou de empoar o rosto, disse:
 — Não fizeste os deveres... ontem não vieste à aula e o que é que estava fazendo com a Fanny?
 — Bem... eu...
 — Que seja esta a última vez — seus olhos evidenciavam pena. E amanhã quando vieres quero que tragas os deveres prontos.

IMAGEM 49. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A professora aparentemente indulgente até então, revela seu lado mais austero, exercendo seu papel de educadora, chamando a atenção de Paulo ao constatar sua dispersão em sala de aula, fazendo-o ficar “ali, perto dela até o final da aula”. De castigo, por não fazer os deveres, não comparecer à aula e ficar conversando, o jovem menino é repreendido por sua mestra “que seja esta a última vez”, ao mesmo tempo em que era advertido “e amanhã quando vieres quero que tragas os deveres prontos”.

- Fanny – algum dia ficarás orgulhosa de mim.
 Ela sorriu.
 Passaram-se os anos. Hoje tenho muita experiência. Estou com vinte e três anos. Estou estudando engenharia.

Transcrição de trecho do conto *A realidade de um sonho*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Paulo, apesar do aparente descaso com os estudos, faz uma promessa a Fanny “algum dia ficarás orgulhosa de mim”, como forma de tentar remediar suas atitudes. O tempo passa e o protagonista, na idade adulta, “com muita experiência” apresenta-se como estudante de Engenharia. Entretanto, mesmo sendo um homem de vinte e três anos, suas atitudes como adulto refletem ainda sua irresponsabilidade.

Fanny é a mais linda moça da cidade. Seus cabelos dourados fazem uma bela moldura para seu rosto de feições finas.
 Agradeço teus bons cuidados e volto para casa. Com muita dificuldade alcanço a janela e salto para a varanda.
 No dia seguinte, bem cedo, preparo minhas malas. Com o casaco de lã, posso dissimular bem que estou ferido. Terei que ir fazer um curativo na cidade. Durante o baile eu dancei muito colado com Rosita e seu irmão Prudêncio

veio tomar satisfações, reagí e o resultado era aquela ferida que me doía horrivelmente.
 Despedí-me de minha mãe e parti para a casa de meu tio. Estava disposto a estudar e a vencer na vida.
 Durante anos a fio segui o meu intento. Estudei Direito e hoje sou um bom advogado, segundo dizem. Nunca pensei que chegaria a ser um homem importante.

IMAGEM 50. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O estudante de engenharia Paulo continua a se meter em confusões, como, por exemplo, “durante o baile” dançar “muito colado” com uma moça, e em seguida envolver-se em uma discussão com o irmão da mesma, que ao avistar a cena “veio tomar satisfações”, resultando naquela “ferida que me doía terrivelmente”. Fanny, a amiga de infância e “a mais linda moça da cidade” não hesita em cuidar do ferimento. Conseguindo encobrir o machucado do conhecimento de sua mãe, Paulo arruma suas malas, e parte para a casa de seu tio, sentindo-se confiante “disposto a estudar e vencer na vida”.

Afirmando que “durante anos a fio segui meu intento”, ele parece largar o curso de Engenharia pelo de Direito, sem mencionar as razões dessa troca de ênfase nos estudos. Ao se autodenominar “um bom advogado” e “um homem importante”, demonstra ter cumprido a promessa feita a si mesmo quando partiu de sua cidade, e ter se tornado efetivamente um adulto.

Mesmo sendo “um bom advogado”, o narrador não se dá por satisfeito e parte para cursar mais uma faculdade: Medicina. Nesse curso ele se estabelece, assim como o fez em Direito, tornando-se um cirurgião.

Estudei também Medicina e deixei as leis para ser grande cirurgião. Nunca pensei que um dia estaria pendendo de minhas mãos à vida da velha Elvira, a doce professora dos meus primeiros estudos. Não estou muito sereno, mas não posso falhar. Se há alguma vida que devo salvar é a dela.

Transcrição de trecho do conto *A realidade de um sonho*. Exemplar nº. 2187, de 16 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Médico formado, Dr. Paulo, o “grande cirurgião”, enfrenta um desafio em sua nova carreira: a responsabilidade sobre “a vida da velha Elvira, a doce professora” dos seus primeiros estudos, estava em suas mãos. Ciente dessa responsabilidade, mesmo não estando “muito sereno”, o médico sabia que falhar não era uma possibilidade, pensando que “se há alguma vida que devo salvar é a dela”.

Após salvar a professora Elvira da morte, ele é informado que ganhará uma bolsa para estudar em Viena, relutando em aceitá-la alegando que seu intento na cirurgia fora, apenas, salvar a vida da velha senhora. Logo em seguida, reencontra sua amiga de infância Fanny e a ela declara seu amor, pedindo-a em casamento. No final do conto, Fanny aceita o pedido de casamento do amigo.

Assim sendo, o conto *A realidade de um sonho* representou o personagem masculino de ensino superior em várias fases de sua vida, na infância como um menino peralta, passando

pela fase de rapaz inconsequente, e transformando-se em um homem responsável. Aparentemente indeciso, no que concerne à escolha de profissão, passou por três cursos superiores, Engenharia, Direito e Medicina, concluindo dois deles, Direito e Medicina, sendo bem sucedido nessas duas carreiras.

Duas são as figuras femininas representadas na narrativa: Elvira, a professora que ensina e educa com amor, sendo vista como bondosa pelos alunos, mas cumprindo seu papel de professora ao se mostrar atenta e ativa quando necessário, e Fanny, a amiga fiel, representada como portadora de atributos físicos admiráveis, possuindo também bom caráter; não há menção em relação ao seu processo de escolarização após a infância, reaparecendo ao final do conto para casar com o protagonista, o Dr. Paulo – médico cirurgião.

Vemos que Paulo, o protagonista desse conto, optou primeiro por Engenharia, depois resolveu empenhar-se e formar-se em Direito, para finalmente trilhar o caminho que o levaria a ser um grande cirurgião, escolhendo Medicina como forma de atuar profissionalmente. A profissão de médico rende a ele alegrias e glórias, salvando sua antiga professora da morte, possibilitando o reencontro com a amiga de infância Fanny e rendendo um curso na Europa.

Notamos, por meio da análise deste texto, os três cursos citados com maior frequência pelos contos presentes na revista *Jornal das Moças*.

Dos quatorze contos escolhidos para serem estudados nesta parte do trabalho, é possível afirmar que *O conto da semana* foi utilizado uma única vez como fonte de exemplo, sendo que as demais narrativas recortadas da revista pertencem ao outro tipo de conto, o mais longo, com duas páginas e meia. Todas as histórias apresentadas a seguir são assinadas por autores estrangeiros, trazendo como personagens estudantes ou graduados em cursos universitários. Alguns contos deixavam claras as referências aos cursos, como os de Medicina, Direito, Engenharia e Química, enquanto outros apenas falavam da formação acadêmica de forma genérica.

2.3.1 “É grave, Doutor?” – as narrativas sobre médicos e médicas

Das narrativas sobre médicos e médicas publicadas no *Jornal das Moças*, destacamos cinco para análise: quatro apresentadas no formato de conto longo, com duas páginas inteiras impressas e mais uma coluna com o desfecho ao final da revista, e uma extraída da coluna fixa *O conto da semana*. A característica marcante deste conjunto de textos é ter personagens estudantes ou médicos formados, com a predominância da figura masculina, exercendo posição decisiva entre a vida e a morte dos envolvidos na trama, sendo que somente em uma dessas narrativas, a mulher médica surge nesse cenário e ela será o nosso ponto de partida.

No conto *O amor tormentoso*, de Carlos Nolan, a Dra. Desmarest, ou melhor dizendo, Claudina, é apresentada ao leitor no primeiro parágrafo como a médica que contraiu matrimônio com um médico viúvo, pai de um casal de adolescentes. A trama gira em torno da harmonização familiar após o casamento dos doutores, envolvendo a questão do abandono da profissão por parte da mulher.

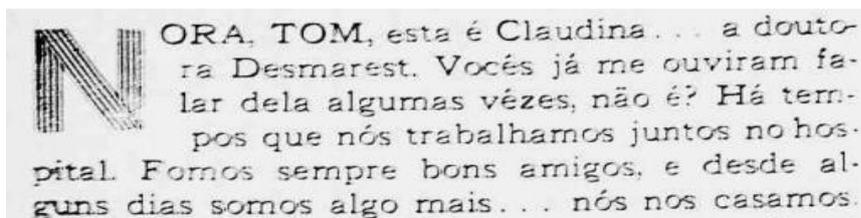


IMAGEM 51. Exemplar nº. 2182, de 11 de abril de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Roberto, o médico viúvo, comunica aos seus filhos Nora e Tom sobre seu enlace nupcial com a Dra. Desmarest, afirmando que “fomos sempre bons amigos, e desde alguns dias somos algo mais ... nós nos casamos”. Se antes de se casar a mulher era conhecida pelos meninos como “Dra. Desmarest”, visto que eles “ouviram falar dela algumas vezes”, agora casada ela era apresentada pelo seu primeiro nome – Claudina.

A narrativa vai se desenrolando mostrando que este casamento não era um mar de rosas, predominando os atritos domésticos, entre a esposa e o casal de filhos adolescentes de seu marido. A situação chega ao ápice e durante uma discussão com Nora, a filha do marido, Claudina despeja sobre a moça seus sentimentos mais profundos em relação à sua insatisfação pessoal, causada pelo fato de ter largado a medicina, aliada com a falta de harmonia familiar.

Nora, quando me casei com teu pai, renunciei a minha carreira para poder viver aqui com vocês e tornar sua vida mais fácil e feliz.

IMAGEM 52. Exemplar nº. 2182, de 11 de abril de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Neste desabafo, de mulher para mulher, Nora fica ciente da renúncia realizada por Claudina. A mulher representada pela Dra. Dermarest abriu mão da sua carreira em prol de uma vida em família, não hesitando em largar sua profissão para harmonizar um lar.

A médica que existiu até o casamento, trazendo a representação de que a mulher poderia ter uma carreira após a conclusão do ensino superior, ao se casar, deu vida a uma mulher com nome próprio, abandonando não só seu sobrenome de solteira, como também a medicina, a fim de “tornar” o convívio familiar “mais fácil e feliz”.

Se a realidade se mostrava de início adversa, no desfecho do conto, após Claudina perder o bebê indesejado por Nora, de forma natural, a harmonia familiar acaba prevalecendo. Os filhos aceitaram o novo casamento do pai e a família feliz acabou reinando. Logo, Claudina acertou, ou seja, não falhou ao largar a profissão de médica para cumprir seu papel de esposa e mãe no lar e na família.

Com foco na profissão do homem nas quatro narrativas que se seguem, o enlace amoroso por meio do casamento era apoiado e visto com bons olhos. Era válido para a mulher casar-se com homem estabelecido na vida e formado numa universidade, conforme no conto *A presença do amor*, de Muave Level.

Nesta narrativa, a protagonista Rose tomou a decisão errada sobre um procedimento médico a ser feito em sua tia, em comum acordo com seus primos. Ao descobrir o plano dos primos, que era de matar a tia para ficar com seu dinheiro, Rose abandona sua casa e encontra com o Dr. Locatelli, o médico que ela gostaria que tivesse feito a cirurgia na tia, mas que os primos a fizeram dissuadir da idéia alegando um custo muito alto – quando, na verdade, queriam apenas usufruir da fortuna.

Ao contar a trama maldosa em que foi envolvida acidentalmente, Rose conquistou o respeito do Dr. Locatelli, que sabendo da procedência da moça e de sua boa índole lhe ofereceu um emprego.

— Não sei, doutor... preciso procurar um emprêgo.
 — Venha até à minha clínica. Lá eu lhe arranjarei algo para fazer.
 Rose passou então a fazer serviços de escritório na clínica de Locatelli. Sentia-se feliz, ali, ao lado daquele homem bom e dinâmico que tudo fazia para o bem da humanidade. A moça ia aos poucos sendo conquistada pela força interior que emanava do médico e terminou por sentir-se inteiramente apaixonada.

IMAGEM 53. Exemplar nº. 2194, de 04 de julho de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Dr. Locatelli era apresentado como “homem bom e dinâmico que tudo fazia para o bem da humanidade”, que deveria cuidar do próximo de forma honesta e prática, e conseqüentemente poderia cuidar daquela moça que fora enganada pelos primos.

A moça demonstrava felicidade em “fazer serviços de escritório na clínica de Locatelli”, sendo que “ia aos poucos sendo conquistada pela força interior que emanava do médico”, até por fim “sentir-se inteiramente apaixonada” pelo “bom” médico.

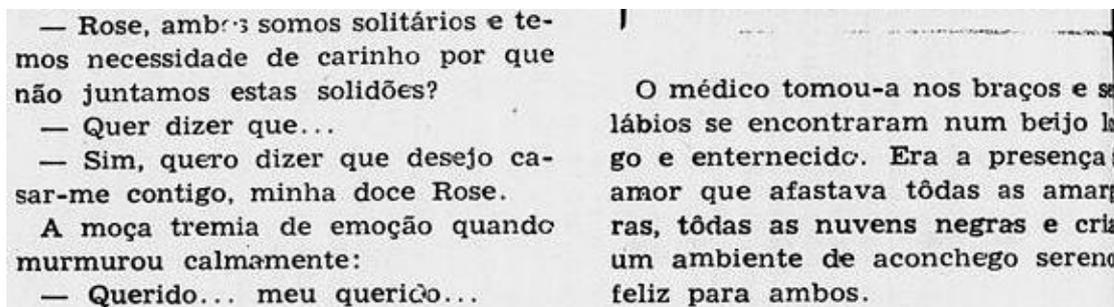


IMAGEM 54. Exemplar nº. 2194, de 04 de julho de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O “homem bom” e a mulher virtuosa, que o auxiliava com “serviços de escritório na clínica”, estavam “ambos solitários” e com “necessidade de carinho”, restando como conforto para os dias de solidão o casamento. O casamento era, portanto, a expressão mais sublime do amor, capaz de afastar todos os males dos corações. A mulher aqui representa o elo fraco, desamparado, desprotegido que encontra no homem respeitável e com profissão de médico o seu porto seguro.

A representação do médico como “bom homem” também se fez presente em *A força do destino*, de Jack Adler, publicado na coluna *O conto da semana*.

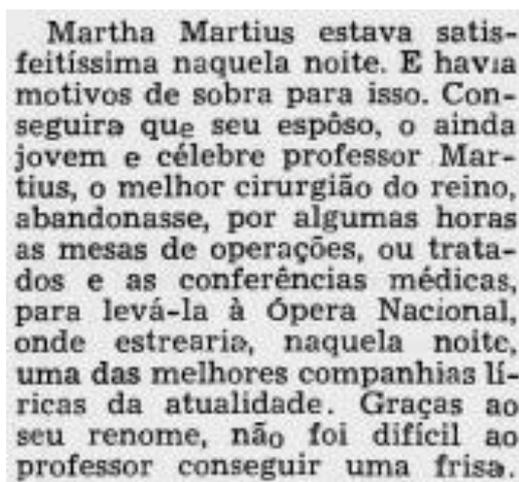


IMAGEM 55. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Martius, “o ainda jovem e célebre professor”, é o personagem principal desta narrativa, que, finalmente, conseguiu tempo na sua rotina de médico profissional para ir ao teatro com a esposa Martha Martius, a qual “estava satisfeita naquela noite”. A Sra.

Martius conseguira dois feitos numa mesma noite: que o marido “abandonasse por algumas horas as mesas de operações ou tratados e as conferências médicas, para levá-la a Ópera Nacional” e uma frisa graças ao “renome” de seu esposo.

Contudo, antes da ópera começar, um terrível acidente acontece na porta, convocando um médico a socorrer a vítima às pressas. O Dr. Martius não hesita em levantar e cumprir o seu dever, pois além de ser professor era também “o melhor cirurgião do reino”.

Madama Martius estava furiosa. Somente quase na metade do terceiro e último ato, é que o professor voltou. Imperturbável, sentou-se ao seu lado, e disse: “tudo bem”.
E quietamente deixou a esposa apreciar o resto do espetáculo, enquanto, como que absorto, revia todas as cenas da delicada intervenção que fizera, no hospital, para onde fôra levada a toda pressa a velha senhora Moritz, sua sogra e que sofrera um acidente, atropelada por um motorista irresponsável, quando descia do seu automóvel, para ir também ao teatro.

IMAGEM 56. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O abnegado e incansável Dr. Martius largara sua esposa “furiosa” assistindo a Ópera, retornando “somente quase na metade do terceiro e último ato”. Sem saber que iria socorrer “a velha senhora Moritz, sua sogra”, a mãe de “Madama Martius”, demonstra seu compromisso com a profissão. A questão do parentesco veio a ser um mero acaso - sua conduta reta cuidando de qualquer paciente fez com que ele acabasse salvando a sogra, que fora atropelada quando também se dirigia para o mesmo teatro.

Por ser visto como o homem sempre disposto a salvar vidas, logo, um homem bom e com muitas virtudes, casar com um médico, ser mulher de médico, era representado como um *status*, conforme verificamos no conto *Renúncia*, sem autoria identificada.

is tive medo da solidão. Deixei meu emprêgo de enfermeira que era nobre para ser esposa de um médico. Tive durante anos um marido exemplar.

IMAGEM 57. Exemplar nº. 2308, de 10 de setembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Cristina, a protagonista deste conto, deixou o “emprego de enfermeira que era nobre para ser esposa de um médico”, parecendo indicar que apesar de ter um trabalho reconhecido

e importante, ser esposa de um médico poderia ser considerado algo “melhor”, e como recompensa pela renúncia a carreira, durante anos teve “um marido exemplar”.

Ao se casar com um médico, Cristina não só renunciou a sua profissão. A renúncia que dá título a narrativa, diz respeito, também, ao fato da protagonista ter aberto mão do marido quando este por outra se apaixonou. Mesmo largando a enfermagem para “ser esposa de médico” e depois ter seu casamento desfeito por conta de uma paixão fortuita do marido, ela não se arrependia, segundo o desenrolar do texto.

Casar-se com um médico parece-nos, então, uma forma de ascender socialmente, na medida em que a profissão de médico era reconhecida pela boa reputação, e tornar-se esposa de um atestaria a escolha acertada da moça. Renunciar ao casamento pela felicidade do marido era prova de que a mulher queria vê-lo feliz, independentemente do fato de estar com ela, constituindo-se em um exemplo de abnegação.

Ao final da narrativa, o médico arrependido após a aventura vivida com a jovem, regressa ao lar e encontra tudo tal como deixara, menos a antiga esposa, que desfalece e morre em seus braços quando ele lhe pede perdão.

No conto *A perfeita secretária*, também sem indicação de autoria, observamos outro casamento: o médico recém formado com uma balconista de loja. Ruth era descrita como uma menina humilde, que trabalhava na loja “Charles John” desde menina, atendendo a todos com desvelo e carinho. Apesar de alguns contratempos, como o gerente que a perseguia, a moça sentia-se feliz e entusiasmada em trabalhar no local, sem pensar em procurar outra ocupação, pois era incentivada pela sua família a permanecer trabalhando naquele recinto.

Um dia o velho apareceu na loja acompanhado pelo filho. Um rapaz, alto, moreno e bonito.

— Este é meu filho, senhorita! — disse o velho.

— Encantada, senhor.

— Acaba de formar-se em Medicina e trouxe-o para dar-lhe alguns presentes e além disso para conhece-la, Ruth...

A moça enrubesceu.

O jovem sorriu e falou:

— Aqui está o meu cartão, se alguma vez precisar de um médico, já sabe, estou às suas ordens.

Ruth ficou profundamente impressionada com o rapaz. Era tal sua emoção que ao mostrar aos seus clientes um perfume caríssimo, o frasco escapou de suas mãos e quebrou-se.

Rapidamente o senhor Peter tirou o lenço fino e o embebeu no precioso líquido.

A simpatia e o carisma de Ruth fizeram com que um dos seus clientes mais assíduos, o senhor Peter, fosse até a loja para adquirir produtos pessoalmente, apresentando a ela seu filho, médico recém formado. Em sendo uma moça simples, ficou corada e deixou “um perfume caríssimo” cair ao chão, quebrando-se. Por conta do episódio do perfume vertido ao chão, o senhor Peter percebe o quão rude era o gerente no trato com a menina, e no mesmo dia compra a loja, exigindo que Ruth fosse a nova gerente.

Ruth, em seu novo posto desenvolveu uma grande atividade. Sua inteligência viva fez com que dentro em pouco ela passasse a ser sócia interessada na loja, para logo depois deixar o seu posto a fim de casar-se com o filho do seu patrão, tal e qual como acontece nas histórias de fadas que raramente se tornam realidade.

IMAGEM 59. Exemplar nº. 2130, de 12 de abril de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Ruth, a moça humilde, porém esforçada, passou “a ser sócia interessada da loja”, permanecendo neste cargo até “casar-se com o filho do seu patrão”. Ao final do conto a moça humilde se casa com o médico “qual como acontece nas histórias de fadas que raramente se tornam realidade”, ou seja, o inusitado acontecera.

Percebemos que Ruth mesmo que inteligente, tendo passado pelo posto de gerente e depois se tornado sócia da loja, termina por abandonar sua ascensão profissional para se dedicar a uma função mais importante – ser esposa de médico.

A humildade e a gentileza no trato com os clientes eram suas características marcantes durante o tempo em que fora vendedora. Sua ascensão dentro da loja, deu-se por conta dessas características, fazendo com que um homem rico se apiedasse da forma hostil com que uma jovem funcionária fora tratada pelo seu superior, transformando-a em gerente.

O esforço pessoal de Ruth na profissão de gerente aliado a sua inteligência e trato com os negócios permitiram que ela virasse sócia da loja, apontando as leitoras que a mulher não deveria ser ambiciosa, e sim esforçada, devendo cultivar a simplicidade sempre que possível. Assim, antes de contrair matrimônio, passou seu posto, indicando a leitora que para se casar a mulher deveria abdicar de sua carreira profissional.

Cabe destacar que, ao final do conto, o autor ainda ressalta que histórias como essas raramente se tornam verdade, advertindo as leitoras para não sonharem que poderiam casar-se com alguém fora do seu nível social. Isso era restrito aos contos de fadas.

A relação entre os sexos parecia, desta forma, ser delineada pelos papéis sociais que ambos ocupavam dentro da sociedade: ao médico era atribuída a imagem do ser incansável apto a salvar vidas, reconhecido socialmente, casando-se com uma mulher que se dedicasse a ele integralmente; ao passo que a mulher deveria abrir mão de sua carreira, ainda que fosse uma Médica, como no caso de Claudina, ou uma enfermeira, no caso de Cristina, ou mesmo uma gerente de loja, como Ruth.

2.3.2 “Silêncio no tribunal!”: a justiça sendo feita nos contos do *Jornal das Moças*

Diferentemente dos médicos, os advogados apresentados dentro dos quatro contos longos publicados na revista *Jornal das Moças* não eram predominantemente do sexo masculino; encontramos a presença feminina em dois deles: uma cursando o ensino superior e a outra formada em Direito.

O conto *A grande ilusão*, sem autoria mencionada, é uma das duas narrativas com presença feminina no ensino superior, apresentando como coadjuvante a jovem Margot, uma estudante do curso de Direito, que comparece, a convite de Roberto, ao baile na Universidade em que ele estuda.

vermelho de corte atrevido e maquillage forte. Era Margot Lawson. Via-se que ela não era da Universidade e sobrava naquele ambiente.

Compreendia que a senhora Percy não tinha julgado prudente convidar Margot... mas...

— Conte-me algo de sua vida — pediu êle à moça.

— Nasci em Oregon, onde meu pai é diretor de um Banco. Vivo com meus pais numa casa antiga numa rua cheia de árvores tranquilas. Estudo Direito e êste é o meu primeiro baile de importância.

Margot estremeceu ao recordar que terminando os estudos teria que voltar à Oregon. Soubera que seus pais estavam separados há um mês. Seu pai tinha deixado a casa deslumbrado pelos encantos de uma aventureira. Mesmo os homens mais dignos fazem tolices desta natureza.

Sua mãe mostrou-se forte e digna. A aventureira estava gastando todo o dinheiro de seu pai e dentro em breve êles estariam na miséria. Sentia uma sensação de importância frente ao desastre que houvera em seu lar.

— Está se divertindo, senhorita?

— Sim... muito... respondeu Margot.

Quando a música acabou, Roberto levou-a diretamente ao palco e deixou-a junta da senhora Brown.

Margot Lawson trajava vestido “vermelho de corte atrevido e maquiagem forte” para ir ao seu “primeiro baile de importância”, e de longe “via-se que ela não era da Universidade”. Deslocada, “sobrava naquele ambiente”, quando Roberto, um jovem estudante universitário, a chamou para dançar. Na conversa durante a dança, ela conta que havia nascido em Oregon³⁶, estudava Direito e que seu pai era “diretor de um banco”.

Mesmo vivendo sua estreia nos bailes, “Margot estremeceu ao recordar que terminando os estudos teria que voltar a Oregon”, pois o cenário que a aguardava em casa era desagradável – “seus pais estavam separados”, e ele havia deixado a casa “deslumbrado pelos encantos de uma aventureira”. Ainda assim, “sua mãe mostrou-se forte e digna”, apesar de saber no seu íntimo que “dentro em breve eles estariam na miséria”, tendo em vista que “a aventureira estava gastando todo o dinheiro do seu pai”.

Ao mesmo tempo em que moça afirma morar com os pais “numa casa antiga numa rua cheia de árvores tranquilas”, descrição esta que combina com a de um típico subúrbio norte-americano³⁷, logo em seguida diz temer seu regresso a casa após o término dos estudos. Refletindo-se a respeito do sistema de ensino superior nos Estados Unidos, apontado por Moraes (2015), percebemos que a residência de Margot era com os pais no Oregon, contudo ela estava afastada de casa, morando no campus universitário em virtude de seus estudos, o que era comum aos estudantes universitários, mas não às jovens nessa situação. Ela não estudava na universidade de Roberto, local onde estava acontecendo o baile, conforme a narrativa nos indica, o que justifica o fato dela “sobrar naquele ambiente”.

Aliado a isso, temos a indumentária da moça que saltava aos olhos dos convidados como agravante para que Margot se destacasse frente as demais moças presentes no recinto. A roupa da jovem estudante de Direito chamava a atenção de forma negativa, e Roberto sabia que a senhora Percy, a pessoa encarregada de cuidar das convidadas ao baile durante sua permanência no campus universitário, “não tinha julgado prudente convidar Margot”. Ao final da dança, ele deixa a moça junto a Lucy Brown, sua amiga de infância também convidada por ele para a festa.

A roupa e a maquiagem da jovem Margot nos remete a matéria *O segredo da harmonia das cores* publicada na revista *Jornal das Moças* em 10 de novembro de 1955.

³⁶A referência Oregon na fala da jovem indica que se trata de um dos cinquenta estados que compoem os Estados Unidos da América, situado na Costa Oeste dos EUA. Fonte: <http://www.guiageo-eua.com/oregon/mapa-politico.htm>. Acesso: 29.01.2019.

³⁷Surgido na década de 1950, o subúrbio norte-americano é fruto do crescimento desordenado das cidades. Em busca de um lugar tranquilo e arborizado para morar com a família, muitos casais fixaram residência em uma região afastada do centro da cidade, em bairros planejados por grandes construtoras, que contavam com casas espaçosas e área livre de lazer. Fonte: <http://www.cinqdi.com.br/como-sao-projetados-os-bairros-americanos-que-voce-ve-nos-filmes/>. Acesso: 19.05.2019.

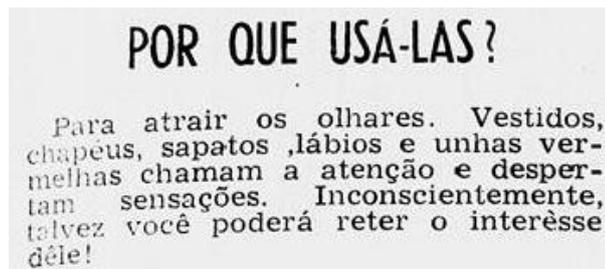


IMAGEM 61. Matéria: *O segredo da harmonia das cores*. Exemplar nº 2108, de 10 de novembro de 1955. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A matéria de moda ensinava as leitoras como usar a cartela de cores ao seu favor, orientando as mulheres a se vestirem de acordo com o que desejavam atrair dos homens.

A matéria utilizando-se dos slogans: “Você se veste para agradá-los, mas nem todos os homens tem os mesmos gostos”, “Aprenda a discernir as nuances que atraem e as que afastam” e “Escolha sempre tons que a embeleze e que lhes de prazer ...”, valoriza a beleza da mulher como estratégia de conquista. Estimulando a mulher a ficar bonita para eles, e se sentir confortável com isso, roupas e cores não eram mais, apenas, acessórios, constituindo-se em meios para cativar. O destaque especial na cor vermelha, para além do fato dela chamar a atenção, como aquela que promete reter o interesse, importante em matéria de sedução.

Margot estava vestida de forma “provocante” de modo que chamava a atenção dos rapazes. Roberto sabia que a senhora Percy, encarregada da conduta das moças durante a estadia na universidade, não era a favor de convidar Margot, mas mesmo assim ele o fez e, inclusive, dançou com ela.

Do diário de Lucy: “A senhora Percy não devia ter repreendido Roberto por ter convidado Margot Lawson. Ao terminar o baile ví que ela estava muito triste e desambientada. Quando Roberto

IMAGEM 62. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Roberto é repreendido pela senhora Percy “por ter convidado Margot Lawson”, que estava no seu primeiro baile “muito triste e desambientada, segundo o relato de Lucy. Lucy é a personagem principal do conto, amiga de infância de Roberto e moradora de sua cidade de origem. Ela fora convidada por ele para o baile, ficou no alojamento para moças da Universidade e foi muito bem recebida pela senhora Percy; dançou com alguns rapazes durante a festa.

O desfecho do conto nos mostra que o rapaz escolheu a moça de sua terra natal, para casar ao final do curso universitário. Margot, a audaciosa, arrojada, trajando carmim, sem se importar em chamar atenção pela beleza, e que aparentemente dançou só com Roberto, tornou-se “o peixe fora d’água”, não sendo mais mencionada após ter ficado ao lado da Senhora Brown, no palco.

O outro conto que apresenta a mulher na área jurídica é *Mulher no tribunal*, de autoria parcialmente legível - lemos apenas o sobrenome Ransome, tendo como abertura um pequeno texto que parece nos adiantar o desenrolar de sua narrativa.

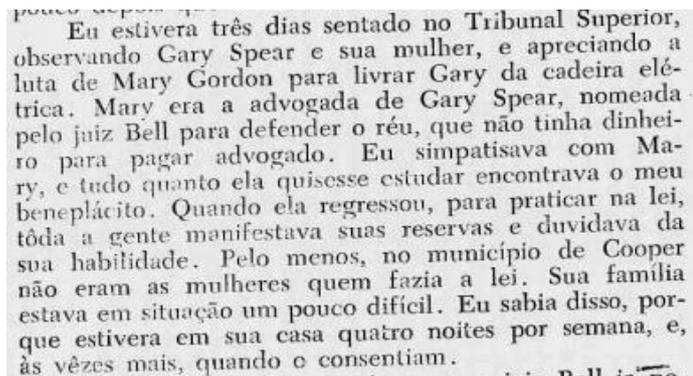
Pouca gente acredita na capacidade intelectual das mulheres. A mulher nasceu para o lar, e nisso quase todos estamos de acôrdo. Porém, a mulher é arguta, tem um sexto sentido e em outros casos, ninguém, melhor que ela pode defender um chefe de família.

IMAGEM 63. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A mensagem destacada do início do conto reforçava o papel da mulher no lar e na família, enfatizando que ela “nasceu para o lar”, e por conta desse papel “pouca gente acredita na capacidade intelectual das mulheres”. Embora desacreditada, era possuidora de atributos, como “sexto sentido”, tornando-a a pessoa indicada para “defender um chefe de família”, posto que família era uma seara feminina. Assim vemos que outro papel passava, então, a ser atribuído a mulher: o de defender a família.

Neste conto, o narrador Tom é ao mesmo tempo personagem da trama, na qual a personagem principal Mary Gordon é uma advogada iniciante, defendendo um acusado de assassinato, enfrentando as reservas da população de uma pequena localidade, em relação a sua atuação profissional.

A jovem e inexperiente Mary é “nomeada pelo juiz Bell para defender o réu”, ou seja, para tentar livrar Gary Spear da cadeira elétrica. Apesar de ser diplomada, “toda a gente manifestava suas reservas e duvidava da sua habilidade”, pois “no município de Cooper não eram as mulheres quem fazia a lei”.

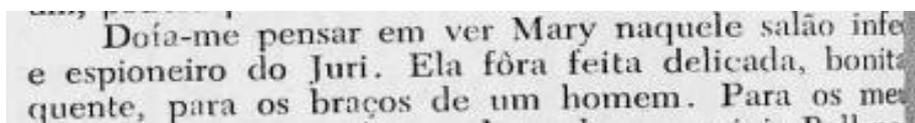


Eu estivera três dias sentado no Tribunal Superior, observando Gary Spear e sua mulher, e apreciando a luta de Mary Gordon para livrar Gary da cadeia elétrica. Mary era a advogada de Gary Spear, nomeada pelo juiz Bell para defender o réu, que não tinha dinheiro para pagar advogado. Eu simpatizava com Mary, e tudo quanto ela quisesse estudar encontrava o meu beneplácito. Quando ela regressou, para praticar na lei, tôda a gente manifestava suas reservas e duvidava da sua habilidade. Pelo menos, no município de Cooper não eram as mulheres quem fazia a lei. Sua família estava em situação um pouco difícil. Eu sabia disso, porque estivera em sua casa quatro noites por semana, e, às vêzes mais, quando o consentiam.

IMAGEM 64. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Mary precisava ter fibra e enfrentar as desconfianças em relação a sua conduta como advogada, tendo em vista que “sua família estava em situação pouco difícil”, e ela carecia de dinheiro. Suas atitudes, enquanto advogada, eram postas em dúvida a todo o momento, no desenrolar da narrativa, e sua atuação nos tribunais era vista com desconfiança.

O narrador da história se mostra próximo a protagonista, conhecendo não somente sua atuação profissional, como também sua vida de relação familiar, sabendo com intimidade de informações pessoais dela, visto que “estivera em sua casa quatro noites por semana, e, às vezes mais, quando o consentiam”.

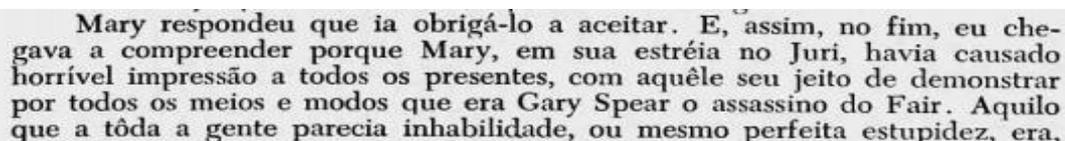


Doía-me pensar em ver Mary naquele salão infernal e espioneiro do Juri. Ela fôra feita delicada, bonita e quente, para os braços de um homem. Para os meus...

IMAGEM 65. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A proximidade dos personagens Tom e Mary faz com que ele não se sinta confortável ao vê-la “naquele salão infernal e espioneiro do Juri”, por qualificá-la como “delicada, bonita e quente, para os braços de um homem”. Pela sua fala, percebemos que ele acreditava que o tribunal não era um local apropriado para uma moça com atributos tão nobres, e que o lugar dela era nos “braços de um homem”, visto que no salão do Júri todos estavam meticulosamente estudando cada gesto seu.

Causando “horível impressão a todos os presentes”, Mary, em “sua estreia no Júri”, ia tentando “demonstrar por todos os meios e modos que era Gary Spear o assassino”, indo no caminho inverso do esperado.



Mary respondeu que ia obrigá-lo a aceitar. E, assim, no fim, eu chegava a compreender porque Mary, em sua estreia no Juri, havia causado horível impressão a todos os presentes, com aquêle seu jeito de demonstrar por todos os meios e modos que era Gary Spear o assassino do Fair. Aquilo que a tôda a gente parecia inhabilidade, ou mesmo perfeita estupidez, era,

IMAGEM 66. Exemplar nº. 2282, de 12 de março de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Os que assistiam a cena, incrédulos, chegavam a pensar que “parecia inabilidade, ou mesmo perfeita estupidez”. No entremeio do julgamento, a proximidade de Mary e Tom é finalmente explicada ao leitor, quando ela rompe o compromisso com ele, devolvendo-lhe a aliança.

Ao final do conto, a advogada conseguiu que o júri absolvesse o réu. Mary provou que o homem assassinado era, na realidade, um raptor de crianças, procurado pela polícia com direito a recompensa. Tentando, momentos antes do crime, roubar um carro, ao ser surpreendido por Gary Spear, inicia-se a briga entre os dois, culminando na morte do ladrão. O assassino se transformou em herói, ao evitar o roubo de um carro, entregando a polícia um criminoso morto, fazendo jus à recompensa oferecida.

Usando de sua astúcia para lidar com as situações no tribunal, Mary insistiu em defender a tese de que o acusado era realmente culpado. Por mais absurdo que parecesse a própria advogada acusar seu cliente e ainda assim defendê-lo, a jovem conseguiu fazê-lo, sendo “arguta” e investindo no argumento de que seu cliente fez justiça com as próprias mãos, a fim de evitar que algo pior acontecesse. Logo, a mulher se constituiu como “a melhor” pessoa para defender um chefe de família, que estava defendendo a sociedade local de um bandido procurado.

Mary, a princípio, não foi compreendida e para defender sua convicção chegou a romper o noivado durante o julgamento, se deixando passar frente aos que a assistiam, inclusive Tom, como inábil, estúpida e despreparada por não se gabar de sua inteligência. Tendo encerrado o caso e absolvido o réu, a protagonista propõe reatar o compromisso com o narrado ao final do conto.

Mais dois contos foram analisados a seguir, contando com a figura do advogado como protagonista; nota-se que eles apresentavam homens boêmios, carecendo de uma mulher para ser seu o porto seguro, a fim de orientá-los a seguir o melhor caminho, podendo a figura feminina se transformar, inclusive, em sua conselheira. Em *Telefonema da meia noite*, de Artur Willer, temos como personagem principal Hugo Carawell, um jovem advogado.

FRA depois da meia noite quando Hugo Carawell, jovem advogado e homem social, regressou ao seu apartamento de solteiro. A reunião tinha sido ruidosa e divertida, com um punhado de lindas moças. Uma delas deslizou em suas mãos um papelzinho com o seu número de telefone.

Descrito como adepto de uma vida social agitada, o “jovem advogado” gostava de se divertir e apreciava “lindas moças”. Ao perceber que “deslizou em suas mãos um papelzinho” com o número de uma delas, buscando contato, acabou telefonando para outra jovem com quem engatou uma conversa agradável. Dessa conversa surge o interesse em conhecê-la, o que acaba acontecendo num quarto de hospital ao final do conto, quando Hugo irá descobrir que a moça era cega e que havia feito cirurgia para recuperar a visão.

Observamos o protagonista como boêmio e cercado por belas mulheres, sendo que uma delas, Sally, se destaca pela ousadia ao oferecer o próprio número de telefone após “animada” e “ruidosa” reunião. Ao tentar contato com a “dona do papelzinho”, esbarra em outra moça que, insone como ele, engata em uma conversa divertida e misteriosa.

Com a promessa de nunca revelarem suas identidades, longas conversas telefônicas seguem animadas entre Hugo e a moça, até que ele não aguentando mais o clima de mistério revela sua identidade. Ela então some sem deixar pista, fazendo com que o nervosismo tomasse conta do rapaz.

Tirando-o dessa situação de angústia, a mãe da moça intervém, revelando que sua filha Lorna Bradley havia passado por um procedimento cirúrgico na vista, levando Hugo para conhecê-la, ainda no leito do hospital, convalescendo da cirurgia para recuperar a visão. Daí em diante, eles passam a se entender pelo olhar.

O advogado Hugo gostava de festas animadas e de estar acompanhado por belas mulheres, quando por um erro ao digitar o número do telefone de uma delas, esbarra na cega Lorna, que acaba cativando-o pela conversa. Descobrimos coisas em comum, compartilhando sua rotina, dia após dia, o protagonista se descobre atraído por uma mulher que demonstrou ser sua companheira. Sem saber como lidar com esse sentimento, em dúvida a respeito do que ela sentia por ele, tenta desesperadamente tê-la para si. Fracassando, precisa de ajuda para vê-la e ter a certeza de que suas conversas eram reais, demonstrando que o diálogo é essencial entre o casal, mas nada substituía a cumplicidade estabelecida pelo olhar.

No conto *Frio na alma*, de Jerry Blash, conhecemos a trajetória acadêmica de Paulo, um estudante de Direito, e o papel exercido por sua namorada Marta, para que ele se tornasse um advogado.

Na narrativa, o jovem Paulo chegara em Nova York para começar a faculdade e assim realizar seu sonho. As recomendações e expectativas de seus pais, na sua saída de casa, foram enormes. Ele sabia que deveria “estudar muito” e começar “a pensar seriamente no trabalho” ao iniciar a vida acadêmica.

Finalmente chegou o dia em que Paulo deveria partir para Nova York. Era o abrir da vida dos seus sonhos. Assim que te inscreveste na Faculdade começaste a pensar seriamente no trabalho. Tinhas que estudar muito. Ainda ressoava em teus ouvidos, junto com o beijo de tua mãe e as palavras afetuosas de seu pai, aque-

IMAGEM 68. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Matriculado na Faculdade, fez novas amizades e outras oportunidades foram surgindo em seu caminho, e o apelo dos colegas para que deixasse os estudos de lado era uma realidade em sua vida.

— Olha, velhinho, não podes dizer não. Esta noite fazemos uma grande partida de pôquer na casa de Homero... Vamos...
 — É que eu...
 — Amanhã estudarás vamos
 — Mas os exames!
 — Ainda faltam doze dias, Tu, em doze dias poderás estudar vinte matérias. Com o teu talento...
 E Paulo ia. Quando fazia menção de retirar-se:
 — Bem, amigos, agora...
 — Que? Não pense em ir embora!
 — Mas é que...
 E Paulo ficava. Uma noite, duas, três. Uma semana, outra e outra mais. Por fim dizia a ti mesmo:
 — Vou fazer exame de segunda época. Assim estarei mais preparado.

IMAGEM 69. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Paulo vai se deixando levar pela jogatina e inventando desculpas para justificar seus erros – “Vou fazer exame de segunda época. Assim estarei mais preparado”, e assim a faculdade vai ficando relegada em segundo plano. Os anos passavam e ele a continuar mandando cartas a seus pais e para Marta, seu amor de juventude e namorada, como se estivesse fazendo o curso. Essa situação, que parecia não ter fim, fora interrompida quando Marta resolveu ir visitá-lo de surpresa.

— Marta! Que fazes aqui? Como me encontraste?

— Algo me dizia que me necessitavas, querido. Ontem fui procurar-te na Faculdade e me disseram teus amigos que há tempos não ias lá. Por isso comecei a caminhar sem rumo e o destino nos juntou por acaso.

IMAGEM 70. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O choque ser ao ser surpreendido por aquela que fazia seu coração bater mais forte foi o suficiente para aquecer o coração de Paulo, e assim colocar um ponto final ao ciclo de cartas mentirosas e de jogatina. Era chegado o momento de se transformar em um homem e assumir a rédeas de sua vida, não só retomando efetivamente os estudos, como também se casando com Marta.

Hoje faz muito frio Paulo. Mas tu talvez não o sintas. Faz já vários anos que estás casado com Marta, e agora vivem ambos num apartamento muito moderno. Tua alma já não tem frio. Tem junto dela alguém que lhe dá calor humano, ternura, amor. . . Talvez não dê importância, Paulo, mas na tua porta há uma placa de bronze que é o símbolo da tua recuperação.

“Dr. Paulo Rocky, advogado”.

IMAGEM 71. Exemplar nº. 2212, de 07 de novembro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A presença de Marta na vida de Paulo fora fundamental, na medida em que ela, com seu amor, o colocou de volta no caminho certo, ou seja, dos estudos, contribuindo para que ele se tornasse um grande profissional – um advogado. Foi ela quem tirou o frio da alma dele, aquecendo seus dias “com calor humano” e companheirismo, incentivando-o a ascender profissionalmente. Finalmente casados e com uma vida confortável “num apartamento muito moderno”, ele havia se tornado “Dr. Paulo Rocky, advogado”.

Nos contos apresentados, percebemos representações distintas do feminino. A estudante de Direito norte-americana, Margot, chamava atenção em seu vestido vermelho e maquiagem forte, durante seu primeiro baile, mas sentia-se deslocada e desambientada em outra Universidade. A inexperiente advogada, também norte-americana, Mary Gordon obtém êxito na defesa de seu cliente, estando atenta aos detalhes do caso, demonstrando à sociedade do município de Cooper que as mulheres entendiam das leis.

Os dois jovens advogados boêmios Hugo Carawell e Paulo Rocky encontraram seu caminho por meio de outrem, sendo a mulher dentro desse cenário representada como aquela

que levava o homem para o caminho correto, dando uma diretriz, fosse por meio de críticas duras, fosse através do amor ou de seus sábios conselhos. Lora Bradley, amada de Hugo era cega, e Marta, a amada de Paulo, tinha sua vida limitada a de Paulo e suas referências eram remetidas a ele, fazendo com que elas parecessem existir para completar e salvar os seus respectivos entes amados.

2.3.3 Aquilo que é escrito sobre os engenheiros

Retornando a Paulo, o protagonista de *A realidade de um sonho*, vimos que ele abandonara o curso de Engenharia, o primeiro curso universitário que iniciou, para se formar advogado e, em seguida, tornar-se médico cirurgião. Esta, contudo, não foi a única referência a esse curso nos contos publicados na revista *Jornal das Moças*, fazendo com que separássemos dois textos onde havia menção a esse curso.

Como nos mostra o conto *A mulher perigosa*, de David Morgan, não só Paulo de *A realidade de um sonho*, havia largado os estudos de Advocacia - o protagonista Paulo deste conto fizera o mesmo, largou o curso de Engenharia.

A narrativa é a recordação de como se deu o envolvimento amoroso entre Paulo e sua esposa Diana, tendo como início a festa onde se conheceram, realizada no jardim da casa em que moram hoje. Na ocasião, Diana, a jovem pianista de poucas palavras, dançava com Paulo, um lindo e encantador jovem, que havia largado os estudos há pouco.

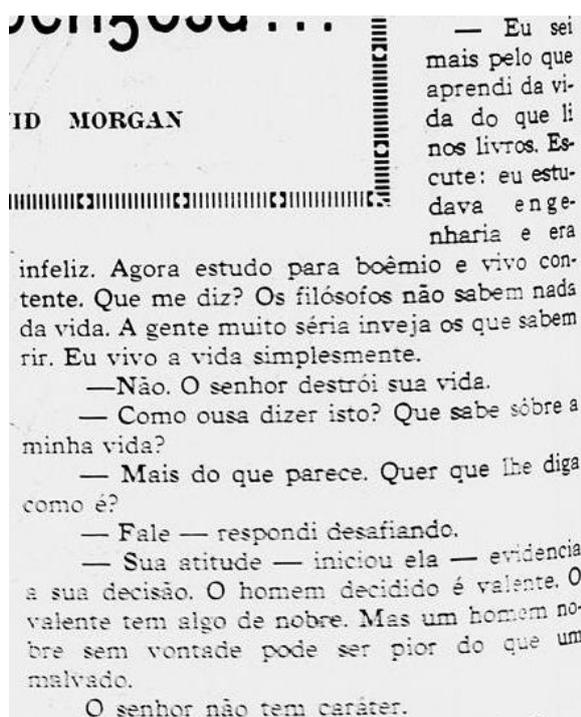


IMAGEM 72. Exemplar nº. 2180, de 28 de março de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na conversa durante a valsa, o jovem afirmava ter largado o curso de engenharia, segundo ele, pela “boemia”; pondo em dúvida se os conhecimentos acadêmicos eram válidos para vida, dizendo-se mais feliz agora do que antes quando estudava.

Diana em réplica afirmara que ele não tinha caráter por conta dessa atitude. Abandonar o curso de engenharia e viver em festas, sem dormir e maltrapilho, fora um mau passo dado por ele. A discussão segue e Paulo é rude com Diana ao final da dança.

Por intermédio de um amigo em comum, o boêmio pega o contato telefônico da pianista e a convida para um encontro. Durante o passeio, ele lhe conta todos os negócios escusos em que vem se envolvendo, inclusive do assalto que faria no dia seguinte. A jovem, buscando salvá-lo de mais um desatino, com a ajuda de seu irmão médico, interna-o numa clínica psiquiátrica, salvando-o da morte em flagrante delito, tal como ocorrera com seus colegas.

Voltando ao presente, nos dias atuais, termina a história do rapaz que larga a faculdade de Engenharia e é salvo dos desatinos de juventude pela mulher amada. Entretanto, não sabemos se ele retoma ou não seus estudos, e nem se Diana continua atuando como concertista, ficando isso por conta da interpretação do leitor, visto que o conto, conforme aponta Chartier (2007), possui uma dose de indeterminação textual, como parte da estratégia de escrita do autor, limitando o texto e deixando subentendida ou “no ar” algumas informações.

Jim Davis, personagem do conto *Dois casais felizes* de Henry Vilason, ao contrário dos outros protagonistas, se forma engenheiro. O conto narra a história de duas irmãs, Bonnie que “aos vinte anos, não contava com mais admiração masculina do que a de Jim Davis” - estudante de engenharia, e “Carol, uma beleza”, que nada fazia além de esperar um casamento próspero.

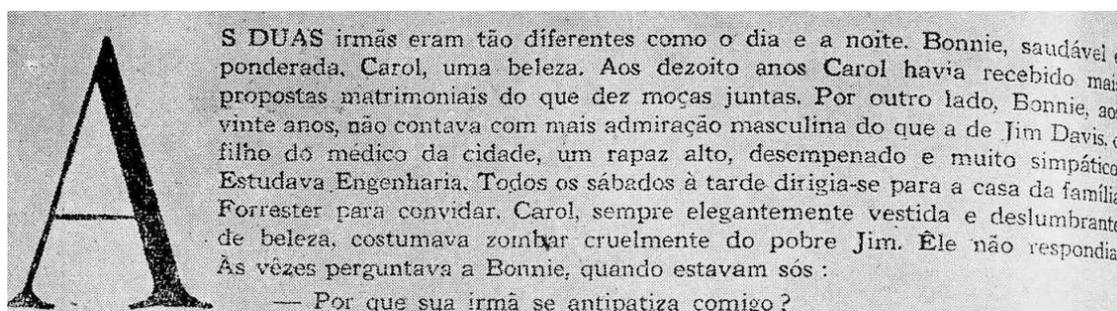
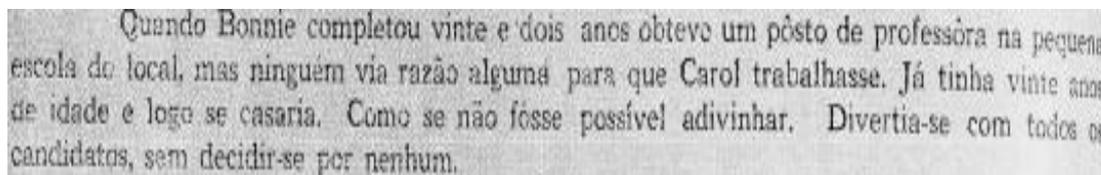


IMAGEM 73. Exemplar nº. 2148, de 16 de agosto de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O jovem Jim Davis, estudante de engenharia, fazia a corte a Bonnie, a moça “saudável e ponderada”. Além disso, Jim era “filho do médico da cidade, um rapaz alto, desempenado e

muito simpático”, possuindo predicados suficientes para ser um bom partido – o pai tinha uma posição de destaque na cidade, e ele, por sua vez, era alto e simpático. Apesar desse perfil, Carol, a irmã mais nova, zombava “cruelmente do pobre” rapaz.



Quando Bonnie completou vinte e dois anos obteve um posto de professora na pequena escola do local, mas ninguém via razão alguma para que Carol trabalhasse. Já tinha vinte anos de idade e logo se casaria. Como se não fosse possível adivinhar. Divertia-se com todos os candidatos, sem decidir-se por nenhum.

IMAGEM 74. Exemplar nº. 2148, de 16 de agosto de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

As duas irmãs diferem não só pelos atributos físicos, como também pela forma como lidam com o trabalho. Bonnie conseguira “um posto de professora na pequena escola do local”; Carol era bonita e sua beleza já era um excelente cartão de visita para os pretendentes e por isso “ninguém via razão alguma para que Carol trabalhasse”.

Recebendo o convite para passar as festas de natal na casa dos tios, a jovem Bonnie aceita e lá conhece um dos alunos de seu tio, o estudante Claudio. O casal troca correspondências durante seis meses. Claudio vai visitar Bonnie, conhecendo a sua linda irmã Carol, e ainda assim insiste em se casar com a professora. Mesmo sabendo da existência de outro homem, Jim não desiste de visitar a família Forrester aos sábados ao longo do semestre. Bonnie se mostra indecisa quanto ao futuro, até que finalmente toma uma decisão.

O desenlace amoroso de *Dois casais felizes* não poderia ser mais previsível - Bonnie casou-se com Jim, aquele que sempre esteve ao seu lado, enquanto Claudio casou-se com Carol. Bonnie tinha um casamento tranquilo, apesar da distância do marido que estava sempre ocupado trabalhando como engenheiro, não sendo mencionado se ainda lecionava. Claudio e Carol viviam às turras, e Bonnie a “botar panos quentes”, promovendo a reconciliação.

Carol culpava a irmã pela infelicidade do seu casamento, afirmando que só se casara com Claudio porque ela lhe tirara Jim, ao passo que Bonnie se justificava dizendo que percebeu desde o primeiro instante que Claudio era pessoa certa para Carol.

Percebemos nessas duas narrativas com protagonistas estudantes ou formados em Engenharia que, se abandonar o curso fora uma opção para Paulo, de *A mulher perigosa*, ficar trabalhando em negócios escusos não o era. A jovem Diana, a protagonista feminina deste conto, fora certa ao tirar o rapaz da vida de boemia e de más companhias, colocando-o em um bom caminho. Para Jim Davis, o plácido estudante de Engenharia, a paciência foi a virtude necessária para casar-se com a moça que escolhera. A jovem professora Bonnie, sua eleita, não era atraente pela beleza física, mas por seus atributos morais e sua conduta, que eram o seu diferencial em relação a sua irmã, ajudando-a a escolher o homem mais acertado

para contrair matrimônio. Bonnie, enquanto esposa do Engenheiro Jim, sabia ser a companheira ideal do marido trabalhador, ao mesmo tempo em que dava suporte emocional para irmã ainda instável no casamento.

2.3.4 “... aumenta um ponto” – o que ainda resta a ser contado

As narrativas publicadas na revista *Jornal das Moças* retratavam seus protagonistas formados em cursos superiores estabelecendo relações entre profissão e vida social, bem como diferentes papéis sociais instituídos para um e outro sexo – feminino e masculino. Contudo nem todas traziam especificada a formação de seus personagens, fazendo referência ao ensino superior seja pela profissão dos personagens, ou apenas mencionando seu *status* de estudante, conforme observamos nos textos: *Seguirás teu marido*, *Como um raio* e *Sonho de Amor*.

Em *Seguirás teu marido*, de Leon Troy, ambientada em Londres, apresenta a história de amor entre a jovem narradora Elena e Gordon, dez anos mais velho do que ela.

Gordon levava uma velha poltrona que pertencera ao seu avô.
 — Foi tia Suzy quem me deu quando entrei para a Universidade. Tem a particularidade de servir para mesa de escritório.
 E assim começou a verdadeira vida do lar. Elena cantava na cozinha enquanto preparava os quitutes. Gordon, sentado no escritório escrevia artigos, crônicas e contos para revistas de moda para a rádio e a televisão. O antigo boêmio estava convertido num homem metódico e responsável.

IMAGEM 75. Exemplar nº. 2227, de 20 de fevereiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

No conto, Gordon era um homem que havia feito “Universidade”, e que “no escritório escrevia artigos, crônicas e contos para revistas de moda para a rádio e a televisão. Elegante, “o antigo boêmio” tinha “uma velha poltrona que pertencera ao seu avô”, presente de sua tia ao tornar-se estudante universitário. “Convertido num homem metódico e responsável”, era agora casado e sua esposa Elena “cantava na cozinha enquanto preparava os quitutes”, estabelecendo o cenário no qual o homem era um profissional formado no ensino superior, escritor de textos voltados ao público feminino, e sua esposa cuidava do lar.

— Foi maravilhoso... até que Gordon solicitado por seus compromissos, pela necessidade de colocar seus artigos e dirigir obras radiofônicas, começou a ficar muito tempo fora de casa. Comecei a sentir-me muito só. O tempo me sobrava, vazio depois de terminar as obrigações domésticas. Creio que devia tê-lo encheido com alguma preocupação espiritual. Aprender idiomas, por exemplo. Mas... me dediquei a passear por Londres. Tudo me era estranho naquela grande cidade, e descobri que sentia saudades da minha aldeia. Só após dois meses

IMAGEM 76. Exemplar nº. 2227, de 20 de fevereiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Com o tempo, Elena se apresentava como entediada e fadigada, na medida em que seu marido “solicitado por seus compromissos, pela necessidade de colocar seus artigos e dirigir obras radiofônicas, começou a ficar muito tempo fora de casa”. Vivendo uma rotina que não se alterava, culpando-se, em grande medida, por não ocupar o seu tempo ocioso, ela começa a sentir-se “muito só”. A partir de então, ela passa a sair de casa a desbravar a cidade onde morava com o marido – Londres, uma localidade grande se comparada à aldeia em que crescera.

Casar-se com um homem bem posicionado na vida, com curso universitário, nos parecia ser garantia de um futuro promissor e próspero, entretanto, mesmo no cenário idealizado, Elena sentia-se vazia e improdutiva, como se algo estivesse faltando a ela, ou até mesmo fazendo uma crítica à postura da mulher que não estava satisfeita dentro de um cenário “perfeito”.

No casamento, a esposa deveria saber que o lar girava em torno do marido e de seus horários, cujo sucesso dependia da conduta feminina e do seu esforço nesse sentido, devendo a mulher dedicar-se a ele com afinco.

Indo por um caminho aparentemente oposto, o texto *Como um raio*, uma tradução sem autor, traz o diálogo entre o casal de protagonistas André e Lúcia. Formados no ensino superior e trabalhando juntos em um laboratório, ao se preparar para iniciar os trabalhos do dia, Lúcia anuncia que pretende ir embora do laboratório e André protesta sobre esta decisão.

André — Mas isso é um capricho! Mulher afinal! E logo lutam e protestam para ocupar o mesmo lugar do homem! Um capricho! Um amor, talvez? Que coisa feia! Uma mulher de ciência, uma química de talento, jogar pela janela a obra séria e fecunda de três anos.

Lúcia — Sou livre e posso dispor de minha vida e de meu tempo.

André — Livre, livre? Isso crê você! Mas, escute, deixe-me concatenar as idéias. Uma idéia pavorosa, que me desespera, que me causa uma angústia insuportável, que me crucia, do pensar em sua resolução... Será? Oh! Deus meu! Esse sentimento impróprio para um homem de ciência, o qual sempre desprezei por inútil e vazio! Ah! Infeliz de mim! Já não me cabe dúvida! Senhorita Lúcia, eu a amo muito, muitíssimo!

IMAGEM 77. Exemplar nº. 2208, de 10 de outubro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Lucia fora descrita como Química, logo, uma mulher da ciência, que, segundo a opinião do colega de trabalho, não poderia abandonar uma pesquisa de três anos realizada no laboratório onde trabalhavam, por conta do que ele considerava um capricho. Na visão de André, largar o trabalho por conta do amor era uma “coisa feia”, tendo em vista que as mulheres “lutam e protestam para ocupar o mesmo lugar do homem!”.

Quando Lucia declarou: “Sou livre e posso dispor de minha vida e de meu tempo”, André retruca e diz: “Livre, livre? Isso crê você!”. Movido pelo sentimento contido no peito, ele resolveu dizer o que sentia no fundo de seu âmago, deixando de lado pudores e os melindres de homem da ciência. Ele a amava!

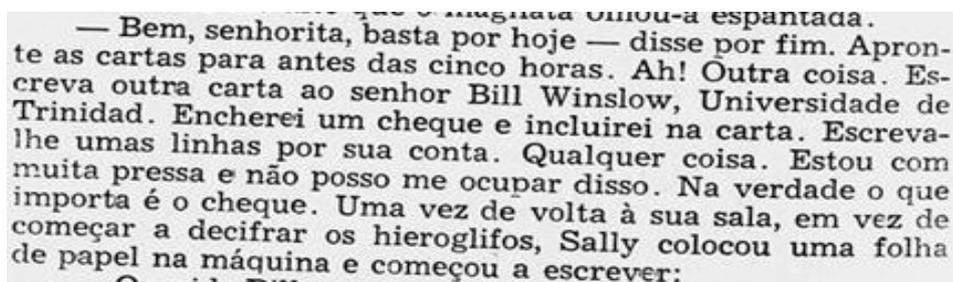
Lúcia, tão logo recebeu a declaração, não acreditou na fala de seu colega de trabalho, estando ainda vivendo o impacto da notícia. Ao perceber que os sentimentos de André eram verdadeiros, faz o mesmo, declarando-se a ele, afirmando que só estava indo embora do laboratório por conta do amor que sentia por ele. André finalmente a pede em casamento e ela aceita.

As questões que envolvem esse texto em forma de diálogo são bastante interessantes, tendo em vista que envolve a ciência, ou seja, a razão confrontando diretamente com o sentimento. O amor, mais uma vez, venceu todas as barreiras, incluindo a ciência nesse rol.

No que diz respeito à formação, apesar de ambos serem estabelecidos e formados no ensino superior, é André o convidado para apresentar um trabalho num congresso, e não Lúcia. André reconhecia as lutas pelos direitos iguais entre homens e mulheres, parecendo não querer que a companheira largasse seu posto de trabalho, entretanto, fica por conta do

imaginário do leitor como ele agirá em relação ao exercício profissional de sua esposa, após Lucia aceitar o pedido de casamento feito por ele.

No conto *Sonho de Amor*, de Earl Smith, o jovem estudante universitário Bill Winslow aparece como um dos protagonistas.



— Bem, senhorita, basta por hoje — disse por fim. Apronte as cartas para antes das cinco horas. Ah! Outra coisa. Escreva outra carta ao senhor Bill Winslow, Universidade de Trinidad. Encherei um cheque e incluirei na carta. Escreva-lhe umas linhas por sua conta. Qualquer coisa. Estou com muita pressa e não posso me ocupar disso. Na verdade o que importa é o cheque. Uma vez de volta à sua sala, em vez de começar a decifrar os hieroglifos, Sally colocou uma folha de papel na máquina e começou a escrever:

IMAGEM 78. Exemplar n.º. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Bill Winslow filho não estudava na sua terra natal e sim na Universidade de Trinidad. O pai, Bill Winslow parecia se preocupar com o dinheiro a ser enviado ao filho, deixando a cargo de sua secretária Sally escrever cartas tratando diretamente desse assunto.

Pesquisando-se sobre a Universidade de Trinidad³⁸ em seu sítio eletrônico³⁹, encontramos a informação de que ela só fora fundada no século XXI, mais especificamente após o ano de 2004. Outrossim, o nome citado no conto pode não ser verdadeiro, sendo apenas uma instituição fictícia criada e citada pelo autor Earl Smith.

Gotlib (2003), falando sobre os limites do conto ao misturar o falso e o verdadeiro, afirma que esse tipo de texto “não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não tem limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se” (GOTLIB, 2003, p. 12). Destacando a autora que não é importante a veracidade, visto que esse texto é uma narrativa imaginada, ou em outras palavras “a arte de se inventar um modo se representar algo” (GOTLIB, 2003, p.12), traz a tona a questão da representação que esse tipo de texto carrega em si.

Ao representar algo que pode ou não ser real, pensamos a respeito do conceito de verossimilhança e suas implicações para narrativa. Verossimilhança, enquanto qualidade do que é verossímil, pode ser definida como “o que é semelhante à verdade, que tem a aparência de verdadeiro, que não repugna à verdade provável” (ALONSO, 2009)⁴⁰. A importância desse conceito para as narrativas se insere no campo do simbólico, na medida em que:

³⁸ A respeito das Ilhas de Trinidad e Tobago é certo que na época em que o conto fora publicado ainda não eram um país independente, e sim uma colônia britânica, visto que sua independência só ocorreu em 1976. Fonte: <https://www.britannica.com/place/Trinidad-and-Tobago>. Acesso em: 02.02.2019.

³⁹ Fonte: https://utt.edu.tt/index.php?page_key=7&main=1. Acesso em: 02.02.2019.

⁴⁰ Informações disponíveis no site: <http://edtl.fctsh.unl.pt/encyclopedia/verossimilhanca/>, E- Dicionário de Termos Literários.

Tem por função principal a coesão e a unidade entre as partes da narrativa que assim não precisa ser historicamente ‘verdadeira’, bastando que seja verossímil dado que o poeta, o artista tem liberdades e obrigações no que diz respeito à ação e seus desdobramentos (ALONSO, 2009).

Desta forma, nem toda obra literária tem obrigação de ser a cópia fiel da verdade, podendo o autor utilizar do conceito de verossimilhança para representar algo que pode, ou não, acontecer, a fim de estimular seu leitor a fantasiar sobre algo possível e admissível, sem, contudo, ter obrigação de ser realidade.

Explorando as mensagens passadas nos contos destinados ao público feminino, Maria Teresa Santos Cunha, no artigo *Leituras e leitoras: a mulher em textos*, destaca que “o clima de fantasia está repleto de valores – como em outros dispositivos explicitamente normativos como a legislação, as palestras, os discursos das e sobre as mulheres em que o verossímil e o inverossímil parecem ter a mesma substância” (CUNHA, 1994, p.144). A autora nos chama a atenção para o fato de que, nessas narrativas, a utilização de cenários e lugares reais ou não tem como fim estimular a imaginação do leitor, misturando realidade e ilusão.

Acreditando na importância da verossimilhança para a escrita dos contos trazidos na revista *Jornal das Moças*, constituindo-se como ferramenta de composição de cenário, percebemos, neste caso específico, esse artifício utilizado pelo autor Earl Smith para demonstrar que o protagonista de sua trama estudava longe de casa, justificando assim sua necessidade por grandes somas de dinheiro. Sem se preocupar com a existência da universidade a qual fazia referência, esse autor tinha como intuito caracterizar o jovem Bill Winslow, como universitário que cursava o ensino superior em outro país, usando um nome fictício para designar a instituição onde o rapaz estudava.

Cursando uma universidade em outro país, e carecendo de dinheiro constantemente, Bill não se furtava em pedir grandes quantias frequentemente ao seu pai, através de troca de correspondências. Percebendo que a escrita das cartas enviadas por seu pai estava diferente, ele não hesitou em procurar pela autora das mesmas, aquela que poderia tirá-lo do embaraço financeiro - Sally, a secretária.

Uma tarde, enquanto estava sòzinha no escritório abriu a porta e apareceu Bill Winslow, filho.

Ao ver a moça falou:

— Já sei que é a secretária de pai. Sem dúvida é muito mais bonita do que eu esperava. Escute, estou num grande aperto financeiro, e a senhorita poderia ajudar-me. Poderia almoçar comigo? Deixe o trabalho e venha!

Sairam num conversível último tipo, dotado de ar condicionado. Pareciam velhos conhecidos e riam às gargaladas. Almoçaram e logo foram passear até às cinco horas.

Bill então convidou-a para irem ao teatro.

— Você é u'a moça encantadora. Tenho desejo de conhecê-la melhor. Mas amanhã tenho que partir novamente para a Universidade.

IMAGEM 79. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Mostrando-se sedutor, o jovem universitário diz a Sally que “sem dúvida é muito mais bonita” do que ele esperava. Ela, uma moça sonhadora que almejava uma vida mais confortável, aceitou então o convite do rapaz para almoçar, vendo uma oportunidade para mudar sua condição, “e logo foram passear até às cinco horas”.

Contudo, Sally percebeu que Bill era um rapaz aventureiro, galanteador e namorador, e que pertenciam a mundos diferentes. Apesar da vontade da moça em ascender socialmente, ela se conforma com sua realidade e sua condição, ficando com Joe, seu amigo, e acompanhante nos momentos de lazer.

O desfecho desse conto passava uma mensagem clara - não era permitido devanear com casamento entre um jovem rico e uma moça pobre, visto que “coisas como estas não sucedem na vida real”.

opinião. Onde estavam os jovens ricos que se casam com moças pobres? Coisas como estas não sucedem na vida real. Ela sabia muito bem!

IMAGEM 80. Exemplar nº. 2166, de 20 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na “vida real” não se via esse tipo de matrimônio, indo de acordo, como vimos, com o conto *A perfeita secretária*, no qual Ruth, fora balconista, “sócia interessada” onde trabalhava, largando o emprego para se casar com o filho do patrão, um médico. A sua

mensagem final ressaltando que esse enlace parecia “histórias de fadas”, e “que raramente se tornam realidade”, transmitia que seu desfecho era atípico, aproximando os dois contos na medida em que traziam mensagens semelhantes, mudando apenas as palavras. De acordo com essas narrativas, homens e mulheres deveriam buscar casar com seus pares próximos, não sendo conveniente sonhar com o improvável, pois a ascensão social por meio do casamento somente acontecia em “contos de fadas”.

Assim sendo, nos contos aqui apresentados, apontamos algumas representações a cerca dos papéis de mulheres e homens estudantes ou formados no ensino superior. O homem formar-se no ensino superior era algo que traria um emprego digno e um futuro promissor, abrindo as portas para que se casasse e formasse uma família. Da mulher, era esperado que abrisse mão de sua profissão para cuidar do lar e da família, independentemente do seu grau de escolarização.

O papel da mulher enquanto conselheira e orientadora também fora outra característica observada, assim como certos atributos “femininos” eram valorizados. A percepção aguçada, a humildade e a habilidade em mediar conflitos indicavam ser seu diferencial em relação aos homens.

Mostrando alguns jovens estudantes universitários inconsequentes e que ainda não percebiam o valor do seu futuro diploma, essas narrativas iam construindo representações de que a época da universidade era um período da vida dos jovens que eles deveriam aproveitar – aproveitar para se divertir, aproveitar para escolher um amor ou aproveitar para mudar de ideia em relação à sua futura profissão.

As representações encontradas nos contos, reportagens, colunas e notas refletiram, portanto, os valores de uma sociedade que vivia uma “Era de Ouro” envolta numa “revolução social” e “cultural”, apoiando-nos nas palavras de Hobsbawm (1995), buscando (re)construir, ao mesmo tempo em que reforçava, o papel da mulher dentro do embate dos valores tradicionais, que ainda pululavam na sociedade, frente aos valores modernos, no que concerne ao público feminino.

Após olharmos as imagens do feminino e do masculino de ensino superior em países estrangeiros, percebemos que o *Jornal das Moças* trazia publicações a respeito desta modalidade de ensino em lugares específicos da revista, noticiando a inserção feminina no espaço universitário nas notas de seu Suplemento, e retratando um e outro sexo nos contos, construindo representações acerca de seus protagonistas de acordo com sua área de atuação profissional.

Continuando a análise, no capítulo que segue apresentaremos as informações e imagens veiculadas no periódico, que faziam referência a mulheres e homens estudantes ou formados no ensino superior brasileiro. Ao trazermos o debate para o Brasil, local onde o periódico era produzido, usaremos além da revista mais duas fontes de pesquisa, a saber: o jornal *Correio da Manhã*, e o arquivo pessoal de Myriam Marques de Oliveira, buscando delinear as representações do feminino e do masculino de ensino superior e situando o lugar desses “brotos” brasileiros em revista.

CAPÍTULO III

O LUGAR DO “BROTO” DOS ANOS DOURADOS EM REVISTA: IMPRESSÕES SOBRE O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

No Capítulo II, analisamos nas publicações da revista *Jornal das Moças* representações do feminino e do masculino de ensino superior nelas construídas, que de uma forma ou de outra faziam referência a essa modalidade de ensino na Europa, e mais notadamente nos Estados Unidos da América.

As imagens encontradas na revista não eram, contudo, somente mediadas por um modelo estrangeiro, pois em sendo o *Jornal das Moças* um periódico brasileiro, vimos referências a educação superior no Brasil retratadas em suas páginas, encontradas em reportagens, notas, fotos de formatura e também nos contos, representando mulheres e homens estudantes ou formados em cursos universitários.

No presente capítulo, ao situarmos o lugar do “broto” brasileiro dos *Anos Dourados* na revista, percorremos um caminho delineando, de forma mais específica, alguns aspectos importantes de nossa sociedade na segunda metade da década de 1950, que passava por um momento de transformações, visto que o Brasil nesse período era um país subdesenvolvido, mas querendo sair dessa condição, especialmente no governo Juscelino Kubitschek.

Em sendo as reportagens que faziam menção ao Presidente da República o nosso ponto de partida, caracterizamos o tempo de seu governo a partir do que foi veiculado no *Jornal das Moças*, sob os aspectos políticos, econômicos e sociais. Fazendo a contextualização da estrutura da educação superior em nosso país, encontramos matérias envolvendo associações universitárias femininas, imagens e notícias de formaturas, e assim situamos essa modalidade de ensino em termos legais, com destaque para os debates envolvendo a elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61, bem como para os aparatos legais que davam suporte ao ensino superior, visando analisar continuidades e possíveis rupturas em relação a esse território educativo para as mulheres.

Os contos com autoria brasileira foram outra nuance estudada, assim como os de autoria estrangeira o foram, ao narrarem histórias cujos personagens estavam estudando ou formados no ensino superior, construíam e comportavam representações tanto do feminino quanto do masculino inseridos nesta modalidade de ensino, na medida em que ao exercerem seu papel social dentro do contexto descrito, apresentavam como esses sujeitos atuavam ou se

relacionavam, nos remetendo à caracterização dessas narrativas no capítulo anterior, conforme os estudos de Gotlib (2003).

Retomando assim a problematização proposta no título, envolvendo o lugar da mulher, apontamos através do conjunto de publicações analisadas neste capítulo o lugar do “broto”, ou seja, do feminino de ensino superior brasileiro, retratando mulheres e homens estudantes ou atuando profissionalmente.

Dos cursos universitários mencionados pelo *Jornal das Moças*, destacamos os de Medicina, Direito, Filosofia, Arquitetura, Odontologia, além da formação superior oferecida pela Escola Naval, uma instituição de ensino da Marinha do Brasil que, naquela época, só admitia homens em seu corpo docente, como aqueles cujas referências se fizeram mais significativas para o enfoque dado nesse trabalho dissertativo.

3.1 Os Anos Dourados em revista: 50 anos em 5

Bossa nova mesmo é ser presidente
 Desta terra descoberta por Cabral
 Para tanto basta ser tão simplesmente
 Simpático, risonho, original.

Depois desfrutar da maravilha
 De ser o presidente do Brasil,
 Voar da Velhacap pra Brasília,
 Ver a alvorada e voar de volta ao Rio.

Voar, voar, voar, voar,
 Voar, voar pra bem distante, a
 Té Versalhes onde duas mineirinhas valsinhas
 Dançam como debutante, interessante!

Mandar parente a jato pro dentista,
 Almoçar com tenista campeão,
 Também poder ser um bom artista exclusivista
 Tomando com Dilermando umas aulinhas de violão.

Isto é viver como se aprova,
 É ser um presidente bossa nova.
 Bossa nova, muito nova,
 Nova mesmo, ultra nova!

Presidente Bossa Nova – Juca Chaves ⁴¹

⁴¹ A música *Presidente Bossa Nova* foi escrita por Juca Chaves em 1968 como uma homenagem ao ex presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, o qual passou a ser conhecido por essa alcunha. Em sua letra estão sintetizados, de forma jocosa, os maiores feitos realizados pelo presidente ao longo dos cinco anos em que ocupou o cargo. A letra se encontra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/juca-chaves/370096/>. Acesso em: 02.09.2018.

Falar sobre o Brasil dos *Anos Dourados* nos remete, irremediavelmente, à figura pública Juscelino Kubitschek de Oliveira, Presidente da República entre 1956 e 1960. Conforme Angela de Castro Gomes, na apresentação do livro *O Brasil de JK*, “nesses ‘anos dourados’ há sem dúvida uma grande figura: o presidente Juscelino Kubitschek. Os ‘anos dourados’ são, portanto, basicamente os anos do governo JK” (GOMES, 2002, p. 11). Justificando a associação do período “dourado” da sociedade brasileira ao presidente, a autora afirma que durante o governo JK o Brasil cresceu muito, conhecendo o desenvolvimento econômico junto com o desenvolvimento político. Esse fato acabou por associar Brasil “moderno” a Brasil “democrático”, criando assim o mito dos “bons tempos” JK, segundo Gomes (2002, p. 12).

A criação desse mito deu-se por alguns fatores. O primeiro deles diz respeito à associação do presidente a imagens simpáticas à população em geral, como, por exemplo, as alcunhas “Presidente Bossa Nova” e “Presidente Peixe-Vivo”. Consolidando a sua imagem como um homem arrojado, empreendedor e sonhador, emprestou seu nome a um carro, consagrando uma das suas principais metas de governo, o desenvolvimento da indústria automobilística, ligada diretamente à sua figura pública. Aliado a isso, a autora aponta que “foi Juscelino quem melhor soube mobilizar a esperança como recurso do poder, combinando desenvolvimento econômico com democracia política na história do país e na memória popular” (GOMES, 2002, p.16). Desta forma, é possível afirmar que a origem desses “bons tempos” nos remete à impressão de superação da condição de “atraso” brasileiro, fazendo com que o passado fosse visto sob a ótica de um “sonho”, trazendo o sentimento de nostalgia de um momento em que tudo deu certo.

O começo do “sonho dourado para Juscelino”, na visão de Gomes (2002), parece ter sido na década de 1940, quando ainda era Prefeito de Belo Horizonte. Contudo, ela nos mostra que os momentos de glória de JK tiveram início nos primeiros anos da década de 1950, quando governou Minas Gerais, seu estado de origem, encontrando seu apogeu com a presidência da República, culminando com a construção da nova capital federal, Brasília, inaugurada em abril de 1960.

A caminhada de Juscelino, estudada pela autora, inclui sua presença no enterro de Vargas, destacando-se o fato dele ser o único governador de estado presente na ocasião, indicando-o “como um de seus possíveis sucessores. Foi o que ocorreu nas eleições de 1955, através da aliança entre PSD⁴² e PTB⁴³ que, segundo analistas, encontrou seu ‘ponto ótimo’” (GOMES, 2002, p.16).

⁴²Sigla utilizada para designar o Partido Social Democrático.

Essas eleições foram motivo de reportagem no *Jornal das Moças*, em 27 de janeiro de 1955, trazendo como manchete *O sensacional debate com Carlos Lacerda*. Comentando o debate especulativo sobre as eleições daquele ano, a revista noticiava a discussão entre políticos de renome a respeito da futura candidatura de Juscelino Kubitschek à Presidência da República⁴⁴ e suas consequências para o país, ocorrido no programa *Ideias e Imagens*, exibido pela TV Tupi⁴⁵.

De acordo com a matéria, cabia ao jornalista Barreto Leite Filho mediar o encontro entre os deputados pessedistas⁴⁶ e o deputado federal recém-eleito Carlos Lacerda⁴⁷, marcando a primeira discussão pública de Lacerda com seus adversários. Apesar do embate de ideias que um debate político comporta, este transcorreu sem uso de violência, contrariando as expectativas.

Contando com a presença do fotógrafo oficial do *Jornal das Moças* para registrar o ocorrido, o evento fora marcado pela quantidade de imagens que o ilustram. Nessas fotos, observamos “um público numeroso” em um “auditório pequeno”, sendo possível notar a presença feminina, embora em menor quantidade entre os expectadores, nos parecendo um indício de que política era assunto para homens, além de vários registros imagéticos dos políticos presentes, como o da IMAGEM abaixo.

⁴³Sigla utilizada para designar o Partido Trabalhista Brasileiro.

⁴⁴Sabemos que sua candidatura a presidência da república fora oficializada pelo PTB dias depois dessa reportagem, em 10 de fevereiro de 1955, e apoiada pelo PSD em 16 de fevereiro de 1955. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/juscelino-kubitschek-de-oliveira>. Acesso em: 08.02.2019.

⁴⁵Como consta no verbete do CPDOC, a TV Tupi é um “conjunto de emissoras de televisão, inauguradas em setembro de 1950 em São Paulo, e em janeiro de 1951 no Rio de Janeiro. A TV Tupi de São Paulo foi a primeira emissora de televisão do país e da América do Sul. Pertencia aos Diários Associados, rede de empresas jornalísticas de Assis Chateaubriand. A Rede Tupi foi extinta em julho de 1980”. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi>. Acesso em: 08.02.2019.

⁴⁶Deputados filiados ao Partido Social Democrático – PSD.

⁴⁷Carlos Lacerda foi jornalista, e Deputado Federal do Distrito Federal em 1955, abandonando o cargo ainda neste ano, devido aos embates políticos em que se envolvera, no tocante às eleições presidenciais e à posse do candidato eleito, impelindo-o a viver no exterior. Em 1956 retorna ao Brasil, reassumindo seu posto, e nele permanecendo até 1960, quando toma posse como o primeiro Governador do Estado da Guanabara, afastando-se desta função em 1965. Em 1957, foi eleito líder do partido político UDN (União Democrática Nacional) na Câmara de Deputados. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-berneck-de-lacerda>. Acesso em: 08.02.2019.



IMAGEM 81. Da esquerda para direita: Augusto do Amaral Peixoto, Tarcílio Vieira de Melo, Carlos Lacerda e Tenório Cavalcanti⁴⁸. Exemplar nº. 2067, de 27 de janeiro de 1955. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na IMAGEM 81, uma das muitas que ilustram a referida reportagem, vemos um registro significativo de três deputados, sendo dois deles - Augusto do Amaral Peixoto⁴⁹ e Tarcílio Vieira de Melo, do Partido Social Democrático (PSD) – partido pelo qual a candidatura de Juscelino à presidência foi homologada dias depois.

Ainda no ano de 1955, foram realizadas as eleições, e segundo Edgard Luis de Barros, em seu livro *O Brasil de 1945 a 1964*, Juscelino Kubitschek de Oliveira, o “Nonô”, ou simplesmente JK, recebeu a faixa presidencial no dia 31 de janeiro de 1956, tomando posse como presidente eleito.

O destaque do *Jornal das Moças* para Juscelino Kubitschek remetia a notas mencionando, pontualmente, o seu gosto pelas artes, bem como algumas poucas aparições públicas, sem colocá-lo como foco de suas reportagens.

No entanto, o governo do presidente “Bossa Nova” merece ser lembrando não só pelos seus gostos peculiares, mas sim pelos seus principais feitos durante sua estadia na presidência.

Para Barros (1994) houve:

⁴⁸Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque foi Deputado Federal pelo Rio de Janeiro entre os anos de 1951 e 1964. Figura singular, conhecido na região de Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro por sua boa mira e pela fama de resolver problemas usando armas de fogo, foi preso inúmeras vezes, apesar de residir numa casa conhecida como “a fortaleza”. Bacharel formado pela Faculdade Nacional de Direito, atuou em alguns casos. Embora tenha sido ligado a UDN durante muitos anos, em 1960 filia-se ao Partido Social Trabalhista (PST), por ele se elegendo, tornando-se seu líder na Câmara a partir de 1962. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio>. Acesso em 12.06.2019.

⁴⁹Augusto do Amaral Peixoto foi presidente do Partido Social Democrático (PSD) entre os anos de 1952 e 1965. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/augusto-amaral-peixoto-junior>. Acesso em: 21.04.2019.

O início de um período governamental que até hoje confunde o imaginário dos brasileiros, despontando como uma espécie de “sonho dourado” em meio ao pesadelo da história republicana. Inteligente e versátil, Juscelino de fato encarnou uma imagem rara, agindo como um burguês democrata, em um país onde o patronato político se caracterizou, basicamente, pela repulsa à democracia. Levando ao extremo a eficácia pessedista em fazer grandes transformações sem mudar nada de essencial, JK foi perfeito na sua capacidade de facilitar, na chefia do Estado, a reprodução e ampliação das relações capitalistas, sem ampliar o uso da violência. Acima de tudo, foi o hábil negociador, que soube canalizar as massas para seu projeto desenvolvimentista, espalhando otimismo e dourando o caráter de dominação e exploração do Estado brasileiro. Apesar das inevitáveis tensões políticas e militares, seu governo adquiriu uma lendária estabilidade, realmente singular em nossa trajetória institucional (BARROS, 1994, p. 43).

A caracterização do período JK, observando-se as palavras de Barros (1994), não foge do seu principal aspecto que era a política conciliadora, equilibrando as tensões e viabilizando uma sensação de prosperidade.

Segundo Silva (1992), acompanhado do slogan *50 anos em 5* e com um plano de metas “arrojado”, Kubitschek pretendia alavancar a economia e tirar o Brasil do rol dos países agrário-exportadores. Logo, a euforia vivida nesse período foi marcada por um governo liberal, nacionalista, com ênfase na industrialização.

A peculiaridade de Juscelino, apontado como o sucessor de Vargas, vivendo a democracia integralmente, ao tomar posse e entregar o cargo de acordo com a Constituição, fez com que seu governo adquirisse a alcunha de *jucelinismo*, conforme as palavras de Maria Victoria Benevides, em seu texto *O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento*.

Para a autora, o *jucelinismo* “procurou a conciliação entre o velho e o novo, entre as elites e as massas. Esse *ismo* também se identificava com um novo tipo de nacionalismo, (...) pela ênfase concedida ao capital estrangeiro, cujo ingresso privilegiado constituiria o principal motivo da crítica das esquerdas do governo” (BENEVIDES, 2002, p. 25). Assim sendo, o *jucelinismo* englobava a proposta da “construção do novo”: um novo país, um novo Estado, uma nova nação, acompanhado de mudanças na administração pública.

Conforme essa forma de governar, a estabilidade política estaria baseada “num equilíbrio instável, graças aos ‘mecanismos de compensações’ (...): a cooptação dos militares; a forte aliança PSD-PTB (...); o desenvolvimento do Plano de Metas e a ‘administração paralela’” (BENEVIDES, 2002, p. 25). Ao garantir que o *slogan* de campanha proposto por

JK, o *50 anos em 5*, fosse efetivamente cumprido, esses mecanismos de compensações foram de fundamental importância para que o governo buscasse um equilíbrio de forças⁵⁰.

O Plano de Metas entendido como “até então o mais completo plano de investimentos planejados da economia brasileira” (MOURA, 2002, p. 49), era a materialização do estilo Kubitschek de administrar, o braço econômico do *jucelinismo*, visto que tinha como objetivo aumentar, de forma contínua, a capacidade de investimento do país, conjugando o capital privado nacional e estrangeiro com a ajuda financeira do setor público. Deixando de lado a questão da estabilização monetária, conforme aponta o autor, este plano tinha como prioridade focar no crescimento econômico acelerado, a fim de cumprir com a promessa de alavancar o país em um curto espaço de tempo⁵¹.

Em linhas gerais, o Plano de Metas era composto por um conjunto de trinta objetivos que se transformaram em metas a serem cumpridas ao longo do governo JK. Do alto de suas trinta metas, significativas para esta dissertação se fazem a trigésima, por remeter ao campo da educação, e a vigésima sétima por referir-se a indústria de automóveis.

Segundo Faro e Silva (2002), a vigésima sétima foi uma das mais representativas, simbolizando o processo de industrialização, dizendo respeito a indústria de automóveis; tornou-se a marca registrada do governo Kubitschek, na medida em que o presidente batizou um modelo de carro Alfa-Romeo, produzido na antiga Fábrica Nacional de Motores com seu nome.

Se a industrialização era a base governamental para o desenvolvimento, Maria José Trevisan (1986) aponta que os empresários propõem a criação de uma riqueza nacional, como meio de enfrentar a pobreza, que ainda assolava o país, a fim de alavancar o progresso. A criação dessa riqueza, segundo a autora, era fruto de uma política comercial definida por um projeto nacional que tinha grandes pretensões: fortalecer os mercados internos e externos e expandir a área de atuação para os produtos brasileiros. Dentro dessa lógica de governo, nada mais coerente que uma fábrica nacional produzir um carro genuinamente brasileiro com o nome do Presidente da República.

O crescimento industrial em curso gerou um aumento da oferta de empregos, conforme destaca Pinsky (2014), criando novos postos de trabalho, ao passo que os antigos,

⁵⁰Nesse sentido, a presença de militares no cenário político brasileiro passava pela sua cooptação, tornando esse grupo parte da “administração paralela”, definida por Benevides (2002) como o crescimento da participação das Forças Armadas na política, com o aval do Executivo.

⁵¹Estudando esse plano econômico, Clovis de Faro e Salomão L. Quadros da Silva analisaram seus antecedentes e suas consequências em *A década de 1950 e o Programa de Metas*. Os autores afirmam que o presidente mantendo-se fiel ao seu mote de campanha, de “50 anos em 5”, logo após sua posse, pelo Decreto no. 38.744 de 12 de fevereiro de 1956 instituiu o Conselho de Desenvolvimento. Sobre esse Conselho de Desenvolvimento, esclarece Maria Antonieta P. Leopoldi (2002) que se tratava do organismo responsável pela implementação do Plano de Metas.

principalmente os que envolviam o trabalho artesanal foram extintos, liberando muitas pessoas para assumirem esses novos postos de trabalho que surgiam. Destacando ainda que, dentro desse contexto de incremento industrial, o setor terciário foi o que mais apresentou expansão nesse momento, e como consequência direta desse processo houve a cooptação de mulheres para as novas oportunidades que estavam surgindo. Essas novas oportunidades, por sua vez, demandaram uma maior escolarização do público feminino, podendo esta demanda ser associada com a trigésima meta do governo, que ao remeter-se ao campo da educação, provendo e estimulando a intensificação da formação técnica, tendeu a proporcionar um incremento para o ensino das mulheres.

Durante os cinco anos em que esteve na presidência, Juscelino demonstrou habilidade e interesse em transformar a imagem do Brasil no cenário mundial – de país agrário exportador para país industrializado. Segundo Leopoldi (2002), ao promover enormes mudanças na economia e na sociedade brasileiras, por meio da intensa formulação de políticas econômicas, demonstrava claramente uma tentativa de conciliar os interesses dos países estrangeiros com o processo de desenvolvimento em curso.

A nova imagem internacional do Brasil englobava um processo de alteração da mentalidade nacional, com o propósito de mudança de hábitos, em um curto espaço de tempo. Em seus estudos sobre os aspectos culturais do período Kubitschek, pontua Monica Pimenta Velloso que “não é à toa que o *slogan* consagrado pelo governo JK propõe *50 anos em 5*. Nessa corrida contra o tempo, a grande meta a ser atingida é o desenvolvimento econômico” (VELLOSO, 2002, p. 172), apontando ainda a autora que a liderança desse processo de desenvolvimento, cabia à burguesia nacional mobilizando os demais setores da sociedade.

No campo do pensamento intelectual, em sendo o desenvolvimento brasileiro um processo em curso “ao longo dos anos 1950, partidos políticos, sindicatos e imprensa cerram fileiras em torno do projeto nacional-desenvolvimentista, que tem no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) uma das fontes inspiradoras” (VELLOSO, 2002, p. 172), envolvendo vários setores da sociedade em prol do desenvolvimento da nação.

A partir da metade da década de 1950, a intelectualidade brasileira buscava meios de superar o atraso em que o país se encontrava, ou conforme Hobsbawm (1995), da condição de subdesenvolvimento enfrentada pelos países do Terceiro Mundo, e para tal, era necessário que houvesse uma conscientização sobre essa situação, indo além de medidas políticas ou econômicas. Nesse sentido, a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em 1955, foi significativa.

Criado pelo Decreto nº 37.608, de 14 de julho de 1955, como órgão do Ministério da Educação e Cultura (MEC) por um grupo de intelectuais, o ISEB tinha como objetivos o estudo, o ensino e a divulgação das Ciências Sociais, cujos dados e categorias seriam aplicados à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira, permitindo o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional, fazendo com que se constituísse como um dos centros mais importantes de elaboração teórica de um projeto que ficou conhecido como “nacional-desenvolvimentista”⁵². A partir do ISEB:

Pretendia-se criar as bases de um pensamento brasileiro autêntico, através de um projeto político-ideológico, fundamentado nos estudos filosóficos, sociológicos, econômicos e políticos, de modo que se construísse um conjunto de idéias sistematizadas que favorecesse uma reflexão crítica sobre a realidade brasileira, superando a alienação e criando as bases de uma ideologia nacional desenvolvimentista (MARTINS, 1996, p.176).

Alinhado com o poder central, o ISEB tinha como proposta pensar no caso brasileiro através de estudos desenvolvidos por seus pesquisadores. As pesquisas, com base nos estudos *filosóficos, sociológicos, econômicos e políticos*, pretendiam formar um arcabouço teórico-ideológico capaz de entender o porquê/como certas coisas se estruturavam de determinada forma, para aí então procurar agir a fim de alterar o estado das coisas ativamente, ou seja, proporcionando o movimento dos sujeitos sociais em prol do desenvolvimento do país.

Utilizando estas ciências como arcabouço teórico para alavancar o país, acabou por atribuir a esse período – o final da década de 1950, um papel de destaque dentro do espaço temporal dos *Anos Dourados*. A ideologia nacional desenvolvimentista criada neste período, como forma de proporcionar uma sensação de bem-estar e de prosperidade, inspirou a procura mais intensa por cursos de ensino superior, como forma de tirar o Brasil do mapa do subdesenvolvimento.

Desta forma, retomando as palavras de Benevides (2002), o *juscelinismo*, através do seu principal instrumento oficial – o Plano de Metas, foi um momento em que “o Executivo conseguia implementar uma política inovadora sem destruir o clientelismo⁵³ já tradicional na administração brasileira” (BENEVIDES, 2002, p.25).

Sem ter a presunção de mudar a ordem das coisas, em se tratando da máquina eleitoral brasileira, percebemos que o governo do Presidente “Peixe Vivo” tinha como pretensão a industrialização brasileira, apoiando-se, majoritariamente, no Plano de Metas e nos desdobramentos que foram criados para lhe dar suporte. JK e sua equipe de governo sabiam

⁵²Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>. Acesso em: 11.05.2018.

⁵³O clientelismo a que se refere Benevides (2002) diz respeito a prática de troca de favores entre políticos e eleitores, com o objetivo de angariar votos através das relações e das alianças construídas.

que para alcançar seus objetivos econômicos precisavam do apoio da população nesse processo. Sabendo que o *slogan* de campanha *50 anos em 5* foi eficaz para elegê-lo presidente, foram usadas outras estratégias para atingir certamente o povo brasileiro, a fim de motivar os indivíduos a acreditarem que o Brasil podia ousar, indo além de ser considerado um país industrializado. Nesse sentido, os estudos do ISEB se mostraram eficazes, na medida em que, analisando a realidade brasileira, criaram a ideologia nacional desenvolvimentista, como afirmou Martins (1996) atrelando a melhoria das condições de vida em sociedade ao crescimento econômico.

Objetivando alavancar, definitivamente, o desenvolvimento, o consumismo foi largamente incentivado como meio de atingir um novo patamar de vida, associando um ideal de *glamour* e prosperidade social às propagandas de bens de consumo, como podemos ver na revista *Jornal das Moças*.

3.1.1 O consumo e propaganda no Brasil dos Anos Dourados na revista *Jornal das Moças*

Constituindo-se o crescimento da indústria automobilística como fato notório do governo em curso, de acordo com Pinsky (2014), no período entre 1956 e 1962, ganham força também a indústria pesada e a de bens de consumo, que precisavam prosperar cada vez mais, dentre outros meios incentivados pela propaganda.

O crescimento notório do país gerou a prosperidade nos mais variados campos, constituindo-se a imprensa como uma ferramenta para divulgar esse processo, na medida em que “a venda de imagens associadas ao progresso e ao desenvolvimento moderno do país foi tarefa contínua dos órgãos oficiais da imprensa” (MARTINS & LUCA, 2006, p.89). Entretanto, a veiculação dessas imagens não estava restrita a imprensa oficial, visto que a imprensa do período, como um todo, conforme demonstraram Martins e Luca (2006), era uma aliada do governo para promover a ideia de prosperidade do país.

Ao apontar características da sociedade da época e sua influência nas revistas voltadas ao público feminino, Pinsky (2014) afirma que, apesar da aceleração da economia, perceptível principalmente na década de 1950, com a substituição das importações, não houve uma alteração significativa e sim uma expansão do poder aquisitivo, o que causou uma euforia generalizada na população. Modificando-se os padrões de consumo, “o salário mínimo, embora deficiente, possibilita aos trabalhadores um maior acesso a produtos industrializados” (PINSKY, 2014, p. 17), tornando a procura por produtos muito maior, e assim transformando o modo de viver em sociedade. Com isso, o poder aquisitivo da população, de uma forma geral, aumenta a fim de tentar dar conta da oferta de produtos que são comercializados.

Essas pretensões do período, no que diz respeito à questão de expansão de mercados através do consumo de bens, são possíveis de serem observadas nas páginas da revista *Jornal das Moças*, “uma das 10 mais lidas no Brasil”, conforme destacamos no Capítulo I.

No *Jornal das Moças*, o incentivo ao consumo era visto por meio de propagandas, algumas tímidas e pequenas, outras maiores, ocupando uma página inteira. Um produto anunciado em suas páginas poderia ter grande alcance de público consumidor. Como um exemplo disso, destacamos um anúncio publicado em 19 de junho de 1958, da cerveja Malzbier da indústria Brahma, um produto genuinamente brasileiro que expressava simultaneamente o incentivo ao consumo e a divulgação da indústria nacional.



IMAGEM 82. Exemplar nº. 2244, de 19 de junho de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A cerveja “nutritiva”, “revigorante” e “deliciosa” foi um anúncio constante na revista, com a promessa de ser o produto que “reforça seu lanche ... completa seu almoço ... enriquece seu jantar”, Malzbier da Brahma podia ser encontrada em uma ou “1/2 garrafa”. O destaque desse anúncio vai para a mensagem endereçada ao homem e não à mulher que lia a revista: “Você ... sua esposa ... toda sua família tem razão em preferir a saborosíssima Malzbier da Brahma!”. Malzbier fora anunciada no impresso como a cerveja da família, por ser adocicada

e de baixo teor alcoólico, funcionando como um complemento à alimentação. Nesta direção, na matéria *Falando as Mães*, o Dr. Werther Leite Pereira cita a cerveja, em uma reportagem que fala sobre a alimentação das mulheres que amamentam, destacando seu papel. Afirmando que a ingestão de bebidas alcoólicas por parte dessas mulheres era nociva aos bebês, podendo causar efeitos colaterais, como convulsões, o médico menciona o diferencial de cerveja preta, como a Malzbier.

Será permitido o uso moderado (2 copos) de cerveja preta, tipo Malzbier, que goza de fama duvidosa, alias, de aumentar a secreção láctea.

Transcrição da matéria *Falando as Mães*. Exemplar nº. 2240, de 22 de maio de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O uso desta cerveja para amamentação “goza da fama duvidosa”, ao que concerne à função de “aumentar a secreção láctea”, contudo, parecia ser indicada para esta função na medida de “2 copos ao dia”. Curioso imaginar uma mãe do final da década de 1950 tomando dois copos “de cerveja preta, tipo Malzbier” por dia como forma de tratamento estimulante para produção de leite; entretanto, se numa coluna assinada por um médico e destinada diretamente às mães este uso era indicado, esse tratamento deveria ser realmente confiável e eficaz, ainda que a reportagem destacasse, simultaneamente, a fama controversa da bebida.

Aponta Luca (2013) que o incentivo ao consumo ocupava lugar estratégico na imprensa feminina, através de sua propaganda ostensiva, baseada na promessa de felicidade e praticidade atribuídas aos produtos anunciados, que parecia ser incentivada pela “novidade” dos anos 1950: “o *american way of life* – o ideal do papai que trabalha fora, da mamãe que cuida do lar com a ajuda dos eletrodomésticos, da família toda que passeia de carro e tem acesso a bens de consumo ‘indispensáveis’ à vida moderna” (PINSKY, 2013, p. 488).

Neste “novo” modelo de arranjo familiar, o homem era considerado o provedor do sustento material, enquanto a mulher cuidava do lar, agora com rapidez e maestria, graças aos avanços tecnológicos propiciados pela criação de aparelhos eletrônicos, facilitadores dos afazeres domésticos, que permitiam mais tempo livre à família realizar suas atividades de lazer fora de casa, utilizando seu próprio meio de transporte para locomoção. A aquisição de produtos, dentro desse cenário, se estabelecia como outro facilitador ao dia a dia da família, visto que tinham embutidos em si a promessa de algo útil e prático, visando seu uso em larga escala, como a cerveja Malzbier, que prometia ser um complemento a todas as refeições diárias.

Assim, “no plano social, uma classe média trabalhadora crescia nas principais capitais, envolvida pelos apelos de consumo, veiculados pelas sedutoras revistas ilustradas, pela

propaganda que invadia os lares” (MARTINS & LUCA, 2006, P.75), tornando-se esse grupo o público alvo desses anúncios. O consumismo incentivado e amplamente divulgado na sociedade por essas propagandas gerou na população a sensação de poder viver nesses moldes, incutindo que esse modelo de vida era “natural” e acessível a todos. Esse sentimento de prosperidade e de vontade de alcançar novos horizontes constitui-se como uma característica marcante dos *Anos Dourados* no Brasil, ousando-se afirmar que foi uma estratégia encontrada para alavancá-lo do rol de um país atrasado para o patamar de um país moderno, digno de estar frente à frente das potências mundiais.

Refletindo-se a respeito do panorama social brasileiro, era possível notar que o consumo de bens manufaturados, apoiado no modelo norte-americano, gerou um sentimento de otimismo na população brasileira. Esse otimismo era fruto da vontade de mudança e de alteração dos hábitos nos centros urbanos, significando para a população que o Brasil, um país subdesenvolvido, poderia alcançar outro patamar e se tornar um país industrializado. Quem detinha o poder de compra desses produtos eram provavelmente os setores médios da sociedade, os quais liam jornais e revistas, sendo influenciados por suas propagandas como os leitores do *Jornal das Moças*.

Tecendo considerações a respeito da circulação de jornais e revistas, Valdevânia Vidal (2008) destaca que esses dois veículos de comunicação não são usufruídos por uma parcela significativa da população, e, portanto, não justifica qualificá-los como abrangentes de uma parcela numerosa da sociedade, sendo um erro, segundo a autora, afirmar que jornais e revistas são meios de comunicação de massa. Por não serem acessíveis a grande parte da população, percebemos que os produtos neles anunciados tinham como consumidores o grupo específico de seus leitores.

Desta forma, no período entre 1956 e 1961, os leitores da revista *Jornal das Moças*, puderam ver publicações que incentivaram ao consumo, trazendo um ideal de felicidade subjacente as suas propagandas, ao mesmo tempo em que viram não só o Presidente em exercício desfilando em suas páginas, como também sua Primeira Dama, D. Sarah Kubitschek.

3.1.2 Sarah Kubitschek - Na Sociedade, uma Dama. No Brasil, a Primeira: a imagem da Primeira Dama nas páginas do *Jornal das Moças*

Conforme indicamos no Capítulo I, a propaganda era a “alma” do periódico *Jornal das Moças*, que, precisando de patrocínio para manter suas publicações, anunciava diversos produtos em suas páginas, dando ênfase aos que realçavam a beleza feminina, visto ser a mulher um de seus públicos alvo. Construindo representações a respeito do Brasil dos *Anos*

Dourados, se os anúncios vendiam aos leitores imagens, como aquelas associadas ao progresso e ao desenvolvimento moderno do país, reportagens também traziam referências de como deveria ser uma Primeira Dama.

Neste sentido, no ínterim entre o pleito eleitoral e seu resultado, o *Jornal das Moças* traz a disputa pelo cargo presidencial como assunto da matéria *Qual será a PRIMEIRA DAMA do País?*, no exemplar nº. 2103, de 06 de outubro de 1955.

Especulando a respeito de quem seria o futuro Presidente do Brasil, a matéria afirmava que grande era a expectativa em torno do “resultado das eleições realizadas no dia 03 de outubro” de 1955. Enquanto não era certo o nome do candidato vencedor, a revista mostrava as “quatro candidatas ao posto de primeira dama do país”, palpitando no corpo do texto sobre as aptidões necessárias às mulheres que estavam na disputa por esse posto, elencando o companheirismo e a abnegação como duas características importantes.



IMAGEM 83. Exemplar nº. 2103, de 06 de outubro de 1955. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Se o título chamava a atenção para o posto de Primeira Dama, as imagens contidas na matéria faziam referência às figuras femininas, destacando-as como as esposas que acompanhavam seus maridos nessa disputa, ao mencionar apenas os nomes dos candidatos abaixo das fotos das mulheres. Ao apresentar somente os nomes deles precedidos do título de “Senhora”, a publicação não revelava ao leitor que a Sra. Juscelino Kubitschek chamava-se Sarah Luisa Lemos de Oliveira, que a Sra. Juarez Távora chamava-se Nair e era sua prima, que a Sra. Ademar de Barros chamava-se Leonor, e nem tão pouco que a Sra. Plínio Salgado

chamava-se Cannela Patti, sendo o segundo matrimônio do candidato, após ter enviuvado prematuramente⁵⁴.

Na ausência do pré-nome como forma de identificação da consorte, a referência à figura feminina feita pela revista passa a ser o nome do marido, indicando que as legendas das fotos estão em consonância com os costumes e o Código Civil⁵⁵ vigente na época, segundo o qual a mulher era obrigada a adotar o sobrenome do marido, tornando-se sua senhora.

Indicando que a mulher, ao assumir a condição de esposa, deveria se submeter à autoridade e proteção do marido, Pinsky (2013) menciona que “para o Código Civil de 1916, o marido é o representante legal da família e a esposa, sem plena capacidade civil, precisa da autorização do cônjuge para trabalhar e negociar” (PINSKY, 2013, p. 486), fazendo com que a mulher perdesse, de determinada maneira, sua identidade.

Em *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu descreve a relação de dominação estabelecida entre homens e mulheres como parte de um processo de submissão paradoxal, onde ao mesmo tempo em que certas estruturas são perversas, elas também são vistas pela sociedade como aceitáveis e, até, naturais. Logo, a dominação masculina, vivenciada pelas mulheres, dá-se de forma simbólica, suave, insensível e invisível à própria vítima, propagando-se pelas vias de comunicação e conhecimento.

Na reportagem em específico, tendo em vista a revista ser um meio de comunicação, a escrita da matéria legitima a relação de dominação estabelecida pelo casamento, que incorpora, enquanto instituição, simultaneamente o Estado e a Igreja. O casamento, ao compreender a parte civil, representa a legitimação da dominação pelo Estado, sob a forma de lei, tornando-o um contrato legal, fazendo com que a mulher assumia o sobrenome do marido, e ao compreender a parte religiosa, representa essa legitimação pela Igreja, que trata o laço sagrado do matrimônio como indissolúvel (BOURDIEU, 2002).

Além disso, o autor nos indica que os dominados, no caso aqui as mulheres, acabam legitimando as formas de dominação que são impostas por acharem normal algumas atitudes e tratamentos. Apresentando mulheres identificadas enquanto esposas dos seus maridos, a matéria parecia indicar um “status” ser a cônjuge do presidente, algo digno de importância, ousando-nos afirmar que seria “chique” ser a Sra. Fulano de Tal, visto que ser a Primeira Dama do país representava o ápice do papel de uma mulher em nossa sociedade,

⁵⁴As informações encontradas sobre o nome e a procedência dessas mulheres encontram-se disponíveis nos verbetes que levam os nomes dos seus respectivos maridos, contidos no site do CPDOC.

⁵⁵O Código Civil vigente durante o período em estudo datava de 1º de janeiro de 1916, conhecido como Lei 3071/16. Em seu artigo 240 versava que a mulher pelo casamento assumia o apelido do marido, e com ele o cargo de companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071imprensa.htm. Acesso em: 01.05.2018.

pois ao se tornar a esposa do Presidente seria um exemplo para as demais, dentre outras coisas, de “companheirismo” e “abnegação”, segundo as palavras do periódico.

Dada a eleição de JK, das senhoras destacadas na reportagem, a “vencedora” do título de Primeira Dama foi a Sra. Juscelino Kubitschek, transformando-se na esposa do Presidente do Brasil. Empossada no seu novo cargo, Sarah Kubitschek aparece nas páginas da revista como um modelo de conduta feminina a ser seguido, em uma matéria destacando seus feitos filantrópicos e sua atuação frente às Pioneiras Sociais⁵⁶.



IMAGEM 84. Número Especial de Dia das Mães. Exemplar nº. 2239, de 15 de maio de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

“D. Sarah Kubitschek”, citada pelo seu nome próprio, é “a homenageada” pela reportagem assinada por Alvaro Menezes, editor chefe do *Jornal das Moças*, no Número Especial de Dia das Mães, de 15 de maio de 1958. Enaltecendo as características da “Sra.

⁵⁶As Pioneiras Sociais surgiram com o intuito de apoiar ações assistenciais voltadas para a infância e para a maternidade. Sarah Kubitschek, consorte do então governador Juscelino Kubitschek fundou esse grupo, que trabalhava no espaço da garagem do Palácio da Liberdade. Estendendo-se para a área educacional, sua ação foi responsável pela criação de pré-escolas e escolas de nível primário, muitas funcionando em igrejas. Em seguida, surgiram os lactários (locais onde era distribuído leite para crianças) e os núcleos das Pioneiras se espalharam por Minas Gerais. Contando com o trabalho de voluntárias, elas ajudavam na merenda escolar, na confecção de uniformes e no atendimento à saúde da população necessitada. Nos dias de hoje, chama-se Servas, uma instituição que age junto ao poder público, setor privado e sociedade civil em forma de parceria, a fim de desenvolver projetos e ações para a realização de as políticas públicas e de desenvolvimento social. Dados extraídos do site: <http://www.servas.org.br/institucional/index.asp?ref=6>. Acesso em: 24.06.2018.

Sarah Kubitschek” como mãe e esposa zelosa, destacava-se o seu trabalho em prol dos mais necessitados, sendo “esses atos de filantropia” feitos “em sigilo, sem nenhum alvoroço de propaganda”, a fim de não parecerem “ vaidade” sua.

Se os feitos da Primeira Dama por representarem o papel de mulher dedicada ao lar, à família e à sociedade, eram dignos de nota em uma edição especial da revista, sua formação acadêmica não fora mencionada em nenhum momento da reportagem e nem tampouco achamos informações consistentes a esse respeito, parecendo indicar que ser a mulher do Presidente era uma ocupação, e que isto tomava muito do tempo de Sarah, visto que ela não se dedicava única e exclusivamente a sua própria família, estendendo seu zelo para causas assistenciais.

Tratando a homenageada como “Mme. Juscelino Kubitschek”, no último parágrafo do texto, o autor afirma que esta reportagem não era do conhecimento dela e de ninguém no palácio, a fim de não restar dúvidas ao leitor em relação à discrição da Primeira Dama, apontando, possivelmente, mais uma característica pertinente a esse posto, nos fazendo perceber também que seu prestígio ficava a cargo do sobrenome de seu marido⁵⁷, haja vista que quem presidia o país era ele.

Mencionada em relação ao seu marido, gozando do prestígio advindo do cargo por ele ocupado, a imagem de D. Sarah Kubitschek se fez notar nas páginas da revista através de seus feitos filantrópicos. Contudo, se sua formação educacional não fora declarada em nenhuma das reportagens exibidas na revista, fato é que deu seu nome a uma escola, o Instituto de Educação Sarah Kubitschek⁵⁸, ao passo que seu marido, o “Presidente Peixe-Vivo”, emprestou o nome dele a um modelo de carro.

Parecendo indicar o que era importante no contexto dos *Anos Dourados* no Brasil, podemos associar representações de masculino e feminino à figura do casal Kubitschek: enquanto o Presidente se fazia presente na meta vinte e sete do Plano de Metas de seu governo, referente à indústria automobilística, simbolizada pelo automóvel JK, sua consorte podia ser associada à meta trinta, referente ao campo da educação, ao ter sido homenageada quando da fundação de uma Escola Normal que leva seu nome.

Em meio à euforia desenvolvimentista proporcionada pelo governo de Juscelino Kubitschek, tendo como suporte seus aparatos ideológicos oficiais, deles destacando-se o

⁵⁷O sobrenome Kubitschek batizou duas escolas de formação de professores no Rio de Janeiro, o Instituto de Educação Julia Kubitschek, uma justa homenagem a mãe de Juscelino que fora professora, e o Instituto de Educação Sarah Kubitschek, prestigiando sua esposa.

⁵⁸ Segundo Luciana Cardoso (2013), o início do funcionamento da Escola Normal Sarah Kubitschek deu-se em 1959, de forma provisória, nas dependências da Escola Venezuela. Em 1974, ao ganhar uma nova sede monumental, situada no bairro de Campo Grande, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, a instituição muda de nome, passando a se chamar Instituto de Educação Sarah Kubitschek.

ISEB pelo seu papel marcante enquanto instrumento de difusão do projeto nacional desenvolvimentista, percebemos o tom dourado a segunda metade da década de 1950, que faz parte do contexto de rápidas mudanças sociais e da penetração de um novo modo de viver em família.

Percebendo o papel de “Mme. Juscelino Kubitschek” enquanto esposa do Presidente, caracterizando sua ocupação, e, assim, situando o seu lugar na sociedade brasileira deste período, refletiremos sobre este contexto de rápidas transformações sociais, no que diz respeito especificamente ao ensino superior no país, buscando mostrar como a revista apresentava a presença feminina nessa modalidade de ensino em suas reportagens, referindo-se a mulheres e homens, ao construir suas representações.

3.2 Impressões sobre ensino superior brasileiro: entre o debate teórico e as publicações da revista

As evidências de mulheres exercendo a profissão ou formando-se no ensino superior encontradas na revista *Jornal das Moças*, nos fizeram refletir sobre a formação de mulheres nessa modalidade de ensino no Brasil enquanto uma conquista, em relação aos homens, recente na História da Educação Brasileira, conforme aponta Marinho, em seus estudos sobre o tema, tendo em vista que “se por longo tempo o espaço do Colégio Pedro II não foi destinado às mulheres, menos ainda o ensino superior” (MARINHO, 2016, p. 219).

Fúlvia Rosenberg demonstra que apesar do acesso das mulheres à educação ter sido autorizado em 1827 pela Lei Geral do Ensino de 5 de outubro, embora restrita às escolas femininas de primeiras letras, as últimas barreiras legais a essa educação só foram rompidas em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692, quando o curso normal passou a ser equivalente ao curso secundário, permitindo que as normalistas ingressassem no ensino superior (ROSEMBERG, 2013).

Cabe destacar que, no período em estudo, entre os anos de 1956 e 1961, a educação brasileira era regida por leis orgânicas, as quais datavam da década de 1940, em sua maioria. No que diz respeito especificamente ao ensino superior, ainda baseava sua estruturação pelo decreto nº. 19.851, de 11 de abril de 1931. Esse decreto se constituiu no Estatuto das Universidades Brasileiras, definindo as finalidades do ensino universitário no país, organizando os institutos e faculdades, atribuindo funções ao corpo docente e funcionários deliberando, portanto, sobre a máquina administrativa, dando suas diretrizes detalhadamente (ROMANELLI, 1993).

Fruto da Constituição de 1946, que atribuía à União a função de elaborar uma legislação específica para regulamentar a educação no Brasil, o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) fora posto em pauta para debate em 1948, conforme nos mostra Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier. Contando com equipes de trabalho, formadas de acordo com os segmentos do ensino, notava-se a presença de apenas uma mulher nesses grupos. Para a autora, no referido projeto se propunha a modernização conservadora do ensino, o que limitava o acesso à educação superior. O projeto acabou sendo arquivado, sendo que seus debates foram retomados anos mais tarde, na segunda metade da década de 1950 (XAVIER, 1990).

Nessa década, houve um aumento na procura pelo ensino superior, influenciada, em grande medida, pelo crescimento econômico e pela inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho (VEIGA, 2007). A autora aponta, também, que as leis que regulamentaram os exames de acesso a essa etapa de ensino e a incorporação de professores universitários no escopo do quadro do Ministério da Educação e Cultura foram fatores decisivos nesse processo, apesar do caráter elitista dessa modalidade de ensino.

No entendimento de Xavier (1990), esse caráter elitista do ensino superior era construído ao “selecionar e preparar os mais capazes, as elites forjadas com a força suficiente para influenciar a consciência nacional e a eficiência necessária para conduzir a nação ao seu destino” (XAVIER, 1990, p.94). Selecionando criteriosamente aqueles que tivessem aptidão para ingressar na Universidade, vinculava-se o acesso a esse nível de ensino à conclusão ou do ensino secundário ou do ensino profissional, sendo este último pouco procurado por quem efetivamente teria condições reais de frequentar o ensino superior.

Se a procura pelo ensino superior parece ter sido maior, isso se deve, entre outros motivos, aos incentivos federais nesse sentido. Dos atos do presidente Juscelino Kubitschek, no que concerne ao ensino superior, destacamos a assinatura, em 1959, de acordos que envolviam diretamente a formação nessa modalidade de ensino, conforme pontuaram Amon Narciso de Barros e Alexandre de Pádua Carrieri (2013). Analisando a formação superior em Administração, entre os anos 1940 e 1950, esses autores destacam que o Brasil buscou ativamente a cooperação técnica dos EUA para poder formar quadros que pudessem contribuir na aceleração do desenvolvimento econômico brasileiro. Como parte desse processo, os acordos, que datam do início da década de 1950, ainda durante o governo de Getúlio Vargas, deveriam promover incentivo à criação de escolas superiores em Administração em parceria com universidades norte-americanas, foram efetivamente firmados

em 1959. Essa parceria dizia respeito à estruturação do curso e ao envio de membros estrangeiros para formação do corpo docente.

O incentivo à educação superior, estruturado sob esses moldes, ou seja, subsidiada pelo capital estrangeiro, se alinhava, de certa forma, com a proposta de governo do presidente da República, cujo alicerce era “um ‘novo’ nacionalismo voltado para experiências de um capitalismo periférico e dependente do capital estrangeiro” (BENEVIDES, 2002, p. 30). Ainda parecendo estar inserido dentro dessa proposta presidencial de JK de “um novo nacionalismo”, o contrato de incentivo ao curso de Administração apresentou como desdobramento as salas de aula dos centros universitários brasileiros, conforme demonstrado por Barros e Carrieri (2013), na medida em que trouxe professores de fora do país, com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino, instruindo os docentes nacionais a dar aula em seus moldes.

Refletindo a respeito deste acordo firmado entre Brasil e EUA, tendo em vista os cursos de Administração, nos faz pensar sobre a presença desse tipo de incentivo/estratégia em outros cursos universitários espalhados pelo país.

Nesta mesma época, o projeto de lei para criação de uma lei de diretrizes e bases da educação fora mais uma vez posto em pauta, segundo nos mostra Dermeval Saviani. A retomada dos debates a respeito desse projeto deu-se a partir do “discurso pronunciado em 5 de novembro de 1956 pelo deputado padre Fonseca e Silva em que ele acusa Anísio Teixeira (...) e Almeida Júnior, relator geral do anteprojeto original, de contrariar os interesses dos estabelecimentos confessionais de ensino” (SAVIANI, 2007, p.284), instaurando o conflito escola particular *versus* escola pública, resultando em caloroso debate educacional durante o final de década de 1950.

Intentando sistematizar e compilar ideias educacionais que dessem conta da realidade brasileira, em 1959, um grupo de educadores e pensadores da educação organizou seus propósitos, trazendo a público as bases do ensino brasileiro, ao escrever e assinar o *Manifesto dos Educadores Mais uma Vez Convocados*. Nele, o ensino superior é caracterizado como uma etapa de formação destinada às elites, que sob a guarda do Estado, obteve êxito nesse sentido. Ao destacar os novos rumos que o país estava tomando, em prol da industrialização, via no crescimento desse setor um caminho/meio de ampliar o acesso a educação superior (GHIRALDELLI, 2000).

O questionamento proposto pelo Manifesto e os debates educacionais em voga, na tentativa de alterar o panorama educacional do ensino brasileiro, no que concernia à educação

superior, indicavam que a universidade ainda era destinada a quem tinha vocação para a intelectualidade, e que este quadro precisava ser modificado de alguma forma.

Após grande discussão, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61, foi promulgada em dezembro de 1961, sem produzir alterações significativas no panorama educacional brasileiro em vigor. Fruto de um grande debate educacional que ultrapassou uma década, incrementado principalmente no final de década de 1950, essa lei não virou notícia nas páginas do *Jornal das Moças*. A efervescência e o calor das discussões educacionais passaram “despercebidos” em nossa fonte de estudos, provavelmente pelo alinhamento de sua linha editorial, visto que em sendo uma revista ilustrada e de variedades, voltada para família e especialmente para o público feminino, não tinha como objetivo noticiar esse tipo de informação. Entretanto, a revista publicava reportagens que faziam referência à educação superior no Brasil, dentro da pauta de assuntos por ela abordada. Essas impressões a respeito do ensino superior encontradas na revista mostraram menções indiretas a essa etapa de ensino, como nos contos assinados por escritores brasileiros, nas reportagens de agradecimentos aos trabalhos prestados por um médico, na oferta de consultas, e nos textos escritos sob o formato de série ditando cuidados com a saúde, onde o foco era orientar e entreter os leitores com narrativas amorosas, fazer a propaganda dos serviços dos profissionais, e estimular o cuidado com a saúde, sendo o diploma universitário como um diferencial para atuação dos indivíduos envolvidos nessas publicações; já as menções diretas tinham o ensino superior como foco de suas reportagens, trazendo o periódico matérias sobre uma associação de estudantes universitárias, além de fotos e notas sobre formaturas.

Características comuns a esse conjunto de matérias eram aparecer ocasionalmente nas páginas da revista, espalhado pelas seções e colunas do impresso, ao contrário do observado no Capítulo II, trazendo representações acerca do feminino e do masculino de ensino superior no Brasil, ao apresentar seus estudantes ou profissionais dele oriundos.

Dada a quantidade de evidências sobre esta etapa da educação encontradas na revista no período em estudo, elas foram organizadas neste texto de acordo com sua temática, e então agrupadas em blocos de assunto: no primeiro situam-se as narrativas amorosas de autoria brasileira, e as reportagens ligadas à área de saúde; em seguida, temos as publicações referentes à União Universitária Feminina, associação que simboliza o ativismo feminino para inserção e permanência de mulheres no espaço universitário, e por fim vemos as imagens de formaturas.

O primeiro grupo analisado, ou seja, os contos e as matérias que remetem à área de saúde nos ajudaram a pensar sobre o papel da mulher no ensino superior brasileiro, não

somente como uma conquista recente, mas também no que concerne à relação do feminino com o cuidado e o bem-estar da família.

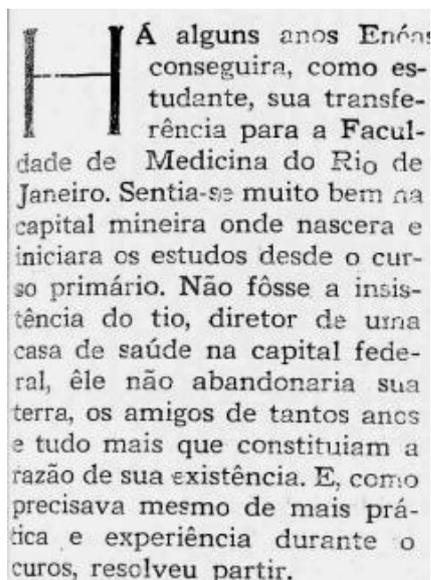
3.2.1 O lugar do “broto” de ensino superior nos contos brasileiros dos *Anos Dourados*

Os contos publicados no *Jornal das Moças*, conforme observado no capítulo anterior, possuíam como característica marcante a forte influência estrangeira, dada a presença de autores internacionais que, dando vida a personagens, traziam imagens e práticas cotidianas diferenciadas daquelas vividas e sentidas no âmbito social brasileiro.

Contudo, em meio a essas narrativas foi possível observar que havia espaço para aquelas assinadas por autores nacionais, destacando-se três delas para análise, por apresentarem seus protagonistas e personagens envolvidos com o ensino superior.

Se nos textos de autoria estrangeira havia a predonância da área de saúde, repetia-se este mesmo traço nos contos de autoria brasileira, visto que temos um médico, uma odontologista, uma estudante de Medicina e uma enfermeira como personagens principais em dois contos, e no terceiro, protagonistas oriundos da Faculdade de Filosofia.

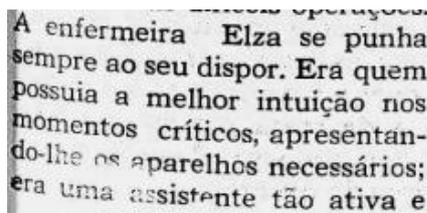
O conto de 20 de março de 1958, contido no exemplar nº. 2231, intitulado *Entre dois corações*, de Arnolpo Fernando, traz o triângulo amoroso entre o médico Enéas, sua noiva, a odontóloga Silvia, e sua parceira de trabalho, a enfermeira Elza.



HÁ alguns anos Enéas conseguiu, como estudante, sua transferência para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sentia-se muito bem na capital mineira onde nascera e iniciara os estudos desde o curso primário. Não fôsse a insistência do tio, diretor de uma casa de saúde na capital federal, êle não abandonaria sua terra, os amigos de tantos anos e tudo mais que constituíam a razão de sua existência. E, como precisava mesmo de mais prática e experiência durante o curos, resolveu partir.

IMAGEM 85. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nesta narrativa, o jovem estudante de medicina de Minas Gerais Enéas, estimulado por seu tio, diretor de uma casa de saúde na capital federal se transferiu para Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em razão dessa transferência, conheceu a enfermeira Elza.

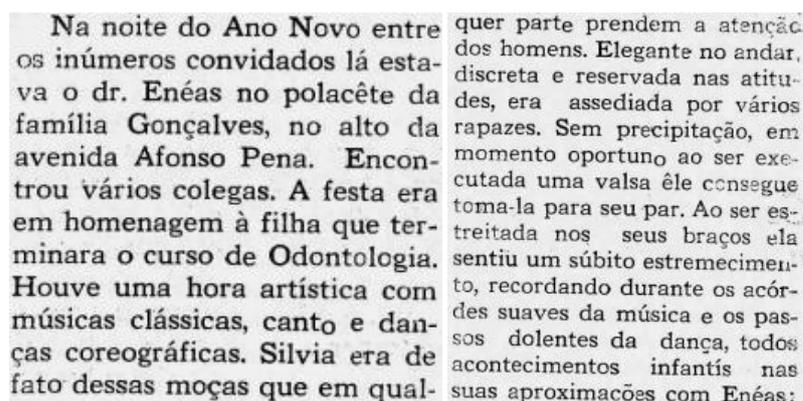


A enfermeira Elza se punha sempre ao seu dispor. Era quem possuía a melhor intuição nos momentos críticos, apresentando-lhe os aparelhos necessários; era uma assistente tão ativa e

IMAGEM 86. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A enfermeira Elza “era uma assistente tão ativa”, possuindo “a melhor intuição nos momentos críticos”, prestativa, estava sempre ao dispor do médico Enéas, apresentando a ele “os aparelhos necessários”. Dessa forma a enfermeira Elza era representada como uma mulher dedicada ao seu ofício; assim ela cativava o jovem médico a ponto deles se tornarem inseparáveis.

Na sequência do conto, Enéas retorna a sua cidade, devido à proximidade das festividades de final de ano, e uma grata surpresa atravessa seu caminho: Silvia, a odontóloga.



Na noite do Ano Novo entre os inúmeros convidados lá estava o dr. Enéas no polacete da família Gonçalves, no alto da avenida Afonso Pena. Encontrou vários colegas. A festa era em homenagem à filha que terminara o curso de Odontologia. Houve uma hora artística com músicas clássicas, canto e danças coreográficas. Silvia era de fato dessas moças que em qual-
quer parte prendem a atenção dos homens. Elegante no andar, discreta e reservada nas atitudes, era assediada por vários rapazes. Sem precipitação, em momento oportuno ao ser executada uma valsa êle consegue toma-la para seu par. Ao ser estreitada nos seus braços ela sentiu um súbito estremecimento, recordando durante os acordes suaves da música e os passos dolentes da dança, todos acontecimentos infantis nas suas aproximações com Enéas:

IMAGEM 87. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em uma festa de Ano Novo “no palacete da família Gonçalves”, demonstrando uma condição de classe econômica significativa, Enéas encontrou Silvia, uma amiga de infância. A festa era em homenagem a ela que concluíra o curso de Odontologia. Na narrativa, Silvia é caracterizada como uma moça que cativa “a atenção dos homens”, por ser “elegante no andar, discreta e reservada nas atitudes”, e dotada com tantos predicados fez o coração do jovem médico bater mais forte, a ponto de engatarem um noivado.

Se as mulheres eram retratadas no conto através das figuras femininas, tendo o aspecto do cuidar na enfermeira Elza, e a moça ideal para um compromisso sério na amiga de infância, o profissional médico era representado sob outro enfoque.

humanos, tornara-se um abnegado pela profissão, estudando muito, assistindo com vivo interesse as intervenções cirúrgicas mais recentes. Quantas vezes na presteza do pronto socorro suas vestes brancas se tingiram de sangue das vítimas de atropelamentos e outros acidentes nas ruas públicas excessivamente movimentadas. Com a técnica e precisão adquirida naqueles casos de urgência, sua mão firme intervinha agora com maestria nas mais difíceis operações.

IMAGEM 88. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O médico Enéas era descrito como “abnegado pela profissão”, estudioso e interessado em aprender sempre mais a respeito do trato com cirurgias, estando sempre de prontidão para atender aos pacientes, representando o médico como aquele que salva vidas. O estudo e o empenho na profissão exprimem duas características importantes para o exercício do ofício por ele escolhido – médico cirurgião.

Entretanto, ao mesmo tempo em que seu coração era de Silvia, o médico não conseguia tirar a enfermeira Elza de seus pensamentos, pois em sendo a companheira de todas as horas, estimulava-o e “exortando-o com palavras animadoras”, fazendo com que ele se sentisse envaidecido ao seu lado, em adivinhando seus pensamentos, estava prontamente atenta a qualquer movimento seu durante sua prática diária na medicina, inclusive incentivando-o a prestar “concurso para professor assistente de ginecologia na Faculdade”. Enéas passou a viver um dilema pessoal entre duas mulheres que ele admirava e cativava enorme carinho, embora possuíssem características diferentes.

cia influência na sua vida. Ao seu lado sentia-se envaidecido de ser o que era como profissional habilitado e tinha a máxima confiança nas mais difíceis intervenções cirúrgicas. Era quem lhe estimulava, exortando-o com palavras animadoras. Por influência dela prestara um concurso para professor assistente de ginecologia na Faculdade e fôra classificado.

Entretanto, apesar dêsse afeto profundo sentia saudades da outra tanto que mantinha correspondência de noivado. Suas cartas, porém, crivadas de acentuado nervosismo muito atribulavam a mineira.

Continuava o facultativo naquela situação aflitiva quando a noiva resolve ir ao Rio, sem avisá-lo.

Na manhã do dia 1º de Outubro uma jovem de olhos verdes apresentou-se dizendo ter chegado de Belo Horizonte.

A enfermeira recebeu-a meio transfigurada.

— Pois estive lá no Hospital e não encontrando meu noivo soube que...

— Enéas... seu noivo... não sabia!

IMAGEM 89. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Sem conseguir disfarçar a angústia sentida, ele transpassava esse sentimento nas cartas escritas a sua noiva, atribulando-a a ponto de fazê-la aparecer subitamente em seu apartamento, visto que em “estando no hospital”, não encontrou-o por lá. Na residência de seu noivo, Silvia fora recebida pela enfermeira Elza que, “meio transfigurada”, tentou demonstrar surpresa ao saber do noivado do médico.

O cirurgião sentiu-se indeciso, sem saber qual atitude que devia tomar. Não poderia viver com uma sem a outra. Deu algumas voltas de automóvel pela esplanada ouvindo roncões de avião e outras tantas nas imediações do seu apartamento, sem coragem de entrar. Talvez fôsse preferível ir para Porto Alegre instalar uma Casa de Saúde, conforme proposta de um colega gaúcho e telegrafar para ambas, desculpando-se, mas, como não pôde resistir à tentação de ir se despedir de Elza, casou-se com ela para sempre, certo que nunca se esquecerá da Silvia.

IMAGEM 90. Exemplar nº. 2231, de 20 de março de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No desfecho do conto, Silvia ao tomar conhecimento do triângulo amoroso em que estava envolvida, volta para sua casa. Ainda assim hesitante, entre ir atrás da noiva ou mudar de cidade, o novo professor assistente de Ginecologia sem poder resistir à tentação de se despedir de Elza, com ela se casou, muito embora sabendo que jamais esquecerá Silvia.

O fato de Silvia e Elza serem representadas no conto como portadoras de várias qualidades agrava a indecisão de Enéas, posto que ele não queria se desfazer de nenhuma delas, mesmo sabendo que estava errado em manter o noivado com a odontóloga, se simultaneamente namorava a enfermeira.

Ao final da narrativa, Dr. Enéas preferiu a moça que estava ao seu lado, incentivando-o, dando apoio dia a dia para que ele se tornasse um profissional melhor. Em verdade, jamais esquecerá também sua ex-noiva, mas de certo que um amor tranquilo com a mulher que se estabeleceu como seu porto seguro, sendo sua auxiliar na prática médica diária, era mais atraente, visto que se mostrava menos arriscado apostar na enfermeira.

A dentista formada era decidida e impulsiva, demonstrando isso na sua postura ao sair de sua cidade natal, e ir ao Rio de Janeiro, a fim de esclarecer o que estava acontecendo em seu relacionamento. Logo, percebemos que a amizade de primeira infância, não pareceu ser suficiente para que na fase adulta, Silvia tivesse se tornado a mulher que Enéas precisava, ou seja, a companheira que dele cuida, e ao agir sob ímpeto de resolver os seus problemas, ela se estabelecia como aquela que talvez dele não dependia.

Ao contrair matrimônio com Elza, aquela que cuida e o auxilia nos momentos difíceis, o Dr. Enéas, no papel de marido, passou a desempenhar a função de protetor da mulher e da família.

O casamento, segundo Bourdieu (2002), é o momento da vida do homem em que ele reproduz e perpetua seu capital simbólico, na medida em que é através dessa instituição que ele ocupa papel de destaque como chefe de família, fazendo com que seu dever enquanto provedor seja estabelecido e garantido.

O capital simbólico perpetuado no casamento entre o médico e a enfermeira legitima a figura do homem como provedor, na medida em que o médico é superior hierarquicamente à enfermeira no trabalho, por conta das responsabilidades do cargo, recebendo por isso uma remuneração maior, e ao acumular a função financeira de chefe da família, constitui-se como o pilar de sustentação da casa. Ao escolher a enfermeira, ao invés da dentista, ele estaria garantindo e estabelecendo seu papel como o dominante do casal e, portanto, perpetuando seu capital simbólico dentro do ciclo social.

Tendo como personagem principal uma estudante de Medicina, o conto *Cruz de uma vida*, de José Antonio Marcelino, publicado no exemplar nº. 2186, em 09 de maio de 1957, retratou uma moça que dava os seus primeiros passos nessa profissão.

MIMI. Vinte anos. Uma elegância que zombava da simplicidade. Um corpo esbelto, sem mácula. Uns olhos azuis, dum azul muito vivo, cabelos loiros, um rosto egípcio, uma cintura muito fina, busto elegante, altiva, arrogante. Quem poderia sentir-se à vontade, diante desta graciosa figurinha.

IMAGEM 91. Exemplar nº. 2186, de 09 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A protagonista da narrativa era Mimi, que, do alto dos seus “vinte anos”, possuía “uma elegância que zombava da simplicidade”. Atributos físicos não lhe faltavam, aliás, sobravam, acrescentando-se a eles a altivez e a arrogância. Dito isso, “quem poderia sentir-se à vontade, diante desta graciosa figurinha”?!

Estudante de Medicina, a jovem é representada como “estudiosa”, “muito feliz”, que desfrutando de uma vida despreocupada, apreciava “leituras sentimentais”, como forma de aproveitar seu tempo livre. Apesar de seu gosto por esse tipo de literatura, achava graça e fazia pouco caso das pessoas que acreditavam no amor.

Cursando medicina, aproveitava todos os momentos disponíveis para leituras sentimentais, Ai! Mimi tinha apenas vinte anos. Levava até então uma vida despreocupada, muito feliz. Era estudiosa, e,

IMAGENS 92 e 93. Exemplar nº. 2186, de 09 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Refletindo-se a partir da leitura desses dois contos brasileiros, tendo seus protagonistas ligados à medicina, vemos a representação do masculino no médico devotado à profissão, que não se furtava a manchar sua roupa de sangue, a fim de atender os pacientes com presteza, e a representação do feminino, na estudante de Medicina despreocupada com sua própria vida e feliz nesta condição, que muito embora se deleitasse com “leituras sentimentais”, debochava do amor.

Assim como a Medicina foi destaque no palco das representações do feminino de ensino superior, construídas pelas narrativas amorosas na revista *Jornal das Moças*, a Filosofia também teve seu espaço, conforme podemos ver no conto *Como um problema de filosofia se transformou num problema sentimental ...*, de Francisco Ribeiro Ramos, publicado no exemplar nº. 2296, de 18 de junho de 1959, no qual a protagonista era a jovem Laura, a primeira aluna do curso de Filosofia, que estava na iminência de prestar seu último exame diante da banca examinadora para conclusão de seus estudos.

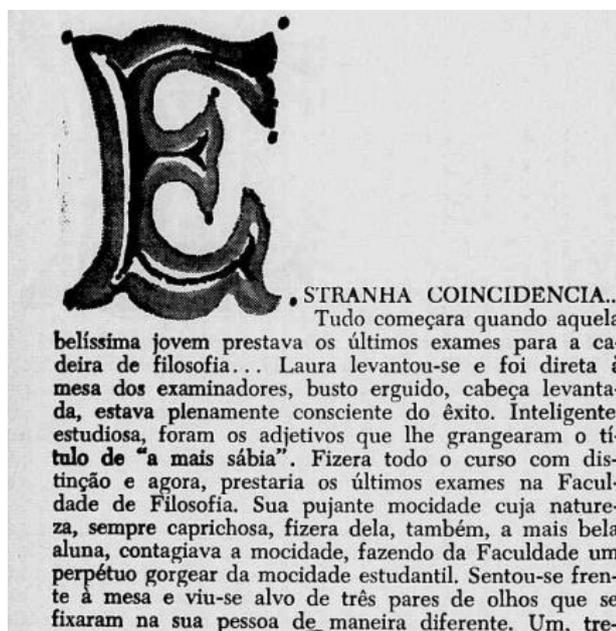


IMAGEM 94. Exemplar nº. 2296, de 18 de junho de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Laura é descrita como uma moça “inteligente”, “estudiosa”, segura e “estava plenamente consciente do êxito” em seu teste final, visto que cursava Filosofia. Entretanto, se sua forma de posturar o corpo com “busto erguido” e “cabeça levantada”, frente a banca que a examinava, passava a imagem ao leitor de sua firmeza e confiança nos conhecimentos

adquiridos durante o curso, seus atributos físicos também se faziam notar. Se, por um lado, a moça ostentava o título de “a mais sábia”, por outro era considerada a mais bela, visto que sua juventude a tornava viçosa, “fazendo da Faculdade um perpétuo gorgear da mocidade estudantil”.

A mocidade eterna, a beleza e o viço da juventude remetem à ênfase no aspecto físico feminino, parecendo justificar essa descrição tão meticulosa e detalhada da personagem, no fato desses atributos da mulher serem bastante valorizados no conto.

Bourdieu (2002) destaca que as mulheres existem enquanto objeto a ser exposto para o olhar dos outros, esperando-se delas que sejam femininas e demonstrem a feminilidade, parece-nos válido justificar a ênfase na beleza feminina de Laura demarcada nesta narrativa. Em sendo, portanto, a mulher uma figura em exposição, residindo seu encanto na beleza, ela deve chamar a atenção do olhar do expectador por meio de seus atributos físicos.

O masculino de ensino superior no conto era representado pelos dois professores da Banca Examinadora do trabalho da estudante Laura, composta pelos docentes Roberto, namorado e candidato a noivo da protagonista - deixando claro na narrativa que ela nunca tirou vantagem dessa condição, e por Rogério, que oportunamente durante a avaliação leva a moça a crer que seu futuro noivo é, na verdade, um homem casado. Com isso, na festa de formatura, a filósofa Laura, tendo desfeito seu compromisso com Roberto, fica com Rogério, selando seu amor com um beijo mandado de longe.

A moça retratada na narrativa era bela e culta. Todavia, apesar de ser caracterizada como culta, os homens da narrativa eram superiores a ela intelectualmente, pois tanto o “aspirante a noivo Roberto, quanto seu novo amor Rogério, que compunham a mesa examinadora de seu trabalho final para conclusão do curso de Filosofia, trabalhando como professores universitários exerciam ambos, portanto, posição de destaque frente à figura feminina no espaço do ensino superior.

A ingenuidade feminina perante os assuntos da vida perpassava sua habilidade nos estudos, estabelecendo-se como o seu ponto fraco: Laura foi inábil para perceber que Roberto, na verdade, era casado, precisando da interseção de outro homem, neste caso de Rogério, para sair dessa relação proibida.

Descortinando o lugar do broto dos *Anos Dourados* nas narrativas de autoria brasileira encontradas na revista e aqui analisadas, percebemos que elas comportavam representações de feminino e de masculino de ensino superior, enquanto estudantes ou já atuando na profissão escolhida. A representação das personagens femininas se dava através de características como altivez, elegância, beleza, determinação e inteligência, mostrando que também havia espaço

para elas pensarem nas questões sentimentais, ainda que não tivessem o “final feliz” pelo casamento, conforme o esperado, visto que nenhuma das duas mulheres formadas em cursos universitários casou-se no desfecho dos contos apresentados, diferentemente daquelas retratadas nos textos de autoria estrangeira, onde o matrimônio selava o término das narrativas.

Em um dos contos brasileiros analisados, o masculino se fez representar na Medicina através de um homem dedicado a essa profissão, tendo um “status social” por nela atuar. Contudo, o conto não era a única forma de apresentar a figura do médico nas páginas da revista. Observamos sua presença em notas de agradecimento, anúncios de consultas, e em uma série de matérias que sugeriam cuidados com a saúde.

3.2.2 “Obrigada, Doutor!” – o Médico nas linhas do *Jornal das Moças*

Em sendo os cuidados com a saúde uma presença constante no *Jornal das Moças*, principalmente no que se refere à família, ao fazer referência a essa área de atuação profissional, a revista mostrava Médicos, Odontólogos e Enfermeiras Técnicas da Cruz Vermelha em suas mais variadas publicações. Construindo e estabelecendo papéis para os profissionais que atuavam nesta área, as notas de uma página inteira agradeciam ao mesmo tempo em que enalteciam os préstimos do Dr. Campos de Rezende; já o anúncio de consultas gratuitas datado dos primórdios da revista, ofertado por uma brasileira formada no exterior, demarcava a presença feminina na Medicina, de tal sorte que as séries assinadas por Odontologistas e técnicas em Enfermagem indicavam a melhor maneira de cuidar da saúde bucal e física de toda a família.

Contando com mais de trinta publicações ao longo do período em estudo, a publicação em agradecimento ao Dr. Campos de Rezende era presença constante nas páginas do *Jornal das Moças*. Caracterizando este médico oftalmologista, cujo consultório situado estava no centro da cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal, então capital do país, como aquele que operava verdadeiros “milagres”, essa nota diagramava-se no tamanho de uma página inteira, sem ter título fixo, trazendo no corpo do texto uma carta, descrevendo todo o processo que o paciente havia passado, desde que contraíra a moléstia até o momento em que Dr. Rezende intercedia a seu favor. Do conjunto destas reportagens, uma delas se faz significativa, a fim de exemplificar como a mensagem dessa matéria era passada aos leitores da revista.

O Médico salvou-a da morte

Há cerca de quatro anos, foi minha sobrinha Célia Maria da Silva Gomes, atualmente com sete anos de idade, vítima de lamentável acidente, quando, em sua inocência, brincava com um copo de vidro, cujos estilhaços atingiram-lhe profundamente a vista direita, proporcionando, tempos após, um estafilôma deformante, de envólto em dores horrosas e consequente cegueira, que não nos permitiam um único dia de sono tranquilo e um só minuto de sossego.

Todos os recursos da Ciência Médica resultaram inúteis, inclusive a perseverança de outro esforçado oculista, que deu o caso como irremediável, nada mais nos restando senão aguardar a chegada do fim da pequenina sofredora, como o único lenitivo possível. Eis que um conselho amigo levou-me, no auge da aflição e por inspiração divina à rua Visconde de Inhaúma n. 134, 18.º andar, consultório do notável oftalmologista e homem de ciência que é o Dr. Campos de Rezende, levando nos braços Célia Maria em transe desesperador, em extrema anemia e quase em inanição, pois há 20 dias que estava com vômitos incoercíveis, em consequência do mal insidioso que lhe consumia os olhos e mesmo a própria existência, caminhando para um verdadeiro estado agônico.

Foi longa e titânica a luta entre o grande oculista brasileiro e a doença impiedosa. O mal se generalizou de tal modo pela região orbitária, com corpos estranhos possivelmente calcificados — segundo o testemunho das radiografias — atormentando a enferma e o diagnóstico unânime de outros especialistas desaconselhando qualquer trabalho operatório, que me surpreendi quando o Dr. Campos de Rezende, após examinar minha sobrinha, mostrou-se desejoso de salvá-la, o que fez, dias após, num trabalho por todos reputado milagroso quase, demonstrando sobejamente, não só a confiança em sua perícia, como também o espírito humanitário com que exerce sua gloriosa missão de médico oculista.

Hoje, com Célia Maria da Silva Gomes improvavelmente salva, feliz por ter entre meus braços o ente que julgava perdido para sempre, quero agradecer ao cardiologista Dr. José Lopes, que fez os exames clínicos, possibilitando a intervenção cirúrgica, ao anestesiologista Dr. Italo Rodrigues, que atuou com rara eficiência num estado melindroso de desnutrição, à enfermeira-chefe srta. Ingerina Rosilana superintendente de todo o serviço de enfermagem antes e após-operatório e sua assistente, enfermeira Walty da Silva Santos, todos da Casa de Portugal, à rua do Bispo n.º 70, cujo ambiente de conforto e higiene possibilitou melhores condições técnicas para o delicado caso. Quero, finalmente, embora as palavras sejam pobres para a imensidade de minha gratidão, levar ao conceito do Dr. Campos de Rezende, esse nobre expoente da Medicina Brasileira, e aos seus diligentes auxiliares, que abaixo de Deus, salvaram a vida de minha sobrinha Célia Maria e deixar-lhes, de público, o testemunha de meu apreço e minha mais comovida admiração.



DR. CAMPOS DE REZENDE

GISELDA GILLET DA SILVA
Rua do Ampara, 372 — Cascadura
Rio de Janeiro — Distrito Federal

IMAGEM 95. Exemplar n.º. 2164, de 04 de dezembro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Ilustrando “O Médico salvou-a da morte” vemos a foto do Dr. Campos de Rezende, médico especializado em Oftalmologia, cujo consultório ficava na “Rua Visconde de Inhaúma n.º. 134, 18.º andar”. Descrito nesta carta de agradecimento como o salvador da vida da pequena Célia Maria da Silva Gomes, há quatro anos, quando por ocasião de um acidente com um copo de vidro, estilhaços atingiram o olho da menina, deixando-a com dores enormes. Vários médicos haviam desacreditado a pequena, na época com apenas três anos de idade, sendo condenada à cegueira. Chegou então Celia Maria ao consultório do Dr. Campos de Rezende “em transe desesperador, em extrema anemia e quase inanição, pois há 20 dias estava com vômitos incoercíveis”, devido à gravidade de sua situação. O oftalmologista “mostrou-se desejoso de salvá-la, o que fez, dias após, num trabalho reputado por todos milagrosos quase”. O procedimento cirúrgico fora realizado por uma equipe, a qual não fora olvidada na carta de agradecimento escrita pela senhora Giselda Gillet da Silva, tia da menina. Assim, Giselda agradecia também ao cardiologista Dr. José Lopes, ao anestesiologista Dr. Italo

Rodrigues⁵⁹, e as enfermeiras Srta. Iaponira Sant’ana e Walcy da Silva Campos, “todos da Casa de Saúde Portugal, à rua do Bispo n°. 70, cujo ambiente de conforto e higiene possibilitou melhores condições técnicas para o delicado caso”.

As publicações em agradecimento ao Dr. Campos de Rezende traziam fotos, ou do próprio médico ou dos pacientes que haviam se livrado das moléstias que os atormentavam, e a exemplificada acima não fugia deste padrão. Além disso, era comum contarem o histórico dos males que haviam acometido o adoentado, a forma como foram conduzidos ao consultório médico e a metodologia empregada pelo doutor, a fim de dar cabo ao tormento do paciente, envolvendo esta narrativa uma mistura de ciência aplicada ao serviço da fé, visto que “Deus” era mencionado com frequência como inspiração para prática da medicina – “esse nobre expoente da Medicina Brasileira, e aos seus diligentes auxiliares, que abaixo de Deus, salvaram a vida de minha sobrinha”.

O médico oftalmologista Campos de Rezende é representado como o profissional que cura e cuida com desvelo e competência, “demonstrando sobejamente, não só a confiança em sua perícia, como também o espírito humanitário com que exerce sua gloriosa missão de médico oculista”. Observando-se a quantidade de publicações com o teor destacado acima, bem como as palavras de reconhecimento pelos serviços prestados, tanto nessa quanto em outras “cartas” semelhantes, percebemos que este médico era valorizado por fazer curas que já haviam sido desacreditadas por outros, julgadas, inclusive, como improváveis, nos fazendo pensar o quanto essas publicações atraíam mais pessoas para o seu consultório, funcionando como uma espécie de propaganda de seus feitos extraordinários como médico, ousando-se afirmar que ele parecia ser considerado como aquele que tudo podia curar.

Se a gratidão eterna dos pacientes se fazia notar de forma ostensiva nas páginas da revista, sua formação ou qualquer outra referência a sua pessoa jamais foram mencionadas pelo impresso, bem como não foi possível, até o momento, achar outra menção a seu nome além daquela feita pelo *Jornal das Moças*.

Outro médico bastante citado pelo periódico, o Dr. Werther Leite Ribeiro era caracterizado como “um dos maiores pediatras do Brasil” na coluna *Falando as Mães*, por ele assinada a partir de 1951. Ao longo dos anos 1950, notamos que essa coluna ora aparecia

⁵⁹Dr. Italo Rodrigues é destacado no livro *Anestesiologia*, no capítulo *A história de anestesiologia no Brasil*, como uma referência em anestesia pediátrica, sendo citada também sua participação em uma reunião científica em 1966, no recém inaugurado no Hospital Santa Cruz, no Paraná, falando a respeito de sua especialidade. Fonte: https://books.google.com.br/books?id=BVw-DwAAQBAJ&pg=PA45&lpq=PA45&dq=dr.+italo+rodrigues+anestesista&source=bl&ots=ShyJRruX4S&sig=ACfU3U3Ja97dpDwO9XebPjgvaZ07TFNC_A&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjli7KKhMPgAhV1JrkGHQdMAmcQ6AEwC3oECAUQAQ#v=onepage&q=dr.%20italo%20rodrigues%20anestesista&f=false. Acesso em: 17.02.2019.

abordando temas repartidos durante algumas edições, como se fosse uma série, ora publicada nos Números Especiais de Dia das Mães, sem nos ser possível, contudo, periodizar suas publicações de forma precisa.

Entretanto, se a constante presença desses dois médicos nas páginas da revista nos faz refletir sobre a questão da predominância masculina na Medicina, ao recuarmos no tempo, encontramos um anúncio recorrente na revista em meados da década de 1910, que chama atenção por fazer a propaganda dos serviços de uma médica.



IMAGEM 96. Exemplar nº16, de primeiro de janeiro de 1915. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O anúncio divulga a prática médica de “Mrs. Francisca Reis”, “parteira gynecologista”, formada, ou melhor dizendo: “diplomada pela Faculdade de Medicina de Boston”, fazendo referência à instituição de ensino superior norte-americana. Oferecendo seus serviços “trata de todas as moléstias de senhoras” com “consultas grátis a qualquer hora”.

Ao afirmar categoricamente tratar de todas as moléstias das senhoras, a médica não restringia sua área de atuação a fazer partos, sugerindo ao leitor que era capaz de atender problemas de saúde de toda a sorte, desde que fossem mazelas femininas. O fato das consultas serem gratuitas e a grande disponibilidade de horário deveriam atrair clientes por não haver custo e nem restrições ao horário em caso de emergências, como o parto. Informando a localização do local onde dava as consultas como a “Rua General Câmara, 110 – sobrado”, associado ao comunicado sobre a disponibilidade de atendimento “a qualquer hora”, Mrs. Francisca Reis parecia indicar que este endereço se tratava de sua residência.

A Faculdade de Medicina de Boston, originalmente chamada de: “The Boston University School of Medicine (BUSM)”, ou seja, a Escola de Medicina da Universidade de Boston, ganhou esse nome em 1873 após incorporar “The New England Female Medical College” – a Faculdade Feminina Médica de New England. Essas duas instituições que se tornaram uma só, apesar de terem histórias de fundação distintas, tinham em comum a proposta de coeducação, aceitando homens e mulheres como estudantes, sendo pioneira nos

Estados Unidos em desenvolver academicamente o serviço afiliado de atendimento em casa. A partir de 1910, graças as doações de Mrs. Maria Antoinette Evans, foi aberto o Departamento de Pesquisas Clínicas Evans Memorial - the Evans Memorial Department of Clinical Research, que passou a funcionar em 1912⁶⁰.

Retornando ao anúncio, acreditamos que Mrs. Francisca se formou nesta instituição de ensino superior, tendo em vista que a referida universidade aceita estudantes do sexo feminino e tem um departamento de pesquisa financiado por uma mulher. A propaganda também nos informa que a Faculdade de Medicina era localizada “na América do Norte e desta Capital”, se referindo, possivelmente, ao fato da cidade de Boston ser a Capital do Estado de Massachusetts⁶¹, nos fazendo constatar que colocar a instituição na qual a médica havia se formado dava uma maior credibilidade ao seu diploma, por se tratar de uma instituição estrangeira e ainda americana.

A veracidade das informações apresentadas nesse anúncio de 1916 não foram passíveis de serem totalmente confirmadas, logo não sabemos se Mrs. Francisca Reis realmente graduou-se na Faculdade de Medicina de Boston. Entretanto, a respeito das primeiras brasileiras a ingressarem no curso de Medicina dispomos de informações a respeito.

Em seus estudos sobre mulheres no ensino superior no Brasil, Nailda Marinho aponta que as mulheres interessadas em se formarem médicas “sem espaço por aqui, o fizeram fora do Brasil, foi o caso de Maria Augusta Generoso Estrela, primeira brasileira a se formar em Medicina, porém nos Estados Unidos, em 1882, e Josefa Agueda Felisbela M. de Oliveira que também cursou medicina naquele país” (MARINHO, 2016, p.69).

No plano da legislação, é somente em 1879 que a Lei Leôncio de Carvalho garantiu às mulheres os direitos de estudar em instituições brasileiras de ensino superior. A primeira a se formar no Brasil foi Rita Lobato, que graduou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, “setenta e nove anos após a fundação da primeira instituição de ensino superior no país” (ROSEMBERG, 2013, p. 337). Para conseguir estudar, as moças enfrentaram alguns percalços durante o curso, como os “constrangimentos” vivenciados por Rita Lobato Velho Lopes e Ermelinda Lopes de Vasconcelos. A estudante Rita Lopes “assistia as aulas acompanhada pelo pai, sentando-se numa cadeira separada dos colegas homens, e a segunda, formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, assistia às aulas acompanhada de sua mãe” (MARINHO, 2016, p.72).

Percebendo nos estudos de Rosemberg (2013) e de Marinho (2016) a inserção feminina no espaço da educação superior como uma trajetória ainda em construção, refletimos

⁶⁰Tradução livre do site: <https://www.bumc.bu.edu/medicine/dom-introduction/history/>. Acesso em: 17.02.2019.

⁶¹Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Boston>. Acesso em: 17.02.2019.

sobre o modo da revista apresentar os homens na área médica. Ao retratar um oftalmologista que efetuava curas “milagrosas” e praticamente impossíveis, e outro médico que falava diretamente às mães, dando conselhos sobre como cuidar da saúde infantil, o *Jornal das Moças* destacava a importância dos conhecimentos de um médico, enfatizando a figura masculina na Medicina, o que nos faz questionar qual seria lugar da mulher de ensino superior na área de saúde?

3.2.3 A saúde da família em primeiro lugar: com a palavra, as profissionais mulheres

Ângela Maria Macedo de Oliveira, em sua análise sobre o ensino superior na década de 1950 focada na sociedade piauiense, traz elementos que nos fazem perceber como mulheres e homens estavam inseridos nesta modalidade de ensino, em âmbito geral.

No período em estudo o acesso da mulher era tolhido em determinadas profissões socialmente legitimadas como pertencentes ao ‘universo’ masculino. A própria escolarização que lhe era oferecida contribuía para isso. Em sua maioria, as mulheres cursavam o Curso Normal, de caráter profissionalizante, enquanto os homens faziam o curso colegial ou clássico, de caráter propedêutico, o que facilitava o ingresso no ensino superior. Dessa forma, as profissões disponíveis às mulheres eram aquelas que eram consideradas uma extensão de sua função ou atribuição feminina. Profissões como a de professora ou de enfermeira e todas aquelas que estivessem ligadas ao ideal de maternidade, eram prescritos às mulheres como inerentes a sua natureza: o cuidar das crianças (OLIVEIRA, 2010, p.67 e 68).

Oliveira (2010) destaca o quanto o acesso feminino ao ensino superior ainda era restrito nos *Anos Dourados*, assim como o acesso masculino parecia ser facilitado e incentivado, embora não para todos. A disponibilidade de certas profissões às mulheres também era limitada, pois a identificação com o “lado materno” deveria ser uma característica para sua atuação profissional, o que nos parece justificar a presença da mulher como médica, ao tratar de assuntos referentes à saúde feminina.

O modelo de identidade feminina relacionada ao de rainha do lar, era o mais divulgado durante a década de 1950, mas não era o único, havia mulheres na classe média trabalhando, estudando, conciliando papéis de mãe e esposa, sendo auxiliadas no trabalho doméstico por empregadas (OLIVEIRA, 2010, p.70).

Mesmo as mulheres enfrentando restrições para o acesso ao ensino superior, tendo em vista o modelo de identidade associando-as ao espaço doméstico, conforme destacado por Oliveira (2010), na classe média havia aquelas que trabalhavam e estudavam, apresentando manifestações de papéis femininos diferentes daqueles esperados. Entretanto, cabe destacar

que, para isso, lançavam mão de outro trabalho feminino: as empregadas domésticas, as quais, provavelmente, não chegariam a esta etapa de ensino.

Enquanto parte integrante do corpo social brasileiro, a classe média foi por Monica Kornis, no texto *Sociedade e cultura nos anos 1950*, caracterizada como o grupo que sofreu as mais profundas transformações durante os *Anos Dourados*.

Se o otimismo e a esperança implicaram profundas alterações na vida da população em todo o mundo, permitindo, não a todos, mas a uma parcela - os setores médios dos centros urbanos -, consumir novos e mais produtos, por outro lado, a vontade do novo trazia embutido, em várias áreas da cultura, o desejo de transformar a realidade de um país subdesenvolvido, de retirá-lo do atraso, de construir uma nação realmente independente.⁶²

Por se tratar de uma parcela da sociedade, os setores médios dos centros urbanos foram o foco do processo de expansão vivenciado na década de 1950, entusiasmados com a acessibilidade a novos e mais produtos, desejando mudar a condição de vida em sociedade. Se as mudanças partiram desse setor, nele observamos, como bem sinalizou Oliveira, mulheres atuando em esferas diferentes, como, por exemplo, trabalhando fora de casa e tendo empregada doméstica, ao mesmo tempo em que conciliavam o seu papel no lar, na família e na sociedade, amplamente difundido pelo *Jornal das Moças*.

Percebendo o movimento de mulheres inserindo-se no ensino superior, trabalhando fora, e a possível associação da sua profissão com seu papel no lar, na família e na sociedade, encontramos na revista uma Odontopediatra assinando a publicação de artigos falando sobre a saúde bucal dos pequenos, como o artigo publicado no exemplar nº 2189, de 30 de maio de 1957.

⁶²Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>. Acesso em: 24.06.2018.

A criança e a cárie dentária

DRA. MARIA LUIZA VON HEHLING LIMA
Odontopediatra

A cárie dentária constitui no momento um dos grandes problemas das mães, dada a sua notável incidência desde os primeiros anos da vida da criança.

Os pais brasileiros já conhecem bem a relação recíproca entre o estado dos dentes e a saúde geral desses pequenos seres. Dentes saudáveis e limpos não só embelezam, convidam a rir, irradiando alegria, como facilitam o mastigar bem os alimentos, aproveitando-os ao máximo e tornando a criança gorda, robusta e feliz.

A profilaxia da cárie dentária na criança deve iniciar no seu período de vida intra-uterina, ou seja, dentro do organismo de sua mãe.

A gestante precisa o mais possível vida ao ar livre e alimentação adequada para proporcionar ao seu futuro bebê uma perfeita saúde física e mental.

No que se refere ao aparelho dentário tem a criança todos os seus dentes de leite formados durante a gestação. Lógico é, portanto, que qualquer deficiência na alimentação da futura mãe vai refletir na constituição dentária do ser em formação.

Deverá, portanto, a gestante seguir rigorosamente os conselhos do seu médico assistente, mormente no que se refere à alimentação.

Uma assistência dentária meticulosa constitui, também, um importante cuidado na conservação dos dentes porque, para se combater à cárie dentária, com eficiência, é preciso que as mães levem seus filhinhos, desde os 2 anos e meio, ao dentista, especialista em crianças, para exame da boca e dos dentes. Só ele orientará a mãe sobre a profilaxia da cárie, a maneira de evitá-la, como fazer a higiene dos dentes, o dentífrico a ser usado, o cálcio que a criança deverá ingerir, etc.

Um dos métodos muito usado no momento para prevenir a cárie dentária é a fluoretização dos dentes das crianças, muito empregado nos Estados Unidos e na Argentina, já com grande aceitação

entre os nossos dentistas. São feitas 4 aplicações de fluoreto de sódio no espaço de 2 a 7 dias e é recomendado se fazer nas seguintes idades:

- Aos 3 anos porque todos os dentes de leite já fizeram erupção.

- Aos 7 anos porque já estão presentes os 4 molares permanentes e alguns incisivos.

- Aos 10 anos porque todos os dentes permanentes com exceção apenas do siso já estão erupcionados.

(Conclui na página 73)

Noivas.
ATENÇÃO!
LABIRINTO
O REI dos
BORDADOS
a sua
disposição!
Grandes descontos para
NOIVAS e REVENDEDORES
R. Gonçalves Dias, 40/44
Galeria dos Empregados no
Comércio - lojas 21 e 23-Rio

36-4-57

JORNAL D'AS MOÇAS

58

IMAGEM 97. Exemplar nº. 2189, de 30 de maio de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A escolha desse artigo, não por acaso, deu-se pelo fato dele abordar “um dos grandes problemas das mães”: a cárie dentária infantil. Sabendo disso, “Dra. Maria Luiza Von Heahling Lima, odontopediatra”, dava orientações às mães sobre a saúde bucal infantil, indicando, entre outras coisas que “a profilaxia da cárie dentária na criança deve iniciar no seu período de vida intra-uterina, ou seja, dentro do organismo de sua mãe”. Essa profilaxia, dizia a odontopediatra, incluía ficar “o mais possível vida ao ar livre e alimentação adequada”, visto que “tem a criança todos os seus dentes de leite formados durante a gestação”. Logo, caso a criança já nascesse com algum problema de cárie, a culpa seria da má alimentação materna.

Além disso, para dar continuidade à prevenção iniciada na gestação “é preciso que as mães levem seus filhinhos, desde os dois anos e meio, ao dentista, especialista em crianças, para exame da boca e dos dentes”. Apontando um método eficaz de prevenção, “a fluoretização dos dentes das crianças, muito empregado nos Estados Unidos e na Argentina”,

bem como sua boa aceitação “entre os nossos dentistas”, explica, na sequência, sua aplicação durante o desenvolvimento da dentição infantil.

Embora algumas dessas reportagens fossem assinadas em parceria com o Dr. Enio Lima, provavelmente para fazer supervisão ou dar suporte, a presença de artigos de autoria de uma odontopediatra, enquanto dentista especializada nos cuidados com saúde bucal pueril, construía a representação da mulher como a responsável pelos assuntos ligados às mulheres e às crianças, visto que a recomendação da Dra. Maria Luiza fora direcionada para que as mães se cuidassem, e depois fizessem o mesmo com os filhos.

Os textos assinados pela Odontopediatra representam a inserção da mulher no curso superior de Odontologia, indicando, em seus artigos, que a preocupação e o cuidado com a dentição das crianças fazia parte, também, do papel da mãe, e em sendo a profissional responsável por dar essas orientações uma mulher, parecia querer aproximar a especialista da mãe, numa fala “de mulher para mulher”.

Procurando imputar em suas publicações a função de cuidar da família como um papel inerente à mulher, outro conjunto de reportagens ligada a área de saúde se fez significativo. *Primeiros socorros e prevenção de acidentes* foi uma série de matérias trazidas pelo *Jornal das Moças*, ao longo da segunda metade da década de 1950, com o objetivo de ensinar noções de primeiro socorros às suas leitoras, feitas em parceria com a Cruz Vermelha do Brasil, conforme destaca o título daquela contida no exemplar nº 2289, de 30 de abril de 1959.



IMAGEM 98. Exemplar nº2289, de 30 de abril de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Como se pode observar na IMAGEM 98, essa série conta com a “colaboração das enfermeiras volunárias da Cruz Vermelha Brasileira Irene de Miranda Cotegipe Milanez e Aracy D. Ferreira”⁶³. A Cruz Vermelha⁶⁴ é uma instituição internacional mundialmente conhecida pelos seus trabalhos na área de enfermagem, com foco nos primeiros socorros,

⁶³Durante o tempo da pesquisa, não foi possível encontrar mais dados a respeito da formação acadêmica da enfermeira Irene, bem como sobre a outra enfermeira mencionada como colaboradora da coluna *Primeiros socorros e prevenção de acidentes*, Aracy D. Ferreira.

⁶⁴ A Cruz Vermelha destaca-se também pelas suas ações humanitárias, que incluem não só primeiros socorros e prevenção de acidentes, como também a assistência durante conflitos armados e calamidades.

formando seu próprio corpo técnico de enfermeiras em sedes espalhadas por vários países ao redor do mundo⁶⁵.

Ainda assim é digno de nota que Irene de Miranda Cotegipe Milanez fora considerada a enfermeira número um da Cruz Vermelha no Brasil, destacando-se seu papel na área social da instituição. Segundo consta no site da instituição⁶⁶, foi a segunda brasileira a receber a medalha Florence Nightingale. Em linhas gerais, essa medalha é a mais alta honraria internacional que um enfermeiro pode receber, demonstrando seus préstimos e abnegação frente às diversidades diárias enfrentadas na área de saúde. Poucas pessoas ao redor do mundo receberam esse reconhecimento. Florence Nightingale⁶⁷ foi uma enfermeira britânica cujo exemplo de compromisso ultrapassou seu tempo, inspirando a criação da medalha com seu nome⁶⁸.

Em sendo uma das colaboradoras da série de reportagens do *Jornal das Moças* detentora de uma medalha de honra internacional, sua posição frente à Cruz Vermelha parece acentuar a representação da mulher como aquela que cuida e que tem “vocaçãõ” para isto, visto que as enfermeiras são associadas e representadas pelo uso de termos femininos nos escritos dessa instituição.

No conjunto das reportagens mencionando a área de saúde, foi possível perceber que a figura do médico era representada como aquele profissional capaz de salvar e curar doentes, ao mesmo tempo em que, do alto de seus conhecimentos, tem as aptidões necessárias para orientar as mães em se tratando de puericultura.

A presença feminina neste espaço estava grandemente ligada ao cuidado, indo das “moléstias” das senhoras, passando pela saúde bucal dos pequenos, e terminando com noções de primeiros socorros e prevenções de acidentes. Mesmo que essas últimas orientações fossem dadas por técnicos e não por profissionais formados em centros universitários, o foco dessas reportagens tinha como pretensão direcionar a mulher a saber como lidar na prática com imprevistos, como um acidente de pequeno porte.

Ao trazer matérias assinadas por mulheres formadas no ensino superior, e outras em colaboração com enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira, destacando-se uma dessas por ter recebido uma honraria internacional, o *Jornal das Moças* parecia indicar isto

⁶⁵ Fonte: <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/institucional/>. Acesso em: 29.05.2019.

⁶⁶ Informações disponíveis em: memoriadacruzverme.wixsite.com/memoriacvb/enfermeiras-da-cvb. Acesso: 29.08.2018.

⁶⁷ Segundo Perrot (2017), foi durante a Guerra da Criméia, mais especificamente na metade da década de 1850, que a enfermeira britânica Florence Nightingale se destacou ao organizar um serviço de enfermagem para os exércitos, atendendo aos feridos pelo combate. Para fazer parte desse corpo de enfermeiras, era necessário passar por um duro processo de admissão, que incluía disciplina severa.

⁶⁸ Informações disponíveis em: <https://www.icrc.org/por/resources/documents/interview/florence-nightingale-medal-interview-110810.htm>. Acesso em: 29.08.2018.

como estratégia editorial para dar credibilidade às suas publicações, aproximando suas leitoras e as responsáveis pelas matérias, visto que todas eram mulheres; dando margem a pensar que não havia ninguém melhor do que uma mulher para entender de assuntos femininos.

Apesar da formação oferecida por esta instituição não ser de nível superior, sabemos que, no período em estudo, a Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade do Brasil⁶⁹ era referência na formação de enfermeiras profissionais no ensino superior do Distrito Federal, assim como a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, a primeira escola profissional de enfermeiros do Brasil⁷⁰.

Conforme demonstrou Oliveira (2010), dada a entrada da mulher no ensino superior, a associação da profissão feminina com sua função materna ainda atrelava seus estudos com seu papel de mãe, ou seja, a mulher ainda era vista como aquela que cuida da família, mesmo que trabalhando ou escrevendo artigos para uma revista feminina junto com um homem, como Dra. Maria Luiza Von Heahling Lima e o Dr. Enio Lima.

Neste sentido, continuando a análise das reportagens do *Jornal das Moças*, investigando imagens do feminino e do masculino de ensino superior, em meio a um período de agitação econômica, política e educacional no Brasil, encontramos menções à União Universitária Feminina (UUF), uma associação de mulheres universitárias, que se fez significativa pelo debate acerca de questões pertinentes à presença das mulheres no ensino superior na sociedade brasileira.

3.3 A União Universitária Feminina e a militância feminista em revista: nas linhas de Flora Ferraz Veloso

⁶⁹A Escola de Enfermagem Anna Nery foi criada em dezembro de 1923, por meio do Decreto nº 16.300, em meio ao contexto do movimento sanitaria do século XX, como Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde. Em 1926, por conta do Decreto nº 17.268 de 31 de março, passa a ser denominada Escola de Enfermeiras D. Ana Néri, constituindo-se como um marco ao implantar a carreira de Enfermagem no Brasil, inspirada no modelo Nightingale. Em 1937, tornou-se parte da Universidade do Brasil, sendo a partir de 1945 incluída, enquanto estabelecimento de formação em nível superior, nessa universidade. Fonte: <https://eean.ufrj.br/index.php/historico-da-eean/sobre-a-eean>. Acesso em: 16.06.2019.

⁷⁰As origens da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto remontam no século XIX, quando fora inaugurada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados, estruturada sobre as bases do cuidar de portadores de transtornos mentais. Passando a Escola dos Alienados por vários percalços e locais de funcionamento, teve sua trajetória alterada, quando o Dr. Gustavo Riedel assumiu a direção da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, visto que ele tomou para si o projeto de criar uma escola de enfermagem, dada a demanda por esse tipo de profissional. Em 1921, usando de artifícios legais, o médico conseguiu que o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, aprovasse o regulamento para o funcionamento da instituição, batizada com o nome desse ministro como uma homenagem. Nos dias de hoje chama-se Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, sendo uma das unidades acadêmicas que compõem a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A respeito do patrono, o Sr. Alfredo Pinto, sabemos que nasceu em Recife, formando-se lá bacharel em Direito, vindo a falecer dois anos depois de aprovar a criação da Escola de Enfermagem que leva seu nome, sendo enterrado no Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.unirio.br/enfermagem/historia-da-eeap/historia-da-eeap>. Acesso em: 18.02.2019.

Entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960, mais precisamente entre os anos de 1958 e 1961, o Brasil vivia um período de crise do modelo desenvolvimentista proposto por JK – o “crescer para depois dividir” havia se esgotado em si mesmo, e a divisão para população não era mais exata. Sheldon Maram, em seu texto *Juscelino Kubitschek e a política presidencial*, indica que Lucas Lopes⁷¹ e Roberto Campos⁷², principais assessores econômicos na segunda metade de 1958 e início de 1959, advertiram o presidente de que o governo estava perdendo o controle de seus gastos e, desta forma, era necessário contê-los, deixando-o ciente do desequilíbrio financeiro enfrentado pelo país.

Apontando que em 1959 uma sensação de intranquilidade pairava sob país, Maram atribui esse clima às principais agitações ocorridas nesse ano, tais como:

No Nordeste, ligas camponesas cresciam e exigiam a reforma agrária. No Brasil urbano, os sindicatos (...) começavam a mostrar sinais de interesse não apenas em melhores salários e condições de trabalho, mas também em questões políticas (MARAM, 2002, p.159).

Como desdobramentos dessas ações contestatórias, debates acalorados tomaram palco nesse período, associados a uma crise financeira. Se o governo manteve relativamente a inflação sob controle até 1958, em 1959 e 1960 ela se eleva “causando greves e incerteza econômica” (LEOPOLDI, 2002, p.136).

Ainda nesse clima de “frenesi”, a articulação de Juscelino Kubitschek em torno da sucessão presidencial foi um processo político conturbado, no qual o fato da Constituição impedi-lo de tentar a reeleição imediata, fez com que ele, inicialmente, manobrasse para que seu partido, o PSD, não lançasse nenhum candidato, argumentando que seria difícil eleger consecutivamente o terceiro presidente. Apesar dessa articulação, a aliança entre PSD e PTB lançou Henrique Lott⁷³ como candidato a presidente, e João Goulart⁷⁴ como candidato a vice-

⁷¹Lucas Lopes foi Ministro de Viação e Obras Públicas entre os anos de 1954 e 1955, deixando o cargo ainda em 1955 para tornar-se presidente do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) permanecendo até 1956 nesse posto. Retornando ao quadro ministerial em 1958, como Ministro da Fazenda, finda suas atividades junto ao governo JK em 1959. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-lucas>. Acesso em: 23.02.2019.

⁷²Roberto de Oliveira Campos foi presidente do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) entre os anos de 1958 e 1959. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-de-oliveira-campos>. Acesso em: 23.02.2019.

⁷³Henrique Batista Duffles Teixeira Lott foi Ministro da Guerra no período entre 1954 e 1960, sendo lançado candidato a Presidência da República em 1960. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/henrique-batista-duffles-teixeira-lott>. Acesso em: 23.02.2019.

⁷⁴João Belchior Marques Goulart, popularmente conhecido como Jango, foi vice-presidente da República a partir de 1956. Em 1961, dada a renúncia de Jânio Quadros, assume o cargo de Presidente da República, nele permanecendo até 31 de março de 1964, quando é deposto por um Golpe Civil Militar. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-belchior-marques-goulart>. Acesso em: 23.02.2019.

presidente. A União Democrática Nacional (UDN), por sua vez, em sendo o partido de oposição, fez frente a essa coligação, trazendo a figura de Jânio Quadros como candidato a presidência do Brasil.

Sabendo-se que nessa época os candidatos eram votados separadamente, ou seja, não havia vinculação entre o cargo de presidente e o de vice, cabia ao eleitor optar em quem votar para o cargo de presidente, sem necessariamente, escolher o candidato a vice do mesmo partido; a especulação de JK em torno das eleições de 1960 cumpriu-se: a antiga máquina eleitoreira PSD-PTB não emplacou seu proponente à Presidência da República, conseguindo apenas eleger seu vice, João Goulart. Culminando na eleição de Jânio Quadros, que não era apoiado por JK, o “Presidente Bossa Nova”, o final de seu governo caracterizou-se como um momento agitado (MARAM, 2002).

No campo da educação, esse movimento de agitação social foi incrementado com o debate a respeito de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que ganhava notoriedade novamente, influenciando os ânimos no ensino superior, tendo em vista que a universidade brasileira, a partir de fins da década de 1950, começa a sofrer muitas críticas, caminhando na direção de sua reformulação (DE PAULA, 2016).

Em meio a esse movimento de instabilidade econômica, de agitação em torno da campanha sucessória, foram publicadas no *Jornal das Moças* duas reportagens envolvendo uma associação de mulheres de ensino superior brasileiro – a União Universitária Feminina, que tinha como objetivos:

Apoiar as mulheres na carreira que escolhessem e defender os seus interesses nas profissões liberais; auxiliar por todos os meios as aulas das escolas superiores e conscientizar a mocidade feminina a adquirir preparo técnico superior; estimular o desenvolvimento da intelectualidade feminina, colaborar nas questões de alcance geral, que se relacionassem com o progresso dos povos (PORTINHO apud MARINHO, 2016, p. 227).

Por apresentar esses objetivos como proposta, a União Universitária Feminina (UUF) se fez significativa enquanto espaço de debate feminino, destacando-se desde suas origens, em 1929, como uma entidade militante em prol de sua emancipação, e, para isso, discutia questões pertinentes a inserção social de mulheres formadas no ensino superior, conforme apontam as reportagens publicadas pela revista.

Caracterizada como uma “associação de senhoras diplomadas” na matéria intitulada *Personalidade Feminina*, publicada no exemplar nº 2260, de 09 de outubro de 1958, a União Universitária Feminina virava notícia no *Jornal das Moças* ao discutir o tema aposentadoria por tempo de serviço.

Há dias, na "União Universitária Feminina", associação de senhoras diplomadas, cuja sede é no 6.º andar, do Edifício Odeon, entre outros assuntos, ventilou-se uma questão que apaixonou o público no momento: a aposentadoria para os trabalhadores que, recentemente, uma Lei do Congresso, sancionada pelo Presidente, tornou compulsória aos 50 anos de idade.

IMAGEM 99. Exemplar nº. 2260, de 09 de outubro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Escreve a Dra. Flora Ferraz Veloso que a reunião realizada “na ‘União Universitária Feminina’”, situada “no 6.º andar, do Edifício Odeon⁷⁵”, trazia à baila “uma Lei do Congresso, sancionada pelo Presidente” que tornava a aposentadoria “compulsória aos 50 anos de idade”.

Girando o debate em torno dessa Lei que definia uma idade limite para aposentadoria compulsória a todos os trabalhadores, a reportagem aponta que uma das participantes do encontro apresenta uma proposta diferenciada para as trabalhadoras do sexo feminino.

E por essas razões, uma feminista lançou a idéia de que se fizesse uma frente, pedindo a aposentadoria aos 25 anos de serviço, para as mulheres, funcionárias públicas. Não queriam saber. Houve uma recusa em massa, pois essa solicitação aceita poria por terra todo o nosso esforço, toda a nossa capacidade física e psíquica para nos mantermos no mesmo pé de igualdade com os homens. Então, nós, que ocupamos os lugares públicos dos homens, procurando dar eficiência igual, fazemos concursos para preencher os lugares, sofremos as mesmas dificuldades de condução diária, somos fortes, mas, quando se trata de aposentadoria, somos o sexo frágil e precisamos de privilégios: 25 anos de serviço, enquanto os homens precisarão de 35.

IMAGEM 100. Exemplar nº. 2260, de 09 de outubro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

⁷⁵O Edifício Odeon situado na Cinelândia foi oficialmente inaugurado em 1926. Entretanto, desde o início do século XX, o Cine Odeon funciona no que hoje é o primeiro pavimento do prédio, sendo até os dias atuais um símbolo, visto que se na década de 1920 existiam muitos cinemas de rua no seu entorno, atualmente ele é o único que restou. Em pleno funcionamento após sofrer reformas e passar por turbulências administrativas, mantendo seu letreiro praticamente no formato original, o Centro Cultural Luis Severiano Ribeiro, como é chamado, abriga não só uma espaçosa sala de cinema, como promove eventos culturais, inclusive mostras de cinema internacional. Sabemos que o Edifício Odeon é em um condomínio empresarial, abrigando vários serviços em suas salas comerciais. Fonte: <https://diariodorio.com/histria-do-cine-odeon/>; <https://aplocal.com.br/empresa/condominio-edificio-odeon/rio-de-janeiro/rj/8308537>. Acesso em: 01.06.2019.

Como pode ser lido na matéria, durante a discussão em pauta, uma das senhoras presentes lançou a hipótese da aposentadoria por tempo serviço aos 25 anos de exercício profissional para as funcionárias públicas. A proposta foi encarada pelas outras feministas como uma ofensa, e prontamente rechaçada e debatida por aquelas que assistiam a reunião.

Defendendo os direitos iguais entre homens e mulheres, consideraram as associadas a proposta como uma afronta, visto que, caso fosse concretizada, *poria por terra* todo o esforço, toda a *capacidade física e psíquica* das mulheres para se manterem *no mesmo pé de igualdade com os homens*, ou seja, isso seria uma desconstrução de toda a luta por igualdade de direitos, tendo em vista que, se elas ocupavam o mesmo cargo dos homens, por que deveriam ter o tempo de serviço diferente deles?

Neste caso específico, a feminista que levantou essa questão, argumentando que encurtar o tempo para aposentadoria feminina em postos mistos no serviço público, ou seja, em postos que em havia a presença de homens e mulheres desempenhando a mesma função, era possível, tendo em vista que as professoras já gozavam desse direito.

O argumento utilizado pela feminista nos faz refletir sobre a precipitação contida em sua fala, não percebendo quais seriam as possíveis implicações de sua proposta de aposentadoria diferente para o grupo de mulheres do qual fazia parte. Achando conveniente essa diminuição dos anos trabalhados, não pensou no quanto isso poderia dificultar, naquele momento, o acesso feminino ao mercado de trabalho - em havendo um homem e uma mulher concorrendo a mesma vaga, melhor seria contratar o homem, visto que ele seria produtivo por mais tempo. Ao levantar essa questão da redução do tempo para aposentadoria feminina, esta *senhora diplomada* foi criticada veementemente por outras participantes da reunião, alegando suas colegas que isso corroborava com a representação social das mulheres como “o sexo frágil”, tão combatida por elas, incorporando estruturas dominantes sociais, as quais inferiorizam a mulher e institucionalizam a sua dominação. Segundo os estudos de Bourdieu (2002), essa dominação acontece quando as mulheres são ainda meninas e aceitam valores instituídos pela sociedade, sem reflexão crítica, levando-as a achar normal e natural a ordem social que é imposta a elas.

Combatendo o argumento, a articulista Dra. Flora destaca a atitude da “nossa presidente” da associação Dra. Zeia Pinto Rezende da Silva, ao rechaçar totalmente a proposta afirmando que as mulheres não querem *privilégios e sim igualdade*. Para a presidente da UUF, o *conceito de inferioridade física das mulheres* já havia sido superado, e por isso reivindicar um tempo menor de aposentadoria em relação aos homens tratava-se de um retrocesso para luta emancipatória das mulheres.

Não, a grita foi geral, notadamente a atitude da nossa Presidente Dra. Zeia Pinho Rezende da Silva, que, deixando a liberdade individual às associadas, deu-nos uma demonstração da sua firmeza de conceitos, do seu auto-domínio da sua personalidade.

Nós, mulheres, não queremos privilégios e sim igualdade. O conceito de inferioridade física das mulheres já foi superado. Se fizermos uma comparação histórica, ainda ven-

IMAGEM 101. Exemplar nº. 2260, de 09 de outubro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Dada a grita geral que sucedeu a fala da *senhora diplomada*, ficou patente a negativa das demais mulheres presentes, cabendo a quem comandava o evento se pronunciar e por ordem no recinto. Refutando a proposta da colega de agremiação, a presidente da associação utilizou o argumento de que mulheres não estavam interessadas em “privilégios e sim em igualdade”. Apelar para “o conceito de inferioridade física das mulheres” como forma de justificar o menor tempo de serviço seria um retrocesso, pois essa perspectiva já havia sido superada.

Esse “conceito de inferioridade física das mulheres” é calcado na diferença biológica/anatômica entre mulheres e homens. Bourdieu (2002) aponta que a diferença anatômica entre os órgãos sexuais serve como “justificativa/argumento” natural para as diferenças socialmente arquitetadas entre os gêneros, principalmente, no que concerne à divisão do trabalho. O fator biológico, acentuando as diferenças anatômicas entre os órgãos femininos e masculinos, ainda segundo o autor, também é utilizado para dar suporte a esse arcabouço teórico que confunde o corpo do indivíduo com seu papel na sociedade. Logo, o tempo de serviço menor para mulheres, dada aquela ocasião, conforme apontado na reportagem, na visão das associadas estaria ligado a sua condição física mais “frágil”, acarretando menos tempo de produtividade no exercício das atividades laborativas.

A reportagem termina enveredando por outro caminho, sem dar continuidade ao debate em relação a aposentadoria feminina. A despeito da discussão proposta na matéria é fato que ela mostra uma questão que vem gerando polêmica até os dias atuais⁷⁶, e em se tratando do ano de 1958 percebemos o quanto a reflexão proposta, dentro do espaço dessa associação de mulheres de ensino superior, naquele momento, se mostrava pertinente na pauta de lutas por direitos iguais.

Ao trazer a notícia sobre a lei referente à aposentadoria, Dra. Flora faz menção na reportagem a um ato do presidente Juscelino Kubitschek: uma “Lei do Congresso”, por ele

⁷⁶ Nos dias de hoje, sabemos que a mulher se aposenta mais cedo em relação ao homem, estando em tramitação no Congresso Nacional um projeto de Reforma da Previdência, que prevê, entre outras coisas, aumentar o tempo de serviço e de contribuição das mulheres para a aposentadoria, mantendo-se esse tempo de exercício de atividades laborais ainda menor em relação ao dos homens.

sancionada tornando compulsória a aposentadoria aos 50 anos de idade. Verificando as leis promulgadas durante o ano de 1957 e 1958, encontramos a Lei Federal número 3.373, de 12 de março de 1958, que deliberava a respeito dos planos de previdência dos funcionários públicos e de sua família⁷⁷, sem, contudo, tocar no assunto aposentadoria compulsória por idade, conforme aponta a matéria.

Apresentando dados importantes sobre a história da União Universitária Feminina, a matéria *A Respeito da U. U. F.*, publicada em 06 de outubro de 1960, mostra também os assuntos que faziam parte da pauta dessa associação de ativismo feminista, naquele ano, sendo significativas as partes do texto que destaca a estrutura e a forma de sua atuação.

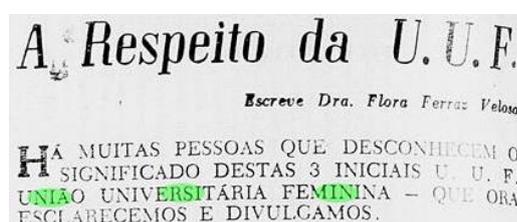


IMAGEM 102. Exemplar nº. 2364, de 06 de outubro de 1960. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Visando esclarecer ao leitor da revista o significado da sigla UUF em seu título, a reportagem sobre a associação de mulheres, assinada novamente por Dra. Flora Ferraz Veloso, destaca sua função, a fim de divulgá-la.

A articulista, filiada à associação, aponta o ano de 1929 para sua fundação. Em relação à data de criação, nas fontes documentais, ora aparece como sendo 1929, ora 1931 e até 1932, entretanto os estudos de Marinho (2016) marcam que a entidade foi criada no âmbito da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1929, sendo consolidada durante o Segundo Congresso Internacional Feminista realizado em 1931. Nos esclarece a autora que a União Universitária Feminina foi “uma agremiação de classe, com alunas formadas pelas escolas superiores para defesa dos seus interesses e intensificação da *actividade colectiva da mulher intellectual*” (MARINHO, 2016, p. 227), tendo como objetivo unir as estudantes de ensino superior com ideais comuns, tendo como primeira presidente a engenheira Carmen Portinho.

Enaltecendo a “atual presidente” da UUF, a Dra. Isabel do Prado⁷⁸, a reportagem anunciava ainda seus feitos como militante feminista dentro da instituição.

⁷⁷Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L3373.htm. Acesso em: 23.02.2019.

⁷⁸Não foi possível, até o presente momento, achar informações sobre Isabel do Prado.

A nossa atual presidente, Dra. Isabel do Prado, é a nossa representante na Federação Internacional de Mulheres Universitárias, F.I.M.U., e procura elevar, por todos os modos, a finalidade de nossa entidade, promovendo palestras interessantes, chás, notadamente “Caloura” e da “Vitória”, incrementando o intercâmbio ente as outras associações, continuando a seara que suas antecessoras inauguraram.

Transcrição da reportagem *A Respeito da U.U.F.* Exemplar nº. 2364, de 06 de outubro de 1960. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Além de se destacar a Dra. Izabel do Prado como representante da UUF na Federação Internacional de Mulheres Universitárias, enquanto presidente desta associação, a militante promovia “palestras interessantes, chás, notadamente da ‘Caloura’ e da ‘Vitória’”, a fim de difundir o ideal da associação e trazer mais membros para o seu interior.

Esses chás se constituíam como marcos da União Universitária Feminina, remetendo-se aos seus primórdios, enquanto ritos de passagem peculiares à associação - o *Chá das Calouras* era oferecido quando as alunas ingressavam no ensino superior, sendo uma forma calorosa de integrar a caloura, e o *Chá da Vitória* dado ao término do curso universitário, marcando a conquista do diploma; fazendo parte do seu conjunto de eventos tradicionais, havia também palestras e debates acerca de questões relacionadas à inserção feminina e ao progresso da sociedade (MARINHO, 2016).

A presença do feminino no ensino superior era fruto, em grande medida, do contexto social propiciado pelo governo JK. Segundo Mendonça (2000), o presidente, ao empreender um projeto de expansão dessa etapa de ensino, pela federalização de Centros Universitários pelo país, ampliou a oferta desse nível de educação através do aumento do número de matrículas. Incorporando faculdades, a máquina pública universitária brasileira aumentou o número de vagas, devido à grande demanda.

Considerando essa constatação, graças ao momento político, econômico e social de euforia desenvolvimentista, expresso na figura do Presidente “Bossa Nova” Juscelino Kubitschek, entendemos que sua proposta ousada de governo, buscando nos tirar da condição de subdesenvolvimento, gerou uma sensação de felicidade e de estabilidade financeira, fazendo com que a população acreditasse ser possível melhorar de vida. O ensino superior se inseriu nessa áurea de “sonho”, como uma porta se abrindo para mulheres e homens ascenderem socialmente.

Apesar das considerações da autora, as páginas da revista nos levaram a ter conhecimento da existência de uma associação de mulheres universitárias enquanto lugar da mulher estudante ou formada na educação superior, para debater ideias em prol da participação e inserção feminina na sociedade e no espaço universitário. Com isso, não

podemos desconsiderar que a atuação da UUF desde sua criação contribuiu e impulsionou, também, o ingresso e a permanência de mulheres no meio universitário, assim como para o exercício da profissão. Na época da publicação da citada matéria, os assuntos que faziam parte da pauta dessa associação naquele ano, giravam em torno da Reforma do Código Civil e do concurso para o Banco do Brasil, como bem aponta a Dra. Flora.

A Reforma do Código Civil, em relação aos artigos que restringem a capacidade legal das mulheres casadas, bem como modificações nas restrições que impedem as mulheres de ingressarem nos concursos do Banco do Brasil, têm sido constantemente focalizadas pela nossa União Universitária Feminina, com notável destaque.

Transcrição da reportagem *A Respeito da UUF*. Exemplar nº. 2364, de 06 de outubro de 1960. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Indicando em suas discussões a reforma do Código Civil⁷⁹, cuja referenda era a mulher casada, e o concurso ao Banco do Brasil, ao restringir o acesso de mulheres, a União Universitária Feminina parecia se estabelecer, visto a apresentação dada pela revista, como um espaço de militância feminina, objetivando ampliar sua atuação na sociedade, sem prejuízos de seus direitos.

Assinando as matérias *Personalidade feminina* e *A Respeito da U.U. F.*, vemos Flora Ferraz Veloso, cujo nome aparecia no expediente da revista, sempre precedido do título de Doutora, como sua colaboradora. Além de ser articulista *do Jornal das Moças*, Flora também era advogada, conforme nos mostra a notícia publicada no jornal *Correio da Manhã* em 02 de dezembro de 1950.

⁷⁹Fonte:

<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/78447a25063fd1a2032569e3004c6aff/5623fb6cd6198a6f032569fa0072262e?OpenDocument>. Acesso: 04.09.2018.

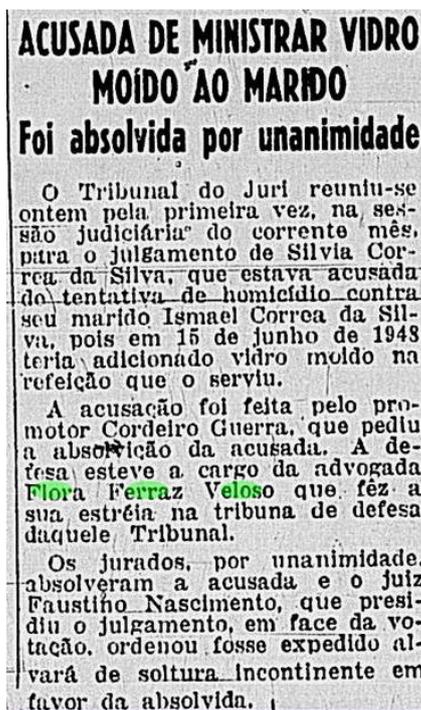


IMAGEM 103. Jornal *Correio da Manhã*. Exemplar número 17.704, de 02 de dezembro de 1950. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na reportagem *Acusada de ministrar vidro moído ao marido foi absolvida por unanimidade*, vemos que a “estréia na tribuna de defesa” de Flora Ferraz Veloso se deu em 1950, defendendo a Sra. “Silvia Correa da Silva, acusada de tentativa de homicídio contra seu marido”, ocorrido anos antes, adicionando “vidro moído na refeição” deste.

Remetendo-nos ao conto analisado no Capítulo II, intitulado *Mulher no Tribunal*, de cuja autoria sabemos apenas o sobrenome Ransome, podemos ver semelhanças entre a notícia do jornal e a narrativa amorosa, no que concerne a abordagem a respeito da estreia de advogadas defendendo causas em um tribunal.

Se essa reportagem nos mostra um caso real, apontando quando se deu a primeira atuação da colaboradora da revista enquanto defensora de uma mulher, que atentou contra a vida do próprio marido, no conto, Mary, uma jovem e inexperiente advogada, também faz sua primeira atuação defendendo um homem da acusação de assassinato. Mesmo em sendo a primeira experiência de ambas casuísticas, elas conseguiram alcançar seu intento, absolvendo seus clientes das acusações a eles propostas.

Da atuação de Flora Ferraz Veloso no *Jornal das Moças*, destacamos que também escrevia a coluna *Os Sonhos e sua interpretação*. Tratando-se da presença de uma advogada, atuante na profissão, enquanto responsável por uma coluna sobre sonhos em um periódico dedicado ao público feminino, chama a atenção o fato de não usar o título de “doutora” para assiná-la, e de aparecer no expediente da revista mencionada como tal, nos fazendo supor que

ela não usava sua titulação por ser referente a sua formação como advogada, e não como especialista na área de sonhos, tema este de sua outra coluna.

Na análise das matérias sobre a União Universitária Feminina fora possível perceber a atualidade em suas pautas de debate, indicando que essa agremiação promovia a união entre as estudantes, o suporte emocional e material entre elas, frente às adversidades e vitórias, representando o meio encontrado por essas mulheres para se apoiarem e seguirem em busca do seu lugar, não somente no meio acadêmico universitário, como também na sociedade de maneira geral.

Se o *Jornal das Moças* nos proporcionou ver um pouco da atuação da UUF na sociedade brasileira, também não deixou de apresentar em suas páginas notícias sobre o momento que precedia o *Chá da Vitória*: a formatura no curso universitário, um rito de passagem marcante, repleto de significados na vida dessas moças.

3.4 Quando uma imagem vale mais do que mil palavras: os registros das formaturas no *Jornal das Moças*.

Vivendo o Brasil dos *Anos Dourados* sob o impacto do *juscelinismo*, enfrenta seu primeiro surto de expansão no ensino superior, fruto:

Do processo de agregação de escolas profissionalizantes, como é o caso das nove universidades católicas que se constituíram. Na sua maioria, entretanto, eram universidades federais, criadas através de *federalização* de faculdades estaduais ou particulares. A maioria das atuais universidades federais existentes hoje tem nesse processo sua origem, [sendo] essa expansão como uma resposta ao aumento da demanda ocasionado pelo deslocamento dos canais de ascensão social das camadas médias e pela própria ampliação do ensino médio público, bem como pelo alargamento do ingresso na universidade decorrente do processo de equivalência dos cursos técnicos ao curso secundário (MENDONÇA, 2000, p.142).

Aumentando a oferta da educação superior, conforme nos mostrou Ana Waleska Pólo C. Mendonça, o processo de federalização de centros de ensino agrupou faculdades, públicas ou privadas, constituindo um único centro de formação em nível superior, a universidade, remontando desse processo a maioria das universidades públicas existentes até hoje no país. Oriundo, portanto, do movimento de incorporação de institutos de ensino superior, o crescimento do número de centros universitários gerou um excedente de estudantes nessa modalidade de ensino, sem precedentes, transformando o paradigma da educação superior brasileira.

Segundo Mendonça (2000), esse excedente de estudantes foi formado pelas camadas médias, onde se observou um aumento pela procura do diploma universitário, considerado

como uma forma de ascender socialmente, associado ao fato dos cursos técnicos propiciarem o acesso a educação superior, que possibilitando o ingresso de um novo público nos cursos universitários, teve como consequência a maior demanda de vagas nas universidades.

Ainda que não fosse o foco de sua linha editorial noticiar assuntos ligados à educação, neste mesmo período, o *Jornal das Moças* registrou em suas páginas a “sociedade”, que se fazia presente em reportagens, ilustradas com fotografias, mostrando a conclusão de cursos de ensino superior.

Em sendo encontradas seis matérias falando a respeito de formaturas - duas referentes ao curso de Direito, uma indicando o curso de Arquitetura e três pertencentes a Escola Naval, direcionaremos nosso olhar a esse conjunto de matérias, sob o enfoque de gênero, na medida em que essas publicações apresentam tanto a figura feminina quanto a masculina nas suas imagens.

3.4.1 O “belo sexo” perante o júri: imagens de formaturas do curso de Direito

Os estudos de Gonçalves, "buscando superar a ideia de que existe uma condição feminina imutável" (GONÇALVES, 2006, p. 12), nos fazem refletir a respeito das limitações legais que sofriam as mulheres dos *Anos Dourados*, no que concerne, especificamente, a sua entrada no ensino superior.

Em termos normativos, a Lei Orgânica no. 4244, de 9 de abril de 1942, regulamentava o acesso à educação superior, da seguinte forma:

Aos alunos que concluírem quer o curso clássico quer o curso científico mediante a prestação dos exames de licença será assegurado o direito de ingresso em qualquer curso do ensino superior, ressalvadas, em cada caso, as exigências peculiares à matrícula⁸⁰.

Desta forma, o ingresso nessa etapa de ensino se estruturava pela conclusão de umas das duas modalidades do segundo ciclo do curso secundário; lê-se: clássico, ligado ao estudo de Filosofia e Letras Antigas, visando ao desenvolvimento e aprofundamento intelectual das Ciências Humanas, ou científico, com ênfase no estudo das Ciências Exatas e Naturais, acrescida da realização de uma prova, aguardando ainda as exigências particulares de cada universidade. Neste mesmo Decreto Lei, percebemos regulamentações específicas voltadas ao público feminino no Título III.

⁸⁰Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19.04.2019.

TÍTULO III

Do ensino secundário feminino

Art. 25. Serão observadas, no ensino secundário feminino, as seguintes prescrições especiais:

1. E' recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
2. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação.
3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.
4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar⁸¹.

Contando com um título específico a respeito do ensino secundário para mulheres, recomendava a legislação que as moças estudassem em instituições femininas, e caso isso não fosse possível, em sendo inevitável sua matrícula nas instituições mistas, elas deviam frequentar classes separadas dos rapazes. Regulamentando sobre a grade de matérias dessa modalidade de ensino, afirmava a lei sobre a necessidade de inclusão, ainda no curso ginásial, da disciplina Economia Doméstica, a fim de orientar as estudantes acerca da natureza e das suas aptidões ao trabalho no lar, recomendações próprias das representações do “ser” feminino no período.

Por sua vez, a Lei Orgânica de Ensino Normal, ou seja, o Decreto Lei nº. 8530, de 2 de janeiro de 1946, em seu artigo sexto, estabelecia “aos alunos que concluírem o segundo ciclo de ensino normal será, assegurado o direito de ingresso em cursos da faculdade de filosofia, ressalvadas, em cada caso, as exigências peculiares à matrícula”⁸², parecendo direcionar os(as) Normalistas quanto ao acesso para o ensino superior, indicando-os a prosseguirem seus estudos no âmbito dos cursos ofertados pelas faculdades de filosofia, dado o direito assegurado por lei.

Conforme os Decretos Lei nº. 4244/42 e nº. 8530/46 ressaltam, existiam as exigências peculiares a cada instituição de ensino, que respeitando as considerações do Código Civil vigente, permitiam a efetivação dos candidatos aprovados no certame, tornando-os aptos ao ingresso nos cursos de superior.

Desde 1916 em vigor, o Código Civil declarava como incapazes os menores de dezesseis anos, considerando a maior idade legal a partir dos vinte um anos, definindo a tutela dos sujeitos sob ao pátrio poder – o poder legitimado pela figura paterna como chefe e

⁸¹Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19.04.2019.

⁸²Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23.04.2019.

provedor da família, cabendo a ele o papel de definir o que era pertinente ou não aos seus tutelandos. Para essa legislação, a definição de incapacidade jurídica compreendia quatro tipos de indivíduos:

- Art. 6. São incapazes, relativamente a certos atos, ou à maneira de os exercer:
- I. Os maiores de dezesseis e menores de vinte e um anos.
 - II. As mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal.
 - III. Os pródigos.
 - IV. Os silvícolas⁸³.

Vemos assim que a situação civil da mulher nos *Anos Dourados* apresentava-se restrita a dois homens: ao pai, enquanto era menor de idade, e ao marido se casada fosse. Dentro desse cenário, para ingressar no ensino superior, uma moça menor de 21 anos deveria concluir o segundo ciclo do ensino secundário, ou seja, o curso científico ou o clássico, e em seguida prestar um exame; caso ela tivesse optado por frequentar o curso Normal, sua entrada na Faculdade de Filosofia estaria assegurada por lei. A próxima etapa de ingresso no meio universitário era comum a todas as concluintes desses três cursos, pois deveriam ser seguidas as regulamentações peculiares de cada instituição de educação superior, e ainda contar com a autorização do pai para efetivar sua matrícula, dada a sua menoridade legal; se contraísse matrimônio, antes ou depois dos 21 anos, deveria ser cumprido todo esse trâmite, substituindo a autorização do pai pela do marido, visto que a mulher não era considerada legalmente hábil para gerir esse tipo de ato sozinha.

Mesmo frente a essas limitações legislativas, percebemos nas reportagens do *Jornal das Moças*, a presença do feminino durante dois anos consecutivos nas turmas de concluintes do curso de Direito, no espaço público universitário, enaltecendo as novas turmas de juristas formadas no Distrito Federal, primeiramente em janeiro de 1956, no exemplar nº. 2019, na reportagem intitulada *Uma homenagem aos novos advogados*.

Apresentada em duas páginas, a matéria continha seis fotos sem legenda, destacando no corpo do seu texto o local da formatura, as figuras ilustres presentes, os homenageados, e partes do discurso proferido pelo orador da turma.

⁸³Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm#art84. Acesso em: 19.04.2019.



IMAGEM 104. Exemplar nº. 2019, de 26 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Contando com a presença de “convidados especiais”, como o ex-presidente da república “o marechal Eurico Gaspar Dutra⁸⁴ e o ministro Luis Gallotti⁸⁵”, a revista fez justa “homenagem aos novos advogados” apresentando fotos tiradas na “solenidade de formatura dos doutorandos de 1955, da Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal”, destacando o “vibrante discurso” do orador da turma. Na imagem do grupo de formandos, vemos majoritariamente homens, entretanto a presença feminina se faz notória, mesmo que em menor número.

Apesar de ter sido vibrante a fala proferida pelo orador da turma, o impresso deu ênfase para alguns trechos do discurso do paraninfo, o “desembagador Ari Azevedo Franco”, que dias após essa reportagem, quando se deu a posse de Juscelino Kubitschek, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, permanecendo no cargo entre 1956-1961⁸⁶. Desculpando-se por “não poder usar maior candência em suas palavras, pois ‘a toga de magistrado diluía o ardor’”, persuadia os formandos a “resolverem brasileiroamente os problemas brasileiros”, citando a frase do eminente jurista Rui Barbosa – “só as revoluções do direito são definitivas”.

⁸⁴Eurico Gaspar Dutra foi comandante militar, Ministro da Guerra entre os anos de 1936 até 1945, e Presidente da República durante o período de 1946 a 1951. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>. Acesso em: 24.02.2019.

⁸⁵Luis Gallotti foi Ministro do Supremo Tribunal Federal entre os anos de 1949 a 1974. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gallotti-luis>. Acesso em: 24.02.2019.

⁸⁶Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ari-de-azevedo-franco>. Acesso em: 24.02.2019.

Pensando-se no contexto dessa matéria, vemos que a formatura se realizou em meio ao alvoroço provocado pelo “contragolpe da legalidade”⁸⁷, como alcunhado por Barros (1994), parecendo o discurso do paraninfo indicar nessa direção, na medida em que ele tenta convencer os “jovens doutorandos” a resolver os problemas do país recorrendo aos seus próprios recursos. Ao remeter-se às palavras de Rui Barbosa, advogado e candidato a Presidência da República por duas vezes, traz o Direito, ou seja, a lei, como forma de mudar definitivamente o estado das coisas. Seu nome também tem como referência o civilismo⁸⁸, nos fazendo supor que a exposição oral deste paraninfo foi uma chamada aos novos juristas, a acreditarem no poder da lei para defender as normas que regem o nosso país.

A reportagem anuncia que a nova turma de advogados estava se formando na Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal. Entretanto, a Universidade do Distrito Federal (UDF)⁸⁹ criada em 1935, era caracterizada por uma proposta inovadora, que ao oferecer formação de magistério em nível superior, excluía do seu quadro de cursos três faculdades tradicionais - Direito, Engenharia e Medicina. Em 1939, a UDF é extinta e seus cursos incorporados à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com a exceção da Escola de Educação. Segundo Sonia Lopes (2009), em não tendo sido a Escola de Educação absorvida por essa universidade, ficou a cargo do Instituto de Educação a formação de professores na modalidade do Ensino Normal.

Neste sentido, a referência no corpo da reportagem a UDF é equivocada, ousando-se afirmar que a instituição de ensino retratada nessa matéria muito provavelmente é a Universidade do Brasil, ou ainda que a menção à “Universidade do Distrito Federal” poderia referir-se, tão somente, a UB situada no Distrito Federal.

Na matéria intitulada *Mais uma vitória conquistada pelos que estudam*, publicada em 17 de janeiro de 1957, a revista retratou a formatura da turma de 1956 do curso de Direito da

⁸⁷O contragolpe da legalidade foi apontado por Barros (1994) como um golpe militar que impediu a anulação do resultado do pleito eleitoral de 1955, servindo para confirmar-se o fato da democracia brasileira se resumir a representatividade formal, excluindo seu caráter mais profundo de valor. Maram (2002) aponta que o ministro da Guerra, Henrique Lott, teve habilidade em perceber o cenário contra a legalidade em formação, ao ser demitido do cargo de Ministro da Guerra, logo após o resultado das Eleições Presidenciais de 1955, sendo crucial, naquele momento, sua intercessão em favor de Juscelino Kubitschek, o candidato eleito a espera da posse. Derrubar o governo, segundo este autor, tornou-se prioridade para que a democracia pudesse prevalecer no Brasil. A permanência de Lott no ministério até a troca presidencial garantiu ao governo provisório assumido por **Nereu Ramos**, presidente do Senado, instaurar a estabilidade para espera de JK poder ocupar a presidência.

⁸⁸Segundo as palavras do próprio Rui Barbosa “é um princípio, uma doutrina é uma aspiração moral, é uma antecipação do futuro, é uma clareza do espírito de Deus aberta neste inferno, é alguma coisa que nos fala do bem, da honra e da justiça!”. Simbolizando a luta contra antiga máquina oligárquica eleitoral brasileira, a Campanha Civilista empreendida por Rui Barbosa durante as eleições de 1910 foi a expressão máxima do civilismo no Brasil. Nesse entendimento representando a resistência contra a deturpação da ordem e das leis, buscava-se garantir que a democracia fosse posta em prática no país. Fonte: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=2. Acesso em: 24.02.2019.

⁸⁹Fonte: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/glossario/universidade do distrito federal](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/glossario/universidade%20do%20distrito%20federal). Acesso em: 25.02.2019.

“Universidade do Distrito Federal”, nos fazendo acreditar tratar-se, novamente, da Universidade do Brasil, por motivos já explicados. Das seis fotos que aparecem na matéria, destacamos dentre elas aquela em que se encontram as formandas do sexo feminino, como apresentada abaixo.



IMAGEM 105. Formatura do curso de Direito publicada no exemplar nº 2170, de 17 de janeiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Ao rodapé desta foto, a IMAGEM 105, observamos a legenda: “O belo sexo foi bem representado nessa turma de juristas”. Utilizando-se da expressão “belo sexo” como forma de se referir as figuras femininas no curso de Direito, a revista as apresenta ao leitor ressaltando um atributo físico das mulheres, fatalmente por acreditar ser conveniente escrever desta maneira cordial e gentil. Parecendo demonstrar que as moças estão ali para representar o lado bonito da turma de juristas, a escrita da legenda não tem a pretensão de referir-se a elas enquanto futuras advogadas profissionais que o são, destacando, desta forma, o seu atributo físico em detrimento de sua conquista individual do diploma, ao escolher usar o termo o “belo sexo” substituindo “mulheres” / “moças”, potencializa também o termo “sexo frágil”.

Para discutir sobre o uso equivocado de palavras/expressões nos estudos sobre mulheres, Joan Scott (1989) faz uso da expressão “belo sexo” como instrumento de crítica ao uso indiscriminado da palavra *gênero* nos estudos sobre as mulheres:

Mary Wortley Montagu acrescentava ironia à sua denúncia do “belo sexo” (“meu único consolo em pertencer a este gênero é ter certeza de que nunca

vou me casar com uma delas”) fazendo uso, deliberadamente errado da referência gramatical (SCOTT, 1989, p. 2).

Remetendo-se a Mary Wortley Montagu, poetisa feminista pertencente à aristocracia inglesa, que viveu entre o final do século XVII e meados do século XVIII⁹⁰, Scott nos leva a crer que o uso da expressão “belo sexo” era comum na época em que a aristocrata viveu, parecendo também querer evidenciar a temporalidade da questão do uso indiscriminado e equivocado de palavras/expressões, apontando nos estudos a substituição de um termo pelo outro, como se fossem sinônimos. De acordo com Scott, os estudos sobre gênero em seus primórdios compreendiam um paradigma simplista que generalizava, onde se substituía a palavra *mulher* pela palavra *gênero*. Dentro dessa discussão, aponta que para dar uma erudição ao trabalho e não “limitar” o estudo sobre as mulheres ao feminismo, e nem tão pouco defender nenhuma bandeira, muitos trabalhos adotaram a palavra *gênero* como sinônimo de *mulher*. Desta forma, “o uso do termo ‘gênero’ visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque ‘gênero’ tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’” (SCOTT, 1989, p. 6).

Conforme compreende Joan Scott: “(I) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre sexos e (II) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21), logo gênero é o que define os papéis sociais dos indivíduos dentro de seu grupo social.

Suely Gomes da Costa afirma que “o conceito de gênero contém um conjunto de configurações do político, de saídas de tensões e conflitos, mas também de consentimentos que marcam experiências do dia a dia de homens e mulheres” (COSTA, 2003, p.188), indicando que este conceito é construído socialmente, indo, junto com Gonçalves (2006), ao encontro do enfoque de Scott (1989).

A autora, alinhavando homens e mulheres na mesma perspectiva, define relações um com o outro, como se fosse uma dialética, visto que “lidar com experiências masculinas e femininas em separado leva à noção de cultura masculina e feminina” (COSTA, 2003, p. 202). Buscando superar essa forma de pensamento dual, como se existissem dois lados e duas culturas, devemos entender que essas experiências, feminina e masculina, se completam, se juntam, respeitando as especificidades de cada indivíduo e contexto, sendo que “o importante é torná-los, sempre, em sua mobilidade, pluralidade, conflitos e complementaridade, sem anular, nessa abordagem, as marcas das hierarquias, da violência e da desigualdade” (COSTA, 2003, p. 202).

⁹⁰Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mary_Wortley_Montagu. Acesso: 31.08.2018.

Se Scott (1989) critica o fato do uso do termo *gênero* como sinônimo da palavra *mulheres*, o *Jornal das Moças*, ao usar a expressão “belo sexo”, a transforma em sinônimo de feminino, talvez com a intenção de representar a mulher como um ser doce, angelical e bonito, sendo neste caso uma forma carinhosa e afetuosa de se referir às formandas do curso de Direito, contrapondo as representações do *ser* masculino, mesmo frente a situações em que as mulheres alcançaram o mesmo patamar intelectual dos homens. Nas imagens trazidas pela revista, notamos a presença feminina no curso de Direito, nos revelando uma demanda delas por esse curso, apesar desse espaço ainda ser predominantemente masculino.

Neste sentido, em se tratando de um momento histórico cujos entraves legais pareciam limitar o acesso feminino ao ensino superior, como vemos no Código Civil, que de uma forma ou de outra, submetia a mulher à tutela de um homem, e conforme versavam as Leis Orgânicas de Ensino – o Decreto Lei no. 4244, de 9 de abril de 1942, que dispunha sobre o ensino secundário, e o Decreto Lei nº. 8530, de 2 de janeiro de 1946, que dizia respeito ao ensino normal, é instigante observar a presença das mulheres neste curso, na medida em que ele se constitui no espaço/lugar onde elas conheceriam as leis, que se constituíram como entraves para a emancipação feminina.

Buscando a superação da ideia que há uma condição feminina permanente dentro de um grupo social, conforme apontado por Gonçalves (2006), vislumbramos um caminho para alteração das normas civis e educacionais restritivas no ensino superior com a entrada das mulheres na Faculdade de Direito, pois ao tornarem-se conhecedoras da legislação que rege o país, demonstraram que sua situação não é definitiva, e que o lugar do “belo sexo”, como nos indicou a legenda da foto, pode ser, também, perante o júri.

No período de estudo dessa dissertação, não foram encontradas outras referências a formaturas em universidades brasileiras. Anos mais tarde, no início da década de 1960, mais uma vez, as mulheres eram notícia ao concluir o ensino superior, merecendo destaque ao aparecerem dentro de um grupo de concluintes do curso de Arquitetura da Universidade do Brasil, como publicado em 26 de janeiro de 1961.

3.4.2 O feminino de ensino superior na Universidade do Brasil: imagens de uma formatura do curso de Arquitetura

O exemplar nº. 2380 do *Jornal das Moças* trazia publicadas na coluna *Social na Alta*, assinada por José Moreno, várias notas a respeito do que acontecia na sociedade carioca. No primeiro mês do ano de 1961, a maior nota contida nessa coluna se destacava, não só pelo seu tamanho frente às outras expostas na página, mas também por conter informações a respeito da formatura da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, realizada dias

antes de sua publicação, descrevendo no corpo do seu texto o dia em que doze “brotos” dos *Anos Dourados* se tornaram arquitetas profissionais.

Nessa turma se formou Myriam Marques de Oliveira⁹¹, que gentilmente cedeu, digitalizando por conta própria, alguns documentos como fotografias, diplomas e o convite de formatura, parte de seu arquivo pessoal, pertinentes à solenidade de formatura noticiada pela revista, constituindo-se o material como mais uma fonte para a realização deste trabalho dissertativo.

Intitulada *Ex-Municipal Recebeu Novos Arquitetos*, a nota publicada no *Jornal das Moças* é rica em informações a respeito dos acontecimentos ocorridos no dia 7 de janeiro de 1961, indicando o local onde fora realizada a solenidade de colação de grau, destacando os discursos proferidos, as homenagens, os participantes da mesa e a quantidade de mulheres pertencentes ao grupo de formandos.

O TEATRO DO RIO DE JANEIRO, (ex-Municipal), foi palco de uma cerimônia das mais elegantes, quando recebeu os 140 alunos da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil para a colação de grau.

IMAGEM 106. Exemplar nº. 2380, de 26 de janeiro de 1961. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A “elegante” colação de grau da “Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil” realizada no “Teatro do Rio de Janeiro”, o “Ex-Municipal”, contou com a presença de 140 formandos, segundo a pequena reportagem. Ao observarmos a saudação contida no convite, percebemos que este evento em específico foi a última das cerimônias que compunham as solenidades de formatura da Turma de 1960.

⁹¹Trata-se da tia avó de consideração da autora desta dissertação, que durante uma conversa informal, afirmou fazer esta nota referência a sua cerimônia de colação de grau, disponibilizando seus registros pessoais sobre a solenidade. Myriam Marques de Oliveira também cursou Urbanismo, após o término do curso de Arquitetura ainda na Universidade do Brasil, colando grau em 30 de agosto de 1963 e recebendo o diploma em 15 de maio de 1964 (ANEXO I), e ainda adquirindo o título de “Docente Livre” na cadeira de *Mecânica Racional-Grafoestática*, conferido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 03 de março de 1971, mediante a aprovação no concurso realizado em Dezembro de 1970 (ANEXO II), tendo sido diplomada como Doutora em Arquitetura em 29 de março de 1971 (ANEXO III).

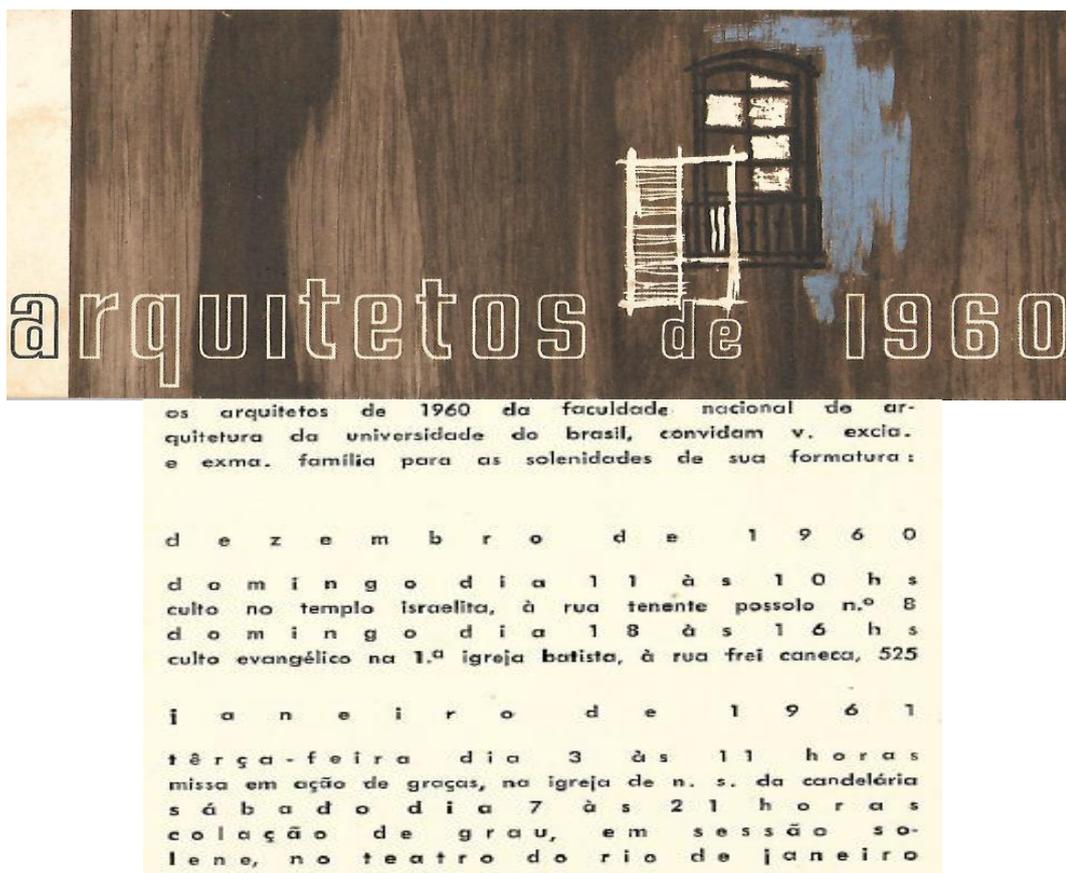


IMAGEM 107. Capa e saudação do convite de formatura da Turma de 1960 da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Fonte: Arquivo Pessoal Myriam Marques de Oliveira.

Conforme consta no convite, a parte religiosa da celebração de conclusão de curso compreendeu mais três desdobramentos: dois em dezembro de 1960 - o culto israelita e o evangélico, realizados em dois domingos subsequentes, e a missa em ação de graças, realizada quatro dias antes da colação, em janeiro de 1961. Diante desses dados, a diversidade de cultos religiosos, bem como sua quantidade, provavelmente, deveria ser uma demanda do grupo.

O requinte destacado na nota, ao referir-se a esta cerimônia, se estende também ao seu convite, dado o desenho que ilustra sua capa colorida. Nele é possível ver a lista nominal completa de todos os alunos desta turma, que se encontra no Anexo IV.

Observando-se atentamente a relação nominal presente no convite, destacamos o nome dos doze “brotos” formandos: Adélia Siles, Angela Maria Pimenta, Arlene Carvalho, Francina Cunha Moreira Lima, Jacira Rugani Mendes, Maria de Lourdes Amorim Caldeira, Maria Luiza Baltshauser, Maria Stella Yoselli, Marion Levy, Myriam Gomes de Pinho, Myriam Marques de Oliveira, e Nilza Costa da Silva Maia, juntando-se aos 128 homens formados, totalizando menos do que dez por cento do número total de alunos da turma.

Na IMAGEM 108, é possível ver a presença das doze jovens formandas acompanhadas de um cavalheiro, enviado a pedido do Ministro da Educação e Cultura, o Sr. Clóvis Salgado da Gama (18/1/1960 – 31/01/1961)⁹², a fim de representá-lo nesta solenidade de colação de grau. De acordo com informações de Myriam Marques de Oliveira, esse representante do ministério pediu para tirar uma foto com todas as graduandas por estar “encantado com a beleza das moças da turma”.



IMAGEM 108. As doze formandas da Turma de 1960 da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Da esquerda para direita: Myriam Marques de Oliveira está atrás da terceira moça. Fonte: Arquivo Pessoal Myriam Marques de Oliveira.

⁹²O político, médico e professor *Clóvis Salgado da Gama* nasceu em Leopoldina (MG) no dia 20 de janeiro de 1906. Em 1924, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio, pela qual se bacharelou em 1929. No pleito de 3 de outubro de 1950, elegeu-se vice-governador do estado de Minas Gerais na legenda do PR, em chapa com Juscelino Kubitschek, eleito governador na legenda da coligação do Partido Social Democrático (PSD) com o PR. Quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência, Clóvis Salgado tomou posse como ministro da Educação e Cultura. Com o intuito de estabelecer uma adequação entre o sistema educacional e as transformações que se operavam no país, promoveu a reestruturação desse sistema através da chamada “Educação para o desenvolvimento”. Durante sua gestão, dispensou especial atenção ao ensino técnico-profissional por considerar o desenvolvimento tecnológico; concedeu incentivos à Campanha Nacional de Teatro; à construção da Casa do Estudante do Brasil em Paris e ao projeto de um estabelecimento idêntico em Madri. Nesse período, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) tornou-se o principal núcleo do pensamento nacional-desenvolvimentista; e os princípios da Universidade de Brasília foram estabelecidos. [...] Nos dias 30 e 31 de maio de 1956, os estudantes cariocas entraram em greve, contra o aumento do preço das passagens dos bondes. Clóvis Salgado, juntamente com o então prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Negrão de Lima, entrou em acordo com os estudantes, fazendo com que as passagens do bonde passassem de um cruzeiro para 1,50 ao invés de dois cruzeiros, como fora inicialmente estabelecido”. Em julho de 1960, deixou o Ministério da Educação e Cultura, para disputar as eleições de outubro seguinte. Em outubro de 1960, Jânio Quadros foi eleito presidente da República e Clóvis Salgado voltou a se eleger vice-governador de Minas Gerais. Depois de eleito, reassumiu ainda em outubro o Ministério da Educação e Cultura, permanecendo no posto até o final do governo Kubitschek, em janeiro de 1961. Clóvis Salgado apoiou o movimento político-militar de 31 de março de 1964, que destituiu o presidente João Goulart (1961-1964). Publicou *Do tratamento das afecções cirúrgicas do cólon* (tese de doutoramento, 1929) e *A reforma do ensino médio* (1957), entre outras obras. Fonte: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/clovis-salgado-da-gama> e <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/ministerio>. Acesso em 30.06.19.

A reportagem destacava que:

Foi muito comentada a elegância da formanda Maria de Lourdes Amorim Caldeira, pois era a única a trajar vestido estampado entre as doze formandas. Esbanjou charme.

IMAGEM 109. Exemplar nº. 2380, de 26 de janeiro de 1961. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Conforme a descrição realizada pela revista na IMAGEM 109, Maria de Lourdes Amorim Caldeira destacava-se dentre as demais moças da turma pela sua elegância, sendo “a única a trajar vestido estampado” e de comprimento mais curto, tendo em vista que podemos ver o seu joelho. A descrição enaltecia seus atributos pessoais sobressaindo, frente às demais, por sua beleza física e pela roupa que estava trajando, indicando ser digna de nota ao aparecer retratada por José Moreno, em *Sociedade na Alta*, pois, afinal de contas, figurar nessa coluna não era para qualquer pessoa, muito menos para uma moça qualquer.

Se o destaque da nota para a figura feminina estava na indumentária e em sua postura “elegante”, para a figura masculina a escrita sinalizava outros atributos como: prêmios, homenagens e discursos. Ao homem cabia ser Orador, Paraninfo, representar o Ministério e o grupo de formandos, ao passo que as mulheres esbanjavam “charme”.

Embora os atributos fossem diferentes para homens e mulheres na forma da reportagem, no aspecto legal todos e todas foram agraciados com o mesmo documento legal e representativo de uma trajetória escolar que lhes dava o direito do exercício da profissão de arquiteto – o diploma expedido pela Universidade do Brasil, como podemos visualizar na IMAGEM 110, e na transcrição do seu teor que segue logo abaixo.



IMAGEM 110. Diploma de Arquiteto conferido a Myriam Marques de Oliveira, em 11 de fevereiro de 1961, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Fonte: Arquivo Pessoal Myriam Marques de Oliveira.

EM NOME DO GOVERNO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO
BRASIL

O Diretor da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, de conformidade com o art. 4º do Decreto-lei nº 7.918, de 31 de agosto de 1945, confere o título de Arquiteto a Sra. Myriam Marques de Oliveira, filha de José Marques de Oliveira, e de Oldina Lemos de Oliveira, nascida no dia 2 de setembro de 1935, no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara.

O presente diploma, assinado pelo Reitor da Universidade, pelo Diretor, pelo Secretário da Faculdade e pelo Titulado, outorga os direitos e prerrogativas legais inerentes a profissão de Arquiteto.

Colou grau em 7 de janeiro de 1960.

Transcrição do teor contido no Diploma de Arquiteto conferido a Myriam Marques de Oliveira, em 11 de fevereiro de 1961, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Fonte: Arquivo Pessoal Myriam Marques de Oliveira.

O diploma de Arquiteto conferido a Myriam Marques de Oliveira, uma dos doze *brotos* que colou grau em 7 de janeiro de 1960, está em conformidade com o Decreto-Lei nº 7.918, de 31 de agosto de 1945⁹³. Esse Decreto-Lei, assinado pelo Presidente da República Getúlio Vargas e pelos ministros da Educação Gustavo Capanema e da Fazenda Artur de

⁹³Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7918-31-agosto-1945-417265-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 01/07/2019.

Sousa Costa, dispõe sobre a organização da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil⁹⁴.

O artigo 4º e seu Parágrafo único desse Decreto-Lei tratam da conclusão do curso e do diploma a ser conferido aos alunos formados pela Faculdade de Arquitetura, considerando os seus dois cursos: o de Arquitetura e o de Urbanismo.

Art. 4º Aos alunos que concluírem o curso de arquitetura conferir-se-á o diploma de arquiteto; aos que concluírem o curso de urbanismo, o diploma de urbanista.

Parágrafo único. O título de doutor em arquitetura ou em urbanismo será conferido o candidato que, dois anos pelo menos depois de graduado, defender tese original de notável valor.⁹⁵

Atestando a validade do Diploma conferido, notamos a assinatura de alguns elementos que compunham o corpo da Universidade: o Reitor Pedro Calmon Muniz de Bittencourt⁹⁶, o Diretor Raymundo Barbosa de Carvalho Netto, o secretário José Antônio Anciãs Proença, e a titulada como Arquiteta Myriam Marques de Oliveira.

Observando-se o teor do documento e o artigo 4º do Decreto-Lei em relação aos alunos, percebemos que não há diferença estabelecida na concessão do diploma pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil para alunos ou alunas, sendo este documento conferido ao graduando, tão somente, por meio de atributos legais.

Como vimos na nota, dos 140 formandos de 1960, estavam os doze *brotos*, ou seja, mulheres formandas, mesmo que ainda em número reduzido, não havendo nada, pelo menos no dispositivo legal, que as impedisse de obter o diploma.

Ainda representadas em grande medida nas formaturas das universidades, como a parte bonita de se ver em revista, percebemos nessas imagens que, apesar da beleza preceder o diploma, no meio civil elas já possuíam espaço para estudar nos cursos de nível superior, mesmo que ainda em minoria.

⁹⁴De acordo com o Art. 1º do referido Decreto-Lei a Escola Nacional de Arquitetura, foi criada pela lei nº 452, de 5 de julho de 1937, passando a denominar-se Faculdade Nacional de Arquitetura, nos termos do deste Decreto-lei. Conforme o Art. 3º “A Faculdade Nacional de Arquitetura manterá dois cursos seriados: a) o curso de arquitetura e b) o curso de urbanismo”. O Parágrafo único dispõe que “O curso de arquitetura, acessível aos portadores do certificado de licença clássica ou de licença científica, mediante a prestação de concurso vestibular, será de cinco anos; o curso de urbanismo, acessível aos portadores do diploma de arquiteto ou de engenheiro civil, mediante a prestação de concurso vestibular, será de dois anos”. Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7918-31-agosto-1945-417265-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 01/07/2019.

⁹⁵Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7918-31-agosto-1945-417265-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 01/07/2019.

⁹⁶Pedro Calmon Muniz de Bittencourt foi Reitor da Universidade do Brasil, entre os anos de 1948 e 1966, ausentando-se pontualmente do cargo, em razão de substituir a pasta da Educação, junto ao Ministério. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-calmon-muniz-de-bittencourt>. Acesso em: 02.07.2019.

Ao trazer também notícias de formaturas no meio militar, o *Jornal das Moças* mostrava aos seus leitores representações e imagens de feminino e de masculino diferentes daquelas apresentadas no espaço universitário anterior, visto que se no meio civil já era notada a presença feminina nas salas de aula, no corpo discente do curso superior da Escola Naval, que representa a Marinha de Guerra Brasileira, apenas os homens estavam presentes, pois somente em 2014 elas começaram a ingressar como alunas nessa instituição, conforme nos mostra Adilene Cunegundes da Silva (2018) em seu trabalho dissertativo intitulado *O ingresso e a permanência da primeira turma dos Aspirantes no curso de graduação da Escola Naval (2014-2017)*.

3.4.3 Homens a bordo/mulheres no cais: imagens de formaturas na Escola Naval

Observando-se as imagens do feminino de ensino superior veiculadas no *Jornal das Moças*, notamos que suas representações possuíam uma forte relação com a beleza, e que caminhavam lado a lado com os homens nesta mesma etapa de ensino. Logo, falar delas também é falar deles, olhando um e outro, vendo como estabelecem relações dentro da sociedade, por meio de uma perspectiva relacional. Refletindo-se acerca dessa perspectiva, vemos que: “a *natureza relacional* da construção das definições de feminino e masculino, apontando, sob o discurso muitas vezes legitimado por homens e mulheres de uma desigualdade inata, que as diferenças entre o feminino e o masculino, até por se alterarem historicamente, foram socialmente construídas” (GONÇALVES, 2006, p. 12).

Trazendo “a noção de que as relações de sexos são relações sociais”, Sueli Costa (2003, p.187), nos fez refletir sobre as imagens e representações do ensino superior apresentadas pela revista. Apesar da predominância do masculino, as mulheres se faziam presentes - fossem ligadas diretamente ao ensino superior, quando estudantes ou formadas, ou indiretamente, quando desempenhavam uma função auxiliar, como no caso das enfermeiras que tinham como função instrumentalizar a prática médica.

Examinando atentamente as notícias a respeito da Escola Naval (EN), onde ainda não havia espaço para formação feminina, identificamos sua presença de outra maneira. Foco de reportagens por três anos consecutivos, a EN, considerada a mais antiga instituição de ensino de nível superior do Brasil, foi alvo de publicações no *Jornal das Moças*, nos anos de 1956, 1957 e 1958, exibindo solenidades de formaturas distintas, sendo uma referente ao ingresso dos jovens rapazes em seu corpo docente, e duas sinalizando a conclusão do curso superior.

Em 7 de junho de 1956, no exemplar de número 2138, temos *148 Anos de Tradições*, uma reportagem de duas páginas, indicando se tratar da formatura na Escola Naval, que

envolve o rito de entrada no corpo de Aspirantes a Oficial da Marinha Brasileira, contando com seis fotos que incluíam partes da solenidade e da plateia presente.



IMAGEM 111. Exemplar nº. 2138, de 7 de junho de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na matéria, vemos a “Marinha de Guerra” possuidora de “um passado glorioso” fora representada pela Escola Naval, que comemorou seus 148 anos “mantendo ilibada suas tradições até os nossos dias”.

Esses “148 anos de tradições” que dão título à matéria remontam, conforme demonstra Silva (2018), à transferência da Academia Real de Guardas-Marinha de Portugal para o Brasil em 1808, tendo recebido o nome de Escola de Marinha em 1858, passando a ser denominada Escola Naval em 1886, nome este que a acompanha até os dias de hoje.

Diferente do que parece indicar seu título, a solenidade de formatura apresentada pelo *Jornal das Moças*, na primeira semana de junho, não diz respeito ao aniversário da instituição de ensino, e sim à Cerimônia de Entrega do Espadim e Juramento à Bandeira, marcando a entrada dos jovens ao corpo de Aspirantes da Marinha pela entrega do espadim, a miniatura de uma espada, mediante o juramento de cumprir o dever para com a pátria, simbolizada na Bandeira Nacional, como nos mostra o comandante aposentado José Carlos Negreiros Lima, no livro por ele organizado em razão da comemoração dos duzentos anos da Escola Naval no ano de 2008.

Admitindo somente homens naquele momento, lemos no corpo do texto da reportagem a descrição dos rapazes, que ingressaram recentemente nessa instituição, como “garbosos”, enaltecendo assim sua beleza. Percebemos em uma das fotos desta formatura, a presença feminina na plateia assistindo a cerimônia, juntamente com crianças e outros homens.

No ano seguinte, a publicação *Os novos Guardas-Marinha*, parte do exemplar nº. 2173, de 07 de fevereiro de 1957, contava com a cobertura de fotos da cerimônia de formatura que marca o encerramento do ciclo de estudos na Escola Naval, e nela notamos seis imagens e suas respectivas legendas.

Embora a reportagem não conte com um texto explicativo, lendo-se seu título, *Os novos Guardas-Marinha*, podemos afirmar que se tratava da conclusão de curso da Escola Naval, visto que “após a conclusão dos quatro anos do Ciclo Escolar, os Aspirantes são declarados Guardas-Marinha em Cerimônia Militar solene” (SILVA, 2018, p. 60).



IMAGEM 112. Exemplar nº. 2173, de 07 de fevereiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Ilustrando a matéria, vemos seis fotos, e em cinco delas observamos a presença feminina. Destacando-se a maior delas por retratar apenas mulheres, lemos a seguinte legenda ao seu rodapé: “As madrinhas aguardam o momento para a troca das platinas”.

Nesta solenidade militar, que marca o fim das atividades acadêmicas na Escola Naval, e o início da carreira de Oficial na Marinha de Guerra, as madrinhas, ao representarem o papel do feminino, têm uma participação importante. Encontrando-se alocadas mais próximas dos

rapazes perfilados, em um espaço restrito e reservado dos demais convidados à cerimônia, essas mulheres são solicitadas a trocarem a platina dos Aspirantes, logo que tem início a formatura, significando nessa mudança a saída da condição de Aspirante a Oficial, para a de Guarda-Marinha⁹⁷.

Conforme apontam as quatro fotos que registram esse momento da troca de platinas, a “genitora” era a madrinha do jovem. Além dela, outra mulher também ladeava o futuro oficial, sendo identificada como “sua noiva”. Apesar de estarem acompanhando os rapazes, a beleza física dessas mulheres não fora ressaltada nas legendas.

A reportagem do exemplar n.º. 2223, de 23 de janeiro de 1958, referia-se, novamente, à formatura de conclusão da Escola Naval. Ocupando apenas uma página, *Na Marinha* contava com um texto⁹⁸ e três fotos sem legenda, destacando-se aquela em que o Presidente Juscelino Kubitschek aperta a mão de um Guarda-Marinha.

⁹⁷A narrativa apresentada a respeito do papel da madrinha na *Cerimônia de Declaração de Guardas-Marinha e Entrega de Espadas da Escola Naval*, faz parte da experiência pessoal da autora dessa dissertação, que teve oportunidade de fazer parte dessa solenidade, realizada no ano de 2012, atuando como madrinha de um Aspirante. E também a citada dissertação de Silva (2018).

⁹⁸ Devido a impossibilidade de leitura do texto contido no corpo da reportagem, optamos por transcrevê-lo logo abaixo da IMAGEM 113.

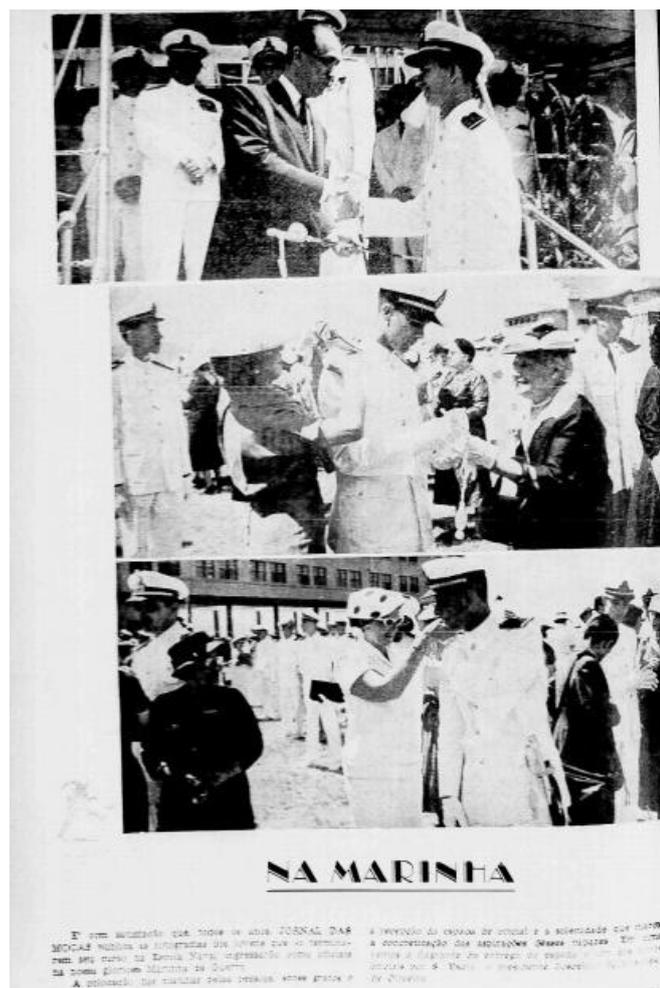


IMAGEM 113. Exemplar n°. 2223, de 23 de janeiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

NA MARINHA

É com satisfação que o Jornal das Moças todos os anos publica as fotografias dos jovens que ao terminarem seu curso na Escola Naval ingressarão como oficiais na nossa gloriosa Marinha de Guerra. A mutação das platinas pelas pessoas entre gestos e a recepção da espada de oficial e a solenidade que marca a concretização das aspirações desses rapazes. Em cima vemos o flagrante da entrega da espada de um dos novos oficiais por Sr. Excia. o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Transcrição da matéria *Na Marinha*. Exemplar n°. 2223, de 23 de janeiro de 1958. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A entrega da espada pelas mãos do presidente da República indica a importância dessa solenidade de formatura para o nosso país. Conforme nos indicou Lima (2008), somente o primeiro colocado recebe esse tipo de honraria, as demais espadas são entregues aos Guardas-Marinha por Oficiais do Quadro Superior da “Marinha de Guerra”, os Almirantes Paraninfos. As mulheres continuam a ser retratadas trocando as platinas.

Seu formato mais enxuto - publicada em uma página, trazendo três fotos sem legenda, nos chama a atenção dado seu tamanho e características diferentes dos anos anteriores. Ao mesmo tempo em que demonstra o entusiasmo da revista ao afirmar que “é com satisfação

que o Jornal das Moças todos os anos publica fotografias dos jovens”, o texto nos dá indícios de estar cumprindo um compromisso, uma tradição ao trazer esse tipo de reportagem. Conforme podemos observar, a partir do ano subsequente, não encontramos mais referência a nenhuma formatura da Escola Naval até o término do período em estudo.

Como vimos, a representação do feminino construída a partir delas, situada dentro do contexto de formaturas militares, nos sugere que a mulher acompanhava os homens que estavam se formando. Referenciadas como acompanhantes, tal como vimos nas legendas das fotos, eram mencionadas como “Senhora” ou “Senhorita”, fazendo alusão ao seu nome e ao tipo de relacionamento que possuíam com eles; já os formandos, quando em companhia feminina, tinham seu nome destacado nas fotos, em estando perfilados tinham sua beleza destacada.

Portanto, no espaço militar de ensino superior da EN, naquele momento, às mulheres não era permitido estudar, sua participação era única e exclusivamente estar ao lado do formando, visto que eram retratadas apenas no momento da troca de platinas, deixando de lado quaisquer que fossem seus atributos – físicos ou intelectuais, sendo digno de notoriedade seu título – mãe, noiva ou namorada.

A formatura da Escola Naval representava um rito de passagem na vida masculina daqueles estudantes – os rapazes se tornavam homens, cabendo à mulher um papel nesse cenário: ser o pivô dessa transformação ao trocar sua platina, saindo ele da condição de Aspirante para o posto de Guarda-Marinha. Contudo, se esse rito era iniciado pela figura feminina que mudava a platina, seu final dava-se pela figura masculina, seja pelo presidente da República, seja por Almirantes mais experientes, com a entrega da espada, símbolo este da virilidade masculina.

Desta forma, quem detinha a última palavra na Escola Naval era o homem, na medida em que concernia à figura masculina encerrar o ciclo de estudos nesta instituição de ensino, cabendo a mulher acompanhar as cerimônias, admirar as tradições seculares, atuando da forma como era permitida, sem possibilidades de acesso a esse tipo de ensino, visto que a Escola Naval ainda não era um espaço para educação superior feminina, o que só irá ocorrer cinquenta e seis anos depois. Em 2014, segundo Silva (2018), as primeiras mulheres iniciaram seus estudos como Aspirantes da Escola Naval, no Curso de Graduação do Corpo de Intendentes de Marinha. Em linhas gerais, explica a autora que a instituição possuía três opções para o ingresso na Esquadra da Marinha Brasileira: o Corpo da Armada, o Corpo dos Fuzileiros e o Corpo da Intendência, e dentro de cada um deles havia habilitações específicas. Em sendo vetado, num primeiro momento, o acesso feminino ao Corpo da Armada e ao de

Fuzileiros, bem como as suas respectivas habilitações, a elas restava fazer parte do Corpo de Intendência, o único que possuía só uma habilitação – Administração.

Nos dias atuais, as mulheres já possuem acesso a todos os Corpos e às habilitações lá oferecidos, constituindo-se como um marco a sua entrada nesse espaço de ensino, na medida em que a partir de então não só as portas da mais antiga instituição de ensino superior do Brasil estavam abertas ao ingresso do público feminino, como também estava garantida sua introdução como Oficiais da Esquadra da Marinha de Guerra Brasileira, cuja admissão é dada, somente, aos formandos da EN (SILVA, 2018).

Assim sendo, a presença feminina no ensino superior brasileiro, retratada pelo *Jornal das Moças*, construiu representações acerca de suas imagens, nos fazendo ver mulheres e homens sendo apresentados nesse espaço de ensino, mesmo que de formas diferentes.

Nos contos, vimos um médico e filósofos homens representados diferentemente em relação às mulheres, as quais apareceram como enfermeira ou estudante ainda em conclusão de curso, ou seja, em posição subalterna; em aparente igualdade, vimos a Odontóloga e a estudante de medicina, que ficaram sozinhas ao final das narrativas, dando pistas aos leitores e leitoras sobre o que poderia acontecer com mulheres de ensino superior.

Em algumas publicações da revista, observamos a predominância do Médico, enquanto profissional que clinica e recupera casos de difícil solução, como nas cartas de agradecimento ao Dr. Campos de Rezende, bem como dando conselhos a respeito da saúde da família, como nas reportagens pontuais assinadas por Dr. Werther Leite. A presença feminina na área de saúde foi notada através de um anúncio de consultas da década de 1910, onde Dra. Francisca prometia tratar de “todas as moléstias das senhoras”, assim como nas matérias a respeito da cárie infantil, assinadas por Dra. Maria Luiza Von Heahling Lima, às vezes auxiliada por Dr. Enio Lima, e nos artigos *Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes*, uma parceria com a Cruz Vermelha do Brasil, cuja responsabilidade cabia a duas enfermeiras técnicas dessa instituição, fazendo perceber o quanto a função de cuidar era condicionada as mulheres, fossem elas autoras, fossem elas leitoras destas publicações.

Pela perspectiva relacional de gênero, atentamos para a participação delas nas solenidades de formatura, seja como expectadoras ou como formandas, com destaque para as futuras Advogadas em 1955 e 1956, assim como as doze Arquitetas da Turma de 1960, demonstrando que, apesar dessa modalidade de ensino ser um espaço predominantemente masculino, elas se fizeram presentes, concluindo o curso de graduação com louvor, ainda que a revista insistisse em enaltecer seus atributos físicos, como a beleza e a elegância, colocando constantemente os homens em destaque nas cerimônias de formatura retratadas.

Nas imagens de formatura, passamos pelo meio militar, onde somente a presença masculina era permitida nas salas aula, ditando as regras para o lugar da mulher no espaço restrito e reservado às madrinhas, em sendo aquelas distintas damas que trocariam as platinas e assim transformariam o rapaz em homem, o Aspirante em Oficial.

Se a Escola Naval parecia se estabelecer como o lugar do homem, a União Universitária Feminina mostrou ser o lugar da mulher de ensino superior, promovendo debates, chás, integração, socialização, suporte e, acima de tudo, um espaço para a mulher chamar de seu, sem serem mediadas pela presença masculina dominante, como ocorria nas publicações da revista *Jornal das Moças*, que tinha uma linha editorial majoritariamente formada por homens.

Com isso, terminando este trabalho dissertativo, ao analisarmos as publicações do *Jornal das Moças* no período de 1956-1961, continuamos a problematizar a pergunta que lhe dá título: qual seria o lugar da mulher de ensino superior na sociedade brasileira da época analisada: estudando e trabalhando profissionalmente na área escolhida, como incentivava a União Universitária Feminina, que timidamente é encontrada nas páginas do periódico, pela voz da articulista e advogada Flora Ferraz Veloso – uma militante da causa da UUF, que também escrevia a coluna *Os Sonhos e sua interpretação*, na qual, como indica o próprio nome da coluna, interpretava sonhos enviados pelas leitoras através de cartas endereçadas a revista; ou cuidando do lar e da família, conforme parecia imputar a revista, sem deixar de enfatizar o papel da mulher no lar, na família e na sociedade, como, por exemplo, na proposta do Número *Especial de Noivas*, que em dando dicas de organização às mulheres (e não aos homens), fazia o “dia feliz” (o casamento) ser regado de beleza e encanto.

Em *Os bons pratos atraem os bons maridos*, publicada no Número Especial de Noivas, de 7 de outubro de 1954, vemos como mulheres e homens eram retratados no contexto doméstico, num espaço predominantemente feminino: a cozinha.



IMAGEM 114. Número Especial de Noivas. Exemplar nº. 2015, de 07 de outubro de 1954. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O título da matéria de receitas trazia uma das características necessárias à mulher eleita para ser esposa: saber cozinhar bons pratos, pois isso atrairia um bom marido. As imagens que ilustravam a matéria mostravam uma esposa arrumada com vestido, avental e trazendo uma comida fresca e quente em um canto e, no lado oposto, um marido trajando terno e gravata, provavelmente regressando a casa após o trabalho, sendo guiado pelo cheiro da comida com um bouquet de flores na mão, aludindo, assim, ao ditado popular: “O homem se conquista pelo estômago”, nos fazendo então problematizar: lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha?

Considerações Finais

Virando-se a última página do *Jornal das Moças*, fechamos a revista, e assim tecemos algumas considerações acerca das análises realizadas neste estudo, finalizando o trabalho dissertativo.

Ao longo das mais de duzentas páginas que este texto compreendeu, vimos que a inserção feminina no ensino superior durante os *Anos Dourados*, conforme apresentada pela revista *Jornal das Moças*, caminhava lado a lado com a presença masculina, balizada pelo conceito de uma perspectiva relacional, entendendo que a construção das identidades desses sujeitos se dava pela sua atuação no grupo social onde estavam inseridos. Na medida em que mulheres e homens cursando ou formados nesta modalidade de ensino apareceram retratados, através de reportagens e contos, que tinham como cenário a Europa, os EUA e o Brasil, construía representações que nos permitiram constituir um olhar sobre elas, iniciado pela caracterização do periódico, e culminando na relação estabelecida entre a linha editorial e o ensino superior nas linhas e entrelinhas da revista.

Falando-se sobre a fonte primária, o *Jornal das Moças*, sua linha editorial composta majoritariamente por homens, direcionava suas publicações para a mulher no lar, na família e na sociedade. Defendendo um conjunto de valores que demarcava um papel específico para a mulher, como “moça para casar”, “esposa dedicada” e “mãe zelosa”, trazia em suas páginas uma série de reportagens que deveriam interessar ao público feminino, ao mesmo tempo em que reforçava o quanto ela deveria ser “bela, recatada e do lar” para agradar o sexo oposto. Buscando atingir seu objetivo de vender, o periódico utilizava propagandas de produtos e serviços a fim de atrair patrocinadores, abordando os assuntos que mais chamariam a atenção dos leitores da segunda metade da década de 1950: cinema e rádio. Fazendo referência à vida dos artistas, retratando-os tanto em eventos ligados a sua carreira, quanto na vida cotidiana, as colunas preenchiam as folhas do impresso com amenidades; demonstrando que casar-se e ter filhos era acessível às cantoras do rádio brasileiro e às atrizes norte-americanas, a revista direcionava a mulher para o ideal de felicidade baseado no casamento, e nos filhos dele provenientes.

Dentro da áurea de “glamour” dos *Anos Dourados*, nos deparamos com mulheres na capa, ilustrando matérias, assinando reportagens e atuando como articulistas. No que diz respeito à relação entre trabalho feminino e sua formação no ensino superior, conforme nos mostrou uma das reportagens publicadas na revista, nos Estados Unidos da América, as modelos profissionais não eram as melhores alunas dos cursos universitários, e secretária era

a forma mais comum de atuação feminina nessa sociedade à época. Apontando ainda que as mulheres raramente chegavam aos postos máximos de uma empresa, esta publicação elencava o tradicionalismo antifeminino nos espaços das grandes corporações, a falta de especialização e a maternidade como entraves naturais a esse processo de inserção.

No Suplemento de figurinos e bordados, o *Jornal da Mulher*, espaço da revista dirigido por uma mulher, encontramos notas a respeito da inserção feminina no ensino superior em países Europeus, como Bélgica, Suécia e Suíça, na Rússia Soviética, e nos Estados Unidos da América, demonstrando o que estava acontecendo “ao redor do mundo” – utilizando-se a expressão de Yara Sylvia, diretora chefe deste suplemento. Sem ter, contudo, preocupação com a forma e o conteúdo em si dessas publicações, seu intento parecia, tão somente, ao tornar públicas essas informações, mudar a imagem de “revista fútil” para uma revista “utilíssima”, visto que noticiava os feitos femininos nos mais variados campos de atuação, incluindo a educação superior nesse conjunto.

Nos contos, menções indiretas ao ensino superior eram dadas, seguindo a linha editorial da revista, e assim enfatizando o papel da mulher no lar, na família e na sociedade, ao narrar histórias de amor, como forma de entretenimento para suas leitoras, recheadas de representações do feminino e do masculino nesta/desta etapa de ensino. Assinados por escritores estrangeiros ou brasileiros, o cenário onde se passavam essas histórias variava de acordo com sua autoria.

Se havia um tema em comum a esses autores, fossem nacionais ou internacionais, era retratar os médicos como uma figura importante, atribuindo um “status” diferenciado para mulher que com ele se casava. Outra característica peculiar era as personagens femininas estarem ladeadas pela figura masculina, protegendo-as, sendo também hierarquicamente superior a elas, mesmo que fosse seu par profissional.

Além destas características apontadas, quanto ao teor dos contos e a presença da Medicina, havia algumas diferenças de acordo com o país que seu conteúdo fazia referência. Dentre as narrativas de autoria estrangeira analisadas, percebemos a presença do feminino no ensino superior nos cursos de Direito e Química, tendo como padrão no desfecho do conto, o casamento, simbolizando aquilo que alçaria a mulher à condição de esposa, e, conseqüentemente, faria com que ela abandonasse sua atividade laborativa, ainda que formada no ensino superior e trabalhando na área por ela escolhida.

Essa peculiaridade de desfecho estrangeiro, entretanto, não foi uma verdade absoluta observada nas narrativas nacionais. No âmbito dos contos de autoria brasileira analisados, o

feminino de ensino superior se fez notar nos cursos de Odontologia e Filosofia, sendo que as personagens inseridas nesta etapa de ensino não se casaram ao final das tramas contadas.

Refletindo-se a respeito do Brasil da segunda metade da década de 1950, grande era a influência de um clima de euforia que tomou conta da sociedade, sendo o período que vai dos anos de 1956 a 1961 marcado pelos feitos políticos, econômicos e sociais realizados pelo Presidente da República em exercício entre 1956 e 1960, Juscelino Kubitschek; não obstante fosse pouco mencionado pela revista, fato é que os *Anos Dourados* no Brasil são irremediavelmente associados ao governo JK.

Juscelino ao propor seu jeito próprio de governar, sem estar alinhado claramente a Velha Oligarquia Mineira, de onde era oriundo, e nem, tão pouco, com o *getulismo*, mesmo sendo por muitos aclamado como herdeiro político de Getúlio Vargas, impôs sua marca administrativa na máquina pública brasileira. O *juscelinismo* foi uma maneira de conduzir o Brasil rumo ao desenvolvimento industrial, buscando superar sua condição de subdesenvolvimento, enquanto país agrário exportador. Prometendo ainda durante a campanha que faria o país avançar 50 anos ao longo dos 5 anos em que estaria ocupando a presidência, JK ganhou a eleição, tornando-se popular e memorável. Estruturou sua base de crescimento em frentes sintetizadas num Plano de Metas, que efetivamente funcionaram ao alçarem a economia a outro patamar, com a ajuda do capital estrangeiro.

Deste Plano, duas metas se fizeram significativas nesta pesquisa dissertativa: a vigésima sétima por simbolizar a indústria automobilista, aquela que mais obteve prosperidade e êxito, cujo envolvimento pessoal de Juscelino foi tão longe, a ponto de batizar um carro com seu nome, o JK, e a trigésima por dizer respeito à educação.

Na vigésima sétima meta, percebemos delinear-se a prosperidade de uma camada da população, a classe média, que passa a ter acesso a um patamar de vida em sociedade, conquistando seu veículo de passeio próprio, podendo desfrutar de momentos de lazer propiciados por esse meio de transporte. Essa nova forma de vida, também, refletia no consumo de produtos, que através de propagandas em todos os meios de comunicação, inclusive na revista *Jornal das Moças*, anunciavam benefícios, praticidade e o bem-estar da família, como bem mostramos através da cerveja tipo Malzbier.

Se as propagandas pregavam um ideal de consumo, traziam também subjacente um modo de viver em sociedade, o qual era mostrado pelas páginas do periódico ao apresentar como figuras públicas femininas lidavam com sua “feminilidade” em sociedade. Nesse intuito, D. Sarah Kubitschek foi destacada em duas matérias, na condição de figura pública,

sendo enaltecidas suas posturas de mãe e de “mulher caridosa”, na medida em que seus feitos filantrópicos foram elencados.

Enquanto a representação de Primeira Dama na revista caminhava destacando a mulher do Presidente como um exemplo de conduta, enfatizando sua elegância, na sociedade brasileira da época, Juscelino fez sua esposa se fazer memorável ao batizar com o nome dela uma escola de formação de professores, nos remetendo à trigésima meta de seu Plano de Governo.

A trigésima meta dizia respeito à educação, no sentido de ampliar a formação da população como instrumento de viabilizar o progresso do país. Girando em torno da criação de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o debate educacional retomado nos anos 1950 provocou desdobramentos, que por fim culminaram na promulgação da Lei 4.024/61, em dezembro de 1961, estabelecendo parâmetros únicos para a educação de todo o país. Especificamente para o ensino superior, ainda considerado uma modalidade educacional de elite, foi um período próspero, na medida em que houve a federalização de centros de educacionais, aumentando as vagas para esta etapa de ensino, bem como sua procura, propiciando o acesso de novos sujeitos ao espaço universitário, na medida em que o ensino profissionalizante passou a equivaler ao secundário, viabilizando a entrada de estudantes de cursos técnicos na educação superior. Esse processo de ingresso de um novo público às universidades, propiciou às mulheres sua maior inserção neste espaço de ensino.

Apesar do debate educacional não ter sido pauta de nenhuma reportagem da revista, visto que não era seu foco, foi possível observar o ensino superior brasileiro virar notícia em reportagens e artigos.

Mostrando que assuntos femininos deveriam ser tratados de mulher para mulher, como nas matérias ligadas a saúde bucal infantil, assinadas por uma Odontopediatra, ainda que com a mediação de um dentista homem auxiliando na escrita desses textos, ou na série publicada em parceria com a Cruz Vermelha, assinada por duas enfermeiras desta instituição, a linha editorial do *Jornal das Moças* parecia atrelar a mulher à função cuidar, mesmo em sendo ela formada no ensino superior, como no caso da dentista especializada na área infantil, ou apenas técnica em primeiro socorros, como no caso das enfermeiras, ainda que diplomadas por uma instituição de renome mundial como a Cruz Vermelha. Entretanto, a abordagem de questões mais importantes, como a saúde da família, ficavam a cargo dos homens, chamados e enaltecidos a opinar, atuar e agir, conforme observamos através das notas de agradecimento ao Dr. Campos de Rezende e na série de reportagens *Falando às Mães*.

Demonstrando reforçar a presença feminina no ensino superior, Dra. Flora Ferraz Veloso, sendo uma das articulistas e colunistas da revista, e membro da União Universitária Feminina, destacou a atuação dessa associação de mulheres universitárias, noticiando os assuntos que estavam em “alta” naquele momento, como o Concurso do Banco do Brasil, e a reforma do Código Civil, revelando em seus artigos, que as estudantes e as diplomadas de ensino superior se preocupavam com quaisquer assuntos ligados as mulheres, apresentando às suas leitoras um lugar de debate acerca de questões femininas, e assim delineando alguns contornos a respeito do papel da UUF na militância feminista deste período.

A ligação da advogada Flora Ferraz Veloso com a União Universitária Feminina, por não caber dentro do debate proposto neste trabalho dissertativo, será abordada mais amiúde, futuramente, em outra pesquisa, tendo em vista que sabemos muito pouco a esse respeito – apenas uma menção em uma das matérias por ela assinada. Contudo, tomamos conhecimento que Flora atuou como casuística no início da década de 1950, graças a notícia publicada no jornal *Correio da Manhã*.

Em meio aos entraves legais enfrentados pelas moças para a entrada no espaço universitário, expressos nas Leis Orgânicas de Ensino que regulamentavam o acesso ao ensino superior, somados ao Código Civil - um limitador das capacidades civis das mulheres, esbarrando no regimento interno dos centros de ensino superior, notamos a presença feminina em imagens de formaturas publicadas nas páginas do *Jornal das Moças*, como concluintes nos cursos de Direito e Arquitetura, da Universidade do Brasil, ficando nítido seu número reduzido em relação aos homens, conforme mostraram suas legendas e o corpo dos textos das notícias, que não se furtavam em enfatizar a beleza física das formandas.

Se o espaço universitário brasileiro parecia se caracterizar como o lugar da mulher de ensino superior na revista, nas imagens de formaturas da Escola Naval, instituição de educação superior mais antiga do Brasil, pertencente a Marinha de Guerra, elas não tinham vez nas salas de aula, no período que compreende esta pesquisa. Aparecendo retratadas nas cerimônias de conclusão de curso como auxiliares nesse rito de passagem, cabia as mulheres, exercendo a função de madrinhas, iniciar o ingresso dos jovens rapazes na carreira de Oficial, enquanto aos Comandantes mais experientes era dado o direito de concretizá-lo. Curioso que dentro dessa solenidade militar, até o Presidente da República tinha seu papel: entregar a espada ao Primeiro Colocado da Turma, conforme nos mostrou a revista.

Desta forma, percebemos por meio das imagens publicadas pela revista que havia espaço para noticiar a mulher cursando e concluindo o ensino superior, e também atuando profissionalmente na área de sua formação, mesmo que de forma indireta nos contos, no

anúncio de consultas, e em série de reportagens indicando cuidados com a saúde, timidamente em notas de colunas sociais e do Suplemento, em reportagens a respeito da União Universitária Feminina, e em imagens de formaturas do meio civil. Fazendo referência ao ensino superior em outros países em partes específicas da revista – nos contos e notas do Suplemento *Jornal da Mulher*, ao passo que o ensino superior no Brasil era mencionado nas mais variadas publicações da revista, nos faz pensar no lugar da mulher desta etapa de ensino, retomando a questão título deste trabalho dissertativo: o lugar da mulher é na sala de aula ou na cozinha?

Por meio do caminho percorrido nesta análise foi possível perceber, portanto, que o lugar da mulher nas salas de aula do ensino superior estava sendo alcançado, conforme nos indicaram as representações do feminino de ensino superior na revista, fosse como aluna, fosse como pesquisadora ou como professora, mostrando mulheres oriundas do espaço universitário atuando em sociedade de forma discreta, sinalizando indiretamente que elas não deveriam esquecer da maternidade, e por isso, algumas vezes, teriam que abrir mão de sua carreira profissional para cuidar dos filhos e do marido, visto o papel da mulher na sociedade dos *Anos Dourados*.

Mesmo frente aos obstáculos legais, transformados em agentes restritivos, quanto ao acesso das mulheres à universidade, fato é que o espaço do feminino no ensino superior conquistado reforçava a idéia que elas vieram para ficar; embora não houvesse uma intencionalidade, por parte da linha editorial da revista, em realizar esse tipo de reforço ao publicar tais referências femininas. Assim sendo, nos *Anos Dourados*, a sala de aula do ensino superior se constituiu como o lugar de mulher, ou seja, na qualidade de um lugar/espaço possível de atuação para o feminino em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. *O discurso estabelecido na revista Jornal das Moças*. São Paulo: anais do VII Simpósio de História Cultural, 2014.

ALONSO, A. L. *E-Dicionário de Termos Literários*. Dec. 23, 2009. In: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/verossimilhanca/>.

ARAUJO, N. M. S. *Leituras para noivas, donas e donzelas: a civilidade pela leitura no início do século XX*. In: VASCONCELOS, J. G.; SILVA, S. M. A. e FRANCO, C. M. B. et al (orgs). *Lápis, agulhas e amores: história de mulheres na contemporaneidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 115 – 129.

AZANHA, J. M. P. *Políticas e Planos de Educação no Brasil: alguns pontos para reflexão*. Cad. Pesq., São Paulo, n. 85, pag. 70-78, maio 1993.

BARROS, A. N. de; CARRIERI, A. de P. *Ensino superior em Administração entre os anos 1940 e 1950: uma discussão a partir dos acordos de cooperação Brasil-Estados Unidos*. Cad. EBAPE.BR, v. 11, nº 2, artigo 3, Rio de Janeiro, Jun. 2013, p.256–273.

BARROS, E. L. de, *O Brasil de 1945 a 1964*. 4ª. Ed, São Paulo: Contexto, 1994.

BASSANEZI, C. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem- mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BENEVIDES, M. V. *O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento*. In: GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002, p. 21 – 38.

BESSE, S. K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BONATO, N. M. da C. *O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: Uma fonte múltipla para história da educação das mulheres*. In: *Acervo: revista do Arquivo Nacional*, v. 18, n. 1-2 (jan./dez. 2005), Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 131 – 146.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____ ; CHARTIER, R. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BUITONI, D. H. S. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

BUTCHER, P. *A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedade de controle*. Revista Contemporânea, edição no. 3, 2004.2, p.14 -26. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23154/16515>.

CARDOSO, L. F. *De Escola Normal a Instituto de Educação Sarah Kubitschek: Memória e monumentalização no Sertão carioca (1959-1974)*. Cuiabá: anais - VII CBHE, 2013.

Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/D E%20ESCOLA%20NORMAL%20A%20INSTITUTO%20DE%20EDUCACAO%20SARA H%20KUBITSCHECK.pdf>.

CARVALHO, E. *O que as mulheres devem saber*. Rio de Janeiro: Brand Ltda, 1956.

CHARTIER, R. *Textos, impressão, leituras*. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *A história cultural entre práticas e representações*. 2ª edição, Difel – Difusão Editorial, Portugal: 2002.

_____. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto, São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI – XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____; FAULHABER, P.; LOPES, J. S. L. *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2012.

COSTA, S. G. C. *Gênero e história*. In: ABREU, Martha; SOIEHT, Rachel (orgs). *Ensino de História; conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Faperj, 2003, p. 187- 208.

CUNHA, M. T. S. *Leituras e leitoras: a mulher em textos*. Proj. História, São Paulo: nov., 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11428/8326>.

CUNHA, P. R. F. de *American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 50*. Tese (doutorado) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas e Consumo, São Paulo, 2017.

DE PAULA, M. De F. C. *A educação superior no Brasil: perspectiva histórica e panorama atual*. In: Gasparello, A. M. e Villela, H. de O. S. *Educação na História: intelectuais, saberes e ações instituintes*. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p.117 – 136.

Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

FARO, C. de e SILVA, L. Q. da, *A década de 1950 e o Programa de Metas*. In: GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002, p. 67 - 106.

FERREIRA, T. M. T. B. e GUIMARÃES, L. M. P. *Myrthes Gomes de Campos (1857 - ?): pioneirismo na luta pelo exercício da advocacia e defesa da emancipação feminina*. Niteroi, v.9, n.2, p.135-151, 1. sem. 2009.

FONSECA, T. N. de L. *História da Educação e História Cultural*. IN: FONSECA, T. N. de L. e VEIGA, C. G. (org). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARCIA, T. E. M. *A educação na construção de gênero*. Rio de Janeiro: anais I CBHE, 2000.

GHIRALDELLI Jr., P. *História da Educação*. 2ª. edição rev., São Paulo: Cortez, 2000

GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002.

GONÇALVES, A. L. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Editoria Ática, 2003.

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KORNIS, Mônica Almeida. *Sociedade e cultura dos anos 50*. In: O Brasil de JK. Disponível em:<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>.

LE GOFF, J. *Documento/monumento*. In: *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525 – 539.

LEOPOLDI, M. A. P., *Crescendo em meio a incerteza: a política econômica do governo JK*. GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002, p. 107 - 142.

LIBONATI, I. M. N. *Gênero e atividade docente na Universidade de Pernambuco – UPE*. Rio de Janeiro: anais I CBHE, 2000.

LIMA, J. C. N. *Escola Naval 200 Anos no Brasil*. Rio de Janeiro: Public Editora e Publicidade Ltda, 2008.

LOPES, S. de C. *Formação de professores no Rio de Janeiro durante o Estado Novo*. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.137, p.597-619, maio/ago 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a13.pdf>

LUCA, T. R. de, *Historia dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, C. B. (orgs). *Fontes Históricas*. 2ª. ed, São Paulo: Contexto, 2008, p.111 – 150.

_____, *Mulheres em revista*. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ª ed, São Paulo: Contexto, 2013.

MARAM, S. *Juscelino Kubitschek e a política presidencial*. In: GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002, p. 143 - 170.

MARINHO, N. *A engenheira militante feminista Carmem Portinho: a atuação na União Universitária Feminina*. In: Gasparello, A. M. e Villela, H. de O. S. *Educação na História: intelectuais, saberes e ações instituintes*. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 215 – 231.

_____. *Mulheres no ensino superior: trajetória de lutas e conquistas*. Relatório de Pesquisa, Rio de Janeiro: dezembro, 2016.

MARTINS, A. L. *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras*. História [online]. 2003, vol.22, n.1, pp.59-79. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000100003&script=sci_abstract.

_____ ; LUCA, T. R. de *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, A. M. S. *Dos Anos Dourados aos Anos de Zinco: análise histórico-cultural da formação do educador no Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. UFRJ: Rio de Janeiro, 1996.

MENDONÇA, A. W. P. C. *A universidade no Brasil*. Revista Brasileira de Educação(online) 2000, n.14, p. 131 - 150. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a08.pdf>.

MORAES, R. C. *Educação superior nos Estados Unidos: história e estrutura*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MOTT, M. L.; TSUNECHIRO, M. A. *Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil*. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 55, n. 5, p. 592-599, set. out. 2002.

MOURA, G. *Avanços e recuos: A política exterior de JK*. In: GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002, p. 39 – 66.

NUNES, I. M. L. *Gênero e mulher nos congressos brasileiros de história da educação*. Cuiabá: anais VII CBHE, 2013.

OLIVEIRA, A. M. M. de O. *Descortinando os preconceitos: as mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950*. In: VASCONCELOS, J. G.; SILVA, S. M. A. e FRANCO, C. M. B. et al (orgs). *Lápis, agulhas e amores: história de mulheres na contemporaneidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 59 – 72.

PAIXÃO, P. *Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre teoria e prática*. Revista Alterjor, ano 08, volume 01, edição 17, janeiro – junho de 2018, p. 90 – 108. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137224/137486>.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 2. Ed., 4ª. reimpressão, São Paulo: Contexto, 2017.

PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, C. B. ; PEDRO, J. M. (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ª. ed., São Paulo: Contexto, 2013, p.469 – 512.

_____. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

RIBEIRO, M. D. G. *A educação superior norte-americana: gênese de um modelo*. História da Educação (online), vol. 28, n. 48, jan/ abril 2016, p. 75-93. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v20n48/1414-3518-heduc-20-48-00075.pdf>.

ROCHA NETO, M. P. da. *JORNAL DAS MOÇAS (1926-1932): imprensa feminina no sertão norte-rio-grandense*. Revista de Estudos da Comunicação, v. 9, n. 19, p. 141-146, maio/ago. 2008.

_____ e MORAIS, M. A. C. de. *JORNAL DAS MOÇAS (1926-1932): PROFESSORAS EM PAUTA*. CBHE 2, tema 5, trabalho 532, 2002.

ROMANELLI, O. de O. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. 15ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1993.

ROSEMBERG, F. *Mulheres educadas e educação das mulheres*. In: In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2013, p. 333 - 359.

SAHNO, E. *A tentativa de construir a igualdade de gêneros na Rússia Soviética 1917 – 1937*. Dissertação(mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.

SANTOS, L. P. B. dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. UERJ: Rio de Janeiro, 2011.

SAVIANI, D. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SASAKI, S. *Tessituras sociais: alinhavos entre costumes e modelos vigentes através do Jornal das Moças (1948 – 1968)*. UESC: Florianópolis, 2011.

SILVA, A. C. da *O ingresso e a permanência da primeira turma das Aspirantes no Curso de Graduação da Escola Naval (2014 – 2017)*, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, F. de A. *História do Brasil: colônia, império e república*. São Paulo: Moderna, 1992.

SILVA, U. R. da e SOARES, D. dos *S.O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por Pelotas nas décadas*. UFPel: anais XII Seminário de História da Arte, 2013.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp.

SWAIN, T. N. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em “revistas femininas”. São Paulo em Perspectiva, volume 15, n. 3, 2001, pp. 67-81.

TREVISAN, M. J. *50 anos em 5 ... A Fiesp e o desenvolvimentismo*. Petropolis: Editora Vozes, 1986.

VALDEMARIN, V. T. *Modelos para a formação de professores nas páginas do Teachers College Record (1900-1921)*. *Hist. Educ.* [online]. 2016, vol.20, n.48, pp.55-73. Disponível em: <http://ref.scielo.org/5whb6k>.

VEIGA, C. G. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

VELLOSO, M. P. *A dupla face de Jano: romantismo e populismo*. GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002, p.171 - 200.

VIDAL, V. F. dos S. *O uso de impressos como fonte e objeto de investigação para o estudo em História da Educação*. Aracaju: anais V CBHE, 2008. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/336.pdf>.

WASSON, S. *Quinta avenida, 5 da manhã: Audrey Hepburn, Bonequinha de Luxo e o surgimento da mulher moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

XAVIER, M. E. S. P. *Capitalismo e escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931 – 1961)*. Campinas, SP: Papirus, 1990. Cap. II, III e Considerações Finais. p. 57 -179.

LEGISLAÇÃO

BRASIL, LEI Nº 8.159 DE 08 DE JANEIRO DE 1991. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8159-8-janeiro-1991-322180-normaatualizada-pl.pdf>

BRASIL, LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>

BRASIL, LEI Nº 3.373, DE 12 DE MARÇO DE 1958. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L3373.htm.

BRASIL, DECRETO Nº 37.608, DE 14 DE JULHO DE 1955. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-37608-14-julho-1955-336008-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL, DECRETO-LEI Nº 8.530, DE 2 DE JANEIRO DE 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL, DECRETO-LEI Nº 7.918, DE 31 DE AGOSTO DE 1945. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7918-31-agosto-1945-417265-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL, DECRETO-LEI Nº 4.244, DE 9 DE ABRIL DE 1942. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL, DECRETO Nº 19.851, DE 11 DE ABRIL DE 1931. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL, LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS

ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.ixcbhe.com/anais.php> (Acesso em: 11.04.2018).

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPAES. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/> (Acesso em: 15.04.2018)

CAPA DO EXEMPLAR N°. 2154, DE 28 DE SETEMBRO DE 1956. Disponível em: <http://betobertagna.com/2010/04/30/jornal-das-mocas-e-os-ensinamentos-do-passado/>

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - CEDERJ. Disponível em: <http://cederj.edu.br/cederj/> (Acesso em: 04.04.2018).

CIDADE DE BOSTON. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Boston> (Acesso em: 17.02.2019).

CINE ODEON. Disponível em: <https://diariodorio.com/histria-do-cine-odeon/> (Acesso em: 01.06.2019).

CIVILISMO. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br> (Acesso em: 24.02.2019).

CRUZ VERMELHA DO BRA. Disponível em: <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/institucional/> (Acesso em: 29.05.2019).

EDIFÍCIO ODEON. Disponível em: <https://applocal.com.br/empresa/condominio-edificio-odeon/rio-de-janeiro/rj/8308537> (Acesso em: 01.06.2019).

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Disponível em: <https://eean.ufrj.br/index.php/historico-da-eean/sobre-a-eean> (Acesso em: 16.06.2019).

ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS ALFREDO PINTO. Disponível em: <http://www.unirio.br/enfermagem/historia-da-eeap/historia-da-eeap> (Acesso em: 18.02.2019).

HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE BOSTON. Disponível em: <https://www.bumc.bu.edu/medicine/dom-introduction/history/> (Acesso em: 17.02.2019).

ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>. (Acesso: 11.05.2008).

JORNAL *CORREIO DA MANHÃ*. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=99166&url=http://memoria.bn.br/docreader#

JORNAL DAS MOÇAS. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>

LEITE DE COLÔNIA. Disponível em: <http://leitedecolonia.com.br/> (Acesso em: 11.06..2018).

LETRA DA *MÚSICA PRESIDENTE BOSSA NOVA*. Disponível em: <http://www.letras.mus.br/juca-chaves/370096> (Acesso em: 02.09.2018).

LIVRO *A HISTÓRIA DE ANESTESIOLOGIA NO BRASIL*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=BVw-DwAAQBAJ&pg=PA45&lpg=PA45&dq=dr.+italo+rodrigues+anestesista&source=bl&ots=S>

[hyJRruX4S&sig=ACfU3U3Ja97dpDwQ9XebPjgvaZ07TFNC_A&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjli7KKhMPgAhV1JrkGHQdMAMcQ6AEwC3oECAUQAQ#v=onepage&q=dr.%20italo%20rodrigues%20anestesista&f=false.](https://www.bumc.bu.edu/medicine/dom-introduction/history)
<https://www.bumc.bu.edu/medicine/dom-introduction/history> (Acesso em: 17.02.2019)

MARY WORTLEY MONTAGU. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mary_Wortley_Montagu (Acesso: 31.08.2018).

MC CANN. Disponível em: <https://www.mccannworldgroup.com/about> (Acesso em: 11.05.2019).

MEDALHA FLORENCE NIGHTINGALE. Disponível em: <https://www.icrc.org/por/resources/documents/interview/florence-nightingale-medal-interview-110810.htm>(Acesso: 29.08.2018).

MEMÓRIA DA CRUZ VERMELHA DO BRASIL. Disponível em: memoriadacruzverme.wixsite.com/memoriacvb/enfermeiras-da-cvb(Acesso: 29.08.2018).

MULHERES EM YALE. Disponível em: <https://visitorcenter.yale.edu/book/helen-hadley-hall> (Tradução livre. Acesso em: 22.01.2019).

Pe. EYMARDL'ERAISTRE MONTEIRO. Disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000111568.PDF(Acesso em: 03.08.2018)

SERVAS. Disponível em: <http://www.servas.org.br/institucional/index.asp?ref=6>.
http://www.wikiwand.com/en/Sarah_Kubitschek (Acesso em: 24.06.2018).

SHANGRILA. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/o-que-e-o-que-significa-shangri-la/> (Acesso em: 16.05.2019).

VERBETES DO CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>

ACERVOS CONSULTADOS

Arquivo Privado Pessoal Myriam Marques de Oliveira

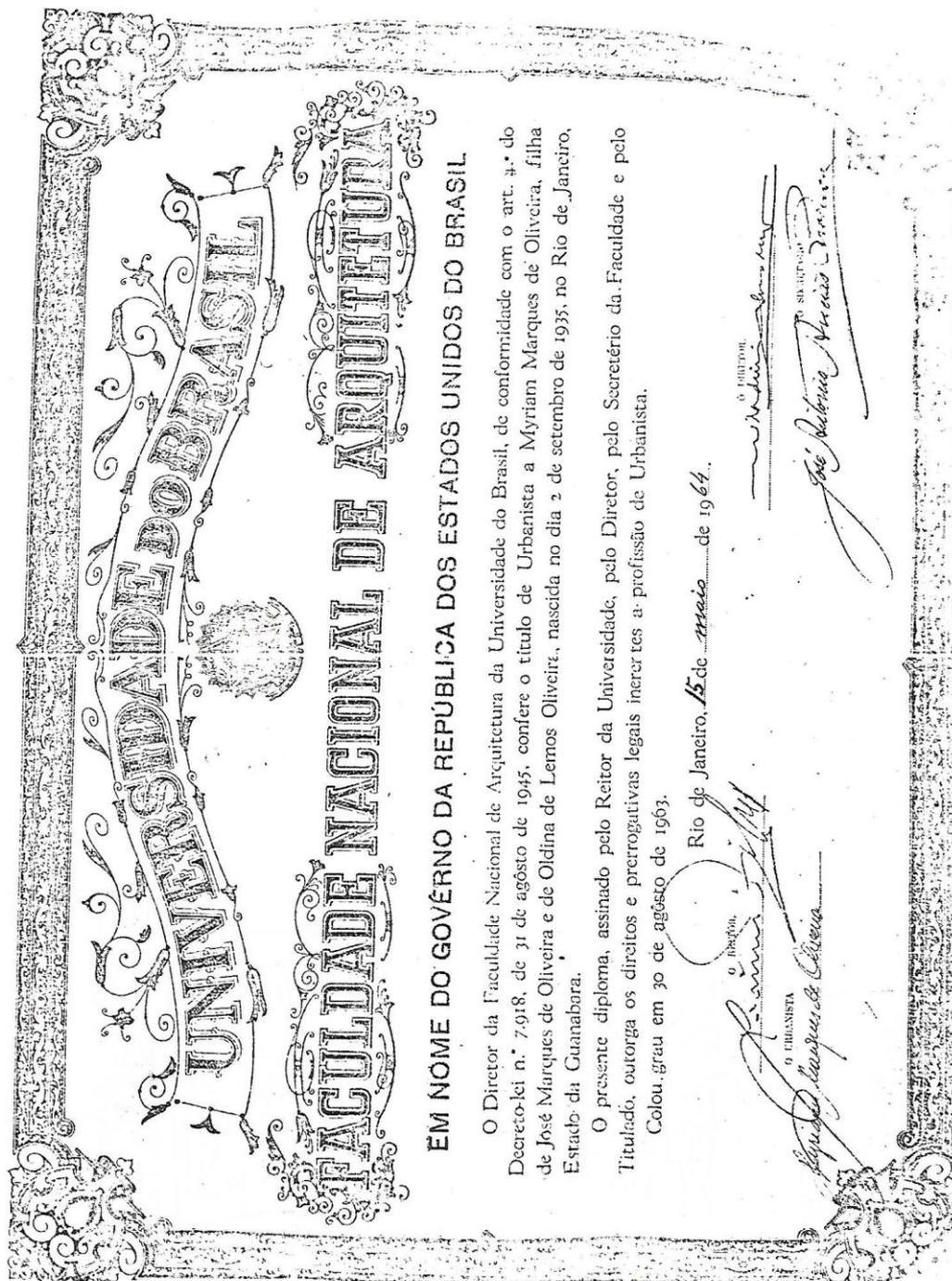
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil– CPDOC/ FGV – www.cpdoc.fgv.br.

Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional

ANEXO

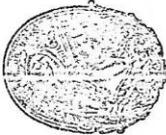
ANEXO I

Diploma de Urbanista conferido pela Faculdade Nacional de Arquitetura da
Universidade do Brasil



ANEXO II

Diploma de Livre Docente em Mecânica Racional-Grafoestática conferido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 (ANTIGA UNIVERSIDADE DO BRASIL)
TÍTULO DE DOCENTE LIVRE

O Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
 da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de acôrdo com o Artigo 88 do Decreto nº 21.321, de 18 de junho de 1946,
 e na forma estabelecida no regimento, confere ao Sr. Miriam Marques de Oliveira
 o Título de Docente Livre da Categoria de Mecânica Racional-Grafoestática obtido em concurso realizado
 em, Dezembro de 1970

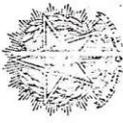
 DIRETOR

Rio de Janeiro, 3 de março de 1971

 REITOR

ANEXO III

Diploma de Doutora em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

O Rector da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo em vista o grau conferido,

em 19 de março de 1971, pelo Director da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo *****
Marian Marques de Oliveira *****
nascido no Estado da Guanabara ***** *no dia 2 de setembro de 1935, filho de* *****
José Marques de Oliveira ***** *e de* *Olina de Lemos Oliveira* *****
expede o presente Diploma de Doutor em Arquitetura *****
que lhe outorga os direitos e prerrogativas da lei.

Carvalho
Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro

de 1971
Paulo Roberto de Menezes
Director
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Sectário

ANEXO IV

Lista nominal dos alunos da Turma de 1960 da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

adella silas	aurelio barradas ruas	enes silveira mello	guilherme victor soares nunes	0	0
affonso da costa Monteiro	adehildo viegas de lima	eugenio luiz baptista de oliveira	germano ignacio da silva		
alberto carlos seabra da silva telles	carlos alberto goia vidal,	eduardo de lipkowski locht	gerald possidonio de mello	0	
alberto martins reis	caio mendes de oliveira castro,	eurico antonio calvente	hugo villaquiran sarasti		
alberto vieira de azevedo	candido moura	edyr aitamara da silva porto,	helo gonalves pavão	T	
alcides da silva neves	carlos f. morisson de almeida	ernani Monteiro ciarlini	heraclito frederico c. Monteiro		
almar augusto de Moraes paiva	claudius sylvius petrus cecon	eduardo samuel robson velarde	higino da silva gaspar gil	E	0
altino mario dos santos	carlos francisco moura	francina cunha moreira lima,	ivan gil de mello e souza,		
angela maria pimenta	carlos pedro lozer fundão	ferdinando de oliveira figueiredo	ivan luiz de carvalho	T	
antonio carlos de moreno faria	carlos ernesto moldonado valz	francisco de assis leal	isaac azulay		
antonio orlando dos santos machado	carlos ebert	fernando cols de oliveira	joão luiz alvares de a. macedo	I	
antonio pacheco de medeiros	carlos ernesto leinemann	fernando tenorio lidefonso lima,	josé rodrigues de faria sobrinho	J	
aquiles alberto corrêa de sá e benevides	cesar Monteiro de lima	felix lopes	james gabriel		0
arlene carvalho	cesar barney c.	fausto delanne de campos fest	jacira rugani mendes	Q	
aristarco acioli de oliveira	david cardeman	fernando lourenço b. p. da cunha	josé valton aragão araujo		
arno lindenblatt	darival tavela ramos,	fabio arantes leal	joão ignacio moreira filho	R	
armando godoy de medeiros	delfin curiel cuello	ferdinando nikolai	jorge enca da silva,		
ary afranio peixoto	dalcise moura de campos	flavio augusto ribeiro versiani	jerzy wladzimirz grzybowski	A	1
jader martins vieira da cunha	luiz carlos vela antony	manuel rodolfo guzmán terrazas	roberto machado cupello	0	0
Jose Americo Enriquez Rozas	leonardo z. l. korecki	marcio tomassini de oliveira,	ronald costa souza		
joyme alves da silva	mario valenzuela vega	nelson parreira domingos	renan de Barros oliveira	0	
josé da costa sobrinho	myriam marques de oliveira	nelson gonalves do Prado	silo meirelles da costa leite		
josé carlos soares bulcão	maria stella yoselli	nelson de oliveira	sebastião avila de lima	T	
joaquim lages affonso	marino caruso	nitza costa da silva maia	samuel isac pustinic		
josué levy levy	maria luiza bolshausen	nelson luiz ramos	sergio barreira pinto	E	0
joão cancio fernandes neto	manuel ferreira alves	nello paes de Barros,	stella freiwald		
josé de medeiros francoso	marco antonio cols de oliveira,	paulo solon ribeiro	samuel jaskel brener s.	T	
joaquim da silva oliveira	myriam games de pinho	paulo corrêa de oliveira	savio sarmento visconti		
jorge eduardo de a. alves de souza	mario vaz ferrer filho	pedro teixeira soares neto	sergio lazaro dantas,	I	
joão ricardo baptista serran	marion levy	paulo Coimbra sauwen,	theodora schmidt,		
josé pereira da rocha	mario renato andrade	rubens santana	ulisses dela vale camacho	J	0
josé luiz corrêa de souza	manoel josé dos santos	roberto da pós	vicente peixoto junior		
lindbergh machado cupello	moacyr freitas	ruben dario aguirre bianchi	waldir moreira garcia,	Q	
luiz games da silva	miguel pereira da silva	ricardo cruz vargas	walter cavalcante peixoto		
luiz carlos de lemos	maria de lourdes amorim caldeira	rudley alarcão barboza	walter da rocha costa	R	
luiz eduardo indio da costa	marcello bastos ribeiro	rogelio gonalves de gutierrez,	wanildo de carvalho		
			wilson guimarães cristalli	A	1